HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

OS QUINHENTISTAS

HISTORIA

DOS

QUINHENTISTAS

POR

THEOPHILO BRAGA

VIDA DE SÁ DE MIRANDA E SUA ESCHOLA

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1871

INDEX

HISTORIA DOS QUINHENTISTAS

LIVRO I

Vida de Sá de Miranda

LIVRO II

Eschola de Sá de Miranda

ERRATAS

PAG.	LINH.	ERRO	EMENDA
8	9	varonica	varonía
132	not. 2	1595	1495
135	Anno 1561	João Barreira	Antonio Maris
239	25	Francisco de Moraes,	Francisco de Andrade,

Apoz o estudo da poesia dramatica e do elemento nacional do Theatro portuguez no seculo XVI, segue-se a exposição das origens e caracter da poesia lyrica. O titulo *Historia dos Quinhentistas,* por si revela o o pensamento d'este trabalho, em que se conta como entrou em Portugal o lyrismo da Renascença italiana. Em Italia dá-se o nome de *quinhentistas* aos poetas e escriptores que floresceram no seculo XV; em Portugal este mesmo nome caracterisa os que pertencem ao sèculo XVI, tambem chamado seculo de *quinhentos.* Iriamos ainda assim contra o uso commum, se não tivessemos a auctoridade de Garção, que diz na Satyra II:

Não posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aquelles portuguezes
A que hoje chamamos Quinhentistas:
O bom Sá, bom Ferreira, bom Bernardes, etc.

Apezar das largas investigações sobre a Vida de Sá de Miranda, e da extensa biographia de Ferreira, cumpre vêr o livro III, cap. 3 e 4 da *Historia do Theatro portuguez,* aonde se recolheram novos subsidios sobre o genio dramatico d'estes eminentes poetas. Para completar a historia das tres grandes manifestações da arte na Litteratura portugueza do seculo XVI, resta dar a lume o estudo sobre a poesia epica, que se intitula *Vida de Luiz de Camões e sua Eschola.*

HISTORIA

DOS

QUINHENTISTAS

LIVRO I

VIDA DE SÁ DE MIRANDA

O seculo XVI foi o periodo mais brilhante das litteraturas modernas; como resultado da fixação de uma nova forma social, este periodo chamado *quinhentista*, mostra pela primeira vez á evidencia a unidade da grande raça latina pelas creações sentimentaes. Começou na Italia o movimento, propagando-se d'ali para a França, Inglaterra, Hespanha e Portugal; em cada paiz a renascença *classica* teve suas consequencias peculiares. Em Portugal o genio catholico e auctoritario adoptou os modelos antigos como formas supremas, fóra das quaes não podia haver creação; assim o genio nacional foi violentamente atrophiado, e reduzido aos processos mechanicos da imitação. Nas litteraturas modernas, foi a poesia lyrica a que attingiu o maior des-

envolvimento com a Renascença; o nosso seculo XVI foi tambem eminentemente lyrico.

Era da Italia que devia partir, pela fatalidade das circumstancias, a expansão poetica dos sentimentos da sociedade nova; o genio italiano, desilludido da sua autonomia politica pelo despotismo das invasões imperiaes e pelas traições da auctoridade papal, sem esperança na lucta das communas retalhadas por parcialidades sangrentas, volveu-se para o mundo da Arte; o politico tornou-se erudito. Petrarcha symbolisa esta aspiração italiana; elle faz reviver o ecco das alahudes provençaes, tempera a canção com o platonismo dos eruditos, reduz todos os interesses á paixão pessoal, para se esquecer das espoliações das monarchias constituidas. Esta poesia do amor fascinou o mundo, lavrou, acordou na alma humana o infinito do sentimento. Os povos que imitaram o verbo do amor sentiram-se irmãos. A Portugal chegou a harmonia de Petrarcha; Sá de Miranda a ouviu, antes ainda de ter visitado a Italia, como a uma verdadeira eschola da arte e sanctuario do bello. Do mesmo modo que a poesia provençal sentiu o primeiro symptoma de decadencia na Italia com o apparecimento da *Divina Comedia* de Dante, tambem o mesmo genio de Italia extinguiu em Portugal os ultimos restos da poesia provençalesca conservados no *Cancioneiro* de Resende; Sá de Miranda venceu a chamada *eschola velha* com a sua imitação petrarchista. Tal é a these fundamental do nosso periodo litterario de quinhentos.

CAPITULO I

(1495-1516)

Nascimento de Sá de Miranda. — Fontes tradicionaes de que se formou a sua *Vida* anonyma. — Origem hespanhola da casa dos Mirandas. — Primeira epoca da sua vida, a que allude Sá de Miranda. — Frequenta os estudos de Lisboa antes de 1516. — Conheceria Gil Vicente? — Toma parte nos Serões poeticos do paço. O seu encontro com o antigo fidalgo trovador Dom João de Menezes. — Relações conhecidas entre Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro. — Seus primeiros amores. — Gil Vicente soffre antes de 1523 os primeiros ataques do cultismo italiano. — Sá de Miranda antes da sua viagem á Italia imitava a antiga eschola hespanhola e era grande admirador de João de Mena, do Marquez de Santillana, e de Jorge Manrique. — Sá de Miranda emprehende a peregrinação artistica da Italia.

O homem de genio é a synthese das aspirações de um seculo; retrata-o em si, em todos os aspectos, em todas as suas reformas. Sá de Miranda fez uma revolução profunda na poesia portugueza, foi a alma da boa litteratura, e o que mais propagou a tradição classica entre nós, no seculo XVI. Não é sómente o titulo de poeta que o torna centro, e, por assim dizer, o vulto principal do seu tempo; sobretudo o caracter do homem moral, a condemnação que as suas palavras derramavam sobre a dissolução dos costumes, uma philosophia sã propendendo para as ideias da Reforma, fazem de Sá de Miranda uma auréola de gloria em volta da qual se agrupam todos os Quinhentistas.

*

Da sua vida apenas se conhecem os annos do seu nascimento, do casamento e da sua morte; mas da propria leitura dos seus versos tiraremos documentos que mostrem o que ella teve de dramatico e de sublime, restituindo-lhe as datas ignoradas, pelo synchronismo dos factos. Junto das suas obras anda uma *Vida,* escripta por auctor anonymo, a qual só foi pela primeira vez publicada na edição de 1614, dada á luz pelo livreiro Domingos Fernandes, na Officina de Vicente Alvares. Esta *Vida,* escripta em estylo ainda quinhentista, correu sempre sem nome de auctor, e só no seculo XVIII, Barbosa Machado, que se aproveitara de velhos subsidios para a *Bibliotheca Luzitana* (1) a attribuiu a Dom Gonçalo Coutinho, sem comtudo adduzir prova alguma, como diz Pedro José da Fonseca, no *Catalogo dos Auctores,* que anda junto ao grande Diccionario da Academia. Uma prova julgamos appresentar, que justifica em parte a asserção de Barbosa. No titulo da *Vida* anonyma se diz, que ella fôra: «*collegida de pessoas fidedignas que o conheceram e trataram;*» e no texto, descrevendo os costumes intimos de Sá de Miranda, fala no gosto que tinha pela musica: «e contava Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto) que quando o hia a vêr, etc.» Bernardes era contubernal de Sá de Miranda, e egualmente amigo intimo de Dom Gonçalo Coutinho, tambem poeta, como se vê na Carta XVII do *Lima:* «*A*

(1) *Bibl. Luzit.* t. II, p. 393, col. 1.

Dom Gonçalo Coutinho estando em uma sua quinta, que chamam dos Vaqueiros:

> Ai viveis emfim sem ceremonia,
> E lêdes, sem estorvo, um dia todo
> Sem vos ser necessario Sellidonia.»

Nas obras de Bernandes encontram-se versos de Dom Gonçalo Coutinho, adepto da eschola italiana.

Alem do testemunho de Bernardes, declara D. Gonçalo Coutinho, que *seguira na sua relação* da vida de Sá de Miranda, a Gonçalo da Fonseca de Crasto, fidalgo de Lamego, que em 1584 possuia um Homero com notas á margem feitas em grego pelo douto Sá; a Gomes Machado de Azevedo, *que ainda hoje vive* na Comarca d'Entre Douro e Minho, sobrinho da mulher de Sá de Miranda; aos Doutores Hieronymo Pereira de Sá, e Henrique de Sousa, Desembargadores que foram do Paço, *mortos ha pouco,* e a Dom Manoel de Portugal. Todos estes nomeados trataram pessoalmente com Sá de Miranda, e ainda eram vivos, á excepção de dois, ao tempo em que D. Gonçalo Coutinho recolheu a tradição biographica, pouco depois de 1595.

No titulo da *Vida* de Sá de Miranda declara Dom Gonçalo Coutinho, que tambem se servira dos Livros das gerações d'estes reinos. Entre estes livros talvez se conte o *Nobiliario de Portugal,* escripto por Damião de Goes, do qual se conservam dois exemplares manuscriptos na Torre do Tombo e Bibliotheca da Ajuda. No tempo de D. Gonçalo Coutinho ainda vivia Francisco

de Sá Menezes, neto do poeta, que transmittiria as memorias de familia, como Bernardes revelara as suas recordações do trato pessoal. É pena que esse esboço da *Vida* de Sá de Miranda, escripto com tanta pureza e simplicidade, appresente tão poucas datas historicas; assim mesmo servirá de fio para nos guiar n'este trabalho de reconstrucção, aonde por inducções e aproximações de factos chegámos a apurar a verdade.

Nasceu Francisco de Sá de Miranda em Coimbra, como elle mesmo declara na *Fabula do Mondego:*

> Mas sobre todo lo que enriqueció
> *L'antigua terra mia,* es el thesoro
> Del santo cuerpo de su rey primero... (p. 20.)

> Da antiga e nobre cidade
> Sou *natural* sou amigo. (Ed. 1677, p. 238.)

Nasceu a 24 de Outubro de 1495, «no mesmo dia em que el-rei D. Manoel tomou posse do governo d'estes Reynos.» (1) Foi seu pae Gonçalo Mendes de Sá, e Sua mãe D. Felippa de Sá; teve por avô materno Rodrigues de Sá, e por bisavô João Rodrigues de Sá, o das Galés. Os primeiros annos da meninice passou-os em Buarcos, aonde vivia seu avô paterno João

(1) D. Gonçalo Coutinho, *Vida.* A logica dos factos leva a crêr que tivesse nascido muito antes d'este anno.

Gonsalves de Miranda, como se vê na *Carta* a Jorge de Monte-Mor:

> Vezino áquel tu Monte do has nacido,
> Cogi el ayre de vida, y del Mondego,
> La clara y tan sabrosa agua he bebido. (p. 264)

Sobre o parentesco de Sá de Miranda com a fidalguia hespanhola, se lê na *Elegia* á morte de Garcilasso esta passagem hoje bastante obscura:

> Al mui antiguo aprísco
> De Lassos de la Vega
> Tuyo, el nuestro de Sá visto ayuntado. (p. 317)

Para intelligencia d'estes versos de Sá de Miranda aproximamos outros de Lope de Vega, que se referem á genealogia de Garcilasso:

> El claro Garcilasso de la Vega
> Aunque de mil laureles coronado,
> Que nadie el Principado
> De aquella edad le niega,
> Tambien dio su poder en causa propria,
> De su casa illustrissima a los *Arcos*,
> Heroico descendiente, etc. (1)

Nas armas dos Mirandas ha por divisa uma *aspa*, que, segundo Bluteau: «póde ser em memoria do seu solar de Miranda, que está em as Asturias, junto a Santo André.»

(1) *Laurel d'Apollo*, Silva I, p. 16, ed. de 1824.

«Os (Mirandas) de Portugal, em campo de ouro uma *aspa* vermelha entre quatro folhas de lis verdes.» (1) Esta origem hespanhola dos Mirandas, explica os versos, em que Sá de Miranda se dá por parente do fidalgo asturiano Garcilasso de la Vega.

Nas *Memorias Historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, falando dos Marquezes de Abrantes, diz D. Antonio Caetano de Souza:

«A varonica d'esta casa é Sá, antiga n'este reino: varias terras lhe attribuem por solar, das quaes eram Senhores, no julgado de Guimarães, os primeiros d'esta familia de que tomaram o appellido. D'elle achámos muitos fidalgos mais antigos que Payo de Sá, que viveu pelos annos de 1300, reinando Dom Diniz; porém n'elle começam os genealogicos adduzir esta familia, fazendo-o tronco dos d'este appellido. D'elle foi segundo neto João Rodrigues de Sá, conhecido pelo nome das Galés, Senhor de Sever, etc. Alcaide mór de el-rei Dom João II, casou com Dona Isabel Pacheco, filha de Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira d'Aves.» (2)

E tambem em uma Carta a João Rodrigues de Sá de Menezes, refere-se a este ter casado em Italia na familia Colonna, como se diz no verso:

Dos nossos Sás Coloneses....
Gram tronco, nobre columna (p. 228.)

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Historia Ecclesiastica de Braga*, liv. II, cap. 55; p. 222.
(2) *Obr. cit.*, p. 48, e 49. No *Cancioneiro geral*, fala-se da *gram terra de Sever*. Fl. 114, col. 3.

A isto allude João Rodrigues de Sá, na *Declaração dos Escudos de alguas linhagens de Portugal:*

> Nos esscaques celestriaes
> e de prata esta mostrado
> o muy nobre e muy honrrado
> e por batalhas rreaes
> sangue de Saa derramado.
> Com quem o Rromano Columnes
> se mesturou d'atraves,
> cada hum de grão primor,
> forte, leal, sem temor
> em cabates e gualles. (1)

Dom Gonçalo Coutinho diz, que Sá de Miranda frequentara a Universidade em Coimbra, o que é impossivel, porque só em 1537 é que foi para ali transferida de Lisboa aonde estava estabelecida.

Apenas podemos acceitar o facto de ter estudado humanidades em Coimbra, por isso que aos dez annos de edade aí residia ainda, como se vê da allusão ao anno de 1505, em uma passagem da *Carta* a Pero Carvalho, em que diz que vira a exhumação do corpo de D. Affonso Henriques:

> Cidade rica do Santo
> Corpo do seu Rey primeiro,
> Que inda *vimos* com espanto
> *Ha tam pouco,* todo inteiro
> Dos annos que podem tanto. (2)

(1) *Canc. geral,* fl. 116, col. 1. v.
(2) *Est.* 7, p. 67. Ed. de 1804.

Sá de Miranda foi mandado para Lisboa estudar na faculdade de Leis da Universidade «obedecendo a seu pae que lh'a escolhera.» (1) O joven provinciano costumado á soltura dos campos, cujo caracter severo se revelou mais tarde na predilecção pela caça dos lobos, a custo se vergou ao mandado paterno, opprimido pelo pezo do *Infortiato,* e pela tortuosidade das Leis. Já inclinado á poesia, essa qualidade distincta da sua nobreza o tornou digno de frequentar a côrte de Dom Manoel, aonde admirou os bellos improvisos, os motes, as esparsas, as decimas galantes com que se matava o tempo nos esplendidos serões do paço. Aí já haviam abrilhantado o nome de *Sá,* o trovador Anrique de Saa, (2) pae do afamado João Roiz de Sá, que primeiro traduziu em portuguez algumas Epistolas de Ovidio. (3) Antes de 1516 sabemos que já era intitulado Doutor, por isso que no *Cancioneiro geral,* colligido por Garcia de Resende, se encontram varias glosas e cantigas de Sá de Miranda com a rubrica: «*Do Doutor Francisco de Saa, grosando esta cantigua de Jorge Manrrique*» (4) A este tempo contava vinte e um annos de edade, e é de crêr que ficasse na Universidade professando as disciplinas que cursara, como diz D. Gonçalo Coutinho, que recolheu as memorias da sua familia e dos contemporaneos: «tomou o grau de Doutor e leo varias cadeiras d'aquella faculdade.»

(1) D. Gonçalo Coutinho, *Vida.*
(2) *Canc. geral,* fl. 110, a 114.
(3) *Ibid.* fl. 115 a 127.
(4) Fol. 109, col. 1.

Em geral os nossos poetas eram jurisconsultos; bem dizia Ferreira, tambem doutor e poeta:

> Não fazem damno ás musas os doutores,
> Antes ajuda a suas letras dão.

Sá de Miranda, Gil Vicente, Camões, Ferreira, Gabriel Pereira de Castro, Soropita e muitos outros cursaram a Universidade. Foi pela aliança do *Direito* e da *Litteratura* que a eschola de Cujacio floresceu de um modo inexcedivel, ainda não ultrapassada pela moderna *eschola historica* da Allemanha. (1) Foi tambem pela sua cultura litteraria que Blackestone pode commentar as leis da Inglaterra. A incapacidade dos nossos juristas provém de serem analphabetos em cousas alheias á sua praxe. A litteratura é o primeiro passo para ser bom philosopho e melhor jurista. Philologia e philosophia eis o grande criterio de toda a sciencia, como descobriu Vico.

Sá de Miranda frequentava a côrte de Dom Manoel e tomava parte nos certâmes poeticos; admirava a graça das glosas de Dom João de Menezes, que tanto abrilhantara a passada côrte de Dom João II, e na sua ausencia de Lisboa, lembra-se d'esse tempo com saudade. N'este periodo estava no esplendor do seu talento o poeta dramatico Gil Vicente; relações litterarias de

(1) «De nos jours, chez le même peuple (les Allemands) *l'École historique* a relevé les autels de Cujas.» Michelet, *Introd. à l'Hist. Univers.* p. 216, ed. de 1843.

Sá de Miranda com este poeta não se conhecem; apenas vagas allusões ditadas pelo espirito classico, parecem condemnar os Autos hieraticos do dramaturgo popular, no Prologo dos *Estrangeiros,* e na estrophe de uma Carta escripta a Antonio Pereira Marramaque, que saia de Basto para ir viver em Lisboa:

Que troca vêr *la* Pasquinos
D'esta terra cento a cento,
Quem *o vê* sem sentimento
Tratar os livros divinos
Com tal desacatamento. (1)

Durante a sua residencia na côrte, Sá de Miranda teve relações com o mavioso poeta Bernardim Ribeiro, que tambem trovava nos serões do paço, como se vê pelos versos que traz o *Cancioneiro geral;* (2) e de Bernardim Ribeiro parece ter recebido a inspiração do bucolismo. As primeiras glosas e cantigas de Sá de Miranda são no gosto então usado na côrte, cujos *saraos* gosavam fama européa, excedendo a pompa e sumptuosidade dos que se davam na côrte do papa Leão x. Quando as tristezas do Santo Officio se espalharam em Portugal, e o poeta vivia retirado na provincia, ainda se lembrava com saudade d'esse esplendor:

Os *momos*, os *serões* de Portugal
Tam falados no mundo, onde sam idos,
E as graças temperadas do seu sal?
Dos *motes* o primor, e altos sentidos,

(1) *Carta* II, est. 33.
(2) Fol. 211, a 212.

Os ditos avisados, cortesãos,
Que he d'elles, quem lhes dá somente ouvidos?
Mas deixemos ora ir queixumes vãos,
Assi faz sempre, assi sempre será,
Trocam-se os tempos, fogem d'antre as mãos. (1)

Quando Sá de Miranda veiu frequentar a côrte, já os celebres e afamados motes de D. João de Menezes haviam alegrado as damas e encendido o enthusiasmo dos outros aulicos; a esse estimulo confessa o poeta o ter composto muitos dos seus retornellos e esparsas:

Porem oh bom Dom João, o de Menezes
E oh Dom Manoel, que taes tempos lograstes,
Dous Condes nos amores tão cortezes,
Que com tanto louvor aqui cantastes
E com tal voz, *que ainda eu alcancey*
Os derradeiros eccos que deixastes.
Depois, de fóra parte aqui escutey
E ouvi cantares, foram elles taes
Que eu transportado os meus cantey. (2)

Podemos asseverar que Dom João de Menezes ainda vivia em 1513, por isso que existe um vilancete com este titulo: «De Dom João de Menezes, *no tempo que esteve em Azamor, antes de se finar.*» (3) Seria por este tempo que Sá de Miranda frequentou a corte portugueza, não só por se lembrar de ter ouvido os *derradeiros eccos* d'aquelle poeta, como tambem por se acharem versos seus no *Cancioneiro* de Resende, cuja col-

(1) Cart. IV, fol. 124, ed. 1614.
(2) *Obras*, fol. 124, v. ed. 1614. Os primeiros trez versos são a versão de 1595.
(3) *Canc. geral*, fol. 18, col. 3.

leccionação começaria pelo menos em 1514, alguns annos antes de se terminar a impressão feita em 1516.

Dom João de Menezes foi um dos mais afamados trovadores da côrte de Dom João II; era filho do Conde de Viana Dom Duarte de Menezes.

Ignora-se a data do seu nascimento, que foi em Lisboa. A sua fama como poeta era tam grande, que quando Francisco de Sá de Miranda veiu frequentar a côrte, ainda lá se repetiam as suas canções. No livro IX *De Rebus Emanuelis*, Jeronymo Osorio confirma esta asserção, dando-o como insigne na poesia; e Jorge Ferreira de Vasconcellos na *Aulegraphia*, louva-o por vezes collocando-o acima dos poetas da eschola italiana.

Foi mordomo-mor de Dom João II e de Dom Manoel, primeiro conde de Tarouca, e septimo governador, capitão e general de Tanger, aonde militou largos annos. Em 1483, quando se debateu nos serões do paço a questão amorosa do *Cuydar e Suspirar*, era já de avançada edade, por isso lá diz que está com os pés para a cova; em uma d'essas coplas se dóe de lhe lembrarem amores passados. Algumas das suas coplas são escriptas em hespanhol, imitando o gosto e a linguagem de João de Mena, Rodrigues del Padron e Stuniga; outras são escriptas em portuguez, lembrando de vez em quando os amores e as canções do trovador galeziano *Mancias el Enamorado*. Dom João de Menezes glosava os motes appresentados pelas damas do paço, nas duas linguas, com o chiste e facilidade que lhe deram tanta nomeada. Eram esses os *Motes* dos serões de

Portugal, de que fala com saudade o Dr. Sá de Miranda. Muitas das suas coplas mereceram ser postas em musica e cantadas em canto de orgão, e a trez vozes. Na côrte de Dom João II a musica era recebida com predilecção; Garcia de Resende era favorito por isso; o monarcha aliviava-se das suas tristezas ouvindo-o tocar guitarra.

Qualquer circumstancia que se dava na côrte, servia para pretexto de cantares, de trovas e vilancetes; ao partir para o cerco de Tanger Luiz da Silveira, Dom João de Menezes avisa-o de que peor que os perigos do mar é navegar na côrte. A fidalguia portugueza tinha levado um golpe profundo nas suas regalias; mais de sessenta nobres foram justiçados por Dom João II; por isso lhe dizia:

C'o estes ventos d'agora
perigoso he naveguar,
que sse mudam cada ora,
e quem vay de foz em fora,
nunca mays pode tornar.
O navyo pende da banda,
a rrezam nam he houvida,
a vontade tudo manda,
e quem ha d'andar, desanda;
quem tem alma, nam tem vyda. (1)

As melhores trovas de Dom João de Menezes são pelo gosto das coplas de Jorge Manrrique, então muito imitadas em Portugal. Nas doenças, as damas in-

(1) *Cancioneiro geral*, fl. 16, col. 1.

teressavam-se pela saude do poeta galanteador, e sentiam a sua falta nos serões do paço. Uma das suas melhores poesias é a despedida que fez, sendo moço, a uma dama antes de partir; ai dá conhecimento de *Mancias* e compára-se em seus amores. Estes amores de Dom João de Menezes foram na maior parte infelizes; de uma vez andou apaixonado por uma creada chamada Correa, de outra vez por uma sua cativa, e andando de amores com Dona Guyomar de Menezes, o Prior do Crato roubou-lh'a, com o que se não affligiu muito, por isso que compara essa perda a uma alternativa de jogo. Dom João de Menezes esteve em Castella, aonde se fez tambem estimar por suas canções. N'estes breves traços de sua vida, tirados das suas trovas, se acha o instincto da alma de provençal. A elle se referia Sá de Miranda, quando diz:

> ... os Proençaes, de que ao presente
> Inda rithmas ouvimos que entoaram
> A musas delicadas altamente (p. 109. Ed. 1804.)

Dom João de Menezes esteve em Azamor pouco antes de morrer. Muitas das suas poesias perderamse; restam-nos apenas as conservadas no *Cancioneiro,* que nos dão uma ideia do seu merecimento.

Sá de Miranda obedeceu á influencia d'este afamado trovador; elle proprio o confessa com admiração.

Nas suas glosas, que andam no *Cancioneiro geral* e em grande parte das suas poesias, principalmente

n'aquellas escriptas em metro octosyllabo, se conhece que Sá de Miranda ainda seguia a *eschola velha*, ou a imitação da poesia hespanhola, que elle baniu mais tarde pela renovação classica. Apparece já aquelle sentimento de desgosto, que é a inspiração e colorido de todos os seus versos, depois que se retirou da vida palaciana. Todas estas composições se devem julgar anteriores á viagem á Italia. Durante a permanencia na côrte não deixaria de intermetter-se em amorosas intrigas, como todos os outros poetas; os seus versos assim o dão a entender. Bernardim Ribeiro, na na Ecloga II, fala d'elle como confidente em um pouco velado anagramma de *Franco de Sandomir:*

> Franco de Sandomir, era
> O seu nome, e buscava
> Uma frauta que perdera,
> Que elle mais que a si amava;
> Este era aquelle pastor
> A quem *Celia* muito amou;
> Nimpha do maior primor
> Que em *Mondego* se banhou,
> E que cantava melhor.
> E a frauta sua era aquella
> Que lhe *Celia* dera, quando
> O *desterraram* por ella,
> Chorando elle, ella chorando:
> Viera elle ali morar
> Por que achou aquellas terras
> Mais conformes *ao cuidar*: etc (1)

Sandomir ou Sandovir, é um anagramma imperfeito de Miranda, nome porque o poeta era então pouco

(1) Bernardim Ribeiro, *Ecl.* II, p. 288, ed, 1852.

conhecido, e a quem chamavam sempre, até nos documentos officiaes, Francisco de Sá. Bernadim Ribeiro encobria a personalidade anagrammatisando esse nome pouco usual. As allusões d'estas duas estrophes cabem perfeitamente a Sá de Miranda; nas suas obras vem uma extensa ecloga a *Celia*, offerecida ao Infante D. Luiz; o amante d'esta pastora fora mandado para a côrte e ella morreu de saudade. O *desterro* citado nos versos de Bernardim, e aquelles terras *mais conformes ao cuidar*, referem-se á vinda de Sá de Miranda para frequentar a Universidade de Lisboa. É d'este modo que se explica a precocidade da sua tristeza nas primeiras coplas que escreveu, recolhidas no *Cancioneiro geral* de Resende. Uma das suas mais lindas esparsas nos exprimirá o intimo pesar, que se não pode totalmente attribuir ao estylo cortesão, que se deliciava em demasia com magoas e querellas de amor:

Cerra a serpente os ouvidos
A' voz do encantador;
Eu não, e agora com dor
Quero perder meus sentidos.
Os que mais sabem do mar
Fogem de ouvir as Sereias;
Eu não me soube guardar:
Fuy vos ouvir nomear,
Fiz minha alma e vida alheias. (1)

Seria porventura originada a taciturnidade do seu caracter do desgosto de saber da morte dos primeiros amores que deixara em Coimbra? D. Gonçalo Coutinho

(1) *Canc. geral*, fl. 110.

declara que as suas obras estão cheias de allusões a successos do tempo e da sua vida; a hypothese dos amores personificados em *Celia,* justifica-se pelo estado de solteiro em que se conservou até aos quarenta e um annos, e pelas poesias amorosas, que são mais do que sentidas pela imaginação.

Na edição dos versos de Sá de Miranda, de 1595, conhece-se, que o poeta teve relações com Bernardim Ribeiro, como se vê pela rubrica do *Dialogo que mandaram os fidalgos ás damas,* em que Bernaldim Ribeyro replicou com estes versos em resposta a D. Leonor de Mascarenhas:

> A mim me heide tornar eu,
> Para vingar muitas cousas,
> Que não são para cuidar,
> Foram para dar cuidado.
> Seja minha a culpa de outrem
> Que issa val mais que o perdão.

Esta allusão ao *cuydar,* que se encontra na ecloga de Bernardim, refere-se a este dialogo mandado ás Damas, em que Sá de Miranda começou com a seguinte esparsa:

> Huma cousa cuidava eu
> Causa d'outras muitas cousas,
> Rasão tinha de a cuidar,
> Dá-me sem rasão cuidado,
> Ind'heide pedir a outrem
> Das suas culpas perdão.

A este segue-se: «*Outro Dialogo, que lhes* tornamos *a mandar.*»

Estes versos foram supprimidos em todas as edições que se seguiram apoz a primeira, e só se reproduziram na edição de 1804, unica egual á de 1595. Estes factos provam as relações de Sá de Miranda com Bernardim Ribeiro, como se vê, começadas nos serões poeticos da côrte de Dom Manoel. Dona Leonor de Mascarenhas é aquella senhora a quem Dom João de Menezes, poeta ainda do tempo de Dom João II, glosara o mote: *O' vida desesperada.* (1)

Agora se vê porque Sá de Miranda dizia, que ainda se lembrava de Dom João de Menezes, cortez no amor, cujos queixumes finaes ainda ouvira.

O seu primeiro soneto descobre-nos a amisade que tomou com o principe Dom João, filho de El-rei Dom Manoel: isto prova que fôra escripto antes de 1521; por isso que ainda lhe não dá o tratamento de Rei, como na *Fabula do Mondego,* e na primeira das suas *Cartas.* Era o principe Dom João que lhe pedia para apresentar os seus versos; da mocidade lhe ficou a amisade com o monarcha, que o protegeu e o encheu de beneficios quando se retirou da côrte. Dom João III era mais novo sete annos do que Sá de Miranda; quando joven, mostrou uma ephemera predilecção pelas letras, e conta Severim de Faria e Frei Luiz de Sousa, que ligava tão grande interesse á novella cavalheiresca do *Clarimundo*, que ia lendo os cadernos á medida que

(1) *Cancioneiro geral*, fol. 15, col. 3.

saíam da mão de João de Barros. (1) Este facto explica a predilecção que teve, quando principe, pela poesia, e o instincto que o levou a animar Sá de Miranda. A educação artistica que recebiam os principes filhos de Dom Manoel era excellente; porém o exagerado catholicismo annulou tão bellas faculdades, tornou-os fanaticos, exaltados, a ponto de os fazer injustos e de lhes extinguir a raça pelo rachitismo.

Sá de Miranda, vivendo na côrte, obedeceu ás influencias litterarias que dominavam; começou por seguir a poesia da chamada *eschola hespanhola* do seculo XV; abrindo as suas obras, acham-se duas feições diversas, duas epocas distinctas na forma e estylo; os vilancetes, as esparsas, os motes, as coplas pertencem á velha eschola nacional; os versos endecasyllabos, usados em excesso, accusam a influencia da eschola italiana e do cultismo classico. O mesmo se encontra nas poesias de Bernardes; o pouco recolhido em metro octosyllabo em qualquer d'estes poetas basta para nos descobrir que em volta d'elles reinava a *eschola velha*, e que só tarde abraçaram a innovação classica. Por este tempo, antes da viagem de Sá de Miranda á Italia, os romances populares começaram a ser recolhidos em collecções á maneira da poesia erudita; os poetas individuaes adoptaram tambem essa forma da poesia anonyma. Gil Vicente, sectario profundo da eschola nacional, introduzia nos seus Autos os romances cantados pelo povo da

(1) *Annaes de Dom João* III, p. 8.

Peninsula, muito antès de serem colligidos na *Silva de Varios* ou no *Cancionero de Anvers,* que só appareceram depois da sua morte. Os romances eram glosados e postos em musica; Garcia de Resende glosou o o romance *Tiempo bueno,* que vem no *Cancioneiro geral,* e que hoje sabemos ter andado na tradição, por isso que Simão Machado o cita na segunda parte da *Comedia Alfea.* Os romances mais celebres davam a aria por onde se cantavam os romances novos, como se vê por este documento: «E o vilãcete do parto da senhora se hade cantar por o duo que cõpos Torres da letra de *inimiga foy madre;* e ho do prãnto da senhora por a composiçam do motete *Fili mi Absalõ:* do qual foy a letra tomada.» (1)

O romance da *Bella mal maridada,* que todos os poetas peninsulares glosaram á porfia, foi tambem desenvolvido por Sá de Miranda, emquanto adepto da *eschola velha.* Todas as fórmas da poetica hespanhola do seculo XV, que se devem considerar como degenerações da poetica provençal, foram conhecidas por elle. Porém um pômo de discordia fôra lançado entre os poetas da Peninsula com a vinda de Navagero á Hespanha, mostrando a direcção que haviam tomado os poetas italianos, que abraçaram a imitação do antigo. Pela advertencia de Navagero, Boscan e Garcilasso adoptaram de preferencia o verso endecasyllabo, e luctaram para o fazer prevalecer sobre a redondilha nacional. O facto da revolução classica passára-se em Hespanha antes do

(1) A Meditação em estilo metrificado, 1547.

regresso de Sá de Miranda da Italia; e tambem antes d'esta viagem começou a manifestar-se em Portugal o mesmo desprezo pelo metro octosyllabo. As questões entre a *eschola velha* e a *italiana* resumiam-se na preferencia entre uma ou outra fórma de verso, por que sobre idêas de arte ou esthetica nada se alcançava; via-se apenas o lado material. O primeiro poeta nacional atacado pelos cultistas foi Gil Vicente; no anno de 1523 representou em Thomar a farça de *Inez Pereira* em desaggravo contra os que lhe negavam a originalidade dos seus Autos; na rubrica da farça não dá o poeta a entender o minimo indicio por onde se veja que a lucta partia da classe clerical que elle apodava, antes pelo contrario se induz, que a pedra lhe era lançada pelos cultistas, como se vê por estas palavras com que Gil Vicente caracterisa os seus detractores: «*certos homens de bom saber.*» (1) Gil Vicente citando muitas vezes nos seus Autos os poetas que estavam presentes ao serão, como João Fogaça, Tristão da Cunha, Simão da Silveira, Martin Affonso de Mello e D. João de Menezes, nunca nomeou Sá de Miranda, nem mesmo no Auto representado em Coimbra em 1527, quando Sá de Miranda fez o Discurso de recepção ante D. João III e a rainha D. Catherina, que fugiam da peste; n'esse *Auto da Divisa de Coimbra,* cita os apellidos da nobreza da terra, e parece haver aí um acinte de não alludir aos nomes dos Sás ou dos Mirandas. Tudo isto são meras inducções que nos levam a crêr que os conflictos

(1) Gil Vicente, *Obras,* t. III, p. 121.

da renovação classica começaram antes da viagem de Sá de Miranda ao estrangeiro. Antes de o acompanharmos n'essa romagem artistica á Grecia do mundo moderno, vejamos a influencia que a poesia hespanhola do seculo XV exerceu em Portugal, e até que ponto Sá de Miranda era versado n'ella. Á maneira das côrtes provençaes, a poesia na Peninsula tornára-se uma distração palaciana; é por isso que lhe achamos n'esse lyrismo muito artificio e pouco sentimento; tinha-se mais em vista o bom dito, e o impressionar bem os que estavam em redor. Pela poesia muitos plebeus se elevaram a grandes dignidades, creando inconscientemente a egualdade civil do mundo moderno. O Infante Dom Pedro, filho de el-rei Dom João I, foi um grande admirador de João de Mena, e tinha com elle relações muito intimas; na côrte de Dom João II os guerreiros de Arzilla discreteavam em formosas coplas nas distrações da côrte; Garcia de Resende entrou nas boas graças do monarcha por saber tocar, desenhar e fazer versos; este chronista colligiu as poesias dispersas compostas pela fidalguia portugueza, e é ao seu *Cancioneiro,* que comprehende cantares do seculo XIV até ao seculo XVI, que se deve o conhecer qual a feição da nossa poesia n'essa época. Abrindo o *Cancioneiro geral,* conhece-se que elle é moldado pelo *Cancioneiro* de Baena, que recolheu as poesias hespanholas do reinado de João II e Henrique IV; na collecção portugueza vêmos a cada passo citados os nomes de Stuniga, de Juan Rodrigues del Padron, de

Villasandino, de Macias, de Jorge Manrique, de Juan de Mena, do Marquez de Santillana e outros. Alguns versos de Hernão Perez de Gusman foram traduzidos pelo Dr. Frei João Claro. A falta de vida real, e o motivo futil que inspirava os poetas da aristocracia, falsificava-lhes o sentimento, levando-os aos exquisitos artificios da fórma, a um refinamento de casuistica amorosa, e a um exagerado abuso de allegorias metaphysicas. A lingua e a locução poetica aperfeiçoava-se n'este trabalho.

A poesia tornara-se um privilegio das classes elevadas; servia de passatempo nos ocios da guerra, era a expressão de galanteria com as damas, e o meio de dar celebridade ás anecdotas que se passavam detraz dos pannos de raz. Além dos poetas citados que pertencem á velha eschola hespanhola, e que foram imitados em Portugal, o chanceler Pero Lopez de Ayala, auctor do *Rimado de Palacio* esteve captivo em Portugal na batalha de Aljubarrota; o Marquez de Santillana teve relações intimas e presenteou o Condestavel de Portugal com o Cancioneiro das suas obras. Não só a poesia hespanhola nos serviu de modêlo, senão tambem nos impôz a sua lingua flexivel e acostumada ás mais intrincadas estrophes. Era a reacção da influencia que exercêmos no seculo XII, quando o nosso dialecto portuguez-galleziano era adoptado em toda a Hespanha como a verdadeira linguagem poetica, como confessa o Marquez de Santillana, na *Carta ao Condestavel de Portugal.* No *Cancioneiro* de Resende

abundam as composições escriptas em castelhano; ha tambem a mesma nebulosa casuistica dos poetas hespanhoes do seculo XV, mas não se depara alí com o conhecimento de Dante ou de Petrarcha ou dos provençaes, como no *Cancioneiro* de Baena. Na collecção hespanhola o caracter geral é o gosto e o estylo provençalesco continuado sem ser comprehendido; na collecção portugueza dá-se a imitação de imitação, o que seria uma grande inferioridade, se não apparecesse aí um elemento novo, bastante apreciavel—o gracejo acerado, a satyra mordaz. O nome e as poesias de Juan Rodrigues del Padron eram conhecidos em Portugal, principalmente por causa dos seus amores com a rainha Dona Joanna, filha do nosso rei Dom Duarte, a qual casou em Castella; embora se considere a anecdota como uma ficção, ella propagou-se adquirindo para Rodrigues del Padron a gloria de fino amador. (1)

Sá de Miranda foi educado na admiração d'estes modelos; a lingua hespanhola era-lhe familiarissima, e tanto, que pelas suas poesias escriptas n'essa lingua extranha, é que Bouterwek o considera como um grande poeta da Peninsula. Mais tarde o uso do hespanhol tornou-se uma lisonja palaciana, mas deve attribuir-se o seu emprego em poesia á impressão immediata dos modelos que admiravam.

Sá de Miranda citava os antigos poetas hespanhoes com louvor. Com que respeito fala de Affonso o Sabio,

(1) *Cancionero de Baena*, t. II, p. 347, ed. de 1860.

rei e poeta; como admira o Marquez de Santillana e Juan de Mena:

> Dom Affonso de Aragam
> Rey nunca louvado assás,
> De animo e de coração
> Tratava os livros na paz,
> As armas na occasião.
> Ouvindo de um rey que a mal
> Tinha aos Reys que fossem lidos,
> Dito é, disse, de animal,
> Nam de Rey dos escolhidos. (p. 230, ed. 1677.)

> O Marquez de Santillana,
> Homem de braço e saber
> Antre a nação castelhana,
> Da lança sohia dizer:
> C'o as letras que se não dana.
> Este he a quem João de Mena
> Fez alta coroação,
> Tinha elle já grande penna,
> Mas aparada inda não.

No primeiro periodo da poesia de Sá de Miranda encontram-se-lhe glosas tiradas dos antigos poetas castelhanos. Nas suas obras se encontra um mote pertencente a Garci Sanches de Badajoz, o que escreveu o *Inferno do Amor,* e que morreu doudo por uma paixão:

> Secaranme los pezares
> Los ojos y el carazon
> Que no puedo llorar no. (p. 400, ed. 1804.)

Tambem cita Juan de la Encina e outro poeta do *Cancionero general* de Hernan de Castilho, escrevendo um epitaphio: «Na Sepultura de Pedraza, quo no *Can-*

cioneiro geral se chama Constancio.» (1) Em outra glosa de Sá de Miranda a umas coplas de Jorge Manrique, conhece-se, pela rubrica que a precede, que o poeta já cultivava a eschola velha por curiosidade: «Glosa *como n'aquelle tempo se costumava,* a esta cantiga de Dom Jorge Manrique.» (2) Em outro logar apparece outra vez citado Jorge Manrique, alludindo ao facto de ter celebrado em verso a morte de seu pae Dom Rodrigo Manrique: é na Elegia ao Doutor Antonio Ferreira, em resposta á que lhe escrevera pela morte de seu filho em Africa; n'este tempo Sá de Miranda havia feito a revolução classica, e lembrava-se de Jorge Manrique como uma das suas primeiras predilecções litterarias:

> Ditoso aquelle mestre Dom Rodrigo
> Manrique, a quem em seu tempo louvou
> O filho, e deu ao corpo em morte abrigo. (3)

Em Portugal estavam todos ainda com os olhos fitos na poesia castelhana; ninguem ousava seguir a vereda nova encetada pela Renascença da litteratura na Italia. Espirito superior, Sá de Miranda foi o primeiro a inspirar-se do esplendor da nova poesia; em Hespanha Garcilasso e Boscan encetavam a reforma á custa de uma lucta implacavel de vaidade nacional. Usava-se em Portugal no seculo XV e XVI, mandar estudar os nossos artistas á Italia; Dom João II teve relações inti-

(1) *Obras*, p. 339, ed. 1677.
(2) *Id.* p. 343.
(3) *Id.* p. 270.

mas com Angelo Policiano, e escrevia-lhe perguntando pelos seus estudantes; as Universidades da Europa eram frequentadas por centos de estudantes portuguezes, mandados recolher ao reino depois da reforma da Universidade de Lisboa. Sá de Miranda acha-se no vigor da sua edade, e teve desejo de visitar esse templo das artes, aonde os espiritos estavam em uma elaboração assombrosa, que não tornou mais a dar-se. Um facto accidental, passado na transição do reinado de Dom Manoel para o de Dom João III, decidil-o-hia a emprehender a veneranda romagem. Todos sabem que Dom João III quando principe, tentou casar com a infanta Dona Leonor, irmã de Carlos V; seu pae, el-rei Dom Manoel tendo viuvado da segunda mulher a rainha Dona Maria, mandou immediatamente um embaixador a Castella com o motivo apparente de comprimentar o imperador Carlos V, que estava de volta dos Paizes Baixos, e com a missão secreta de pedir em casamento e casar logo ali por procuração com a infanta Dona Leonor, tirando assim a noiva a seu filho. Quando a noticia constou em Portugal, já a infanta estava a caminho, e o desgosto do principe seu filho, como as clausulas onerosissimas da escriptura do terceiro casamento de Dom Manoel, provocaram severos commentarios do povo. Parte da nobreza tomou o partido do principe Dom João, e alguns fidalgos foram desterrados por esse motivo, e só voltaram para o reino depois da morte de el-rei Dom Manoel em 1521. Todos estes motivos parecem o bastante para terem determinado Sá de

Miranda a emprehender a viagem á Italia, alem da natural curiosidade de admirar de perto a grandeza da Renascença. A sua viagem foi demorada, e a phrase de Dom Gonçalo Coutinho, na *Vida* do poeta: «tendo visto *com vagar* e curiosidade Napoles, Milão, Florença e o melhor de Sicilia, tornou-se ao Reino e deteve-se algum tempo na Corte de D. João III, *que já havia muito que reinava»*, dá a entender que partira talvez ainda em vida de Dom Manoel, e que só voltou depois de apaziguados os animos com a successão do novo reinante. Esta hypothese se confirma com a epoca da sua volta de Italia, que adiante fixaremos. Na *Canção a Nossa Senhora*, Sá de Miranda dá a entender que soffrera uma dura prisão; se esta peça lyrica não fosse uma imitação de Petrarcha, e por isso escripta por certo depois da sua volta de Italia, levar-nos-hia a acreditar que elle fôra victima do odio de el-rei Dom Manoel por se mostrar partidario do desgosto do Principe, de quem foi sempre amigo. Outras perseguições soffreu o poeta na côrte, e n'essa occasião interpretaremos melhor este facto.

CAPITULO II

(1521-1527)

A Italia no principio do seculo XVI. — Viagem de Sá de Miranda á Italia. — Influencia d'esta viagem sobre o seu caracter. — Origem da *eschola italiana.* — Luctas da sua introducção. — Extrahir do Livro de Francisco de Hollanda o caracter da vida na Italia, no seculo XVI. — Textos de Sá de Miranda com relação á sua viagem. — Modelos litterarios de que tomou conhecimento. — Volta a Portugal antes de 1526. — O successo do Marquez de Torres Novas. — Estada de Sá de Miranda em Coimbra em 1527.

Na Comedia *Eufrosina*, escripta em 1527, diz um personagem em uma carta da India: «mas eu ter-me-hia ao torrão de Portugal, a que em sua quantidade sobeja tudo, se a *cobiça de Italia,* e as delicias da Asia o não devassaram.» (1) Esta *cobiça de Italia* era o desejo que se desenvolveu na nobreza portugueza de ir visitar o foco da Renascença do seculo XVI.

A viagem de Sá de Miranda á Italia, como complemento de sua educação litteraria, devia causar bastante extranheza para a nossa fidalguia costumada a seguir a eschola das armas na India, ou a ir contractar fundos de emprestimo para o governo nas Feitorias de Italia e dos Paizes Baixos. Dom Gonçalo Coutinho descreve-nos o roteiro da viagem nas seguintes palavras: «e assi

(1) Jorge Ferreira, *op. cit.*, act. II. sc. V, p. 123.

se foi á Italia, visitando primeiro os mais celebres logares de Hespanha, e tendo visto com vagar e curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, e o melhor de Sicilia.» Este facto colhido da tradição oral dos amigos do poeta, acha-se confirmado pelos seus proprios versos:

> Senhor meu Dom Fernardo de Menezes,
> Eu vi Roma, Veneza e vi Milão,
> Em tempo de Hespanhoes e de Francezes.
> Os jardins de Valença e d'Aragão,
> Onde amor vive e reina, onde florece
> Por onde tantos embuçados vão. (p. 107, ed. de 1804 e 1677.)

No verso *Em tempo de Hespanhoes e de Faancezes,* determina Sá de Miranda o tempo da sua viagem, por que se refere á epoca em que o imperador Carlos v de Hespanha andou em guerra com Francisco i de França, pelo facto d'este ultimo ter aspirado á eleição do throno da Allemanha. Foi em 1521 que o imperador Carlos v fez começar as hostilidades contra a França; esta data tambem coincíde com a indisposição entre el-rei Dom Manoel e seu filho primogenito D. João por causa do casamento com a princeza Dona Leonor, irmã de Carlos v. Sá de Miranda, visitando a Italia em tempo tão agitado de commoções politicas por tres grandes doidos que governavam a Europa, Carlos v, Francisco i e Henrique viii, dá a entender que deixava a patria não por uma mera diversão artistica, mas por uma causa extraordinaria.

N'esta *Carta* a D. Fernando de Menezes, descreve Sá de Miranda a dissolução dos costumes italianos; aparentado com a opulenta casa Colonna, por seu avó paterno João Rodrigues de Sá, relacionado com altos personagens, como Juan Ruccellai, a sua amisade com Lactancio Tolomei, que confessa na ecloga *Salicio*, leva-nos a crêr que elle tratara com a celebre poetisa Vittoria Colonna, marqueza de Pascaire, e com Miguel Angelo, que a seguia por toda a parte. Adiante vermos por uma citação de Francisco de Hollanda, como junto com Lactancio Tolomey veiu a ter relações com o grande artista, e com a sua Dyotima. No tempo em que Sá de Miranda visitou a Italia, contava Vittoria Colonna trinta e um annos de edade; vivia na mais absoluta adoração de seu marido que, durante o cativeiro em Ravena, escrevia para distrahir-se um *Dialogo de amor*, que remettia a sua mulher. Foi em 1525 que Vittoria Colonna ficou para sempre inconsolavel com a perda do Marquez de Pascaire, seu marido, na batalha de Pavia. É tambem a contar d'este tempo que se deve indagar quando foi o regresso de Sá de Miranda para Portugal; todos os factos comprehendidos entre 1521 e 1526 confirmam a fixação da viagem *em tempo de Hespanhoes e de Francezes*.

Pouco tempo depois da viagem de Sá de Miranda á Italia, percorria Montaigne os mesmos sitios; ambos se impressionaram com a desolação dos arredores de Roma.

Eis a poesia que Sá de Miranda escreveu e aonde pinta esta impressão:

CANTIGA FEITA NOS GRANDES CAMPOS DE ROMA

Por estes campos sem fim,
Onde a vista assi se estende,
Que verei triste de mim,
Pois ver-vos se me defende?

Todos estes campos cheos
São de saudade e pesar,
Que vem pera me matar
Debaixo de ceos alheos;
Em terra extranha, e mar,
Mal sem meo, e mal sem fim,
Dor que ninguem não entende,
Até quão longe se estende
O vosso poder em mim. (1)

Na ecloga *Nemeroso,* escripta a Antonio Pereira Marramaque, allude Sá de Miranda outra vez ás suas viagens:

Quanto tiempo perdi,
No sè por donde anduve,
Vi tierras, vi costumbres differentes,
Ya tarde bueito en mi,
Un poco sobrestuve
Arrimado y dexè correr las gentes. (p. 293, ed. 1804.)

Tambem no Soneto XIV, fala do Tibre como quem recebeu a impressão local; Sá de Miranda dá-lhe um

(1) *Obras,* p. 387, ed. 1804.

epitheto com que ainda hoje os mais descuidados viajantes notam o Tibre:

> Del Tibre *embuelto* al nuestro Tejo ufano
> De sus arenas d'oro y rica playa,
> Enchi todo de quexas, venga ó vaya,
> Llamando por la muerte sorda en vano.

A muitos dos poetas italianos citados por Sá de Miranda nos seus versos, é de crêr que Sá de Miranda os tratasse pessoalmente, por isso que no tempo da sua viagem á Italia estavam no esplendor do talento; já falamos em João Ruccellai e Lactancio Tolomei; tendo Sá de Miranda passado por Veneza, como diz na Carta a D. Fernando de Menezes, aí ouviria falar do satyrico implacavel, o que não disse mal de Deos por que o não conheceu, o celebre Aretino, que vendia publicamente os seus epigrammas, ora a favor de Carlos V, ora a favor de Francisco I. Em Roma teria tambem encontrado o Cadeal Bembo, o protegido do papa Leão X, que ao celebrar o sacrificio da missa recitava odesinhas de Anacreonte em vez das orações do ritual. Ariosto tambem se encontra citado por Sá de Miranda, e no tempo da sua viagem, era elle o verdadeiro esplendor da côrte de Ferrara. Com as conversas dos artistas e eruditos abriram-se-lhe outros horisontes para a poesia. A tradição provençal perdida no reinado de Dom Diniz, e mal atada pela degenerada imitação da poesia castelhana no tempo de Dom João II, torna-se-

lhe mais comprehensivel ao observal-a na Italia em toda a sua pureza e desenvolvimento:

> Entrando o tempo mais, entrou mais lume
> Suspirou-se melhor, *veiu outra gente,*
> *De que o Petrarcha fez tão rico ordume:*
> *Eu digo os Proençaes,* que inda se sente
> O som dos brandos versos, que entoaram
> As suas musas brandas, brandamente.
> Depois, ah que vergonha, emfim tornaram
> A cahir muitos n'este amor vicioso,
> O fino, os peitos finos o salvaram. (p. 252, ed. 1677.)

Sá de Miranda recolhia insensivelmente a tradição provençal; na sua Ecloga outava, dedicada a D. Nuno Alvarez Pereira, traz aquella celebre satyra de Pedro Cardinal, que se intitula *Faula de la pluya:*

> Dia de Maio choveu;
> A quantos agua alcançou
> A tantos ensandeceu. etc.

Sismondi no capitulo V das *Litteraturas do Meio Dia da Europa,* (1) traz os versos de Pedro Cardinal, que José Maria da Costa e Silva reproduziu no *Ensaio biographico-critico;* foi o celebre historiador italiano quem primeiro determinou a origem da fabula conservada por Sá de Miranda. (2) Quanto ás fórmas poeticas que elle introduziu em Portugal, lê-se em Dias Gomes: «O *soneto,* introduzido em Portugal pelo famoso

(1) Pag. 191, t. I, ed. 1819.
(2) *Id.* t. IV, p. 297, not.

infante Dom Pedro de Alfarrobeira, poeta insigne... foi pelo Sá de Miranda aperfeiçoado e estabelecido da maneira que ao presente o vemos. Elle nos ensina a structura da *Canção*, da *oitava rima*, e do *terceto*.» (1) Foram estas formas quasi exclusivas que abraçaram depois os poetas da eschola italiana.

Na Ecloga a Dom Manoel de Portugal, Bieito canta uma especie do *velho solao*, em que Sá de Miranda emprega o verso *encadenado* da poetica provençal:

> Quem deu a amor quebranto e o fez *cruel*,
> Quem tornou tudo *fel*, quanto *aprazia?*
> Que se fez d'este *dia* hoje tão *claro*
> Como se compram *caro* nevoas, ventos? (p. 75, ed. 1677.)

Os editores d'estas poesias não tem notado o artificio; é por isto que se conhece quam demudadas andam do primitivo original.

Na Ecloga *Nemoroso*, a Antonio Pereira, se descobre o mesmo artificio:

> Yo voy huyendo ya solo *comigo*
> Este *inimigo* Amor etc. (p. 90, ed. 1677.)

A *Canção a Nossa Senhora* é uma imitação directa de Petrarcha, se acceitarmos a conclusão de Francisco Dias Gomes, que a compara com a Canção CXIII do poeta de Vauclusa; o antigo critico diz: «que até lhe

(1) *Memorias da Academia*, t. IV, p. 66.

deu o mesmo numero de strophes e versos, a mesma disposição metrica e simulcadente, começando assim como elle, cada uma d'aquellas strophes pela palavra *Virgem.*» (1) Apesar de Dias Gomes analysar com uma minucia de grammatico strophe por strophe, não descobriu na estancia VIII um facto importante da vida de Sá de Miranda que aí se contém. Em muitos logares das suas poesias, revela elle um conhecimento cabal dos mais bellos livros da litteratura italiana, talvez comprados nos armazens do Realto, em Veneza:

> *Roger*, del ingenioso Ferrarez,
> Tan alabado em tan sabroso estillo. (Pag. 263.)

> Deshi o gosto chamando
> A outros mores sabores,
> Liamos pollos amores
> Do bravo e furioso *Orlando*
> Envoltos em tantas flores.

> Liamos os *Assolanos*
> De Bembo, engenho tão raro
> N'estes derradeiros annos,
> E os Pastores italianos
> Do bom velho *Sanazarro.* (p. 207 ed. 1677)

Os poetas da renovação hespanhola ainda não andavam impressos, e a Antonio Pereira Marramaque deveu Sá de Miranda a offerta de um exemplar das obras de Garcilasso. Tendo vivido na Italia durante cinco annos em relações com a mais alta aristocracia, aonde

(1) *Memorias da Academia*, t. VI, pag. 79.

se debatiam por passatempo questões de arte e litteratura, como sabemos pela relação de Francisco de Hollanda, Sá de Miranda recebia insensivelmente a direcção que devia dar ao genio da Renascença em Portugal. Lactancio Tolomei, cavalheiro Sennense, que o honrou com a sua amisade, e que philosophava sobre arte, exerceria talvez sobre o seu caracter a mesma influencia que Navagero exerceu em Hespanha no genio de Garcilasso e de Boscan. Sá de Miranda cita aquelle cavalheiro na Ecloga á morte de Garcilasso.

Ser-nos-hia hoje impossivel conhecer a impressão que produziria a visita de Sá de Miranda a Roma e a Veneza, pela simples leitura das suas poesias.

Sá de Miranda fala da viagem da Italia como uma recordação da sua mocidade; contava apenas vinte seis annos de edade. Qual o estado de Roma no principio do seculo XVI, e a impressão que produziu em uma alma portugueza, podemos descubril-a pela relação de Francisco de Hollanda, que foi mandado por D. João III a Roma em 1538, para se aperfeiçoar nas artes.

O estado de opulencia de Veneza temol-o tambem descripto por Frei Pantaleão de Aveiro, sómente em 1564, no *Itenerario da Terra Santa,* o que basta para nos mostrar como Sá de Miranda seria impressionado. Eis o que nos conta Francisco de Hollanda, no *Dialogo da Pintura:* «O meu palacio, o meu tribunal da Rota era o grave templo de Pantheon em volta do qual vagueava notando todos os seus membros de architectura e de cada uma de suas columnas; eram o Mauso-

léu de Adriano, e o de Augusto; o Collyseu; o Capitolio; o theatro de Marcellus, e todas as outras cousas notaveis de Roma, cujo numero se me apagou da lembrança.

«E se ás vezes me acontecia entrar nos magnificos salões do Papa, era sómente aí levado pela minha admiração de Raphael de Urbino, que os decorou com a sua nobre mão; porque preferia antes estes homens antigos, estes homens de marmore, immoveis sobre os arcos e sobre as columnas dos velhos edificios, do que esses inconstantes que se agitam em volta de nós; encontrava no seu silencio grave muito mais altas lições do que nos discursos inuteis com que os vivos nos fatigam em toda a parte.» (1)— «Os Italianos são de natureza extremamente applicada ao estudo, e os d'entre elles que tem talento, trazem, ao nascer, vontade, gosto e amor para as cousas para que sentem vocação.

«Se algum se decide a professar ou a seguir uma sciencia, uma arte liberal, não se contenta com o que bastaria para enriquecel-o por esse meio, não se contenta com ficar artifice; porém véla e trabalha continuamente para vir a ser unico no seu genero e estimado de todos; o seu unico desejo é tornar-se um modelo de perfeição; e a mediocridade na sua arte ou sciencia não o satisfaz, porque na Italia despreza-se este nome de *mediocridade* considerado como vilissimo, e somente se faz caso d'aquelles a quem chamam aguias.....

(1) Cap. I, apud Raczinsky, *Les artes en Portugal*, p. 7.

Ha uma vantagem immensa em nascer na Italia; desde logo vos achaes collocado em uma terra que é mãe e conservadora de todas as sciencias e de todas as doutrinas.

«Aqui, desde a infancia, para onde quer que a vossa inclinação vos leve, encontraes por toda a parte, nas ruas com que alegrar a vista, e com que vos instruir. Assim desde os primeiros annos ficaes acustumados a vêr o que ainda os velhos não tem visto em outras regiões. Quando sois avançados em edade, ainda que fosseis ignorantes ou rudes, os vossos olhos acham-se de tal modo acustumados ao conhecimento e á vista de muitas cousas antigas e afamadas, que o menos que podeis fazer é imital-as. Ajuntai a isto o grande numero de talentos superiores, e o de gente de gosto que se encontra na Italia. Tendes os grandes mestres para imitar, tendes as suas obras que povôam todas as cidades, bem como todos os objectos raros e novos que todos os dias se descobrem. Se todas estas cousas não bastam, ainda que as julgo sufficientes para a perfeição de toda e qualquer sciencia, ao menos bastará dizer que nós outros os portuguezes, mesmo alguns que são dotados de talento e de espirito, fazemos pouco caso das artes; olhamol-as com desprezo, e quasi que nos envergonhamos de saber; d'onde resulta ficarmos imperfeitos. Para vós Italianos (não digo o mesmo, já dos allemães e dos francezes) a maior honra, a maior nobreza, e a distincção mais estimada consiste em ser um pintor inimitavel, outro inimitavel em qualquer

faculdade; este, dos nobres, dos capitães, dos sabios, dos criticos, dos principes, dos cardeaes e dos papas, é considerado grande, e mesmo por alguns elevado ás nuvens, quando obtem a fama de profundo e raro na sua profissão; de tal forma, que emquanto na Italia o nome de grandes principes tem cahido no esquecimento, só a Miguel Angelo pintor, é que se chama divino.» (1) Na segunda parte do *Dialogo da Pintura*, Francisco de Hollanda põe na bocca de Miguel Angelo com quem conversava, a enumeração das riquezas artisticas das principaes cidades da Italia: «Em Senna ha algumas pinturas notaveis no palacio publico e em outros logares. Em Florença, minha patria, no palacio dos Medicios, ha obras de ornato de João de Udina, bem como por toda a Toscana. Em Urbino, o palacio do Duque encerra muitas obras dignas de elogio; e a *villa* imperial de Pesaro, edificada pela duqueza sua mulher, é rica de magnificas pinturas. O Palacio do Duque de Mantua, no qual André Mantegna representou o triumpho de Caio Cesar, merece tambem ser citado; mas sobretudo o edificio das cavalheriças, ornado de pinturas de Julio Romano, discipulo de Raphael, se distingue agora em Mantua.

«Em Ferrara, nós temos no castello a pintura de Dosso. Em Padua, exalta-se a camara de mecer Luiz, bem como a fortaleza de Legnago. Agora, em Veneza ha admiraveis obras do cavalleiro Ticiano, ho-

(1) *Id.* Cap. II, p. 15.

mem valente no que respeita pintura e retratos. Ha quadros seus e d'outros grandes mestres na Bibliotheca de S. Marcos, no armazem dos Allemães, e nas egrejas, o que torna esta cidade uma bella galeria de pintura.

«Vê-se mais muito bellas obras em Pisa, em Lucques, em Bolonha, em Placencia, em Parma, aonde se encontra Parmigiano; em Milão, em Napoles, e tambem em Genova, aonde é o palacio do principe Doria, pintado pelo mestre Perino, com muita pericia. Citarei principalmente os *Baxeis d'Eneas batidos pela tempestade,* pintura a oleo em que se vê o furor de Neptuno e a ferocidade de seus cavallos marinhos. Em uma outra salla, pintada a fresco, vê-se a *Guerra que Jupiter intentou contra os gigantes,* e como os fulminou. Quasi toda a cidade é pintada por dentro e por fóra. Em muitas outras praças fortes e outros logares da Italia, taes como Orvieto, Assis, Ascoli, Como, ha quadros de merito e de valia, de que somente falo. Quanto aos quadros dos particulares, e ás pinturas que cada um estima tanto como a vida, são sem numero, e acham-se em Italia cidades cheias de pinturas bastantes suportaveis.» (1) Francisco de Holanda descreve o aspecto geral dos monumentos de Roma, em um dialogo sustentado por Victoria Colonna; descreve tambem a festa dos doze carros de triumpho feita então em Roma á maneira dos antigos, pe-

(1) *Idem*, p. 21.

lo casamento do sobrinho do Papa Paulo III; conta os festins e banquetes nocturnos, a illuminação do castello de Santo Angelo e «a variedade de novos modos e de novos costumes de que a Italia abunda mais do que qualquer outro paiz da Europa.»

Pela sua parte Frei Pantaleão de Aveiro, diz de Veneza, vista em 1564: (1) «São tantas as grandezas d'esta illustrissima Cidade, e os gostos e invenções que de continuo n'ella se ordenam e fazem para recreação do povo, que ha livros impressos que d'isso tratam, donde nasceu o proverbio, que n'aquellas partes se costuma dizer: Veneza, quem não te vê não te préza.» Em outro logar diz o peregrino; «Tive grande contentamento em ver aquelle trage tão honesto, vindo-me á memoria a honestidade do nosso Portugal; por andar enfadado e ainda escandalisado de vêr os deshonestos trages da Italia aonde as mulheres todas andam em corpo, e não com a honestidade que convem, postoque cada terra tem seu costume.» (2) D'este descontentamento podemos concluir que o espirito sevéro de Sá de Miranda veiu deslumbrado com a opulencia dos custumes italianos, trazendo comsigo o germen do desgosto que o fez abandonar a côrte e estimar a vida da solidão. Não pode-

(1) A epoca do *Itinerario* determina-se por esta phrase: «e nós tambem nos partimos pára a Cidade de Trento, *aonde então se celebrava o sagrado Concilio...*» Prologo da edição de 1732.

(2) Pag. 22, cap. III.

mos deixar de transcrever aqui o quadro de Veneza e seus costumes, traçado por Frei Pantaleão de Aveiro:

«Está fundada e edificada esta tão afamada Cidade dentro do Mar Adriatico. A terra mais propinqua que tem a si, são duas leguas, seu circuito pode ter outras duas. Toda se anda por mar e por terra, salvo alguns bairros, a que os venezianos chamam *Traguetos*, aos quaes se não pode ir, salvo por mar, por estarem tão apartados da terra, que se não pódem servir d'elles com pontes. Vae pelo meio da Cidade um canal mui largo, que a divide em duas partes, no meio do qual tem uma formosa ponte, toda de muitas tendas occupada, cheias de preciosas e ricas mercadorias. Pelo meio d'este canal navegam galés de toda a sorte, caravellas carregadas, e naus grandes vasias. Anda-se quasi toda a Cidade por mar, e por terra, tirando os bairros *traguetos* que tenho dito; e isto por haver quatro centos e cincoenta pontes entre publicas e particulares, a maior parte d'ellas de pedra e as outras de madeira. E para serviço dos que querem negociar nas cousas por mar e com mais brevidade, tem a Cidade onze mil barcas antes mais do que menos, as quaes chamam *Gondollas*: e todas andam toldadas de panno preto, com muita curiosidade e limpeza, em tanta maneira, que os mais dos dias lhe põem um lençol lavado da pôpa á prôa, para que os que entram ponham os pés n'elle e não sujem a gondola. Os toldos são feitos ao modo dos que cá costumam levar as tumbas da misericordia de maneira, que os que vão dentro não são vistos, se não querem.

«Todas estas gondolas estão de continuo promptas, e prestes, assim de dia como de noite, para quem se quer servir d'ellas, e com mui grande barato: e tem tal ordem na passagem que todos ordinariamente ganham, porque nenhuma pode levar gente de uma a outra parte, salvo por certa quantidade de dinheiro da qual passando, ainda que lhe queira dar gratis, tem grandissima penna. Além d'estas barcas, que servem ao commum, ha outras muitas particulares de pessoas nobres, que as podem sustentar: e muitas d'ellas nas festas são toldadas de toda a sorte de seda e pannos ricos, conforme a qualidade das pessoas cujas são........ É toda a Cidade ornada de ricos aposentos e paços soberbissimos, com toda a sorte de jaspes e outras muitas pedras preciosas, de que cá não temos noticia. As janellas pela maior tem vidraças. Os Templos são muitos, e os mais ornados e sumptuosos que tenho visto, em tanto que eu sou de opinião excederem aos de Roma......... Entre muitas cousas que a Cidade em si tem de notar, é uma rua que vae da praça de S. Marcos até outra praça, que vae além da ponte que atraz fica dito, á qual praça se chama de Realto, o mesmo nome tem a ponte. Esta rua tem de comprido uma mui grande milha, e toda de uma e outro parte é ornada e cheia de todas as outras cousas preciosas da vida, nem creio se pedirá cousa que ali falte. Todo genero de brocado, e tellas de ouro e prata de qualquer sorte e invenção que quizerdes. Todos os cheiros e perfumes do mundo, tendas de pedraria riquissima, joyas, penachos, muito

marfim lavrado, e os dentes inteiros de Elephantes: *grandes livrarias, nas quaes se acham toda a maneira de livros, que quizerdes:* logeas grandissimas, cheias de especearia, de maneira que parece aquella rua uma feira armada e ornada de todas as mercadorias e marcadores do mundo.» (1)

Foi por certo n'esta viagem a Veneza que Sá de Miranda adquiriu os *Assolannos* de Bembo, o poema de Ariosto, as rimas de Petrarcha, que lia descançado do bulicio da côrte na sua Quinta da Tapada. Estas duas descripções de Francisco de Hollanda e de Frei Pantaleão de Aveiro, não nos relatam a vida intima da Italia; mostram-nos o lado exterior, que é o que mais impressiona a alma melancholica portugueza.

Foi na Italia aonde principiou primeiro o movimento da renascença classica da Europa; foi tambem para aonde convergiram as attenções dos eruditos, e o espirito imitador dos poetas. A litteratura portugueza do seculo XVI é uma imitação pura da litteratura italiana; eram cá versados e vulgares os seus escriptores. Os contos do *Decameron* de Boccacio andavam traduzidos em portuguez, pelo que se deprehende da prohibição do *Index Expurgatorio,* que saíu da Inquisição de Hespanha e se publicou em 1559. (2) Nas *Historias do Proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso, encontra-se a historia de *Griselidis* imitada de Bocca-

(1) Cap. I, p. 2 a 4.
(2) Ferreira Gordo, *Memorias de Litt.* t. III, p. 23, not.

cio. Entre os monumentos da imprensa portugueza cita o Bispo Cenaculo, nas *Memorias historicas do Ministerio do Pulpito,* uma traducção da *Fiametta* do auctor do *Decameron.* Alguns escriptores portuguezes visitaram a Italia, como Jorge de Monte Mór, e Sá de Miranda, que tinha um conhecimento directo das obras primas d'essa litteratura:

> Otra vida a Beatriz ha dado el *Dante,*
> A Laura hizo el *Petrarcha* tan famosa,
> Que suena d'este mar al de Levante.
> *Boccacio* alçò Fiametta en verso y prosa,
> De *Pystoya* el buen *Cyno* a su Selvaja,
> Ah buenos años, buena edad dichosa. (1)

Sá de Miranda conheceu tambem a tradição litteraria, e os amores de cada poeta. A *Canção a Nossa Senhora,* imita na forma das estrophes as canções de Petrarcha, repetindo sempre no principio *Virgem.* Estas imitações italianas foram combatidas a principio; queriam-se as antigas formas dos *villancetes, letras, motes* e tristes *esparsas;* era-se avaro de louvores para os metros endecassyllabos sepultados na velha poesia da Peninsula e novamente importados da Italia. Sá de Miranda queixa-se n'uma Elegia a Antonio Ferreira:

> E mais em tal sasão tempo tão avaro
> De louvores alheios, em tal damno
> Dos engenhos, que se acham sem emparo.

(1) Carta VIII, a Jorge de Monte Mayor.

Vem um dando á cabeça e canta ufano
  Cousas do seu bom tempo ardendo em chammas,
  Um *villancete brando* ou seja um chiste
  Letras ás invenções, *motes* ás damas.
Hua pergunta escura, hua *Esparsa* triste,
  Tudo bem, quem lh'o nega? mas porque
  Se alguem a descobre mais se lhe resiste?
E como? esta era ajuda? esta a merece
  (Deixemos as mercês) este o bom rosto?
  Que menos custa emfim que este tal he?
E logo *aqui tão perto* com que gosto
  De todos Boscão, Lasso, ergueram bando
  Fizeram dia, já quasi sol posto.
Ah que não tornam mais, vam-se cantando
  De valle em valle, em ar mais luminoso,
  E por outras ribeiras passeando. (p. 268, ed. 1677.)

N'estes tercetos se vê a lucta que custou a introduzir em Portugal o gosto italiano; nas poesias de Bernardes, por vezes e frequentes, se citam os auctores italianos, descrevendo o deleite que dá o versal-os, e isto em Cartas intimas, aos poucos que proseguiam n'esta revolução litteraria. Começaram então pela primeira vez a apparecer os sonetos petrarchistas, cultivados por Sá de Miranda, Ferreira, Diogo Bernardes, por Frei Agostinho da Cruz, que lhe deu o sentimento mystico, e por Camões, que os levou ao mais alto espiritualismo e pureza. As Eclogas do gosto siciliano foram tambem imitadas, e Jorge de Monte-Mor, operou a transformação do romance de *cavalleria* em romance *pastoril* na *Diana,* seguindo o trilho de Sanazarro na *Arcadia,* e o *Admet* de Boccacio, e as *Eclogas* do Cardeal Bembo.

O Livro das *Saudades* de Bernardim Ribeiro como cavalheiresco é tardio; deixa nos primeiros capitulos mais a impressão de uma pastoral, do que uma ficção aventurosa. O theatro portuguez que até então fôra um producto dos usos da edade media, imitação dos velhos *mysterios* francezes que chegaram cá directamente de França, vindo através da Hespanha por João de la Encina, volta-se de novo para a renascença classica da Italia, para imitar as composições de Ariosto, Machiavelli e de Trissino. Os *Vilhalpandos* e *Estrangeiros* de Sá de Miranda, e as comedias de *Bristo* e *Cioso* do Dr. Antonio Ferreira, são imitações latinas de Terencio e Plauto, segundo o que se fazia então na Italia; lá os escriptores não as accomodavam completamente aos costumes do tempo, de modo que apparecem em scena libertos e gladiadores; nas comedias de Ferreira e Sá de Miranda os moldes latinos estão encobertos pelos italianos, mas pertencem nos costumes á sociedade moderna.

Diz Antonio Ferreira no prologo da sua Comedia de *Bristo:* «E pola qual aquelle Livio Andronico Roman antiquissimo, alcançou famoso nome para sempre; não falo nos que o seguiram desde então *até agora em Italia,* pois em nossos dias vemos n'este Reyno a honra e o louvor de quem novamente a trouve á elle, (1) com tanta differença de todos os antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negará, que na pureza de sua arte da composição, n'aquelle estyllo tão comico,

(1) Refere-se ao Dr. Sá de Miranda.

no decoro das pessoas, na invenção, na gravidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos. Ora sendo a cousa em si tão boa, seguida de varões prudentes, auctorisada pela antiguidade dos tempos e finalmente vista e aprovada com igual consentimento, e espanto n'esta terra, não sei com que boa rasão terá a mal quem a quizer seguir, e mais com tão boa guia.»

Ferreira n'esta sua Comedia de *Bristo,* que caracterisa de *mixta,* segue por modelo as comedias de Sá de Miranda. Camões continuou a eschola de Gil Vicente com o seu *Filodemo* e *Amphitrião,* transigindo tambem com o gosto italiano.

Sabemos, pelo que escreveu Dom Gonçalo Coutinho, que a viagem de Sá de Miranda pela Italia foi demorada; acceitada como verosimil a saída de Portugal durante as dissenções entre el-rei Dom Manoel e seu filho o principe Dom João, isto é de 1518 a 1521, resta-nos determinar a epoca em que Sá de Miranda regressou a Portugal. A data historica, que sem risco de hypothese se póde assignar, não excede a 1526; nas suas obras o poeta nos offerece a prova d'este asserto. Na Egloga intitulada *Salicio,* feita á morte de Garcilasso de la Vega (1536) quando Sá de Miranda o celebra por por ter introduzido o gosto italiano em Hespanha, allude saudosamente á sua viagem, e cita o nome de um poeta e de um alto personagem que tratara pessoalmente em Italia. Pela data da morte de um d'elles se confirma que depois de 1526 já se encontrava Sá de Miranda em Portugal.

*

Eis a notavel passagem:

Quanto pastor Toscano
Que Arno en la deleitosa
Ribera suya, oyó como han cantado,
Vendran aquella mano
Tocar aventurosa,
Que honrava ora la espada, ôra el cajado,
Sena y Florencia tanto
Por nobre sangue y lengua,
Daño tan grande y mengua,
Que nunca pudo iguallala el llanto,
Aunque fuera de ley,
Juan Ruscula y *Lactancio Tolomey.* (p. 315, ed. 1804.)

As edições das obras de Sá de Miranda são abundantemente erradas; este *Juan Ruscula* de que fala a ecloga *Salicio,* é o celebre auctor do poema buccolico *Le Api* Tiraboschi o dá nascido em Florença em 1475, e mostra a sua nobreza dizendo, que era primo germano do papa Leão x. Portanto é a elle que se refere Sá de Miranda, por isso que exalta a sua *nobreza de sangue, e lingua.* João Rucellai aspirou á dignidade cardinalicia durante o pontificado de seu primo; o pontificado do papa Adriano VI correu-lhe menos favoravel; Clemente VII nomeou-o castellão de Santo Angelo como degrau para Cardeal, porém não se realisaram as suas esperanças, por isso que morreu de uma febre em 1526, como se sabe pela noticia que deixou Pierio Valeriano. (1) Portanto Sá de Miranda só o poderia ter tratado antes de 1526.

(1) Tiraboschi, *Storia della Litteratura italiana,* t. VII, parte III. p. 1214. § 32.

O outro personagem citado na Ecloga *Salicio* é Lactancio Tolomei; d'elle fala largamente Francisco de Hollanda na relação da sua viagem á Italia em 1538; falando de Roma: «Durante os dias que passei n'esta capital, houve um, que foi n'um domingo, que eu fui vêr segundo o meu costume mecer *Lactancio Tolomei,* que me procurara a amisade de Miguel Angelo por intervenção de mecer Blosio, secretario do Papa. Este emcer Lectancio Tolomei era um grave personagem, respeitavel tanto pela sua nobreza de sentimentos e de geração (porque era sobrinho do Cardeal de *Senna)* como pela sua edade e costumes. Em casa d'elle me disseram que me deixara recado de que estava em Monte Cavallo, na Egreja de S. Silvestre com a senhora marqueza de Pascaire para ouvir uma leitura das Epistolas de S. Paulo..... Eu era tambem devedor do conhecimento d'esta senhora á amisade de Mecer Lactancio, o mais intimo dos seus amigos.» (1)

Por este retrato de Francisco de Hollanda, se conhece o personagem de quem Sá de Miranda falava; este Lactancio Tolomei era sobrinho do Cardeal de Senna. A gravidade que Francisco de Hollanda lhe encontrava em 1538, prova que no tempo em que o tratara Sá de Miranda já não era novo. Ignoramos as datas da sua vida.

No principio do nosso trabalho de recomposição julgavamos que o nome de Lactancio Tolomei estava er-

(1) Raczynski, *Les Arts en Portugal*, t. I., p. 8.

rado, o que se deveria lêr Claudio Tolomei, por isso que este litterato era natural de Senna; o facto d'elle ter sido desterrado de Senna em 1526 harmonisava-se com o anno da morte de João Rucellai, e coincidía a allusão do verso de Sá de Miranda: por *nobre sangue y lengua,»* com o facto de ter elle sempre propugnado pelo desenvolvimento da lingua italiana. (1) Tinha esta hypothese todos os visos de verdade, se a relação de Francisco de Hollanda não cortasse todas as incertezas; apresentamol-a simplesmente para indicar os processos que seguimos no nosso trabalho de inducção.

Durante a permanencia de Sá de Miranda em Italia, decorreram os grandes successos da Reforma; como catholico profundo, e relacionado com a aristocracia italiana, é provavel que lhe não fosse favoravel ao principio; mais tarde encontramos o espirito d'esse grande movimento da renascença catholica a transparecer nas suas obras. No anno de 1526 a causa prégada por Luthero caminhava para o triumpho definitivo; na Dieta de Spira era proclamada a liberdade de consciencia, contra o dogmatismo romano. Não bastariam estes factos para determinar a vinda de Sá de Miranda para Portugal, se não conhecessemos um documento casualmente conservado, que prova a sua estada em Coimbra em 1527, e que analysaremos no seguinte capitulo. Disse Dom Gonçalo Coutinho, que quando o poeta regressou ao reino, já havia alguns annos que D. João III reinava;

(1) Tiraboschi, Op, cit. p. 1335. § 76.

ora tendo sido acclamado em 1522, a phrase *alguns annos* comprehende pelo menos tres ou quatro, que vem a confirmar mais outra vez a data de 1526.

Tendo naturalmente deixado a patria em tempo que a nobreza estava dividida, tomando parte nos odios entre Dom Manoel e seu filho D. João III, por causa do terceiro casamento do monarcha, não regressou Sá de Miranda em tempo mais feliz, porque logo no principio do reinado de Dom João III se deu um facto desastroso, que não pouco contribuiu para desgostos futuros. Antes de morrer, deixara el-rei D. Manoel no seu testamente encarregado a seu sucessor, que tratasse do casamento do principe Dom Fernando com Dona Guiomar, filha do conde de Marialva, o mais rico fidalgo de Portugal; ao começar o cumprimento da ultima vontade do monarcha, apresentou-se a Dom João III o velho Conde de Marialva pedindo licença para se bater com o Marquez de Torres Novas, porque se declarava casado clandestinamente com sua filha, cujo casamento com o principe contractara com el-rei Dom Manoel. Foi grande o escandalo que d'aqui resultou; debateram-se allegações dos mais afamados canonistas, agitaram-se as Decretaes, renovaram-se impedimentos, mas o Marquez de Torres Novas insistia na sua declaração. Durou annos a pendencia, que occupou os primeiros tempos do reinado de D. João III; a nobreza dividia-se nas opiniões, e era difficil pisar terreno neutral sem incorrer em grandes odios. Sá de Miranda voltava para Portugal no meio d'esta tormentosa crise palaciana. Conhe-

cemol-o como amigo d'el-rei D. João III, pelas poesias que lhe dedicou; era tambem affeiçoado ao Infante Dom Luiz, bem como ao principe Dom João, que morreu de amores. É facil de prevêr qual o partido que havia de abraçar, se é que o sentimento da justiça o não fez primeiro propender para o lado aonde estava a verdade.

CAPITULO III

(1526-1531)

As pestes da edade media. — Sá de Miranda em Coimbra. — Fuga da côrte portugueza para Coimbra. — A *Oração* de Francisco de Sá. — *Comedia da Divisa de Coimbra* por Gil Vicente. — Sá de Miranda conhece o grande apreço em que eram tidas na corte as composições dramaticas. — A *Carta* a Pero de Carvalho, contra os que diziam mal de Coimbra. — A peste de 1531; o successo do Marquez de Torres Novas continúa. — Sá de Miranda é contra o partido do Marquez de Torres Novas. — A *Canção a Nossa Senhora.*

No seculo XVI a realeza da Europa depois de fixarse, apossou-se da vertigem da soberania; os thronos estavam occupados por doudos, bobos de purpura, cujas facecias caprichosas produziram rios de sangue e a desunião da grande raça latina. Carlos V no throno da Allemanha e de Hespanha, Francisco I em França, o papa Leão X em Roma, Henrique VIII em Inglaterra, e Dom Manoel em Portugal, compunham o grande dithyrambo da insensatez poderosa sacrificando a dignidade humana e a justiça aos desvarios da auctoridade. Depois das grandes pestes da edade media, caía sobre os povos da Europa esta nova calamidade. Quando Sá de Miranda voltou para Portugal, já estava no throno el-rei Dom João III, mais fanatico do que seu pae, trabalhando para introduzir no seu reino o tribunal tremendo da Inquisição, que enlutou para sempre a alma portugueza.

Apenas a voz atrevida mas sincera de Gil Vicente denunciava os tramas ardilosos; quem fazia caso da philosophia de um farçante dos serões do paço? Os frades iam cada dia absorvendo e dominando a consciencia do monarcha. Quando Sá de Miranda entrou de novo em Portugal achou grandes symptomas de decadencia; a nobreza perdera o cavalheirismo e atirava-se á mercancia para obter dinheiro; Jorge Ferreira de Vasconcellos verbera este estado moral na comedia *Ulyssipo*. Sá de Miranda aturdido com a dissolução dos costumes que vira na Italia, assustado com a ambição monastica e com o mercantilismo da côrte, retirou-se para Coimbra logo depois de 1526.

A côrte portugueza costumava passar o inverno em Almeirim; no anno de 1527 manifestou-se a peste em Lisboa e Alemtejo. Dom João III retirou-se com sua mulher a rainha Dona Catherina para Coimbra n'esse mesmo anno, mais a corte que o acompanhava. Em 1527 podemos asseverar que Sá de Miranda já se encontrava em Coimbra; a prova d'este facto não tem sido bem comprehendida. Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, fala de um certo Francisco de Sá que recitou uma *Oração na entrada de el-rei Dom João III e a Rainha D. Catherina na cidade de Coimbra*, e diz d'este auctor que a sua patria é tão incognita como conhecida a sua erudição poetica e oratoria.

Este citado Francisco de Sá é o proprio Sá de Miranda, conhecido geralmente no seculo XVI pelos seus dois primeiros nomes, como se vê pela assignatura das

duas glosas que vêm no *Cancioneiro* de Resende: «*Do Doutor Francisco de Sá, grosando esta cantiga de Jorge Manrique.* (1) Mais do que uma vez se encontra esta mesma rubrica; o que evidenceia a paridade entre os dois nomes. Barbosa Machado, querendo augmentar o numero dos escriptores portuguezes, fez de Francisco de Sá uma outra entidade; aí accrescenta que o manuscripto da *Oração* se guardava na livraria dos Marquezes de Abrantes, o que ajuda a comprovar a nossa asserção, por ser a varonia d'esta casa Sá, e descenderem do poeta pelos Mens de Sá. Esta *Oração* julgava-se perdida; mas foi encontrada no Museu Britanico pelo snr. Figaniere. (2)

Eis o importantissimo e ignorado monumento, que aqui pela primeira vez se publica:

ORAÇÃO AOS REIS DOM JOÃO O III E RAYNHA DONA CATHERINA NA CIDADE DE COIMBRA, QUE FEZ FRANCISCO DE SAA, NO ANNO DE 1527

«Muytas vezes nos mostrou nosso Senhor manifestamente, que tinha cuydado e lembrança particular d'estes Vossos Reynos de que parece que nos tinha dado, como em arrefem as Vossas armas reaes: que certo

(1) *Canc. geral*, fol. 109.

(2) No *Catalogo dos Manuscriptos portuguezes do Museu Britanico:* Ms. Add. no t. I do n.º 15118, fol. 1; «Oração aos Reis D. João III, e Raynha D. Catharina, na cidade de Coimbra; que fez Francisco de Saa, no anno de 1527.» Figaniére, p. 289.

não são Aguias, nem Leões nem Onças, mas são Sinco Chagas de Jesu Christo, Verdadeyro Deos, e Verdadeyro homem, são a sua Santa Cruz, são aquelles trinta dinheyros porque elle quiz ser apressado e vendido: são finalmente as principaes memorias de sua sacratissima Payxão pello qual por vezes que estes Reynos estiveraõ para se perder por guerras, ou para se mesturar com outros Reynos comarcaõs per casamentos, sempre vimos que Deos ahy metteo sua mão e se quiz lembrar dos Portuguezes, como de gente que traz sobre sy e debaixo de sua bandeira: isto que digo se vio muytas vezes nos tempos passados e quem alguma hora, e ainda nas obras de Deos, he couza certa e clara.

Mas quem poderia Senhor ser em Vossos feitos tam descuydado e tam dormente que não visse que nos fostes dado pella mão de Deos que o Vosso saber e a vossa mansidão a vossa temperança e o vosso Regimento tudo n'esta vossa idade por milagres os tenho eu, que não vos hey senhor por tam grande que tenhaes tanta parte na Europa, e tanta na Africa e tanta na Asia; nem por terdes tantos Reyes vossos subditos e tributarios nem porque as vossas naos tenhaõ dado volta inteyra quasi a toda a terra e navegado quasi todo o mar nem porque tenhaes descuberto os Antipodas, cousa que aos mais dos antigos pareceo patranha ouciosa e vistella vos senhor fazer tamanha verdade nem porque ensinaes aos Vossos Pillotos a navegar sem norte e nos

descobrisses não tam somente mares e homens novos mas Ceo novo a nós e estrellas novas.

Espantemse disto os Estrangeyros e aquelles que não sabem quantas mores couzas temos descubertas em vós que vós no Mundo, e a vossa grandeza Senhor e o vosso espanto, dentro em vos estã e vossa propria he.

Por muy difficil cousa houveraõ todos os que escriveraõ que se pudesse achar hum Rey aque devessem obedecer as terras e os mares e per cujo parecer se houvessem de fazer as guerras e assentar as condições das pazes, e a quem se ouvesse neste mundo de entregar poder enteyro sobre os homens igual quasi ao de Deos, os homens pera quem elle tudo creara e por quem despois tudo fez.

Isto que assim (como já disse) pareceo deficultozo a quelles grandes sabedores e a experiencia dos tempos longos nol o faz parecer ainda despois muyto mais athe que Vos Senhor fostes dado por Deos que assim o torne a dicer e vos mostrastes em Vos, o que outros sempre dezejaraõ e outros Reynos dezejaõ ainda agora, que despois que fostes posto nesta altura donde podeis ver bem quaõ longe vosso poder se extende, jamais olhastes salvo athe onde se elle devia extender, quanto mais vistes que poderieis tudo o que dezejasseis tanto menos dezejastes, quanto mais vos vistes posto sobre os homens tanto mais vos lembrastes sempre que toda via

ereis homem, as leys que vos podieis fazer como mais vos aprouvesse destes por vossa vontade inteyro poder sobre vos.

Aos Senhores vossos Irmaõs, a que toda via era grande louvor ser bom irmaõ quisestes vos ser sempre, não menos que bom pay.

Donde Senhor vos veyo que os mores Princeps do mundo, com os quaes tinheis tam estreytas obrigações de sangue, todos as quiserão acrescentar comvosco de novo per casamentos, taes que não tam somente a vossos reynos daõ certa confiança de repouzo, mas a toda a Christandade a socegasses os corações dezasocegados de tanto tempo.

Donde Senhor vos veyo darvos Deos tal molher (se molher se pode chamar) que assim vos ama e aquem vos assim amais e que assim merece ser amada tamanha parte da Bemaventurança deste mundo esperança tam certa para o outro.

Donde Senhor vos veys que este vosso Povo tirasse todo o amor de sy mesmo e de seus proprios filhos e casas e fazendas e ainda das proprias vidas e o assentasse todos em vos.

E assim como vos Senhor quisestes seguir com elle aquelle exemplo novo da natureza das abelhas; assim

o quer todo elle seguir comvosco que todo anda apoz vos como vedes vivendo de vossa vista, e os que vos naõ podem seguir com os corpos seguem vos com as vontades.

Dondc finalmente veyo que esta muy antigua e muy nobre sempre leal cidade de Coimbra nunca he alegre verdadeyramente sinão com vossas alegrias.»

DIXI. (1)

Sobre as grandes causas de decadencia que actuaram sobre Portugal durante o seculo XVI, as frequentes pestes que nos invadiam quasi periodicamente ajudaram á ruina d'este pobre povo. No *Regimento a bem da saude publica,* dado por D. João III, a 27 de Septembro de 1526, se fala do decrescimento da peste. (2) Da peste de 1526 fala o *Livro das Vereações de Coimbra;* (3) da peste dos annos de 1527, 1528 e 1529 devastando Lisboa e Santarem fala o celebre Amato Lusitano; (4) a sua grandeza conhece-se pela fuga do monarcha pa-

(1) Pela obsequiosa intervenção do meu patricio e amigo Capitão Jacintho Ignacio de Brito Rebello, obtivemos do Museu Britanico copia d'este importantissimo e desconhecido documento. Aqui lhe prestamos um publico testemunho da nossa gratidão, apresentando-o como crédor de reconhecimento dos que prezam a boa litteratura.

(2) *Collecç. do Regim.* p. 53.

(3) *Fol.* 17 e 22

(4) *Curationum Medicinalium,* p. 719; apud Vieira de Meirelles, *Epidemologia portugueza,* p. 238.

ra Coimbra; a esse tempo aí se encontrava Sá de Miranda, por ventura occupando o logar principal na vereação da cidade, por isso que a elle coube o fazer o discurso da recepção. Se estas provas não bastam, nas proprias obras do poeta encontramos allusões á peste de 1527, quando a côrte fugiu acompanhando o rei de Almeirim para Coimbra.

A nobreza queixava-se da tristeza da vida em Coimbra, aonde ainda então não havia a Universidade, e suspirava com saudade pelas caçadas na villa de Almeirim. Na Carta v, a Pero de Carvalho, Sá de Miranda verbera esses fidalgos ingratos:

No logar onde me vistes
D'agua e de montes cercado
E d'outros males que ouvistes,
Tenho mais dias contados
De ledos, que não de tristes.

Isto que ora ouvis de mi
Não ouvireis lá de alguem,
Buscae, perguntae sem fim
No *desejado Almeirim*
No farto de *Santarem.*

Que guerra que lhe fizestes
A' terra que me criou.
De que tanto á lingua déstes
Porque? *que vos acoutou*
Da peste com que hi viestes.

Fostes mal agasalhados?
Certo, não que té as fazendas
Vos davam parvos honrados.

Pois porque? porque os privados
Tinheis longe vossas rendas?
....
O que eu *por parcialidade,*
Nem outro respeito digo:
Da antigua e nobre Cidade
Sou natural, sou amigo
Sou porem màis da verdade. (p. 66. Ed. 1804.)

Por esta Carta de Sá de Miranda se conhece a maledicencia da fidalguia contra a cidade de Coimbra. Do parasitismo dos fidalgos tambem fala Gil Vicente na farça dos *Almocreves,* representada em Coimbra. Sá de Miranda, fala não movido pelo amor da sua patria, mas pelo sentimento de justiça contra os cortezãos ingratos, e para os envergonhar, diz que a ennobrece o tumulo de Dom Affonso Henriques, lembra-lhe a sublime lenda da fidelidade de Martim de Freitas, e assim mostra a villeza da vida palaciana na desejada *Almeirim,* ou na *farta* Santarem.

Gil Vicente morava em Santarem, e vinha a Coimbra representar as suas farças para distrahir a côrte, como se deduz da petição contra os Almocreves castelhanos, que no seu regresso para casa, lhe levaram tudo quanto ganhava.

O unico passatempo da côrte eram as diversões scenicas; n'esse anno representou Gil Vicente seis farças. El-rei Dom João III, o Infante Dom Luiz, o infante Dom Henrique e o principe Dom João gostavam d'esse passatempo, como temos provado.

Como na peste de Florença alguns curiosos procuravam distraír-se do contagio ouvindo os engraçados contos dos jardins de Pampinea, D. João III fez-se acompanhar do seu poeta Gil Vicente, que no anno de 1526 e 27 representou diante d'elle a *Farça dos Almocreves*, a *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra*, e a *Tragicomedia pastoril da Serra da Estrella*. Na farça parece que Gil Vicente allude a Sá de Miranda, o qual já n'este tempo tinha viajado por Veneza, Roma, Milão, Sicilia e Hespanha, como diz na Carta VI, a D. Fernando de Menezes. Diz Gil Vicente:

> Qu'em Frandes e Alemanha,
> Em toda França e Veneza,
> Que vivem por siso e manha,
> Por não viver em tristeza,
> Não he como n'esta terra;
> Porque o filho do lavrador
> Casa lá com lavradora,
> . . . .
> E os fidalgos de casta
> Servem os reis e altos senhores.
> De tudo sem presumpção,
> Tão chãos, que pouco lhes basta (1)

Porventura Gil Vicente estaria fazendo o elogio do poeta, que procurava evitar as grandezas da côrte, contentando-se com servir o rei, sem querer compartilhar as grandezas e honras de seu irmão Mem de Sá, que veiu a ser governador geral do Brazil. O quadro que Gil Vicente descreve *da vida de siso e manha*, que

(1) *Obras* de Gil Vicente, t. III, p. 220.

se levava em Veneza e França para não viverem em tristeza, está em completo accordo com o que diz Sá de Miranda na citada Carta:

> Vi Roma, vi Veneza e vi Milão
> ....
> Onde a vida em prazer desapparece.
> Quem se ali chega aos lanços, desatina,
> A primeira aventura, é a do siso,
> Que logo perde; tudo á banda inclina,
> Ali o saber, ali o brando aviso,
> As boas partes, todas quantas são
> Nobreza e parecer é tudo riso.

Vendo a estimação que se dava na côrte aos divertimentos dramaticos, seria talvez d'aqui que Sá de Miranda teve a primeira ideia de seguir a renascença italiana na renovação do theatro. Jorge Ferreira de Vasconcellos, que tambem frequentava a côrte, já n'este anno tentara a sua comedia *Eufrosina* em prosa; porém, conhecedor dos exemplares do theatro latino, inclinou-se mais para o genio hespanhol representado surprehendentemente na *Celestina* de Rojas, que imitava. Embora viesse a escrever muitos annos depois de 1527, é certo que Sá de Miranda, admirador de Plauto e de Terencio, não gostava da comedia no verso de redondilha, como francamente declara no Prologo da comedia dos *Estrangeiros*. (1)

Na *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra*, representada por Gil Vicente em 1527, em Coimbra

(1) *Historia do Theatro portuguez*, liv. III, cap. 3.

diante de D. João III, refere-se elle, quando ennumera as principaes familias da Beira, os Castros, Silvas, Silveiras, Sousas, Pereiras, Mellos, tambem aos *Menezes:*

os *Menezes*
Que foram e são mui claros varões:
Na guerra são d'aço os seus corações
E em tudo se mostram frol dos Portuguezes. (1)

Sá de Miranda era descendente dos *Menezes* por parte de sua mãe D. Philippa de Sá, neta de João Rodrigues de Sá de Menezes, de quem diz Sá de Miranda na Carta IV:

Dos *nossos Sás* Coloneses
Gram tronco, nobre columna.
Grosso ramo dos Menezes,
Em sangue e bens de fortuna,
Que é tudo entre os portuguezes

As letras que não achastes
Vós as metestes na terra,
A' nobreza as ajuntastes
Com que d'antes tinham guerra.

A este mesmo João Rodrigues de Sá de Menezes diz Antonio Ferreira, na Carta VI, do livro I:

Antigo pae das Musas d'esta terra,
Illustre geração forte e prudente,
Igual sempre na paz, sempre na guerra.
Viste-te já lembrar da tua gente
Viste-te dos extranhos invejado
E vis-te ora *viver tão longamente.* (2)

(1) *Gil Vicente.* Obras, t. II, p. 136.
(2) Ferreira, *Poemas Lusitanos,* t. II, p. 20.

Gil Vicente remata a Comedia pelo elogio dos *Menezes,* como por um golpe dramatico, talvez por estar presente Sá de Miranda.

Pelo seu lado, o poeta moralista condemnava a liberdade com que Gil Vicente tirava das sagradas letras o elemento de todos os seus Autos hieraticos. O grande movimento da Reforma manifestava-se na Europa pela necessidade de traduzir os livros santos em lingua vulgar, e sobretudo pelas interpretações livres e francas a que o genio critico as submettia. Em Gil Vicente encontravam-se as ideias fundamentaes da polemica religiosa na Reforma, as indulgencias, o sufragio do Purgatorio, o uso da lingua vulgar nas cousas divinas. De que outro modo se poderá entender estes versos de Sá de Miranda:

O que se não deve ousar
A lêr, se em giolhos não,
(Que graças para chorar)
Torcem fazendo falar
Ao som de sua paixão.

Esquecidos do conselho,
Podera dizer mandado,
Sendo-o, porque foi vedado
No santissimo Evangelho
Aos cães não dês o sagrado. (p. 208, ed. 1677.)

Logo no principio do reinado de Dom João III succedera a queixa do Conde de Marialva contra o Marquez de Torres Novas, que declarava que estava casado clandestinamente com sua filha D. Guiomar, despo-

sada do principe D. Fernando. Dera-se o caso pelo anno de 1522; decorreram nove annos, até que pelas decisões dos canonistas e pela constante negação de D. Guiomar, se decidiu o casamento do principe com ella em 1531.

Sá de Miranda estava inteirado do successo, e é de suppôr que alludisse nos seus versos a esta intriga palaciana.

Dom Gonçalo Coutinho, falando das suas poesias diz, que versam «a maior parte d'ellas sobre casos particulares que succederam na côrte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas d'aquelles que então viviam de que ainda temos algumas tradições e vestigios derivados a nós dos contemporaneos que o venceram em dias, e se houvera algum que fizera uma annotação d'isto, por ventura que fora bem agradavel historia...» Sendo os versos de Sá de Miranda cheios de allegorias aos acontecimentos do seu tempo, como lhe escaparia este escandalo, que se terminou em uma sombria catastrophe? Dom Gonçalo Coutinho fala de uma Ecloga de Sá de Miranda, que lhe provocou as iras de uma pessoa muito poderosa, por causa da interpretação que se lhe ligava; e que não querendo explicar-se melhor, o poeta resolvera abandonar a côrte. Á Ecloga que aponta dá-lhe o nome de *Aleixo;* mas como adiante mostraremos é na Ecloga *Andrés,* que se encontram claras allusões ao casamento do principe Dom Fernando.

Aqui se pode collocar logicamente a perseguição de Sá de Miranda, de outra forma incomprehensivel, que

se relata na *Canção a nossa Senhora,* aonde o poeta fala da sua prisão rigorosa:

> Virgem, nossa esperança, um alto poço
> De vivas aguas que continuo corre,
> Em que se matam para sempre as sedes,
> Não de Nembrot, mas de David a torre,
> D'onde soccorro espero *a meu destroço*
> *Assi tão perseguido como vedes*
> *De ferros carregado,*
> *Um coração coitado*
> *Chama por vós envolto em bastas redes*
> *Umas sobre outras, porém signaes tenho*
> De ser do vosso bando,
> Que a vós bradando por piedado venho. (p. 9. Ed. 1804.)

Esta Canção é imitada de Petrarcha, e por isso descobre-nos que só teria sido escripta depois do regresso de Italia. Se a primeira colleção dos versos de Sá de Miranda não fosse authentica, julgariamos esta Canção apocrypha, e talvez escripta pelo seu amigo Antonio Pereira Marramaque, Senhor de Basto, auctor de um livro contra os padres e de outro sobre a leitura da Biblia em vulgar, livros que sómente andaram manuscriptos, que mais tarde vieram a entrar no *Index* de 1624, e que foram causa da sua prisão nos carceres do Santo Officio. Na Ecloga *Andrés,* vê-se que Sá de Miranda se refere ao projectado casamento do Duque de Aveiro. N'esta Ecloga approxima o poeta a dissolução dos costumes da Italia com os da côrte portugueza.

Junto del *turbio* Tibre, que rebaños
Ay de Zagalas, mas que biven sueltas,
Que biven de doblezas e de engaños,
Palabras dulces en pençoña envueltas,
Con que a los moços, con que a viejos amos
Hazen que ciegos van dando mil bueltas (p. 65. Ed. 1677.)

Logo na sexta outava da Ecloga *Andrés,* parece que Sá de Miranda retrata o Infante Dom Fernando, que pela descripção de Damião de Goes se sabe que era muito dado ás letras e ao desenho. Approximando estas duas passagens se conhecerá melhor a intenção do poeta:

Pudierades passar la juventude
Como otros grandes Principes, andando
A passatiempos, y a la multitud
De sus plazeres, onde, como y quando;
Hizesseos más ermosa la virtud,
Ansi qual ella vá de flaco blando
Tan presto conocistes los affeytos
Y el falso resplendor de los deleytos. (Pag. 53.)

D'este mesmo principe diz Damião de Goes, na *Chronica de D. Manoel:* « assi na mocidade, como depois de ser homem feito, foi de bom parecer e bem disposto, muito inclinado ás letras e dado ao estudo das Historias verdadeiras e inimigo das fabulosas, e por haver as verdadeiras trabalhava muito, de que eu sou testimunha, porque estando em Flandres, em serviço d'el-rei Dom João III, seu irmão me mandou pedir todalas as chronicas que se podessem achar escriptas de mão, ou imprimidas, em qualquer linguagem que fosse, as quaes

lhe mandei todas. E por tirar a limpo as Chronicas dos Reis de Hespanha desde o tempo de Noé até o seu, despendeu muito com homens doutos, a que dava ordenados e tenças e fazia outras mercês; e me mandou um debucho da arvore e tronco de esta progenie, desde o tempo de Noé, até o d'el-rei Dom Manoel seu pae, pera lhe mandar fazer de illuminura, pelo mór homem d'aquella arte que havia em toda a Europa, per nome Simão, morador em Bruges, no Condado de Flandres. Na qual arvore e outras cousas de illuminura, dispendi por sua conta gram soma de dinheiro.» (1)

O casamento do Infante D. Fernando com D. Guiomar, em 1531, dava causa a funebres presentimentos. Na Ecloga *Andrés* muitos d'esses presentimentos coincidem com os successos futuros; tudo leva a justificar a persiguição de Sá de Miranda, e o motivo porque abandonou a côrte, apontado por Dom Gonçalo Coutinho. O biographo anonymo não quiz determinar o facto com certeza, para se não malquistar com odios ainda accesos; as muitas allusões das Obras de Sá de Miranda deram tambem causa a que todas as edições que se seguiram á primeira fossem deturpadas ou para melhor dizer mutiladas, tornando assim concepções verdadeiramente bellas versos mediocres.

(1) *Chronica*, Part. II, cap. 19.—No *Catalogo dos Manuscriptos portuguezes do Museu Britanico*, de Frederico Francisco la Figanière, dá-se como existente ali esta illuminura, comprada, em 1848 em Lisboa, por dez libras. Em 1538, Francisco de Hollanda citava tambem o nome de Simão como um dos mais celebres illuminadores da Europa. Vid. Raczynski, *Les Arts en Portugal*, pag. 55.

CAPITULO IV

(1531-1534)

Intrigas da côrte de D. João III. — A ecloga *Andres*, o Marquez de Torres Novas e o Infante D. Fernando. — Sá de Miranda desgosta-se da côrte. — Continúa a lucta da eschola italiana. — A *Carta* de Manuel Machado d'Azevedo, allude aos Carvalhos e Carneiros, como inimigos do poeta.

Na *Vida* de Sá de Miranda, que vem na edição de 1614, dá-se como causa da sua saída da côrte o odio de «*hua pessoa muito poderosa d'aquella era, em despràzer de quem se interpretava mal polla mesma inveja hum logar da sua Egloga de* Aleyxo, (Andrés) *o que sentindo elle, nem querendo declarar-se milhor, nem esperar á vista os effeitos da ira declarda.... recolheu-se a uma quinta....chamada a Tapada, deixando o mimo da Côrte, etc.*»

A Ecloga que parece ser causa da rètirada da côrte, que mais combina com a intriga palaciana, é a de *Andrés*, na qual se encontra toda a historia do casamento do Infante Dom Fernando, irmão de Dom João III, com Dona Guiomar, conhecida na Ecloga, pelo nome de Pascuala. Sem grande hypothese, pode-se assignalar esta como a causa verdadeira do ostracismo de Sá de Miranda. Vejamos os factos apontados na *Historia Genealogica*, e depois se comprehenderão facilmente as allusões. O casamento de Dona Guiomar com o Infante D. Fernando foi contractado por el-rei Dom Manoel com o conde de Marialva, como se declara no codicillo

do monarcha feito em 1521, recommendando ao principe Dom João a execução d'este tratado; não se demorou Dom João III, que logo no anno de 1522, foram feitas as capitulações em casa do Conde de Marialva, por Damião Dias. (1)

Aqui extractamos as palavras do illustre genealogista, porque lançam uma grande luz n'este trama palaciano: «Estando tratado e ajustado o casamento do Infante, se oppoz Dom João de Lencastre, Marquez de Torres Novas, pedindo a Condessa D. Guiomar por mulher, com quem publicava estar clandestinamente casado. Queixou-se o Conde de Marialva a El-rei D. João III, dizendo que el-rei D. Manoel seu pae, deixara em o seu testamento concertado o Infante para casar com sua filha, e com comminação, que se o Conde se arrependesse não vindo no casamento, lhe não confirmasse el-rei a mercê que lhe tinha feito, para succeder em toda a sua casa sua filha; porque quando el-rei lhe fizera a dita mercê, fôra n'aquella consideração, como se via do seu Testamento e Codicillo, que tinha em um livro o Secretario Pedro de Alcaçova, em virtude do que tinha sua alteza contratado com elle Conde estas vodas, a que ajuntou outras rasões mui vivas. El-rei vendo diante de si injuriado um velho tão authorisado, a quem os annos faziam venerando, e os merecimentos augmentavam o respeito, consultou os mais graves Letrados do Reyno, de que se seguiu mandar prender no Castello de Lisboa ao Marquez de Tor-

(1) Sousa, *Provas*, t. III, p. 407. *

res Novas, e a seu pae o Mestre de Santhiago mandou saír da Côrte. Durou quasi nove annos a causa, e elrei mandou por theologos e canonistas fazer novas perguntas; e como a Condessa persistisse constante contra o Marquez, foi contra elle sentenciada e se effeituaram as bodas com o Infante, a quem sobreviveu pouco tempo, porque veiu a morrer a Infanta Dona Guiomar Coutinho, em uma quarta feira 9 de Dezembro de 1534.»

Na outava 40 da ecloga *Andres,* refere-se Sá de Miranda a um sonho, por onde o pastor veiu ao conhecimento da perfidia de Pascuala:

> Fuese verdad, o fuese *sueño,* Andrés
> Vio claro....

Frei Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos* (1) conta, que achando-se o Infante na «Villa de Asinhaga e levantando-se uma manhã, referiu aos Fidalgos que o vestiam, que *sonhára* aquella noite que vira sahir de sua casa em Abrantes tres tumbas juntas e cobertas de negro.» No dia seguinte, em Outubro de 1534, veiu-lhe recado da morte de sua filha Dona Luiza; elle falleceu em Novembro, e sua mulher em Dezembro, d'esse mesmo anno. Na outava 54, diz Sá de Miranda:

> Nascio d'este gran mal, grande provecho,
> Que Pascuala nombrar oyendo, y Andrés,
> Bolviendo en mi alceme, y cõ despecho
> Y maravilla dixe, esto como es,
> *Si sueño vanamente, ò si suspecho?*

(1) Part. II, lib. 6, c. 3; citado em Sousa, p. 484, t. III.

Na outava 10 ha uma allusão a envenenamento; e tambem fala de trez victimas:

> Pascuala, cruel sierpe, no offendida
> (A lo menos de mi) *toda inflamada*
> *De su veneno*, dá de arremettida
> *El cuello,* (1) *el pecho,* (2) e *la cabeça alçada,* (3)
> Silvando la su lengua *en tres*-partidas
> Como llama de fuego apressurada,
> Que es esto? que te he hecho? ah que me quieres?
> Cruel, la mas cruel de las mujeres?

Portanto póde assignar-se a saída do poeta da côrte, pelos annos de 1534, se é que esta hypothese ou interpretação da Ecloga se tornar admissivel. Em outro logar das obras do poeta vem confirmada esta mesma data, declarando positivamente o seu ostracismo. É natural que a ecloga *Andrés* fosse escripta depois de 1531, e que só começasse a ser comprehendida em 1534, por causa das opiniões que se formavam sobre esta catastrophe.

Falando da morte de Dona Guiomar e do Infante Dom Fernando, diz Frei Luiz de Sousa, nos *Annaes de Dom João III;* «Deram estas mortes assi repentinas *grande occasião a discursos*, querendo cada cabeça julgar por ellas a rasão do casamento, por vêrem dentro de cinco annos não só mallograda, mas perdida e apagada a illustrissima casa de Marialva, subida tão alto

(1) Ella propria.
(2) A filha.
(3) O Infante seu marido.

para sentir mais a queda.» Estas palavras de Frei Luiz de Sousa, confirmam a hypothese apresentada.

Sá de Miranda soffreu os tiros da inveja, que chamava a attenção para a sua Ecloga. O facto da prisão, cantado na *Canção a nossa Senhora*, confirma-se com os versos d'aquella quintilha:

> Devo muito á minha amada
> E só *rica liberdade,*
> *Que tive aos dados jogada*, etc.

Admittindo ter sido este o successo que mais contribuiu para o abandono da côrte para viver descançado na provincia, resta determinar o tempo em que isto aconteceu.

Na Elegia á morte do Principe Dom João, allude Sá de Miranda ao tempo em que ouviu falar d'aquelle *malvado Inglez*, como a epoca em que se resolveu a ir habitar á sombra das florestas de Entre Douro e Minho. *O malvado inglez* é Henrique VIII, e o sucesso, a sua separação da Egreja catholica, no anno de 1533, quando o papa não quiz acceitar o repudio de Catharina de Aragão, para se casar com Anna Bolena:

> Oh mundo tudo vento e tudo enganos,
> Qué de aquelles triumphos, qué das festas,
> Que haviam de tornar cedo em mais d'annos?
> Sabe quem tudo vê, que logo eu d'estas
> Outras que se seguiram me temi,
> *Andando pelas sombras das florestas*
> *E pelos bosques onde me escondi.*
> *Ha tanto já*, guiado da influencia
> *Quando d'aquelle Inglez malvado ouvi.* (p. 274. Ed. 1677.)

Diz Sá de Miranda, que quando soube das festas do casamento do principe Dom João, logo *se temeu*, porque lhe lembrou a desgraça do principe Dom Fernando, dez annos antes. *Havia já* dez annos, que estava separado da côrte, desde que ouviu falar d'aquelle *malvado Inglez*. O principe Dom João morreu em 1554, e é n'este tempo que se deve crêr ter Sá de Miranda escripto a sua Elegia. Citando o *malvado Inglez*, morto já em 1547, refere-se ao tempo em que elle se declarou protector e chefe supremo da Egreja de Inglaterra, casando com Anna Bolenna, e sucessivamente com Anna Seymour, Anna de Cleves, Catherina Howard, e Catherina Parr. A phrase em que diz ter-se escondido nos bosques, *á sombra das florestas,* coincíde com o que conta o seu biographo, dizendo que se recolhera para a Quinta da Tapada, junto á Ponte de Lima. El-rei Dom João III, que sempre o estimara, sabendo da sua vontade de recolher-se á vida privada, deu-lhe uma Commenda do Mestrado de Christo, chamada Das Duas Igrejas, com o rendimento da qual vivia. No *Livro de toda a Fazenda dos Reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes,* feito por Luiz de Figueiredo Falcão no anno de 1607, vem o rendimento da Commenda das Duas Egrejas, que pouco mais era do que duzentos mil reis; mas este valor augmenta sobre modo, se nos lembrarmos de que em 1533, tempo depois do qual Sá de Miranda se retirou para a provincia, se vendia

o trigo a trinta reis o alqueire, e o milho a vinte cinco reis. (1) Só depois do seu casamento na Casa dos Machados, é que Sá de Miranda viveu na Quinta da Tapada.

Sá de Miranda abandonou o bolicio da côrte para viver em descanço na sua afastada Commenda; a côrte portugueza estava combatida das mais loucas ambições. El-rei Dom João III, ciumento contra sua madrasta a rainha Dona Leonor, mulher de Francisco I, não a deixava abraçar sua filha a infanta Dona Maria; cunhado do ardiloso Carlos V, eram infindos os incitamentos dos que falavam com o monarcha para o decidir ora para o partido de Francisco I, ora para o do Imperador da Allemanha; o cléro andava desaforado negociando em Roma as bullas para o estabelecimento da Inquisição em Portugal, desvairado pelo cheiro das grandes riquezas dos christãos novos, e pela proclamação da liberdade de consciencia, do livre exame, e da litteratura antiga, suscitados pela Rensacença e pela Reforma. A nobreza perdera o seu antigo e santo desinteresse, e á maneira dos potentados de Italia, queria mais ouro, mais pompa exterior. Nicolau Clenardo descreve-nos a vida intima da nossa fidalguia no seculo XVI, que se reproduzia no typo de Dom Gil Cogominho, da comedia de D. Francisco Manoel de Mello. Em Sá de Miranda acha-se ver-

(1) *Annaes de D. João* III, por Frei Luiz de Sousa, p. 279, onde cita uma carta de 21 de Septembro de 1533, que revela estes factos.

berado este ultimo elemento de decadencia nacional, e posta em relevo a ambição clerical:

Geralmente é presumptuosa
Hespanha, e d'isso se présa,
Gente ousada e bellicosa,
Culpam-na de cubiçosa,
Tudo sabe vossa Alteza.

Mas eu vejo cá na Aldea,
Nos enterros abastados,
Muito padre que passea,
Emfim ventre e bolsa chea,
Absoltos de seus peccados. (Cart. I)

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não sôa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ao cheiro d'esta canella
O Reyno se despovôa.

E que algum que embique e caia,
(Longe vá o mau agouro,)
Falando por essa praia
Das riquezas de Cambaya,
Narsinga, das serras d'ouro.

Ao Reino cumpre em todo elle
Ter a quem o seu mal dôa,
Não passar tudo a Lisbôa,
Que é grande o peso, e com elle,
Mette o barco n'agua a prôa. (Cart. II)

He entrada pollos portos
No Reyno clara pessonha,
Sem que remedio se ponha;
Uns doentes, outros mortos,
Outro pelas ruas sonha.

Emquanto os chronistas officiaes pintavam a grandeza de Portugal no seculo XVI, Sá de Miranda era dos poucos que descubria a ruina debaixo do ouropel. Não attribuimos o seu desgosto da vida palaciana ao unico motivo indicado por Dom Gonçalo Coutinho, mas ao estado geral da nação, que o poeta viá de dia para dia tornar-se peór. No seu retiro da Quinta da Tapada, Sá de Miranda nos apparece verdadeiramente sympathico e admiravel.

Na Carta a Dom Fernando de Menezes, conta mui explicitamente o poeta os seus receios, e mostra como no meio de todas estas ambições e terrores se extinguiu a graça dos bons serões de Portugal, tam celebres na Europa, e aonde se trovara o grande numero de coplas do *Cancioneiro geral:*

> Verdade é, que tempos não dão graça
> Essa que dar soía no passado,
> Quer sair, não me deixa tanto á praça.
> Teme-se de um inimigo apoderado
> Da rasão *que só sonha India e Brazil*
> *Té que cada hum de lá torne dourado.*
> Lançou-nos a perder engenhos mil,
> E mil este interesse que mal haja,
> Que tudo o mais fez vil sendo elle vil.
> Os *Momos*, os *serões* de Portugal,
> Tão falados no mundo, onde sam idos?
> E as graças temperadas de seu sal?

Este divertimento dos *Momos*, tinha alguma cousa de scenico; foi bastante usado no fim do seculo XV e primeira metade do seculo XVI, pelo que vêmos em Carthagena, no *Doutrinal de Cavalleiros.* A sua extincção

na côrte portugueza foi devida á grande influencia que os frades exerciam no animo do monarcha:

«El juego que nuevamente *agora* se usa de los *momos,* aunque de dentro del esté onestat é maduretat é gravedad entera, pero escandalizase quien vê fijos dalgo de estado con visajes agenas. É creo que no lo usariam si supiesen de qual vocabulo latino desciende esta palabra *momo.*» (1)

Como vimos, Dom Gonçalo Coutinho attribue o momotivo do desgosto de Sá de Miranda á Ecloga *Aleixo;* de facto aí encontramos uma vez citado o nome de Guiomar, nos versos:

> No sé, pero mal me siento
> De quando esposó Guiomar;
> Que dixe aquel mi cantar
> Buelve aca pastor sin tento. (P. 178, ed. 1804)

Este nome era perigoso, no tempo do grande escandalo produzido pelo casamento clandestino de Dona Guiomar Coutinho. Porém na Carta de Manoel Machado de Azevedo a Sá de Miranda, vêmos indicios para suppôr outros motivos de perseguição; e aí cita os Carneiros, da Beira, talvez Pero de Alcaçova Carneiro, e os Carvalhos d'Entre Douro e Minho, como terriveis para vencer sem lucta de aulicos:

> Os *Carvalhos* e os *Carneiros*
> Da Beyra, Entre Douro e Minho,
> São muy bons qua no seu ninho,
> Aos fidalgos e escudeiros.

(1) Glosa al cap. 13, del lib. II, De Providencia, ediç. de 1510 Carthagena, *Doctrinal de cavalleros.*

A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento;
Mas lá com seu valimento,
Só vive quem os respeita. (Est. XIII e XIV)

A Carta escripta a Pero Carvalho, depois de 1527, em que censura os fidalgos que no tempo da peste se refugiaram em Coimbra, e depois de se utilisarem da fazenda dos habitantes, foram dizer mal da terra, não deixaria de intervir muito para esta indisposição, como o dá a entender Machado de Azevedo, referindo-se aos perigos dos *bons ditos*. Este Pero Carvalho é aquelle, que no tempo de D. Manoel ainda andava em pelote no paço, e do qual diz Damião de Goes, citando os fidalgos que foram admittidos a beijar a mão do monarcha, quando chegou a noticia de seu terceiro casamento em 1518: «depois d'estes senhores terem beijado a mão a el-rei, lh'a beijámos Pero Carvalho e eu, que andavamos em pelote no paço, porque n'este caso não se permittiu entrar em pelote mais que nós ambos.» (1) Por esta citação se vê, que Pero Carvalho era dos que aprovava o terceiro casamento de D. Manoel, contra o qual a nação e parte da nobreza falou; saindo Sá de Miranda de Portugal em tempo que reinavam entre a fidalguia estas inimisades, e sendo sempre amigo de el-rei Dom João III, é natural que a animosidade dos *Carvalhos* d'Entre Douro e Minho datasse desde esse tempo e fosse despertada na volta de Sá de Mi-

(1) Damião de Goes, *Chronica D. de Manoel*, cap. 36.

randa, quando depois de 1527, teve occasião de escrever a Carta satyrica.

O celebre conto de Boccacio do judeu, que antes de se converter ao christianismo quiz fazer uma viagem a Roma, e depois que viu a devassidão dos papas abraçou com mais fervor a religião nova, tirando para argumento da sua divindade, o sustentar-se ella com tão nefandos ministros, existe na tradição oral do nosso povo, e foi a norma d'este durante a Reforma. Sá de Miranda viajou na Italia de 1521 a 1526, no tempo em que andava mais exaltada a polemica religiosa; conservou-se inabalavel no catholicismo, e a isso deveu tambem a amisade de D. João III e dos princepes seus irmãos. A Reforma penetrou em Portugal no seu principio, como em Hespanha; era a reacção do senso commum contra as expoliações, contra a incredulidade papal. Para explicar essa reacção tremenda basta citar a fórmula com que Tetzel, legado do papa, vendia na Allemanha as Indulgencias: «Vinde e eu vos darei cartas munidas de sellos, pelas quaes até os proprios peccados que terieis inveja de commetter no futuro vos serão todos perdoados.—Eu não queria trocar os meus privilegios com os de S. Pedro, no céo; porque eu tenho salvado mais almas com as minhas indulgencias, do que o Apostolo com os seus discursos.—Não ha peccado tamanho que a Indulgencia não possa remittir; e mesmo se qualquer, o que é sem duvida impossivel, tivesse violado a Santa Virgem Maria, mãe de Deos, isso mesmo lhe seria perdoado.—O arrependimento

nem sequer é preciso.—Mas ainda ha mais; as indulgencias não salvam sómente os mortos.—Padre! nobre! mercador! mulher! donzella! mancebo! ouvi vossos paes e vossos amigos defunctos, que vos gritam do fundo do abysmo:=Estamos soffrendo um horrivel martyrio! uma pequena esmola nos salvaria! podeis dal-a e não o quereis!=No mesmo instante em que o vosso parco dinheiro soar no fundo do cofre-forte, a alma parte do purgatorio, e vôa logo livre para o céo.» (1) Enoja o levar mais longe o extracto d'estas abominandas palavras da curia romana. Antes de se erguer Luthero com toda a sua validez moral, já a rasão humana reclamava contra esta exploração da consciencia. El-rei Dom Manoel, apesar de seguir a intollerancia religiosa perseguindo e expulsando os judeos, mandou por embaixadores a Roma, Dom Rodrigo de Castro, alcaide mór da Covilhã, e Dom Henrique Coutinho, para admoestarem o papa, e pedirem-lhe, como obedientes filhos da Egreja catholica, que quizesse pôr ordem e modo na dissolução da vida, costumes e expedição de breves, bullas e outras cousas, que na côrte de Roma se tratavam, de que toda a christandade recebia escandalo.» (2) Fernando, o Catholico, tambem enviou para este fim os seus embaixadores, conforme tinha estabelecido com o nosso monarcha em Toledo. Depois d'este facto se explica melhor a liberdade com que Gil Vicente manifestava o espirito da *Reforma*, diante de D. Manoel.

(1) *Sechendorf*, apud. Morisson, *Hist. generale de la Reformation*, p. 79.
(2) Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel*, Part. I, cap. 5.

Em um Auto, representado em 1527, diante de D. João III, diz:

> Á feira, é feira, igrejas, mosteiros,
> Pastores de almas, papas adormidos;
> Comprae aqui pannos, mudae os vestidos, etc. (1)

A Reforma havia já rebentado na Allemanha, quando Gil Vicente representava este Auto; havia dez annos (1517) que elle atacava a grande mercancia das indulgencias; e só em 1526 no concilio de Spira se proclamava a liberdade de consciencia. A impressão que estes actos produziram em Portugal não se conhece nos chronistas officiaes, quasi sempre da ordem ecclesiastica; mas estão recolhidos bastantes protestos da opinião geral nos Autos do sensato Gil Vicente. Eis como elle no *Auto da Feira,* se exprime no dialogo de Roma:

> ROMA: A troco das estações
> Não fareis algum partido,
> E a troco de perdões,
> Que é thesouro concedido
> Para quaesquer remissões?
> MERCURIO: Oh Roma, sempre vi lá
> Que matas peccados cá,
> E leixas viver os teus.
> E não te corras de mi;
> Mas com teu prazer jocundo,
> Assolves a todo o mundo,
> E não te lembras de ti,
> Nem vês que te vás ao fundo. (2)

(1) Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 157. Vid.—*Historia do Theatro portuguez,* liv. I, cap. 4, p. 186 a 189, aonde se vê como serviu a renascença religiosa. *Ibid*, liv. II, cap. VI, p. 260.
(2) Gil Vicente, *Obras,* t. I, p. 166.

Quando Sá de Miranda viajava em Italia, já por ali lavrava o protesto da Reforma; nos mosteiros italianos eram perfeitamente conhecidos os livros de Luthero. Em Veneza era maior o enthusiasmo com que se proclamava a doutrina. O Cardeal Campegge dizia: «Não me afflijo tanto com a Allemanha, como com a Italia, aonde os escriptos de Luthero circulam com uma rapidez assustadora.» (1) Nos versos de Sá de Miranda, principalmente na Carta a D. João III, ha o sentimento da consciencia protestando contra a exploração do clero. Infelizmente Portugal e Hespanha foram os paizes aonde primeiro, e para sempre, se abafou o impulso da Reforma. O estabelecimento da Inquisição em Portugal coincíde com o completo silencio e talvez com a morte de Gil Vicente. El-rei Dom João III, seu irmão o Infante Dom Luiz, o infante Dom Duarte eram intollerantes, e repelliram do reino as ideias da Renascença christã. Sobretudo a nomeação do Cardeal Infante Dom Henrique para Inquisidor Geral, annulou tristemente esse salutar impulso da consciencia. Os professores estrangeiros que haviam sido chamados para a restauração da Universidade, mudada para Coimbra em 1537, por Dom João III, foram perseguidos pela Inquisição, e tiveram de fugir; foram estes, Buchanan, que tanto desenvolvimento deu ao theatro classico, e seu irmão Patricius, Grunhius e Arnaldo Fabri-

(1) *Morisson*, Op. cit. p. 265.

cio. Clenardo tambem não se achou aqui á sua vontade; incommodava-o esta atmosphera de intollerancia, que annunciava o queimadeiro. Para annular a independencia da rasão, os Jesuitas amarraram-se aos perpetuos commentarios de Aristoteles e fundaram a esteril e casuistica *Philosophia conimbricense.* O solerte Padre Simão Rodrigues exercia um despotismo moral, abonando a phrase de Ignacio de Loyola: «Ainda que o Papa pizasse aos pés a el-rei de Portugal, não chegaria a desobedecer ao vigario de Christo.» O *Index Expurgatorio* começava a condemnação dos livros e a supressão do pensamento. Damião de Goes, tendo publicado em Paris em 1541 o livro *Fides, Religio, moresque Ethiopum,* viu-o condemnado na sua patria, pelo Infante D. Henrique no mesmo anno; o Infante Inquisidor escreveu-lhe respondendo á sua queixa com palavras onctuosas, que encobriam o animo refalsado que o havia de condemnar na sua volta para Portugal. Em Damião de Goes estão symbolisadas as ideias da Reforma, e a sua perseguição e morte desconhecida o torna digno da auréola que sanctifica os que mais soffreram pela liberdade da consciencia. No seu retiro do Minho, encontrou Sá de Miranda um athleta que luctou em vão pelas ideias da Reforma, o celebre Antonio Pereira Marramaque. Contra um cinto de lavaredas dos Autos de Fé, era impossivel acordar a consciencia do povo, entorpecida pela ignorancia e pelo terror. O povo portuguez perdeu irremediavelmente o culto simples do mosarabismo, perdeu a alegria que inspirava os seus Ro-

manceiros, perdeu a noção da independencia politica, e entrou n'esta phase de cretinisação em que hoje está.

Em 1531, na carta que precede a *Ropica pneuma,* refere-se João de Barros ás obras de Erasmo, e ás luctas theologicas da Allemanha: «Não lhe pareça que o digo por os de Erasmo (os Colloquios,) que estes já são velhos; mas por alguns novos portuguezes que vós e eu temos ouvido antre homens que n'este trato de mercadoria *falam tam solto, como se estivessem em Allemanha nas rixas de Luthero.*»

Apesar de João de Barros falar d'este modo, professava tambem as ideias da Reforma: «Nam me convem mais theologia de Christo do que tenho: já sei que per bancos de cambo e nam per ella posso saltar no curral das mitras.» (1) Falando das leis injustas, João de Barros attribue tambem a ellas a causa da Reforma: «Sabes que se causa d'aqui? *O que vemos,* que alguns movem contra os Concilios da egreja Romana, dizendo que o Espirito Santo nam pode falar per boca de peccadores de vida infame.» (2) . . . . «e agora novamente dos *Lutheranos,* que é hua salada de todas estas passadas ervas, muy saborosa a ignorantes e dissimulada de alguns doctos.» (3)—«Mais me parece (pois tam desarrazoado estás) que te convem o nome de *sandice Erasma,* que razam portugueza.» (4)

(1) *Id.* p. 96.
(2) *Id.* p. 161.
(3) *Id.* p. 190.
(4) *Id.* p. 223.

No seculo XVI a influencia da Renascença actuava tambem na parte litteraria dos sermões; prégava-se recitando versos do pulpito, allegando textos de Petrarcha em vez de Sam Jeronymo: «Ver estar um pregador quebrando a cabeça a sy e a todolos os ouvintes, volteando no pulpito todo um sermão: e nam lhe fica Garcia Sanchez de Badajoz, nem Dom Jorge Manrique, em a contemplação de *Recorde el alma dormida;* nem D. João de Menezes em *Quem tem alma não tem vida:* nem quantos sonetos fez a madame Laura (pera d'hy auspirar a graça) que todos nam alegue por serem autores já escriptos no catalogo de Hieronimo: e com todas estas e outras palavras cortezans, que anda buscando pera isca de seu requerimento tacito, sam já as palavras tam previstas que aventam o visco de longe. E em logar de galardam, pagam ao coitado o suór da testa com dizer depois que dece: Oh cedo? Estaveis um Paulo em Athenas, etc.» (1) Este systema de prégar era ainda um resto de edade media, uma degeneração do uso dos *Exemplos,* condemnados pela Reforma, e especialmente por Calvino. João de Barros fazia este retrato dos pregadores do seculo XVI, em 1531, quando as ideias da Reforma começavam a acordar o senso commum.

(1) João de Barros, *Ropica pneuma,* p. 94, ed. de 1869. Na litteratura portugueza do seculo XVI ainda existe um sermão em verso em que se declama a favor das fogueiras. A *Ropica* acha-se condemnada pelo *Index* de 1564.

CAPITULO V

(1535-1558)

Rendimento da Commenda das Duas Egrejas. — Carta a seu irmão Mem de Sá. — Carta a el-rei Dom João III. — Amisade com Antonio Pereira, senhor de Basto, que lhe offerece as Obras de Garcilasso. — Morte de Garcilasso e Ecloga de *Salicio.* — Relações com os Machados de Azevedo. — Lenda do seu casamento com D. Briolanja de Azevedo em 1536; como deve interpretar-se. — A vida na Barroca; leitura dos poetas italianos e Hespanhoes. — Escrevia ao Infante Dom Luiz, depois da ida a Tunis. — Relações com Jorge de Monte-Mór em 1553. — Morte do Principe Dom João em 1554. — Relações com Diogo Bernardes, em Ponte de Lima. — Como este poeta descreve a vida de Sá de Miranda. — Relações com Ferreira, pela morte de seu filho Jeronymo de Sá. — Carta em 1553. — Resposta de Sá de Miranda. — Carta de Manoel Machado de Azevedo em que lhe fala em Camões. — Morte de sua mulher em 1555. — Sá de Miranda pouco sobrevive a estas perdas. — É chorado por todos os poetas que seguiam a sua eschola. — Prospecto chronologico da sua vida.

Na lucta e desgostos que encontrou Sá de Miranda durante a assistencia na côrte, el-rei Dom João III mostrou-se-lhe sempre amigo, e logo que soube do seu designio de retirar-se para a provincia, deu-lhe a Commenda das Duas Egrejas, do Mestrado de Christo, no Arcebispado de Braga, junto a Ponte do Lima. Este facto é explicitamente apontado pelo biographo anonymo, tambem poeta da eschola italiana. Do rendimento da Commenda, sabemos pelo *Livro de toda a Fazenda do Reino de Portugal,* feito por Luiz Figueiredo Falcão em 1606. N'este livro de Luiz de Figueiredo, Secretario de Filippe II, encontramos o rendimento da

Commenda de Santa Maria das Duas Egrejas, e por esta noticia podemos saber o intimo da vida economica de Sá de Miranda.

Das cento e oito Commendas do Mestrado de Christo no Arcebispado de Braga, a das Duas Egrejas é a decima terceira; pertence ao numero das Commendas Novas, *que pagam meia nata:* «A Commenda de Santa Maria de Duas Egrejas: he hoje (1607) commendador Ruy Mendez de Vasconcellos. Avaliada no anno de 1592 em *cento oytenta mil reis.*» (1) N'este tempo já o marco de ouro valia quarenta mil reis, e portanto reduzido ao preço de hoje, equivalia o seu rendimento a quinhentos e quarenta mil reis; porém se em vez de considerarmos este valor em metal, deduzirmos a proporção para genero, era o rendimento d'esta Commenda de mais de um conto de reis annual. Pela Bulla do Papa Leão x as meias anatas das Commendas Novas eram pagas em Roma á Camara Apostolica, aonde os commendadores depois da nomeação regia eram obrigados a impetrar nova provisão dentro de oito mezes. (2) «O Papa Clemente 1.º, a instancia del-Rei Dom João o 3.º concedeu Anthoritate Apostolica, que os Commendadores d'estas Commendas não fossem obrigados a pagar mais que hua só quarta parte da renda de hum ano nos primeiros dois anos, e que com esta quarta parte se aja por satisfeito ao dito Statuto, como se paguassem trez

(1) *Livro de toda a Fazenda,* p. 213.
(2) *Id. ibid.* p. 250

coartos e gozassem da graça do dito Statuto confirmado pello Papa Alexandre 6.º Esta concessão feita por Clemente 7.º confirmou o Papa Paulo 3.º seu immediato, a instancia del-Rei Dom João no ano de 1534, como parece do Livro da fundação da Ordem, folhas 137.» (1) Tendo Sá de Miranda abandonado a côrte nos fins de 1533, coube-lhe ainda o gosar esta regalia. É certo porém que em 1607 já a Commenda não andava na sua familia; a rasão pode talvez attribuir-se á obrigação que tinham os Commendadores de pagar nos primeiros dois annos o quarto para gosarem do privilegio de testar, obrigação que Sá de Miranda talvez não cumprisse, por que n'este tempo era ainda solteiro, e não formava tenção de casar-se, como o fez dois annos depois em 1536. Comtudo aí vivia humildemente como dá a entender na passagem em que diz, que não póde chegar ao peixe de almocreve, e que se restringe ao peixe do rio. Vivendo depois de casado na Quinta da Tapada, d'aí escreveu a sua primeira Carta a El-Rei Dom João III, como se deprehende do verso:

Mas eu vejo cá na aldea
Nos enterros abastados,
Muito padre que passea. etc.

Por esta Carta se vê o grau de confiança que o poeta tinha com o monarcha; ali lhe faz um relatorio da degradação geral, e lhe indica os perigos de que tem a

(1) *Id. ibid.* p. 249.

defender-se, e o modo de governar este povo. A Carta está escripta em uma forma aphoristica e sentenciosa, propria para se gravar na memoria. Sá de Miranda escreve escudado no respeito que elle proprio conhece que inspira a sua severidade moral. É n'esta Carta aonde dá a mais cabal rasão porque a vida da côrte repugnava ao seu caracter:

> Homem de um só parecer
> De um só rosto, uma só fé,
> De antes quebrar que torcer,
> Elle tudo póde ser,
> Homem de côrte não é.

A Carta a Dom João III, foi escripta, como se reconhece pela leitura, depois de 1534, quando Sá de Miranda vivia na aldeia. N'este tempo o seu nome ainda era repetido no paço, e no anno de 1536 vemol-o ter relações directas com o Infante Dom Luiz, depois da sua volta da tomada da Goleta. Na ecloga *Celia,* que é dedicada a este Infante, allude á guerra de Tunis, feita em companhia de Carlos V:

> Por ora callar-se-ha *Tunes entrado*
> *A pura fuerça,* el tyranno huydo,
> Todo lleno de miedo arrabiado,
> Y solo de sus mañas socorrido. (p. 38.)

Na tomada da Goleta encontrou-se o Infante Dom Luiz com o poeta Garcilasso, cuja morte foi no anno de

1536. Sá de Miranda a cantou na ecloga *Salicio*. É natural que durante a sua viagem na Italia tivesse Sá de Miranda encontrado Garcilasso, que tanto se distinguira na batalha de Pavia em 1525, e só assim se podem comprehender os versos:

> Al tan antigo aprisco
> De Lassos de La Vega
> Tuyo, el nuestro de Sá viste ayuntado.

Vivendo no seu retiro das Duas Egrejas, Sá de Miranda foi presenteado com um volume dos versos do poeta Garcilasso, pelo seu visinho Antonio Pereira Marramaque, Senhor de Basto. Pela leitura da Ecloga *Nemoroso*, no prologo, se conhece que foi esse brinde o principio das relações de amisade:

> *Embiaste-me el buen Lasso,*
> *Con el passando iré mi passo a passo.*
>
> El quel gran don, yo quando
> Por os pagar ardia
> Sabeis, más recelava juntamente,
> No se atreviendo a tanto,
> Que el son que me aplazia
> Por mi hiziesse a plazer a nuestra gente.

Sá de Miranda passava parte do anno em casa de Antonio Pereira, como vêmos pelos versos em que louva a *Fonte da Barroca*, tão fria nos mezes de Julho e

Agosto. Da nobreza de Antonio Pereira Marramaque, fala tambem no prologo da ecloga *Nemoroso:*

> De los nobles Floyais
> Em Pereiras mudados,
> Derecho tronco, sin algun contrasto,
> Que por nombre contais
> Todos votros passados,
> Del tiempo del buen Rey Alfonso el Casto
> Tan vivo se alla el rasto
> De succession derecha,
> Y noble antiguedad,
> Hasta esta nuestra edad.... (p. 85. Ed. 1677.)

E tambem na Carta II, escripta ao mesmo amigo, torna a pôr em relevo a sua nobreza:

> Por toda esta grande Hespanha
> Froyas, que soiam chamar,
> Fez em Pereiras mudar,
> Não do Rey mouro a patranha,
> Mas vosso antigo solar;
>
> Do qual não ha muitos annos
> Um que aqui Braga regeu,
> Pondo a parte os longos pannos,
> Um passo dos Castelhanos
> Á espada defendeu. (1)

Emquanto Sá de Miranda residia em Basto, na casa de Antonio Pereira, aí se representou em um dos serões familiares, a Ecloga septima, em verso octosylla-

(1) Refere-se a Dom Gonçalo Pereira, que militou no tempo de D. João I, sendo Arcebispo de Braga.

bo, imitação de Juan de la Encina; foi um divertimento dramatico ao modo dos que se usavam no Minho, como conta o Marquez de Montebello, na *Vida de Manoel de Azevedo.* (1) A Ecloga septima de Sá de Miranda representou-se por occasião da volta de um parente da casa dos Pereiras de Lamegal e Basto, chegado da guerra de Tunis em 1535. Este facto importante é revelado por Ticknor: «A Ecloga VII, á maneira de Juan del Encina e Gil Vicente, a qual parece se representou em umas festas celebradas pela illustre Casa dos Pereiras, por motivo de ter voltado ao lar domestico um membro da familia, que servira na guerra contra os Turcos.» (2)

Se a geração de Antonio Pereira era illustre, mais insigne a tornava elle com os seus trabalhos litterarios, sendo um dos primeiros homens que sentiu a necessidade da introducção das ideias da Reforma em Portugal. Na *Bibliotheca Luzitana* de Barbosa Machado, vem citados varios trabalhos seus: O *Dialogo entre o Gallo e outro animal sobre aquelle verso de Psalmo: Lex Domini immaculata*, é escripto contra o Papa, contra as Commendas e estado monachal. Estas mesmas ideias encontramos em Gil Vicente, e no proprio

(1) *Ob. cit.* p. 35 e 61.

(2) *Historia de la Litteratura española*, t. III, p. 245. Ignoramos d'onde Ticknor recolheu este facto; a circumstancia de ser muito conhecida esta Ecloga na familia dos Pereiras, fez com que Dom Gonçalo Coutinho a confundisse com outra ecloga não menos celebre, intitulada *Andrés.*

Sá de Miranda, que apezar do seu profundo catholicismo, acceitou em parte as ideas da Reforma:

> O Padre Santo assi faz,
> A quem certo se devia
> Alto socego, alta paz;
> Mas tem guarda todavia
> Com que vae seguro e jaz. (p. 201. Ed. 1677.)

A Reforma queria a liberdade da consciencia e o espirito critico applicado á intelligencia das Escripturas. Desde este tempo data o uso das traducções da Biblia em vulgar. Antonio Pereira, n'este mesmo *Dialogo,* persuade a que a Biblia seja vertida em portuguez. Tambem escreveu a *Reforma do Estado Ecclesiastico,* que foi prohibida pelo Santo Officio. (1) Antonio Pereira era tambem poeta, como a maior parte dos fidalgos portuguezes, que ainda seguiam as tradições provençaes do tempo de Dom Diniz. Sá de Miranda assim o dá a entender na ecloga *Nemoroso.* Temos até aqui feito o retrato do amigo que Sá de Miranda veiu

(1) Barbosa, *Ob. cit.* t. I, p. 348. — No *Index* de 1624, vem: «ANTONIO PEREIRA MARRAMAQUE: Um seu *Tratado* de mão sobre aquelle verso de Psalmo 18 Lex Domini immaculata, etc. em que pertende persuadir que a Biblia deve correr em lingua vulgar: o qual argumento tambem se prohibe no *Indice Romano,* tit. B. 2, class. Bononia, etc. — Item, outro *Tratado sobre o poder do Summo Pontifice,* na materia das Commendas. E outro, em que detrae o *Estado Monachal.*» Index *Lusit. lib. prohib.* A, 2 class. p. 93. Estabellecida a Inquisição em 1536, a coincidencia do silencio de Gil Vicente n'este tempo, e a perseguição atrocissima de Damião de Goes, revelam que Antonio Pereira não deixara de soffrer os escrupulos do tremendo tribunal.

*

encontrar no Minho; vejamos agora as relações intimas que tomaram.

Sá de Miranda passava, como dissémos, grande parte do anno em Basto, no solar de Antonio Pereira Marramaque. D'elle nos fala na Carta II, alludindo ás conversações intimas que aí tinha, ás leituras, e criticando os costumes da côrte, com a segurança de um naufrago que já está fóra da procella. Vivendo longe de tudo quanto lhe podia lembrar os costumes dissolutos do paço, aí mesmo em Basto lhe aparece um symptoma da corrupção causada pelas riquezas da India, lavrando nas mãos do povo:

Como eu vi correr *pardaus*
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercos e em gasto,
Vi por caminhos tão maus,
Tal trilha e tamanho rasto.

Nessa ora os olhos ergui,
A' casa antigua e á torre,
Dizendo commigo assi:
Se nos Deos não vale aqui,
Perigoso imigo corre.

Sá de Miranda era muito dado á caça, principalmente á montaria de lobos, e o seu biographo anonymo o dá como habil tocador de viola de arco. Homem que viajara no paiz mais civilisado do mundo, e no tempo em que o genio apparecera no maior explendor sobre a terra, na Italia, aonde os costumes exagerados e caprichosos differiam em pompa e dissolução dos costumes

de todos os outros povos; homem que frequentara a côrte de dois monarchas poderosos, e com o seu genio observador prescrutara as mais perigosas intrigas, esse devia ser um excellente commensal, digno de se ouvir divagar no remanso de uma bonachira. Era por tudo isto, e mais pelo seu caracter integro, que Antonio Pereira o estimava, e o convidava para o seu solar, aonde passava o tempo mais calmoso de Julho e Agosto na fonte da Barroca, a lêrem e a saborearem entre recordações saudosas os melhores poetas antigos. Na Carta II, faz o poeta o confronto entre os convites cortezãos, aonde não reina a amisade, mas a inveja; aonde o apparato é todo de um luxo falso:

Os bons convites antigos,
Antes de tudo se alçar,
Eram para conversar,
Os parentes e os amigos,
Que não para arrebentar.

O luxo que se espalhara por todo o reino explica a origem das leis sumptuarias do tempo de Dom Sebastião. Primeiro do que ninguem, Sá de Miranda sentira a necessidade de reformar este abuso; aí tambem fala contra a mania centralisadora que fazia confluir toda a fidalguia para Lisboa. No tempo em que escreveu a Carta a Antonio Pereira, depois de 1535, já se começava a lucta da reacção contra a *eschola italiana* inaugurada por elle. Os poetas da *eschola velha* bradavam

contra o uso dos versos endecasyllabos. Sá de Miranda escrevia e limava os seus versos, que corriam manuscriptos, mas não se preoccupava em dal-os á publicidade. A sua grande fama corria por toda a parte, e por certo n'este tempo as copias manuscriptas dos seus versos correram tambem fóra de Portugal. (1) O principe Dom João, filho de El-Rei Dom João III, tambem os estimava em extremo, se a elle se devem julgar escriptos o primeiro e segundo soneto que vem nas suas obras.

As *Cartas* de Sá de Miranda são do que ha de melhor na poesia dos quinhentistas; a quintilha, no verso octosyllabo, popular, torna-se facil e tão engenhosa, que se presta a todas as descripções, a todos os dizeres e locuções particulares da lingua, aos apophtegmas já metrificados pela tradição. Appareceram uma vez publicadas com o nome de *Satyras,* e em nada são inferiores ás de Horacio, ou de Tolentino. Na Carta II, despede-se de Antonio Pereira, Senhor de Basto com quem teve amisade depois de abandonar a côrte; ali faz o retrato da perfidia, da ambição, da inveja e da intemperança dos banquetes da côrte, até que chega ao contraste simples da meza frugal do seu amigo, aonde *a remir dias* pla-

(1) As obras manuscriptas de Sá de Miranda vem citadas no *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Real de Paris,* t. II, p. 796, n.º 8296 (e não 8294, como diz Barbosa.) No citado Catalogo em logar de Sá vem Gaa.

cidamente falavam de Ariosto, de Bembo, Sanazarro, Lasso, Boscan, cujo gosto tentava introduzir:

> A vossa *fonte* tão fria
> Da *Barroca*, em Julho e Agosto,
> Inda me é presente o gosto,
> Quão bem que nos hi sabía
> Quanto na meza era posto.
>
> Ali não surdia a graça,
> Eram iguaes os juizes,
> Não vinha nada da praça,
> Ali da vossa cachaça,
> Ali das vossas perdizes.
>
> Ali das fructas da terra,
> Que tem cada tempo a sua
> Colhida em sazam cada hua,
> Nunca á vista o sabor erra,
> Nem o nome de nenhuma.
>
> Oh ceias do paraiso,
> Que nunca o tempo vos vença,
> Sem fala trocada, ou riso,
> Nem carregadas do siso,
> Nem danadas da licença.
>
> Deshi o gosto chamando
> A outros móres sabores,
> Liamos pelos amores
> Do bravo e *furioso Orlando.*
> Envoltos em tantas flores.
>
> Liamos os Assolanos
> *De Bembo*, engenho tão raro,
> Nestes derradeiros annos,
> E os pastores Italianos
> Do bom velho *Sanazarro.*

Liamos ao grande *Lasso*
Com seu amigo *Boscão*,
Que honraram a sua nação,
Ia-me eu passo a passo
Aos nossos que aqui não vão (1)

Esta familiaridade porém não continuou; talvez pelas ideias religiosas da Reforma, que Antonio Pereira abraçara, ou melhor, como se vê pela rubrica da mesma Carta, por ter-se *partido para a côrte com a sua casa toda*. (2)

Sá de Miranda é sobretudo um moralista; a poesia prestava-se, principalmente na redondilha, para os dizeres conceituosos. A sua moral não é uma severidade catoniana; é sim o remir dias, como elle nos conta descrevendo as ceias do seu amigo Antonio Pereira, Senhor de Basto. Tambem explica a seu irmão Mem de Sá, porque fugiu da côrte, e se deu inteiramente á vida do campo:

Devo muito á minha amada,
E só rica liberdade
Que tive aos dados jogada;
Aqui sómente é mandada
Da rasão e da verdade.

Mas, como moralista, para se fazer comprehender, e insinuar o seu pensamente de longe, conta uma fabula, colhida na leitura de Horacio, ou de Phedro.

(1) *Carta* II, est. 25—31.
(2) *Edição* de 1804, pag. 90.

Aquella fabula de Esopo, que Horacio homem da côrte e poeta cesarêo, versificou, do encontro do *Rato da cidade e o Rato do Campo,* Sá de Miranda conta-a de novo, com referencia â sua situação. Que grandeza e graça, e maneira simples de contar; vê-se que é um homem desgostoso, mas firme na sua crença. Nem Lafontaine a conta tão bem! Ninguem mais sentia a verdade d'ella, do que Sá de Miranda:

Um rato usado á cidade,
Tomou-o a noite por fóra,
(Quem foge á necessidade)
Lembrou-lhe a velha amisade
D'outro rato qne ali mora. (1)

Esta mesma fabula existe tratada admiravelmente pelo Arcypreste de Hita. Conheceria Sá de Miranda esse poeta hespanhol que Dom Duarte possuía na sua livraria? Alem da litteratura italiana, Sá de Miranda era tambem versado na litteratura de Hespanha, da qual louva Affonso Sabio, e os trovadores do seculo XV.

Mem Rodrigues de Sá foi governador geral do Brazil, e seguiu os grandes cargos da republica, de que seu irmão abnegou com admiravel philosophia. Que sentido na allegoria do rato do campo e do rato da cidade; como aquelle estima o seu pouco a par das incertezas e

(1) *Carta a Mem de Sá*, III, st. 39–61, pag. 22.—Traz mais duas fabulas, a da *chuva*, e a da *Raposa*, *que foge do leão ;* traz tambem a fabula de *Psyche*, de Apuleio prohibido, pelo Index de 1564.

alternativas das grandezas do outro! Residindo em Basto, teve occasião de se relacionar com a casa dos Machados, de que era então representante Manoel Machado de Azevedo.

Filho de Francisco Machado e de Dona Juana de Azevedo, sendo seu irmão primogenito Bernardim Machado, que lhe cedeu a varonia da casa e foi do Habito de S. João e Commendador de Oliveira do Hospital; sua irmã Dona Briolanja de Azevedo casou com o poeta Francisco de Sá de Miranda. Teve outro irmão chamado Simão Machado. Frequentaram os estudos da Universidade, que consistiam em grammatica, philosophia e mathematica. Manoel Machado dedicara-se nos seus primeiros annos á poesia, cultivou a musica e a pintura, era dado aos prazeres da caça e sobretudo da sensualidade. No livro da sua *Vida,* escripta pelo Marquez de Montebello, vem duas Cartas em verso, que escreveu a seu cunhado Dr. Francisco de Sá de Miranda, de quem fôra collega nos estudos da Universidade. Em 1511, Francisco Machado, seu pae, cedeu a villa de Lousã, Villarinho e Predegal a Dom Jorge, filho bastardo d'el-rei Dom João II, pela Commenda de Sousel e um juro na villa de Guimarães. D'este tempo data a mudança do solar para Entre-Homem e Cavado. Muito cedo, logo depois da mórte de seu pae, veiu Manoel Machado de Azevedo viver na côrte de Dom Manoel, e ainda novo offereceu-lhe o rei o governo do Algarve, que era de trez annos. Foi particular amigo do Infante Dom Luiz, e na côrte se namorou de Dona Joa-

na da Silva, filha do Aposentador-Mór Manoel da Silva, Alcaide-mór da Villa de Soure, e de D. Inez da Cunha; e um anno depois do cazamento voltou para o seu solar e Casa de Crasto, aonde viviam seu irmão Bernardim Machado e D. Briolanja de Azevedo. (1)

Manoel Machado de Azevedo tambem cultivou a poesia, e por ella sabemos das relações que teve com Sá de Miranda. Na citada *Vida* se lê:

«Ya avemos referido que hizo buenos versos para aquel tiempo, y porque para el presente no puedan ser dañosas las ditas coplas que escrivio a Francisco de Sá y Miranda su cuñado, será bien que se vean:

1 Respondendo á vossa digo,
Amigo, senhor, e hirmão,
Que entre tanta confusão,
Não ha carta sem perigo.

(1) Eis o titulo da obra d'onde extrahimos estes apontamentos: «*Vida de Manoel Machado de Azevedo,* Senhor de las Casas de Crasto, Vasconcellos y Barroso, y de los Solares d'ellas, y de las Tierras de Entre-Homem y Cabado, Villa de Amares, Commendador de Sousel, en la Orden de Avis. Por el Marques de Montebello, Felix Machado de Silva Castro y Vasconcellos, Comendador de San Juan de Coucieiro, en la Orden de Christo, su bisnieto, y sucessor de su Casa. Escrevia-se a Dom Francisco Machado de Silva, su hijo, para que la imitasse, como imitò, hasta acabar la Filosophia, en edad de catorce años y medio, en la qual fue Dios servido de llevarle para si *** Oy se dà a la estampa para que estas dos vidas sirvam de dos espejos a Dom Antonio Machado de Silva y Castro, ultimo hermano de seis que tuve.—Impresso con licencia por Pedro Garcia de Paredes. Año de 1660. (Parece que foi impresso em Madrid, como se vê pela estampa do brazão.)

II Em que corra aveso tudo,
Tudo correrá direito,
Se lhe sabe andar ao geito
O prudente e o sesudo.

III Quando dem couce os planetas
Tem mais altos poderios,
Aquelle que o mar e os rios
Enfrêa e pica os Poetas.

IV Fez o homem differente
De qualquer outro animal,
Se Elle do bem husa mal
E do mal bem, elle o sente.

V Deu-lhe livre a eleição,
Que outros chamão escolhimento,
Pos na mão do homem tento,
Do seu ganho ou perdição.

VI Vos quereis com descripções
E com vossas letras grandes
Que em Italia, Espanha e Frandes.
Vos reconheçam as nações.

VII Eu quizera que os salloyos
Vos estimassem sómente;
Porque da nossa semente
Sempre colhereis mais moyos.

VIII Hade enfrear sua penna,
Como um potro desatado,
Quem quizer ser mais medrado
Que Camões e João de Mena,

XI Não queiraes emendar tudo,
No mundo e seu desconcerto,
De cujos erros é acerto
Ouvir, calar, ou ser mudo.

x Só a penna e lingua são
As que causam mayor pena;
Que só Deos julga e condena
As culpas do coração.

xi Se da lingua ou do tinteiro
As palabras saem á praça,
Já por graça ou por desgraça,
Não lhes falta pregoeiro.

xii Põem-se em muy grande perigo
Quem descobre todo o peito,
Por hu bom dito ou conceito
Não perdais nenhum amigo.

xiii Os Carvalhos e os Carneiros
Da Beyra, Entre Douro e Minho,
São muy bons qua no seu ninho,
Aos fidalgos e escudeiros.

xiv A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento,
Mas lá, com seu valimento,
Só vive quem os respeita.

xv Vosso parente e amigo
Joane de Sá bertanto,
Descantou tanto em seu canto,
Que deu n'um canto comsigo.

xvi Descoseu linhas a tantos?
Se bem mais canonisou,
Mas hu desses se vingou
Sem lhe valer estes Santos.

xvii Se se diz bem dos ingratos,
Cuidam que tudo lhes devem,
Se a poderosos se atrevem,
Dão unhadas como gatos.

XVIII Assi sou de parecer,
Que nem bem, nem mal digamos,
N'esta era em que estamos,
Para poder bem viver.

XIX A verdade e bom conselho,
São hoje grande dilito,
Mame na ovelha o cabrito,
E na raposa o coelho.

XX O grande afeito me ordena
Que aconselhe a um letrado,
Perdoae-me; que um Machado
Não apara bem a penna.

«No alabemos los versos d'estas coplas, pero la ensenança, las sentencias, los conceptos y politico dellas aunque por terminos humildes y vozes groseros, a lo Sayagues, de que entonces se usava, no pueden dexar de alabar-se; pues de casi todas se puede sacar doctrina, para que los Cavalleros que viven ò van a vivir a la Côrte sepan como se han de portare nella, y poder conseguir el colmo de sus pretenciones; etc.» (1)

Por esta Carta de Manoel Machado de Azevedo se vê que foi escripta depois do casamento de Sá de Miranda com sua irmã; que realmente o poeta abandonara a côrte por intriga e odios de alguns fidalgos que tinham grande valimento na côrte (XIII) e que estes eram os Carvalhos e Carneiros; pelo solar que dá aos ultimos, na Beira, se conhece que era o Conde de Ida-

(1) *Vida de Manoel Machado de Azevedo,* senhor de las Casas de Crasto etc. por el Marquez de Montebello, p. 16 a 19. Edição de 1660.

nha, Pero de Alcaçova Carneiro; quanto aos Carvalhos, talvez o outro seja Pero Carvalho, a quem Sá de Miranda escreveu uma Carta, satyrisando os Fidalgos que no tempo da peste se acolheram a Coimbra, e depois tanto mal disseram da terra que lhes dera hospitalidade. Tambem se conhece que Sá de Miranda era jurisconsulto (xx) pelo fecho da dita Carta do seu cunhado.

Eis como o Marquez de Montebello, na *Vida de Manoel Machado de Azevedo,* conta o casamento de Sá de Miranda com Dona Briolanja de Azevedo: «El entendimiento, entre los doctos, eslabona mas la amistad que la sangre, el parentesco d'ella es muy inferior al de el espiritu, que como este es mas noble son mas fuertes los vinculos de sus laços. Continuaron las Escuelas en un mismo tiempo Manuel Machado, y Francisco de Sá de Miranda, por la simpatia del entendimiento hizo amor su afecto con apretados nudos. Quiso este Cavallero tomar estado, y por no errar el modo de pedir a Manoel Machado su hermana Dona Briolanja de Azevedo, intentó que el rey Don Juan el Tercero, de quien era bien visto, le hablasse en ello; hizolo su Alteza, y tuvo luego efecto, y sen embargo de su edad mucha, poca hermosura, y la dote menos, que de todo le desenganó, como amigo, Manoel Machado; era tan entendida Doña Briolanja, que mereciò que este insigne varon la quiziesse con tanto excesso, que muriò de pena de aversele muerto.

«Vinose Francisco de Sá a vivir à la Tapada, en las Tierras de Entre Homem y Cabado, Quinta y Bos-

que ameno por naturaleza y arte, que oy (1660) possèe Vasco de Azevedo Coutinho, Señor de San Juan de Rey, y Terras de Boro, su tercero nieto, y en aquel tiempo las Musas, de quien logrò los favores que de sus sentenciosos versos se reconocen no demenos gloria para aquel feliz entendimiento, e sus descendientes, que oy se hallan honrados con titulos en España, que para las Tierras de Entre Homem y Cabado, adonde ellos se hizieron, y otros muchos, que malogrò el tiempo, y la poca curiosidad de las manos en que pararon. Tuvimos en las nuestras grande copia de cartas suyas y de Manoel Machado, algunas serán vivas, pero las mas toparan con gente moça, a quien las sentencias de los viejos parecen importunos documentos, e arrincandolas sirvieron de criança a los ratones, pudiendo serlo de principes... Al fin fue tan grande la perdida, que jamás dexaremos de sentir la falta d'estos papeles.» (1)

......«Parece que en profecia de la perdida d'estos papeles hizo Manoel Machado las coplas que luego referiremos, escritas a su cuñado Francisco de Sá, en una enfermedad que tuvo en la Tapada, pues d'ellas se alcança (como el reconocia) la grande que tiene la nacion Portugueza en estimar y apetecer mas todo lo que es estraño, que no lo natural, no es como en todos

(1) *Vida de Manoel Machado de Azevedo,* pelo Marquez de Monte Bello, cap. VIII, p. 84 a 86.

esta falta, ay muchos comunes en ella, y como no lo fue Manoel Machado, diganlo sus coplas:

I Dizem-me que estás doente,
Pesame, porque não posso
Ir ver-vos de presente;
Porque tive hum accidente,
De amor, não, mas de humor grosso.

II Este Medico Sandeu
Quer que seja humor da Côrte,
Cada hum conhece o seu,
Eu conheço o mal que é meu,
Que o d'ella sempre é mais forte.

III De Medicos, nem sangrias,
N'esta Idade, não curemos;
Bomas são as Romarias,
De mais longe e sem Marias,
Porque não nos mareemos.

IV Os Santos de longas terras,
Sempre foram mais buscados
Os da nossa estão cansados,
Busquemos Santos das serras
Que estão mais desoccupados.

V Sigamos nossa nação,
A quem todo o seu parece
De menos estimação,
Elle faz mais devoção
O que menos se conhece.

«Mas proseguia en sus coplas, pero la ultima d'estas prueva nuestro intento, nos pareció parar en ella.» (1)

(1) Id. cap. IX, p. 86 a 88.

O Marquez de Monte Bello, na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, relata-nos o modo como se passava o tempo na Quinta da Tapada, e por se referir aí a Sá de Miranda transcreveremos a passagem, ainda que longa: «Aviendo dado un explendido banquete en la fiesta de Santa Margarita, que todos os años se repite em Crasto, como se ha referido; concorrio en el Francisco de Sá de Miranda su cuñado, y muchos Eclesiasticos, Canonigos, y personas doctas, e de buen gusto. Fue el ultimo plato unos dulces fingidos, con que enganandose algunos, muviòse la platica sobre el engaño, y como los circumstantes tenian a los dos cuñados por velocissimos en las respuestas, perguntaram muchas y diversas a uno, y à otro; las que a Manoel Machado se hizierān san las que se siguen, y lo que respondio tambien:

«Qual es el mayor engaño?—El mundo y la pintura.
«Qual la mayor enfermedad?—La del juzio.
«Qual la mayor salud?—El tenerla.
«Qual la mayor riqueza?—Despreciala s.
«Qual la mayor pobreza?—Desear riquezas.

Apoz estas seguiam-se mais quinze perguntas, que não transcrevemos, porque essas cinco bastam para mostrar a natureza do passatempo dos nossos velhos portuguezes. Sá de Miranda tambem tomava parte n'este divertimento:

«A Francisco de Sá de Miranda cupo dezir los afetos de las mugeres; no los referimos, porque esos ratones, que avemos dicho, han prevenido el no ofenderlas,

y como no ay mal á que no siga algun bien, solo este se ha conseguido de perderse sus papeles, por desempeñarnos de no referilas y no referir lo que no gustamos, que si fueran alabanças suyas, hasta los ratones de la casa de Crasto le guardaran respeto, como dizia Manoel Machado que el hombre que de veras hablava mal de mugeres, era mas para muger, que para hombre.» (1)

Sá de Miranda, quando o cunhado Manoel Machado de Azevedo viuvou de sua mulher Dona Joanna da Silva, morta de parto de tres filhos varões, aconselhou-o a que tornasse a casar, por isso que apenas titinha um filho para continuar o nome da sua casa: «Sintiò tanto esta perdida, que con quedar en edad poco mas de quarenta años, no bolviò a casarse, y viendole Francisco de Sá, y otros Cavalleros sus amigos con un hijo solo, hizieron grandes instancias para que acetasse un casamiento que se le ofrecia, de una Señora rica, y de mucha calidad, y con no estarlo el, por la grande casa que sustentó siempre, no vino en ello, diziendo, que el viudo que havia sido bien casado y bolvia a casar-se, ò avia engañar a la muger se era entendida, ò vivia mal casado si era necia, y que por una y otra razon não queria casar-se.» (2) Apezar de todo este exagerado sentimento, Manoel Machado viveu muitos annos em mancebia com uma mulher de quem teve bastantes filhas ás quaes deu o estado de religiosas:

(1) Op. cit. cap. x. p. 102 a 104.
(2) Id. cap. xi, p. 168.

«Del capitulo 9, quintilla 3, tambien se reconece, que Francisco de Sá su cuñado deseava que se apartasse d'aquella moça, que llamavan Maria Colaça, nombre de que juega en los tres ultimos versos con galantaria Manoel Machado....» (1) Os versos são os seguintes, escriptos a Sá de Miranda, quando estava doente:

Bomas são as Romarias,
De mais longe, e sem *Marias*,
Porque não nos *mareemos.* (2)

Sá de Miranda casou com Dona Briolanja de Azevedo irmã de Manoel Machado de Azevedo em 1536. Conta Dom Gonçalo Coutinho uma lenda engraçada á cerca d'este casamento, que aqui transcrevemos para mostrar a sua falsidade: «Casou com Dona Briolanja de Azevedo,...... com a qual viveu annos em grande conformidade, sendo ella tão pouco formosa exteriormente, que quando a pediu a seus irmãos Manoel Machado e Bernardim Machado, por ser seu pae já morto, não quizeram elles defferir-lhe ao casamento, sem que primeiro visse bem a noiva, e sendo-lhe mostrada pelos irmãos, disse para ella: —Castigae-me, senhora, com esse bastão, porque vim tão tarde.» Da má comprehenção d'este dito que ficou em proverbio, se formou a tradição de ter elle casado com uma senhora velha e feia, cousa que se não comprehende, quan-

(1) Id. cap. xi, p. 115.
(2) Ib. cap. ix, p. 67, est. 3.

do se lê o bello e sentidissimo soneto que compoz á morte de Dona Briolanja de Azevedo, que principia: «Aquelle espirito já tão bem pagado.....» Nos proprios versos de Sá de Miranda se descobre que elle é que era o avançado em edade:

> Aquellas esperanças, que eu mettido
> A tormento lancei fóra por vãs
> Que fazem ainda aqui co'as minhas sans
> Contas, feito em pé já tudo e bebido.
>
> Como? e será tão cego e sem sentido
> Amor, que umas rasões claras, tão chãs
> Não ouça? *e que não veja tantas cans,*
> Tanto tempo baldado e não vivido? (Son. VII)

Como se vê por este testemunho em que o poeta se acha mettido em amores e *encanecido,* bem se conhece que a tradição do seu casamento está invertida. Quando elle disse para Dona Briolanja: «Castigue-me, senhora, com esse bastão, porque vim tão tarde» referia-se á propria sua velhice, e é n'isto e por esta forma que o dito se torna uma galanteria.

Julgou Dom Gonçalo Coutinho, pelo facto de se falar em *bastão,* que Dona Briolanja andava já vergada com a edade, o que é inadmissivel, por isso que d'este casamento ainda houveram dois filhos. Sá de Miranda tambem não era velho, no rigor da palavra; contava apenas quarenta e um annos de edade, mas os seus cabellos brancos, resultado dos desgostos que o fizeram deixar a vida da côrte, lhe davam esse aspecto

de ancianidade. O soneto que se segue ao composto á morte de Dona Briolanja, é feito a um retrato de uma belleza incomparavel; o logar em que está collocado, e a tristeza que resumiu n'elle levam a crêr que fora composto com saudades de sua mulher:

> Este retrato vosso é só signal
> Ao longe do que sois, *por desemparo*
> *D'estes lhes dá cá,* por que um tão claro
> Lume não hade vêr vista mortal.

Sá de Miranda depois do seu casamento deixou de viver na Commenda das Duas Egrejas, e foi viver na Quinta da Tapada, que era pertencente ao solar dos Machados de Azevedo. Ali continuou a entregar-se aos cuidados litterarios, e antes de 1540 escreveu a sua Comedia dos *Vilhalpandos* segundo o gosto italiano, então usado por Ariosto e Aretino, com imitações dos poetas dramaticos latinos. No Prologo da Comedia vem a Fama, e fala da tomada de *Tunis*, que se deu em 1535, e allude como facto presente ao combate de Toulon. Por este tempo tinha já escripto Jorge Ferreira a sua comedia *Eufrosina*, e a elle compete a gloria de ter ensaiado no paço a primeira comedia em prosa.

Em vida de Sá de Miranda foram os *Vilhalpandos* representados diante do Cardeal Infante Dom Henrique, que lhe pedira uma copia.

Os talentos principaes do seculo XVI começavam a agglomerar-se em volta de Sá de Miranda, como reconhecendo, que a elle se devia a restauração da poesia portugueza. Diogo Bernardes, natural de Ponte de Li-

ma ia-o visitar com frequencia ao solar dos Machados aonde Sá de Miranda vivia. Pela tradição conservada pelo cantor do *Lima* formou Dom Gonçalo Coutinho a *Vida* de Sá de Miranda. Bernardes descreve-nos o modo como Sá de Miranda vivia com sua mulher, cercado dos seus dous filhos, com quem se divertia com acompanhamentos musicaes. Diz Dom Gonçalo Coutinho: «tangia violas d'arco, e era dado á musica, de maneira que com não ser muito rico, tinha em sua casa mestres d'ella custosos, que ensinavam a seu filho Jeronymo de Sá, de quem se diz que foi extremado n'aquella arte, e contava Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto) que quando o ia a vêr, vivendo em Ponte de Lima, patria sua, lhe mandava tanger seu filho em diversos instrumentos, e o reprehendia alguma vez de algum descuido....» Diogo Bernardes teve relações intimas com Sá de Miranda depois que regressou de Lisboa a Ponte de Lima, sua patria. Na Carta I, confessa que é a elle que toma por mestre na carrèira nova que encceta:

O doce estyllo teu tomo por guia
Escrevo, leio e risco; vejo quantas
Vezes se engana que de si se fia.

Sá de Miranda com a sua paternal benevolencia, escreveu a Bernardes aquelle mimoso soneto:

N'este começo de anno, em tão bom dia
. . . .
Me foi de vossa parte apresentada
Aquella composição bôa á porfia.

A este tempo Sá de Miranda vivia nas margens do Neiva, por isso que diz que tem enveja do seu correr pela praia do Lima abaixo e arriba. O anno em que recebeu a Carta de Bernardes, póde talvez determinar-se pelo terceto d'ella, que diz:

> Se te tombou *a morte* os teus prazeres
> Do tempo (como dizes) força e gosto
> O melhor te deixaram, que mais queres?

A fama de Sá de Miranda tornava-se de dia para dia mais admiravel. Em 1552 o poeta portuguez Jorge de Monte Mór, veiu para Portugal, acompanhando a princeza Dona Joanna, noiva do Principe Dom João, filho de Dom João III; Jorge de Monte Mór saíra de Portugal em tenra edade, e foi musico da Capella ambulante do Princepe Dom Philippe, que depois mereceu o nome de *Demonio do Meio Dia;* ao facto do casamento da princeza deveu o seu regresso á patria. De Coimbra escreveu Jorge de Monte Mór uma Carta a Sá de Miranda para a sua Quinta da Tapada; esta Carta anda na primeira edição das Obras de Sá de Miranda, sendo supprimida em todas as que se lhe seguiram. A este tempo Jorge de Monte Mór tinha publicado a sua celebre *Diana;* Sá de Miranda respondeu á sua Carta com outra tambem escripta em hespanhol, recommendando-lhe que não abandone a valiosa protecção da princeza Dona Joanna, que soubera adquirir; este facto dá a entender que Jorge de Monte Mór tencionava voltar outra vez para Hespanha,

talvez para acompanhar seu amo e principe Dom Philippe na viagem que fez por Italia e Flandres. Eis a passagem importante da Carta de Sá de Miranda:

Llevanta tus sentidos al emparo
Tan alto y tan seguro, como tienes
De la Princeza nuestra, un Sol tan claro.

No seas como muchos que sus bienes
Bien no conocen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te avienes.

Jorge de Monte Mór era pouco illustrado; ao seu gosto e talento pela musica deveu o introduzir-se no paço, indo para Hespanha muito criança. Ainda existem algumas das suas composições musicaes. O aviso de Sá de Miranda não produziu o effeito desejado; n'esse mesmo anno, ou talvez pouco depois, foi occupar o seu cargo junto do principe Dom Philippe, e já em 1555, o acompanhava em Londres. Até aqui as relações de Sá de Miranda com o poeta seu visinho de Buarcos.

Corria a vida do poeta no remanso da familia, embalado pela felicidade que encontrava na mansidão de sua esposa, e na educação de dois filhos Gonçalo Mendes de Sá, e Jeronymo de Sá de Azevedo, quando a sorte lhe preparou um golpe, que abalou para sempre a sua tranquilidade. Foi no anno de 1553 que succedeu a deploravel catastrophe de Ceuta, em que morreu a flôr da cavalleria portugueza; aí morreu seu filho Gonçalo Mendes de Sá, que teria quando muito deze-

seis annos de edade. Dom Antonio de Noronha, amigo intimo de Camões, morreu n'esse desastre, tendo apenas dezesete annos de edade; Camões, que então estava na India, o chorou no soneto: «Em flor vos arrancou de então crescida,»; e na elegia «Que grande variedade vão fazendo, etc.» A carreira das armas era a unica èschola da nobreza portugueza; o filho de Sá de Miranda seguiu a educação do tempo. O desastre de 18 de Abril de 1553, foi para Sá de Miranda a ruina da sua felicidade; o poeta Antonio Ferreira, que cursara por este tempo a Universidade de Coimbra, escreveu-lhe uma sentidissima Elegia, á qual respondeu o inconsolavel pae, de modo que n'esses versos vêmos a historia intima da sua alma. Diz Ferreira, na Elegia *Ao Senhor Francisco de Sá de Miranda, á morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá:*

Verás um pai, a quem o duro fado
Desemparou d'um filho, em que esperava
Vêr seu nome nos céos alevantado;

Verás a mãi, que tanto o filho amava,
Que partindo a sua alma pelo meo,
Ametade lhe deu, a outra ficava,

Dizendo: Filho, viverei em receo
Em quanto te não vir. E elle partido,
Eis que subitamente a morte veo.

Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bem não s'enxugavam,
Inda não tinham d'elle nova ouvido,

E a primeira nova que lhe davam
Era de morte, porém morte qual
Elle quiz sempre: e a que elles o mandavam.

O primeiro accidente é natural,
Com este não poderam, que ós mais fortes
Como aos mais fracos, sóe ser egual.

Mas des que viram bem as iguaes sortes,
Que nos outros caíram, em si tornaram,
Vendo chorar a todos tantas mortes.

. . . .

Começa-te ja'gora ir espantando
D'aquella fortaleza, com que o pae
Seu nojo tão cruel foi temperando.

N'alma o sentio sómente, que lá vae
A verdadeira dor; mas não se ouviu
De sua bocca algum suspiro ou ay.

. . . .

Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Com aquelle coração prudente e fórte,
Qual em seu rosto verás logo escripto.

Disse: « Sabia que obrigado á morte
O gerei. » E calou-se. Oh gloriosa
Voz, oh bem vinda e bem ditosa sorte.

. . . .

Oh alma bem nacida, que em tal guerra
Ganhaste uma tal vida, honra e gloria
Quem morte lhe chamar contra ti erra. etc.

*

Esta Elegia é de uma melancholia suave, e é engenhoso o modo como Ferreira consola a dor do atribulado pae. No fim da Elegia vem: «*Emende.* Bejo as mãos a v. m. *Antonio Ferreira.*» Nas duas edições das obras de Ferreira não se acha incluida esta Elegia; só appareceu na edição de 1595 e 1804, das Obras de Sá de Miranda.

Sá de Miranda respondeu á Elegia, que o conforta pela desgraça de seu filho, em desgosto tão intimo, com uma Elegia inspirada pela dor mais profunda e verdadeira que pode imaginar-se. Contava então cincoenta e outo annos, e seu filho apenas dezeseis! Este contraste da sua edade avançada e sempre combatida, com a de seu filho florente e cheia de esperança, levou-o a desejar a sorte do Mestre Dom Rodrigo, chorado por seu filho Jorge Manrique; o poeta mais queria ser chorado, do que o sentir a provação de lamentar esse filho. Sá de Miranda referia-se n'este desejo, aos tercetos da Carta de Ferreira:

Vive teu nome claro e excellente
(Glorioso mancebo) e viverá
Emquanto hi houver vida e houver gente.

Ouvil-o-ha o Tejo, ouvil-o-ha
O Indo, o Ganges, lá será escuitado
O som, que em ti teu pay levantará.

Na Elegia a Antonio Ferreira, em resposta á que este lhe escrevera sobre a morte de seu filho, allude a

essa ideia referindo-se a Jorge Manrique, popularisado nos romances do povo: (1)

> Ditoso aquelle mestre Dom Rodrigo
> Manrique, *a quem em seu tempo louvou*
> *O filho*, e deu ao corpo em morte abrigo.

O padre Marianna, falando da morte de Dom Rodrigo Manrique, diz: «Su hijo D. Jorge Manrique, en unas trovas muy elegantes, en que hay virtudes poeticas y ricos esmaltes de ingenio, y sentencias graves, á manera de endecha, lloró la muerte de su padre.» (2) Sá de Miranda na saudade por seu filho antes desejara ter morrido primeiro, e ser celebrado por elle:

> Era ella conta egual, que quem entrou
> Primeiro á vida fosse primeiro;
> Eu sou que devera ir. Quem as trocou? (3)

As *Coplas* de Jorge Manrique, publicadas pela primeira vez em 1482, (4) foram quasi sempre commentadas e glosadas durante o seculo XVI; Luiz de Aranda fez-lhes um commentario em prosa, seguiram-se varias glosas poeticas de Luiz Peres, Rodrigo de Valdepenas, de Gregorio Silvestre, e a de um religioso da Cartuxa, impressa em Alcala de Henares em 1581. Sá de Mi-

(1) Fuentes, *Libro de los quarenta cantos*, p. 374. Alcala, 1587.
(2) *Hist. d'Españ* L. XXII c. XIV.
(3) *Obras*, ed., 1677, p. 270.
(4) Mendes, *Typogr. espan.* p. 1360.

randa tambem fez uma *glosa como n'aquelle tempo se costumava, a esta cantiga de Dom Jorge Manrique:*

No sè porque me fatigo, etc. (1)

Não ha palavras que descrevam tão bem esta immensa dor de Sá de Miranda, como as suas proprias, em que pinta os sentimentos cavalheirescos do filho:

Tornemos ao desastre a nós choroso,
Furtando-me ia á dor, que *inda ameaça,*
Como um parto ao fugir, mais perigoso.

Não ouso ainda a fallar tanto depressa,
Fallo comvosco como em puridade,
Incerto do que diga e do que faça.

Quando mandei meu filho em tal idade,
A morrer pela fé, se assi cumprisse,
(Que esta era a verdadeira sua verdade.)

«Tu vás pelo caminho agro, lhe disse,
Que tu mesmo tomaste á tua conta,
Sem perigos quem se acha que subisse?

Do tempo que assi foge, que te monta
Vinte annos, trinta mais, que montam cento?»
Ergueu a vista assi alegre e prompta.

Suspirando por ser lá n'um momento
(Se ser pudesse) tam depressa os fados,
Corriam, (nomes vãos, sem fundamento.)

Então o encarreguei d'estes cuidados,
Deos e logo honra; logo o capitão!
Quão prestes a cumprir foi taes mandados.

(1) *Obras* de Sá de Miranda, ed. 1677, p. 334

Parece que os levou no coração,
Não soltos por defóra nos ouvidos,
Como outros fazem, que perdendo-os vão.

Do corpo aquelles espertos sentidos,
Mais inda os d'alma tão limpa e tão pura,
Já agora os bons desejos são cumpridos.

Viu onde a deixaria em paz segura,
Depressa á occasião arremetteu,
Não quiz mais esperar outra ventura.

No *dia do começo* a conta encheu,
Seguro viu a morte, espanto antigo,
Nós sonhamos aqui: tu vas té ao céo. (p. 132.ed. 1804.)

As palavras sáem-lhe choradas do imo da alma, sente-se que as está dizendo em segredo a um amigo.

Por esta Elegia se conhece que Gonçalo Mendes de Sá morreu pouco tempo depois de chegar a Ceuta. Recebida a crua nova da morte de seu filho, no desastre das armas portuguezas em Africa, o que significam as palavras, em que allude á dor que *ainda ameaça,* que é como o parto já no fim, tanto mais perigoso? A explicação está na data da morte de sua mulher Dona Briolanja de Azevedo, conservada pelo biographo anonymo, a qual veiu a acontecer em 1555 antes de dois annos depois da morte de seu filho.

Por este tempo de 1553, ainda o nome de Sá de Miranda era repetido na côrte com assombro; a lembrança da morte de seu filho compensava-se em respeito por aquelle que lhe soubera tão bem incutir os principios da honra, do amor da patria e da fé. Na come-

dia *Aulegraphia*, escripta por Jorge Ferreira de Vasconcellos por este tempo, aí vem citado o nome de Sá de Miranda com uma homenagem da mais franca admiração. Uma negra fatalidade pezava sobre a côrte de Portugal, desde que a intollerancia religiosa se apossara do animo dos nossos monarchas, dando um ascendente absoluto á classe sacerdotal; lavravam por todo o reino os mais declarados symptomas de decadencia. Com a entrada do anno de 1554 um novo desastre enlutou Portugal, abalando a solidez da dynastia. Vimos que Jorge de Monte-Mor tomara relações com Sá de Miranda, quando veiu a Portugal acompanhar a princeza Dona Joanna, filha do imperador Carlos V, que esteve casada pouco mais de nove mezes com o princepe Dom João, filho de el-rei Dom João III. O exagerado amor do principe, ainda criança, foi causa da morte prematura em 1554. Sá de Miranda estimava-o como a um principe illustrado, que ainda joven começava a liberalisar protecção aos homens de intelligencia; por causa da sua morte deixou Jorge Ferreira de publicar a *Aulegraphia*. Sá Miranda lamentou a morte d'este principe em uma Elegia, aonde dá a entender a desesperança geral:

'Nesta terra, já não, n'este desterro,
Dae lagrymas sem fim ao mal infindo,
Edade, pouca ha de ouro, hoje de ferro.
O grande e rico reino Luzitano
Em tão pequeno espaço hoje tam pobre,....

Sá de Miranda aí dá a entender a causa da morte do principe, que os chronistas calaram; falando do cruel fado que o levou, diz:

> Oh que victoria a tua, oh que valor,
> *Contra um corpo tam tenro e tenros annos*
> *Inda pediste ajuda ao cego Amor!*

Camões, Bernardes e Ferreira tambem choraram a morte d'este principe em dorídas elegias; Jorge Ferreira de Vasconcellos escreveu um romance popular com forma litteraria a este successo.

Para o fim da vida accumulavam-se successivamente os desastres, que iam minando aquella alma, que abandonara as riquezas e fausto para viver tranquillo na solidão.

No anno seguinte, em 1555, foi a morte de sua mulher; o sentimento que lhe causou a perda d'esta mansa companheira de dezenove annos, acha-se singelamente descripto por Dom Gonçalo Coutinho: «Morreu-lhe sua mulher no anno de 1555, com o que elle começou a morrer logo tambem para todas as cousas de seu gosto e antigos exercicios, tanto que vivendo ainda trez annos depois d'ella, não se acha que compozesse mais que um Soneto que fez á sua morte, que começa: Aquelle espirito já tão bem pagado, etc. e affirmam pessoas que o conheceram, que nunca mais sahiu de sua casa senão para ouvir os officios divinos, nem aparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeu a carta que

lhe alguem escrevesse até que acabou de todo.» (1) Sá de Miranda sobreviveu a el-rei Dom João III, que sempre o estimou como talento e como caracter; iam-no as suas affeições abandonando, e tornando alheio a esta vida. A decadencia da nação era visivel; em volta do berço de uma debil criança, debatia-se a regencia de uma mulher com todas as ambições da politica hespanhola, e com a avidez do poder que assaltara o partido monachal. Grandes fomes, pestes quasi periodicas, e um desalento geral, explicam o estado em que ficou Sá de Miranda, como nol-o pinta o seu biographo, morrendo no anno de 1558 com sessenta e trez annos de edade. Foi sepultado ao lado de sua mulher na capella de Santa Margarida na egreja de Sam Martinho de Carrezedo, no arcebispado de Braga, aonde tambem jazem seus cunhados. Sobreviveu-lhe seu filho Jeronymo de Sá, «*de quem se diz que foi extremado na arte de musica,*» o qual casou com Dona Maria de Menezes, tendo um filho chamado Francisco de Sá de Menezes; houve d'este casa-

(1) Eis o admiravel soneto *á morte de sua mulher:*

Aquelle espirito já tão bem pagado
Como elle merecia, claro e puro,
Deixou de boa vontade o valle escuro,
De tudo o que cá viu, como anojado.

Aquelle espirito, que do mar irado
D'esta vida mortal posto em seguro,
Da gloria que lá tem de herdade e juro
Cá nos deixou o caminho abalisado.

mento uma filha que casou com um fidalgo de Galliza, Dom Fernando Correa Sotomayor, que no dote de sua mulher quiz que entrasse o manuscripto original das poesias de Sá de Miranda.

Com o desenvolvimento da *eschola italiana*, o nome de Sá de Miranda continuou a ser citado com admiração, e só em 1595 é que foram pela primeira vez impressas as suas poesias, tendo-o já sido anteriormente suas comedias. Dom Gonçalo Coutinho por este tempo, e talvez despertado pela publicação das poesias, recolheu da tradição oral de Diogo Bernardes, e da familia do poeta, os factos com que teceu a biographia que publicou na edição de 1614.

D'este estudo da vida intima de Sá de Miranda se vê, que elle é um dos caracteres mais sympathicos dos nossos Quinhentistas, e um exemplar da alma verdadeiramente portugueza.

No seculo XVI os symptomas de decadencia de Portugal eram evidentes; pela parte da realeza, vemos a exageração fanatica extinguindo-a pelo rachytismo; pe-

Alma aqui vinda n'esta nossa edade
De ferro, que tornaste á antiga d'ouro,
Em quanto cá regeste a humanidade;

Em chegando, ajuntastes tal thesouro
Que para sempre dura; ah vaidade,
Ricas areias d'este Tejo e Douro.

Este soneto falta na primeira edição de 1595, e só appareceu na de 1614, e nas que sobre esta se fizeram.

la parte do clero, vemos a intollerancia religiosa regosijando-se em volta das fogueiras como em um sabbath nocturno com que estavam chamando a usurpação hespanhola; pela parte da nobreza, temos o exemplo de D. Martinho do Castello Branco, segundo Conde de Villa Nóva de Portimão, requerendo o privilegio exclusivo para fundar um prostibulo em seu condado, ficando o rendimento privativo da sua casa e dos seus sucessores. (1) Que era o povo no meio d'estes trez elementos dissolventes? o genio dos *mosarabes* atrophiou-se, perdeu a consciencia de si, entregou-se a todas as explorações do despotismo e da intollerancia. N'este seculo podre o espirito desvaira, não tem aonde se acolher; o vulto de Sá de Miranda parece-nos então o unico templo aonde se asylou a noção do dever e da justiça. Este sentimento levou para elle as boas almas que ainda se doíam no meio da necrópole da corrupção; hoje o estudo da sua vida leva-nos tambem a sentir por elle o mesmo respeito que o tornou amado e admirado. (2)

(1) Lopes de Mendonça, *Damião de Goes e a Inquisição;* Rodrigues Felner, Noticia preliminar ás *Lendas da India*, de Gaspar Correa.

(2) No *quadro chronologico* que se segue, compendiamos o resultado da nossa discussão e descobertas sobre a Vida de Sá de Miranda. Cumpre notar, que sómente as datas 1595, 1555, e 1558 eram conhecidas; todas as outras foram determinadas pelos nossos processos inductivos.

Restituição das principaes epocas da vida de SÁ DE MIRANDA

ANNO	FACTO	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1495	Nasce em Coimbra, a 24 de Outubro.	*Vida*, por D. Gonçalo Coutinho.	Supra, p. 6.
1505	Reside em Coimbra, no tempo da abertura do tumulo de D. Affonso Henriques.	*Carta* a Pero Carvalho.	» p. 9.
1513	Frequenta a côrte de Dom Manoel em Lisboa, aonde viu D. João de Menezes.	*Carta* a D. Fernando de Menezes; *Ecloga* II, de Bernardim Ribeiro; *Diallogos ás Damas*, pelos dois poetas.	» p. 13 » p. 19
1516	É intitulado Doutor	Rubrica do *Cancioneiro geral*, fl. 109, col. 1. — *Vida*, por D. Gonçalo Coutinho.	» p. 10
1521	Viagem á Italia, quando começou a guerra entre Carlos V e Francisco I.	*Carta* a D. Fernando de Menezes.	» p. 32
1526	Regressa a Portugal, reinando Dom João III, havia alguns annos já.	Ecloga *Salicio*, á morte de Garcilasso, aonde cita João Rucellai e Lactancio Tolomei.	» p. 51 » p. 52
1527	Reside em Coimbra, aonde faz o *Discurso* da recepção a Dom João III, que fugiu com a côrte, da peste.	*Oração ao rei Dom João* III *e Rainha D. Catherina na cidade de Coimbra, que fez Francisco de Saa, no anno de 1527.*— *Carta* a Pero Carvalho.	» p. 59 » p, 64

ANNO	FACTO	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1527	Escreve a Comedia dos *Estrangeiros*, em que se refere ás guerras de Carlos V e Francisco I e á peste.	Prologo da Comedia *Estrangeiros*.	*Historia do Theatro*, t. II, p. 62.
1532	Escreve a Ecloga *Andres*, causa do seu ostracismo da côrte.	*Vida*, por D. Gonçalo Coutinho.	Supra, p. 70
1534	Deixa a vida da côrte, e retira-se para o Minho, para a Commenda das Duas Egrejas.	*Vida* por D. Gonçalo Coutinho. — *Elegia* á morte do Principe Dom João.	» p. 76 » p. 79
1535	Reside em Basto na Quinta da Barroca, do seu amigo Antonio Pereira Marramaque.	*Carta*, a Antonio Pereira, Senhor de Basto.	» p. 96
1536	Casa com D. Briolanja de Azevedo, da casa dos Machados de Azevedo, e vem residir na Quinta da Tapada.	*Vida*, por D. Gonçalo Coutinho. — *Vida de Manoel Machado de Azevedo*, pelo Marquez de Montebello, cap. VIII.	» p. 111
1538	Escreve a comedia dos *Vilhalpandos*.	Prologo dos *Vilhalpandos*, em que allude ao Cerco de Diu, em 1537.	*Historia do Theatro*, t. II, p. 67.
1545	O Infante Cardeal Dom Henrique pede-lhe as suas Comedias para as mandar representar.	*Dedicatoria*, em que intitula o Infante *Cardeal*, que só o foi depois de 1545.	Idem, p. 71
1553	Morre em Ceuta seu filho Gonçalo Mendes de Sá, combatendo contra os mouros de Tetuão.	*Carta* de Antonio Ferreira. — *Elegia* de Sá de Miranda em resposta. — *Vida*, por Dom Gonçalo Coutinho.	Supra, p. 122

ANNO	FACTO	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1555	Morte de sua mulher Dona Briolanja de Azevedo, por ventura, de desgosto pela morte do primeiro filho.	*Vida* por Dom Gonçalo Coutinho. — Soneto xxvi de Sá de Miranda.	Supra, p. 129
1558	Morre Sá de Miranda, com sessenta e tres annos de edade.	*Vida*, por Dom Gonçalo Coutinho.	» p. 130

Quadro das edições das Obras de Sá de Miranda

1560	Comedia *Vilhalpandos.*	Coimbra, por Antonio Mariz.	In–12.
1561	» *Estrangeiros.*	» » João Barreira.	In–12.
1595	Obras do celebrado luzitano, etc.	Lisboa, » Manoel de Lyra.	In–4.º
1614	» (com a vida anonyma.)	» » Vicente Alvares.	In–4.º
1622	Comedias, (com as de Ferreira.)	» » Antonio Alvares.	In–4.º
1626	Satyras (edição das Cartas.)	Porto, » João Rodrigues.	In–8.º
1632	Obras (repetição da de 1614.)	Lisboa, » Paulo Crasbaeeck.	In–32.
1651	» » »	(Citada por Inn. *Dicc.* t. ix, p. 371.)	
1677	» » »	Lisboa, á custa de Antonio Leite.	In–8.º
1784	» » (com as Comedias.)	» typ. Rollandiana.	2 vol. in–8.º
1804	» (unica, conforme á de 1595.)	» impressão regia.	In–8.º

LIVRO II

ESCHOLA DE SÁ DE MIRANDA

A grande probidade que se descobre em todos os actos da vida de Sá de Miranda, foi tambem o ideal que procurou realisar nas suas creações artisticas. Quando voltou da Italia, vinha aturdido por essa dissolução dos costumes que deram causa á Reforma, e deslumbrado ao mesmo tempo pelo genio fecundo da Renascença pagã. A existencia lugubre da sociedade portugueza desgostou-o; ainda se usava na côrte as tristes *esparsas,* os *motes* semsabores. Faltava em roda d'elle uma pleiada de improvisadores, como os que poetaram nos serões de Dom Manoel, esse Dom João de Menezes, o Camareiro Mór, os Silveiras, Garcia de Resende, e outros muitos; *«eram idos os bons tempos.»* As

primeiras poesias que escreveu eram ditadas pela saudade do passado; o fausto das côrtes italianas fazia-lhe sentir o vasio do paço, a falta geral de gosto e actividade artistica, e ao mesmo tempo tornava-lhe mais luminosas as impressões do tempo em que trovara com os fidalgos do *Cancioneiro.* Os seus versos em que lamenta a falta de encendimento, e pergunta que é feito dos *sèrões* de Portugal, immediatamente agruparam em volta d'elle outros poetas que estavam assombrados com as novas formas da litteratura italiana e se não atreviam a romper com a degenarada tradição provençal. O Infante Dom Luiz amava a Italia, e de lá mandava vir architectos; a tentativa de Sá de Miranda foi tambem ensaiada por elle. Não faltaram maliciosos sorrisos dos velhos adeptos da *Poetica* de Juan del Encina; não se riam do subjectivismo de Petrarcha, mas atacavam o endecasyllabo como estrangeiro e prosaico; quizeram confundir o verso novo com as ideias novas da Reforma. As poesias de Sá de Miranda ficaram ineditas até muito depois da sua morte; mas a influencia que ellas não poderam por este motivo exercer nos poetas portuguezes, foi substituida pela mais franca e ingenua sympathia da parte dos mancebos, como Ferreira, Bernardes, Caminha, Jorge de Monte-Mór, Dom Manoel de Portugal e outros muitos, que se lhe associaram. Renovavam assim a convivencia dos tempos classicos.

Como não eram estreitas, sinceras aquellas amisades litterarias que encontramos na antiguidade roma-

na! O prazer da publicação resumia-se todo em uma leitura *ad sodales;* a obra tinha um certo recato, mostrava-se só aos que estavam na intimidade, como uma reliquia veneranda, que só podia ser tocada pelos sacerdotes da mesma religião da arte. Cada pagina que se ia lendo era mais um segredo da alma que a amisade descobria; é assim o extremo de Ovidio por Tibullo, de Horacio e Virgilio, e entre toda a pleiada de lyricos, que recitavam seus carmes amorosos ao murmurio cicioso das fontes do jardim de Tibur. A anciedade da gloria levava-os a procurar um auditorio mais amplo; Lucano, o grande poeta da *Pharsalia,* conspira contra Nero, porque o imperador despeitado com o triumpho que elle alcançára em um certame poetico, prohibira-lhe recitar os seus versos em publico. Era um tormento moral mais doloroso do que todas as sevicias da carne. Que transporte de alegria, que jubilo indizivel nas lagrimas choradas em uma assembleia, em que Stacio recitava a sua *Thebaida!* Voltaram-se todos para ver quem interrompia a magia suave d'aquelles numeros: era a mulher do poeta, prostrada de admiração ante o seu marido, e não podendo conter em si já tantas emoções, tantos sentimentos, que o enthusiasmo da turba, a harmonia das palavras, a expressão olympica da fronte do cantor lhe despertaram a um tempo na alma.

Este thema eterno do amor tornou universal a eschola petrarchista italiana; tambem o amor pelo cara-

cter integro de Sá de Miranda, e pela intenção pura da sua obra, o tornou centro da nova phase da poesia lyrica que, a contar do segundo quartel do seculo XVI até aos primeiros clarões do Romantismo, prevaleceu em Portugal.

CAPITULO I

Luctas da introducção da Eschola italiana

A Renascença italiana adoptada em França, Inglaterra, e Hespanha. — Navagero incita Boscan a imitar os novos metros. — Castillejo e Gregorio Silvestre. — Volta de Sá de Miranda da Italia, aonde recebeu a direcção artistica de João Rucellai e Lactancio Tolomei. — Funda a *Eschola italiana* em Portugal. — Defeza da eschola italiana similhante á de Boscan. — O metro endecasyllabo usado pelos Provençaes. — Apparecimento do *Cancioneiro de Dom Diniz* em Roma. — Seu valor na questão dos novos metros. — Ferreira é para Sá de Miranda o mesmo que Garcilasso para Boscan. — Ferreira desenvolve a questão da eschola italiana, e faz um manifesto similhante ao de Du Bellay em França. — Bernardes associa-se á nova pleiada. — Camões é guerreado. — Bernardes não o ennumera entre os novos poetas. — Projecto de um Cancioneiro quinhentista por Bernardes.

Conta-se de Archimedes, que estava todo enlevado na contemplação dos problemas da alta mathematica, quando foi tomada Syracusa e um soldado romano o assassinou. É esta a imagem verdadeira da actividade artistica da Italia, a contar do seculo XV; os exercitos francezes de Carlos VIII entravam em Milão, e os philosophos discutiam o idealismo platonico, os pintores não sentiam o ruido das armas nem se perturbavam na realisação da eterna belleza, os eruditos recolhiam os venerandos pergaminhos das litteraturas antigas, os Aldos levavam a typographia a uma correcção ainda hoje não excedida. O genio italiano acceitava o despotismo estrangeiro, e refugiava-se no mundo da Arte, inaccessivel para todo o resto da Europa.

Quasi sem desembainhar a espada, Carlos VIII viu-se senhor de Napoles e de grande parte de Florença; a nacionalidade italiana estava politicamente morta, sem resistencia; mas o estrangeiro que retalhava o coração da Italia, conhecia que estava recebendo um sangue puro e novo para adoçar a sua barbaridade. Vencida pelas armas, anullada politicamente, a Italia assombrava pela grandeza das suas creações, revivia na alma dos outros povos, dominava, prendia á imitação das suas maravilhas a intelligencia d'aquelles que a derrubavam. O que aqui se dá com a Arte, deu-se em Roma com as Leis.

Carlos VIII attraíu os sabios e os artistas que acordaram em França as primeiras harmonias da Renascença. Com a invasão de Luiz XII, e depois de tomada Milão, a França enriqueceu-se com as bibliothecas de Italia, e apparece então a primeira pleiada dos poetas anteriores a Marot, que se inspiraram do lyrismo italiano.

Começam as peregrinações a esse grande centro da actividade intellectual e sentimental, e a Europa corre ás ruinas d'essa segunda Grecia para se apoderar de tantos monumentos. Francisco I imita nos seus folguedos a vida italiana, tendo sido educado por um pedagogo italiano Luizziano Stoa. Nas côrtes da Europa, dansava-se a *pavana,* dança privativa de Padua, citada por Jorge Ferreira; (1) imitavam-se os contos de Boccacio, representavam-se as comedias, e convidam-se os gran-

(1) *Historia do Theatro Portuguez,* t. II, p. 48.

des artistas e architectos para construirem e ornarem os palacios, ao modo de Roma, como os de Veneza, e Florença. Francisco I inscreve-se como cidadão no *Livro d'Ouro* de Veneza. (1) O protectorado artistico dos Gonzagas, dos Malatesta, dos Medicis é imitado por todos os reis, que mandam á Italia convidar os artistas e eruditos, dando-lhes grossos presentes e offerecendo-lhes o asylo das suas côrtes. Rubens tambem foi convidado para Portugal. Os reis, n'este seu desejo de rocolherem a tradição da arte, diffundida da Itatia, tornaram-se tambem poetas: Francisco I, Henrique VIII, Maria Stuart, Isabel, escreviam versos petrarchistas; em Portugal o Infante Dom Luiz tambem adoptara os metros italianos, e a Infanta Dona Maria fundava uma Academia de mulheres. Foi em França que primeiro se sentiu a acção da Renascença da Italia, em consequencia das invasões successivas e da occupação militar.

A corrente do enthusiasmo passou tambem a Inglaterra, mas vagarosamente. Depois de França, a Hespanha e ao mesmo tempo Portugal abraçaram a nova civilisação que os desastres da guerra lhes revelavam: assim insensivelmente a litteratura caminhava para uma unidade que deixava em relevo a homogeneidade da grande raça latina. Como saxão, o genio inglez não abraçou logo a Renascença italiana. A Inglaterra não tomou parte nas luctas da casa de Valois e da Casa de

(1) Rathery, *Influence de l'Italie sur les Lettres françaises*, p. 65.

Austria sobre o solo da Italia; separou-se da dependencia espiritual de Roma, ficou entregue á sua hombridade saxonia. Foi sómente pela imitação faustosa da côrte e da aristocracia, que a Renascença penetrou na Inglaterra; Henrique VIII tentou attrair para Inglaterra Ticiano e Raphael por emulação de Francisco I, que tinha estreita amisade com Primatice e Benvenuto Cellini. A architectura italiana tornou-se official em Inglaterra depois de 1544, e as *villas* substituiram os castellos feudaes. Em Poesia, appareceu na côrte de Henrique VIII Thomas Wyat e o Conde de Sarrey, que imitaram o lyrismo italiano; viajaram pela Italia, do mesmo modo que Sá de Miranda, e aí tomaram conhecimento da poesia de Dante, de Petrarcha e de Ariosto. Puttenhem considerava-os como os primeiros reformadores do estylo e metro inglez. Até aqui dava-se a imitação como uma consequencia fatal, uma fascinação irresistivel.

Em França a lucta começou com a reacção de Ronsard e de Du Bellay contra a eschola de Marot; em Inglaterra a contra-revolução classica deu-se no reinado de Isabel. Gower, soffria os mesmos assaltos a que ficara exposto Marot; os *euphuistas* proclamaram a infallibilidade das obras gregas e romanas; do mesmo modo que a eschola de Ronsard, os *euphuistas* crearam tambem uma lingua sua, original e pittoresca para substituir a linguagem vulgar. Lyli foi o Ronsard da Inglaterra, e Philippe Sidney o seu Du Bellay. (1) No meio

(1) François Victor Hugo, *Sonets de Shakespeare*, p. 6.

d'esta lucta, que se passava ao mesmo tempo em França, na Inglaterra, em Hespanha e Portugal, dava-se uma contradicção flagrante na intelligencia humana: o seculo XVI condemnando a philosophia escholastica, banindo para sempre Aristoteles, e ao mesmo tempo elevando a sua *Poetica* á altura de codigo supremo das creações artisticas.

A revolução classica em Hespanha deu-se quasi ao mesmo tempo que em Portugal, e de alguma forma actuou sobre nós; em compensação démos-lhe os principaes poetas e novellistas da Renascença, Sá de Miranda e Jorge de Monte Mór, que escreveram na lingua castelhana. A poesia hespanhola estava em um estado de estagnação; imitava-se uma degenerada poesia provençal; citava-se é verdade o nome de Dante e de Petrarcha, mas não se passava alem dos modelos que deixaram o Marquez de Santillana, Jorge Manrique e Juan Rodrigues del Padron. Com o accesso de Carlos V ao throno de Hespanha, logo que começaram as guerras com Francisco I, principiou tambem a invasão hespanhola na Italia. Vencedor de Francisco I, nas batalhas, Carlos V quiz tambem excedel-o na cultura artistica. Os soldados hespanhoes, que andavam na guerra, não se occupavam com as canções petrarchistas, e continuaram a cantar os velhos romances granadinos; este facto é-nos revelado pelas edições de Romanceiros hespanhoes que se fizeram na Italia. A educação classica era privativa da aristocracia, e por ella é que devia communicar-se á Hespanha a renascen-

ça italiana. Garcilasso andou com Carlos V nas guerras da Italia; o nosso Jorge de Monte Mór, ainda que mais tarde, seguiu tambem aí a carreira das armas. Boscan, o que primeiro ensaiou os metros italianos, militou no exercito de Carlos V, e durante as suas viagens aprendeu a admirar o esplendor da Italia; Boscan sentiu-se muito cedo poeta, mas até aos vinte e cinco annos não teve força para se emancipar da imitação de Juan de Mena, do Marquez de Santillana e de Manrique; as duas phases poeticas que se encontram nos seus versos apparecem igualmente nas obras de Sá de Miranda, que antes da sua viagem á Italia imitava as coplas de Dom João de Menezes e do Coudel Mór. Boscan no segundo livro das suas Obras, em uma Carta á Duqueza de Soma, conta o modo como se inaugurou a *eschola italiana* em Hespanha; em 1524, Andrea Navagero foi enviado como embaixador de Veneza a Carlos V; durante os seis mezes que esteve em Granada, encontrou-se com Boscan, com quem conversava sobre litteratura. As suas conversas exerceram no espirito de Boscan a mesma influencia que Lactancio Tolomei e Juan Ruçellai causaram em Sá de Miranda com a sua convivencia. Depois de 1526 é que Sá de Miranda voltou para Portugal; e foi tambem por 1526 que Boscan conversou com Andrea Navagero. Assim, diante d'estes factos dados pela chronologia, concluimos que a *eschola italiana* entrou ao mesmo tempo em Hespanha e Portugal. As proprias palavras de Boscan, são um importante documento historico, que tambem nos inte-

ressa: «Estando um dia em Granada com Navagero, tratando com elle cousas de engenho e de letras, me disse: porque não ensaiava na lingua castelhana sonetos e outras formas de trovar usadas pelos bons auctores de Italia; e não sómente m'o disse assim distrahidamente, mas tambem me pediu para que experimentasse. Poucos dias depois parti para a minha terra, e com a extenção e soledade do caminho, pensando em diversas cousas, muitas vezes vim dar no que havia dito Navagero. D'este modo comecei a tentar este genero de verso. A principio achei alguma difficuldade, por ser mui artificioso e ter muitas particularidades differentes do nosso. Porém depois, parecendo-me por ventura com o amor das proprias cousas, que começava a saír-me bem, fui-me pouco a pouco entregando com mais calor a isto.» Até aqui conta Boscan como foi levado a introduzir em Hespanha a *eschola italiana*. Não é menos curiosa a relação da lucta que teve a affrontar: «a cousa era nova em nossa Hespanha, e os homens tambem novos, pelo menos muitos d'elles, e em tanta novidade era impossivel não temer com causa ou sem ella. Quanto mais, que logo que puz mãos n'esta obra, *topei com homens que me contrariaram*.... uns se queixavam que nas trovas d'esta medida, as consoantes não andavam tão descobertas nem soavam tanto como nas castelhanas. Outros diziam que este metro não sabiam se era verso ou se era prosa. Outros arguíam dizendo, que isto principalmente devia de ser para mulheres, porque ellas só decoravam de cousas de substancia ape-

nas as palavras e a doçura das consoantes. Estes homens, com estas suas opiniões me moveram a que estudasse melhor a questão, para que entendendo-a visse mais claro as suas razões. E assim quanto mais tenho querido chegar ao resultado, discutindo commigo, e conversando com outros, tanto mais conheço o pouco fundamento que *elles tiveram em metter-me estes medos.*» O que fortaleceu mais a tentativa de Boscan foi o ter-se Garcilasso de la Vega decidido pelos metros italianos; a perfeição com que versejava, o gosto delicado, e as viagens pela Italia e pelas principaes côrtes da Europa, auctorisavam o seu voto. Continúa Boscan, no interessante prologo: «Mas isto não bastava para fazer-me passar muito adiante, se Garcilasso, com seu juizo, o qual não sómente em minha opinião mas na de toda a gente é tido como rega certa, me não confirmasse n'este meu empenho. E assim louvando-me muitas vezes este meu proposito, e acabando por aproval-o com o seu exemplo, porque tambem quiz encetar este caminho, a final me fez occupar minhas horas vagas em isto mais detidamente.» A questão da *eschola italiana* versava unicamente se devia ser banido o verso octosyllabo para substituir-se pelo verso heroico ou endecasyllabo. Tomada a esta altura a questão, os adversarios deram uma prova solemne de que ignoravam a existencia da antiga poesia hespanhola, quasi toda em endecasyllabos. Castillejo foi um dos adversarios; por este tempo andava tambem em Hespanha Gregorio Silvestre, musico portuguez e mestre da Capella da Sé de

Granada (1) que quebrou lanças pelo verso nacional de redondilha. Argote de Molina, no *Discurso sobre a Poesia antiga Castelhana,* viu melhor; reconheceu que o verso heroico italiano era já conhecido em Hespanha desde o tempo de Dom João II, e empregado em sonetos e canções pelo Marquez de Santillana; tambem reconheceu que o verso de redondilha não era extranho á poetica italiana, taes como os Canticos de S. Francisco de Assis. No citado prologo do livro II de Boscan, confessa o inovador, que o endecasyllabo não é privativo da lingua italiana, e abona-se com os trovadores catalães, principalmente com as canções de Ausias March: «poderemos muito bem e facilmente chegar até muito perto da sua origem, e assi o vemos agora em nossos dias andar bem tratado em Italia, que é uma terra mui florescente de ingenhos, de letras, de juizos e de grandes escriptores. Petrarcha foi o primeiro, que em aquella provincia o acabou de pôr na perfeição em que ficou e ficará para sempre. Dante foi mais atraz: usou muito bem d'elle; porém differentemente de Petrarcha, em tempo de Dante e um pouco antes, floresceram os provençaes, cujas obras por culpa dos tempos andam em poucas mãos. D'estes Provençaes sairam mui excellentes auctores Catalães, dos quaes o mais excellente é Ausias March.» (2)

(1) Joaquim de Vasconcellos, *Os Musicos Portuguezes*, t. II.
(2) Boscan, liv. II, fol. 59, mihi.

Á maneira de Boscan, Sá de Miranda tambem procura justificar em Portugal a introducção do verso endecasyllabo; egualmente se abona com Dante, com Petrarcha e com os Provençaes, como para mostrar que este verso pertence ao genio rythmico das linguas neolatinas:

> Despois co'a melhor lei, entrou mais lume,
> Suspirou-se melhor, veo outra gente
> De que *Petrarcha* fez tão rico ordume;
>
> Eu digo os *Proençaes*, de que ao presente,
> Inda rithmas ouvimos que entoaram
> As musas delicadas altamente.
>
> Aquelles *Dantes*, que versos danaram,
> Perdoem, ah que o digo vergonhoso,
> Com doo de bons que enganaram. (1)

Sá de Miranda condemnava Dante por ter feito decair a poesia provençal. Por uma das suas Eclogas conhece-se que imitou uma fabula de Pedro Cardinal; o caracter d'este trovador tem grandes analogias com o de Sá de Miranda: «Pedro Cardinal é o mestre do sirventesio moral... O zelo, a independencia com que estigmatisou a decadencia dos costumes, a originalidade da sua dicção, a energia da expressão, são outros tantos florões da sua corôa... Trata constantemente o seu assumpto sob um ponto de vista geral, abstrahindo das individualidades... As suas canções

(1) *Obras*, de Sá de Miranda, p. 109, Ed. 1804.

satyricas são principalmente dirigidas contra duas classes da sociedade, o clero e alta nobreza; e pode-se avançar que elle ataca os vicios do orgulho e da corrupção com uma coragem verdadeiramente infatigavel.» (1) Estes mesmos traços pintam perfeitamente Sá de Miranda, que parece ter temperado a sua poesia na eschola d'este trovador.

Como Boscan, tambem Sá de Miranda recebeu a direcção para introduzir a nova poesia em Portugal, de distinctos litteratos italianos; a nobreza de Lactancio Tolomei não era inferior á de Navagero; egualmente o erudito e poeta Juan Rucellai contribuiu para que elle estudasse a nova poetica. Sá de Miranda louva estes cavalheiros na Ecloga á morte de Garcilasso. Para justificar a ousadia de usar o verso endecasyllabo, não cessa de louvar Ariosto, Sanazarro, e o Cardeal Bembo:

........os amores
Tão bem escriptos de *Orlando*
Envoltos em tantas flores.
........*os Assolanos*
De Bembo engenho tão raro
N'estes derradeiros annos,
C'os pastores italianos
Do bom velho Sanazarro. (2)

Rogel, del ingenioso Ferrarez
Tanto alabado, em tam sabroso estyllo (3)

Outra vida a *Beatriz* ha dado el Dante
Boccacio alçó *Fiametta* en verso e prosa, etc.

(1) Frederico Diez, *Les Troubadours*, p. 382.
(2) *Obras*, p. 96, ed. 1804.
(3) Id. p. 146.

Sá de Miranda era o primeiro a accusar as suas imitações do gosto italiano; nas rubricas da edição das suas Obras de 1595, supprimidas em todas as outras á excepção da de 1804, apparecem estas valiosas revelações. Na *Canção a Nossa Senhora,* diz: «seguindo ao Petrarcha, na composição d'aquella *Vergine bella,* etc. Respondendo a um soneto de D. Manoel de Portugal, vae «pelas mesmas consoantes, como fez o Petrarcha.» Segue o mesmo artificio metrico em outro soneto em resposta a Pero de Andrade Caminha. A Carta a Dom Fernando de Menezes, em resposta a outra que recebeu de Sevilha, é em tercetos: «Á maneira italiana.» A forma da *sextina* tambem foi por elle implantada da Italia, como o dá a conhecer por uma rubrica. Em outro logar classifica as «Glosas, Cantigas e Chistes ao modo italiano:» Como Du Bellay, quando reagiu contra a eschola de Marot, que ridicularisava a forma do *dizain,* do *rondeau bien troussé,* da *ballade,* tambem Sá de Miranda ao vulgarisar o verso endecasyllabo se viu forçado a banir os *Villancetes brandos,* as *Letras,* as *Invenções,* os *Mottes,* as *Perguntas,* as *Sparsas tristes,* com que se encheu o *Cancioneiro* de Resende, e que elle tanto admirara em sua mocidade. (1) A eschola italiana começava a ser imitada, como se vê em um soneto a Francisco de Sá de Menezes: «A um Capitulo da maneira italiana, que fez... á Madanella.» (2) A litteratura italiana começava então a propagar-se em

(1) Vid. supra, p. 49.
(2) Ed. 1804, p. 12; repetido a pag. 422.

Portugal; mas á reacção que soffreu a eschola classica se deve attribuir o vermos tão cedo condemnados nos *Index Expurgatorios* de 1564, e 1581, e 1597, as obras primas dos genios da Italia. (1) Em muitos logares dos seus versos Sá de Miranda declara que a elle se deve a introducção da maneira italiana em Portugal, abrindo entrada *aos bons cantares peregrinos.* Aprazia-lhe o canto extranho, e depois de procurar accomodal-o ao gosto nacional, esquece-se dos pontosos de rosto carregado, e dos risos sardonicos, e diz com a segurança de quem praticou uma acção boa; «*Fiz o que pude...*»

De tres lados se dava a lucta contra a introducção da *eschola italiana;* pelos partidarios dos vilancetes e

(1) Pelos *Index Expurgatorio* de 1564, 1581 e 1597, se vê o muito que em Portugal se conhecia a litteratura italiana da Renascença. No primeiro *Index*, prohibe-se :

Boccacio, *Decades* seu *novella centum*, quandiu expurgatæ ab iis, quibus rem patres commiiserunt, non prodierint. *Index* de 1564, fl. 16 v.

Caprici del Bottaio, de Giambattista Gelli, quandiu enendatus, non prodierit. Id. fl. 18.

Capo finto. fol. 18.

Dantis, *Monarchia*, fl. 20.

Discursi sopra i Fioretti de S. Francisco, fl. 21.

Ludovici Pulci, *Poemata*, nempe *Ode, Sonetti, Canzoni*, fl. 22 v.

INDEX DE 1581.

Cento novelle scelte, da piu nobili scriptori de la lengua vulgari, con la juncta di cento altre novelle. fl. 17 v.

Cerva Bianca.

Facecia, e motti e burle raccolte per M. Ludovico Domenichi e Guicjardin. 19.

Figure de la Biblia illustrate d'estanze toscane per Gabrielle Simeone, fl. 19.

Esparsas dos trovadores do *Cancioneiro geral,* que ainda viviam na côrte de Dom João III, e ainda suspiravam pelo diapasão das trovas de Dom João de Menezes. O louvor que Jorge Ferreira de Vasconcellos dá a Dom João de Menezes, collocando-o acima dos poetas novos, bem revela o espirito de reacção. (1) O segundo ataque partia dos poetas dramaticos, que procuravam sustentar o theatro nacional e os Autos escriptos na forma da redondilha, contra a comedia em prosa; esta lucta começou com Gil Vicente em 1523, e continuou-a Antonio Prestas em 1530. (2) Por ultimo a influencia dos romances populares exercida sobre os poetas cultos,

Pecorone, di Messer Jovani Fiorentino. 21. v.

«Nos *Epigrammas* de Sanazarro, se hão de riscar todos os que falam contra alguns summos Pontifices, e outros por desonestos, como se usa. fl. 35.

«Nos Commentarios de Christoforo Landini, sobre a *Comedia* ou *Cantos* de Dante, se hão de riscar algumas proposições, como o que tem sobre o segundo Canto do inferno, nas folhas, 27, primeira banda, no começo, onde affirma, que a materia prima, e os Anjos e os ceos são creaturas eternas, que foi erro de alguns philosophos gentios.

«E no canto do *Inferno*, fl. 32, na primeira banda, diz, que se não hade dar pena de morte aos hereges, se não de carcere: o que tambem se ha de tirar.

«E no mesmo texto de Dante, ha passos, que, por obrigação se devem riscar, que se mostrarão quando se presentarem ao Santo Officio. *Index* de 1581, fl. 38 v.

«—De *Orlando Furioso*, se hão de riscar algumas cousas, que tem scãdalosas e deshonestas, como se pode ver no canto septimo e decimo quarto e vigesimo septimo.

«—O mesmo se ha de fazer no *Orlando Enamorado*, por ter cousas semelhantes, como se ha de ver no canto segundo, e quarto e vigesimo quarto. Fl. 39.

(1) *Aulegraphia*, fl. 129.

(2) *Vid.* os dois primeiros volumes da *Historia do Theatro Portuguez*, passim.

levou-os a dar no seculo XVI uma forma subjectiva a essas epopêas anonymas e narrativas; pelos romances populares é que se conheceu o grande alcance do verso octosyllabo que estava sendo desthronado pelo endecasyllabo. A lucta n'este ultimo campo foi a mais renhida, por ter um fundamento philosophico. Tratámos d'ella especialmente nas *Transformações do Romance popular do seculo XVI a XVIII.* (1) Em volta de Sá de Miranda agruparam-se os homens mais eruditos, que o apoiavam com o seu exemplo; foram estes o Infante Dom Luiz, que esteve com Garcilasso na tomada da Goleta, Dom Manoel de Portugal, Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, Jorge de Monte-Mór, Antonio Pereira, Francisco de Sá de Menezes, Pero d'Andrade Caminha. Antonio Pereira filiava-se na nova eschola dos metros toscanos offerecendo um exemplar do bom Lasso; podemos considerar a edição das Obras de Boscan, em Lisboa, em 1543, como um signal do triumpho. (2)

Á maneira italiana, os poetas que imitaram o genero pastoril, seguiram o systema de poetisar os seus nomes ou anagrammatisando-os, ou compondo de varios syllabas de outros nomes uma designação arcadica.

(1) *Floresta de Romances*, Introducção, p. v a LIII.

(2) Esta edição de 1543 é desconhecida em Portugal; achámol-a citada em Bouterwek, *Histoire de la Litterature espagnole*, t. II, p. 237, ediç. de Paris, de 1812. Aí diz: «La Bibliothèque de Goettingue possède une edition des Euvres de Boscan, qui parait être la première; elle est intitulée *Obras de Boscan,* Lisboa, 1543, in-8.°»

Dá-se principalmente este phenomeno litterario no seculo XVI, quando o sentimento lyrico limitado á expressão da personalidade, tinha de ser velado para dar á realidade um colorido vago. Bernardim Ribeiro, chamava-se *Narbindel* e *Bimnarder;* Christovão Falcão, *Crisfal;* Camões anagrammatisou o nome da sua amante Catherina, em *Nathercia.* Os poetas da eschola italiana tambem usaram isto nas suas eclogas; Bernardim Ribeiro chama a Francisco de Sá de Miranda *Franco de Sandomir.*

A Camões chamava Ferreira odiosamente *Magallio;* a Diogo de Teive, *Tevio;* a Francisco de Sá de Menezes, *Sazio.* Ferreira era *Serrano;* Pero de Andrade Caminha era *Androgeo;* Antonio Pereira Marramaque, senhor de Lamegal e de Basto, era *Nemoroso,* talvez por ter offerecido a Sá de Miranda um exemplar de Garcilasso; Bernardes, *Limiano;* Frei Agostinho da Cruz, *Limabeu,* por serem ambos naturaes de Ponte do Lima.

Á maneira de Boscan, Sá de Miranda comprehendeu tambem como se justifica a introducção da *eschola italiana* em Portugal, abonando-se com o grande uso que os Provençaes fizeram do verso endecasyllabo. Quando estava a questão n'este ponto, e Antonio Ferreira abraçava a nova eschola, aconteceu descobrir-se em Roma, na Bibliotheca de Vaticano, o *Cancioneiro de Dom Diniz,* que havia seculos estava perdido. O abbade Barbosa Machado, fundando-se na authoridade de Duarte Nunes de Leão e de Frei Antonio Brandão,

diz, que este *Cancioneiro* «appareceu em Roma, quando reinava em Portugal Dom João III.» A passagem a que se refere Barbosa é a seguinte: «....á imitação dos Avernos e Provençaes, segundo *vimos,* per um *Cancioneiro* seu, que em Roma se achou em tempo de El-Rei Dom João III, etc.» (1) A impressão que este valioso achado produziu nos poetas classicos portuguezes, vê-se nos seguintes versos de Ferreira:

Inda n'aquella edade inculta e fera
Ás forças toda dada, hum sprito raro
Piadoso templo ao brando Apollo erguera:

Santo Diniz na fé, nas armas claro,
Da patria pay, da sua lingua amigo,
D'aquellas Musas rusticas amparo.

Com magoa o cuido, ah com magoa o digo,
Como um povo, em seu bem sempre constante
Veo assi ser da sua lingua imigo? (2)

Com o apparecimento do *Cancioneiro del-Rei Dom Diniz,* Sá de Miranda e Ferreira tiravam argumento cada um para a direcção que imprimia á nova poetica. El-Rei Dom Diniz, e os Catalães, que imitaram os poetas Provençaes, abandonaram as *serranilhas* e *dizeres* populares em verso d'arte menor, para escrever no metró endecasyllabo. Isto mesmo já deixara dito o Marquez de Santilhana, na sua celebre Carta ao Condesta-

(1) Nunes de Leão, *Chronica dos Reis de Portug.* P. I, t. 2, p. 76 (1774).
(2) *Poemas Lusitanos,* t. II, p. 104.

vel de Portugal: «Os Catalães, Valencianos, e ainda alguns do Reino de Aragão, foram e são grandes officiaes d'esta arte. Escreveram primeiramente as trovas rimadas, que são pés ou bordões largos de syllabas e alguns consonavam e outros não. Depois d'isto usaram o dizer *em coplas de dez syllabas, á maneira dos lemosis.*» (1) El-Rei Dom Diniz, seguindo o metro endecasyllabo provençalesco, dizia:

«Quer'eu *en maneira de proençal,*
Fazer agora un cantar d'amor. (2)

Sá de Miranda era versado nas obras do Marquez de Santilhana, (3) e antes de 1556 succedeu a descoberta do *Cancioneiro de Dom Diniz* em Roma, pelo que elle diz: «os Proençaes, *de que ao presente,*—inda rithmas ouvimos que entoaram.» (4) Por outro lado Ferreira seguindo os metros italianos e o espirito da Renascença, trabalhava para que se abandonasse o escrever-se em latim e hespanhol, e se poetasse em portuguez, citando o nobre exemplo del-Rei Dom Diniz, que n'aquella edade fera dada ás forças, escreveu em lingua vulgar. E com que convicção diz Ferreira:

Floreça, fale, cante, ouça-se, e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva. (5)

(1) *Carta,* §. XII.
(2) *Trovas e Cantares,* de um Codice de seculo XIV, p. xxvij.
(3) *Vid.* supra, p. 27.
(4) *Obras,* p. 109. Ed. 1804.
(5) *Poemas Luz.* t. II, p. 13.

Não eram ainda bastantes estes argumentos para decidir os partidarios da *eschola velha* a adoptarem os metros italianos; foi pela influencia da mesma renovação na lingua e poesia hespanhola, que Sá de Miranda e Ferreira tentaram convencer os que só consideravam como nacional o verso de redondilha. As obras de Boscan e Garcilasso era lidas em Portugal, nada mais logico do que abonar-se com esses dois brilhantes exemplos. Sá de Miranda, na Carta a Antonio Pereira, compara o seu trabalho ao d'esses dois celebres lyricos:

Liamos pello alto *Lasso,*
E seu amigo *Boscão,*
Honra de Hespanha, que são,
Ia-me eu passo a passo,
Aos nossos que aqui não vão.

Se eu isto estimado *agora*
Vira, como d'antes era,
Por meu conto ávante fôra;
Mas não diz hora com hora,
Vae-se como ao fogo a cêra.

N'esta ultima quintilha, Sá de Miranda dá a entender, que não acha pela admissão da nova poetica o mesmo enthusiasmo como no tempo dos poetas do *Cancioneiro geral,* que abraçaram as formas usadas por Manrique, Stuniga, Padron, Mena, e os trovadores da eschola hespanhola. Pela occasião da morte do filho de Sá de Miranda nas batalhas de Africa, Ferreira dirigiu-lhe uma Elegia, em tercetos ao gosto italiano. Sá de Miranda sentiu um prazer vivo ao relacionar-se com

o vigoroso e joven adepto da eschola nova. Na resposta lhe diz:

> Esta branda Elegia, esta tão vossa,
> Quero dizer, de tanto preço e tal,
> *Que vae fugindo ant'ella a nevoa grossa.*

O venerando poeta esquece-se por um pouco da angustia da morte de seu filho, e maravilha-se de encontrar um engenho assim tão prompto, com tanto sentimento, e com o segredo de saber dizer tudo o que lhe vae na alma. E isto em tempo que a nova poesia andava vilipendiada:

> E mais em tal sasão, tal tempo, avaro
> De louvores, em gran damno
> *Dos engenhos que se acham sem amparo.*

Em seguida Sá de Miranda descreve essa nevoa grossa que vae fugindo, os partidarios dos vilancetes brandos, os fanaticos dos chistes, das esparsas, dos motes, das perguntas, das voltas, das enseladas, das chacotas, dos apodos, e de toda essa variedade complicada ainda bastante usada em *Cancioneiros* de mão. E admira-se, que imitando-se em Portugal a poesia hespanhola do seculo XV, não sigam a brilhante vereda encetada pelos dois hespanhoes Boscan e Garcilasso:

> E logo *aqui tão perto* com que gosto
> De todos, *Boscão*, *Lasso* ergueram bando,
> Fizeram dia, já quasi sol posto!

Ferreira apparecera ao lado de Sá de Miranda, que até então ía passo a passo, do mesmo modo que Garcilasso veiu coadjuvar o seu amigo Boscan. Ferreira apresentou-se como um athleta decidido; para elle importava nacionalisar o verso endecasyllabo, abandonar a rima como fizeram Rucellai e Trissino, adoptar a lingua portugueza para a linguagem poetica, e deixar a imitação classica. Em uma Carta a Simão da Silveira, tambem filiado na eschola italiana, faz a historia da Poesia da Renascença, em Italia, Hespanha e Portugal:

Não correm sempre os céos eguaes; seus fados
Teve já Grecia e Roma; acabou tudo,
Perderam-se os bons cantos c'os estados.

Ficou o mundo um tempo frio e mudo;
Veo outra gente, trouxe outra arte nova,
Em que alcançou ora *grave*, ora *agudo*.

Chamou o povo á sua invenção *trova*,
Por ser *achado* consoante novo,
Em que Hespanha té aqui deu alta prova.

Eu por cego costume não me movo;
Vejo vir claro lume da Toscana,
N'este arço; a antiga Hespanha deixo ao povo.

Oh doce rima! mas inda ata e dana,
Inda do verso a liberdade estreita
Emquanto co' som leve o juizo engana.

Não foi a consonancia sempre acceita
Tam repetida, assi como a doçura
Continua, o apetite cheo engeita.

Mas soffranol-a, emquanto uma figura
Não vêmos, que mais viva represente
D'aquella musa antiga a boa *soltura.*

Esta, deu gloria á Italiana gente,
N'esta primeiro ardeo cá o *bom Miranda;*
Vivam *Lasso* e *Boscão* eternamente.

Já com suas Nimphas Phebo entre nós anda,
Já a lyra a nossas sombras encordôa,
Responde o vale e o bosque á sua voz branda.

Porque mais Mantua e Esmyrna, que Lisboa?
Se o claro sol seu lume nos não nega,
Terá, se arte se usar, maior corôa.

Haja estudo, haja uso, não haja cega
Ousadia, na fonte beberemos,
D'onde o doce licor mil campos rega.

Porque... porque não usaremos
O que tantos ousaram? em tanta mingua
Té quando descuidados viveremos?

Deo-nos o Céo spritos, não nos mingua
Mais que mestre e uso; Ferrara ou Florença
Quam rica teve em seu começo a lingua.

....

E nós ainda estaremos duvidando?
E o fogo vivo, que se em nós levanta,
A outra lingua, ah crueis, iremos dando? (1)

(1) *Poemas Lusitanos*, t. II, p. 105.

Estes versos de Ferreira são o mais eloquente protesto da eschola italiana; as suas ideias tem uma grande analogia com o manifesto que na mesma lucta fez em França Joachin Du Bellay, na *Illustration de la langue Française*, quasi por este tempo. (1549 ou 1550.) Transcrevemos algumas das suas ideias, para que se veja como o Doutor Antonio Ferreira comprehendeu a renovação classica: «As linguas não nascem como as plantas, umas enfermas e debeis, outras sãs e robustas: toda a sua força está no querer e arbitrio dos mortaes. Condemnar uma lingua como ferida de impotencia, é pronunciar-se com arrogancia e temeridade, como fazem hoje alguns da nossa nação, que, não sendo menos que Gregos ou Latinos, desprezam e rejeitam com um sobrecenho mais do que estoico todas as cousas escriptas em francez. Se a nossa lingua é mais pobre do que a grega ou a latina não é á impotencia d'ella que se deve attribuir, mas á ignorancia dos nossos antepassados, que nol-a deixaram acanhada e tão núa, que ella tem necessidade de ornamentos e, por assim dizer, das pennas d'outrem. Não se deve desanimar: as linguas grega e latina não foram sempre o que se viu no tempo de Demosthenes e de Cicero....» Esta é tambem a ideia de Ferreira:

Geralmente foi dada boa licença
Ás linguas : umas ás outras se roubaram,
Só o bom sprito faz a differença.

Quantos, antes de Homero, mal cantaram!
Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas
Que depois tal som deram, se calaram!

Não criou logo Roma as altas pennas
Com que de bocca em bocca foi voando,
Iguaes fazendo ás armas as Camenas.

Pela sua parte, Du Bellay falando da necessidade da imitação, diz: «Os Romanos souberam muito bem enriquecer a sua lingua sem se entregar a este trabalho de traducção; mas imitavam os melhores auctores gregos, transformando-se n'elles, devorando-os, e depois de os ter bem digeridos, os convertiam em sangue e sustento. É d'esta maneira que nos é preciso imitar os Gregos e os Romanos.» Na Carta de Ferreira, recommenda-se o estudo em vez da ousadia; indica Ferrara e Florença, e Hespanha como fontes de verdadeira inspiração. No manifesto revolucionario de Du Bellay, repete-se a mesma ideia: «Tu que te destinas ao serviço das Musas, volve-te para os autores gregos e latinos, mesmo para os *italianos* e *hespanhoes* d'onde tu poderas tirar uma forma de poesia muito melhor do que a dos nossos auctores francezes.» Á voz de Du Bellay, acodem Ronsard, Pedro de Thiard, Remi Belleau, Etienne Jodelle, e de Baif. Ronsard foi condecorado em Portugal pelo Cardeal Dom Henrique, que se deliciava com as comedias de Sá de Miranda imitadas do italiano. Este facto leva-nos a crêr que a eschola classica franceza era conhecida em Portugal. Como Sá de Miranda, condemnando as esparsas tristes e vilancetes da antiga poetica portugueza, Du Bellay tambem rejeita os *rondeaux, ballades, virelais, cantos reaes,* e

canções. Ferreira tambem mostra ter conhecido esta lucta da litteratura franceza:

> E quem limou assi a lingua Franceza
> Senão os seus Francezes curiosos
> Com diligencia de honra e amor accesa? (1)

Em uma Carta a Pero de Andrade Caminha, Ferreira pede-lhe que cultive a lingua portugueza, que se ouça, fale, cante e viva:

> Se até aqui esteve baixa e sem louvor
> Culpa é dos que a mal exercitaram,
> Esquecimento nosso e desamor.
>
> ....
>
> E os que depois de nós vierem vejam
> Quanto se trabalhou por seu proveito,
> Porque elles para os outros assi sejam.

Ferreira torna-se o corypheu n'esta lucta da introducção da eschola italiana; em uma Carta a Bernardes, faz um curso perfeito de philosophia de arte; n'ella lhe recommenda:

> Vejo teu verso brando, estylo puro,
> Ingenho, arte doutrina: *só queria,*
> *Tempo e lima, d'inveja forte escudo.* (2)

(1) *Poemas Lusitanos*, t. II, p. 11.
(2) Id. ib. t. II, p. 55.

Em volta de Ferreira começou a agrupar-se uma pleiada de poetas, que deviam levantar a poesia portugueza do seculo XVI; mas causas fataes embaraçaram a efflorescencia d'esta grande seiva de vida; houveram fomes geraes, pestes quasi periodicas, desastres e perdas nas conquistas, pobreza immensa por falta de industria nacional, e para aggravar tudo isto, o Santo Officio queimando os que pensavam, e prohibindo a entrada dos livros, e os jesuitas machinando a invasão castelhana e a extincção da autonomia de Portugal. Muitos são os poetas que tiveram amisade com Ferreira, e que recebiam d'elle animação e ensino; os seus versos não são conhecidos por que totalmente se perderam ou nunca chegaram a imprimir-se. Resta-nos ao menos ennumerar os seus nomes: Dom Affonso de Castelbranco, que veiu a ser Bispo de Coimbra, cultivou a poesia, por isso diz Ferreira:

> Sprito ás Musas caro,
> Já te vejo ir voando
> Em nova forma, etc. (1)

Manoel de Sampayo era tambem outro poeta da intimidade de Ferreira, a quem este lia os seus versos:

> Saypayo, tu lá, só
> De mim estás, não das Musas, não do sancto
> Fresco, são e brando ar, que as Graças criam. (2)

> Quando eu meus versos lia ao meu Sampayo, etc.

(1) *Id.* t. I, p. 105.
(2) *Ib.* t. I, p. 107.

Dom Antonio de Vasconcellos tambem se entregara á poesia; as grandes esperanças que Ferreira tinha no seu genio, ainda se conhecem por estes versos:

> Eu digo o canto teu, eu digo a lira
> Que te dá o louro Apollo
> Para honra sua e para gloria nossa,
> Que d'um ao outro pollo
> Soará; já te inspira
> *Novo furor;* ah solta o doce canto
> Contra o qual nunca inveja ou tempo possa. (1)

Não só o Infante Dom Luiz, mas tambem o Infante Dom Duarte, discipulo do erudito André de Resende, ficaram fascinados com os novos metros. Na sua *Vida,* escreveu Resende: «Fazia trovas sentenciosas, e guardava todas as leis e arte de bem trovar.» E Ferreira:

> Vae tu (isto ousarei pedir-te) dando
> Novo favor e vida
> Ás altas Musas, que te estão chamando. (2)

Em uma das suas Elegias, lamenta a morte do joven Diogo de Bettancor:

> Aquelle raro engenho de tanta arte,
> Tanto estudo, e doutrina culto e ornado,
> Que versos dera a Amor, que canto a Marte!

Entre os numerosos poetas que cita e a quem dirige as suas Cartas e Elegias, ha fundamento para crer

(1) *Ib.* t. I, p. 110.
(2) *Ib.* p. 112.

que adoptaram a nova *eschola italiana,* Antonio de Sá de Menezes, Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, Antonio de Castilho, João Lopes Leitão, Dom Simão da Silveira. Nas obras de Bernardes encontramos tambem citados como poetas, e ás vezes com versos seus, a Diogo de Castilho, Dom Gonçalo Coutinho que escreveu a *Vida de Sá de Miranda,* a Diogo Fernandes e a Gonçalo Fernandes. Eram todos estes os que estavam destinados a continuar a róta brilhante encetada por Sá de Miranda, que não podia fazer tudo por causa das primeiras impressões que recebeu da poesia hespanhola do seculo XV.

Nos versos dos poetas quinhentistas descrevem-se as mutuas relações de amisade, louvam-se, corrigem-se, saudam-se, e por elles se pode recompôr a vida litteraria que se passava em Portugal no seculo XVI. No meio de todas as ingenuas confidencias ha uma sombra, uma desconfiança, uma falta de justiça! Não se fala nenhuma vez no nome de Luiz de Camões, o que melhor comprehendeu o platonismo mystico dos sonetos de Petrarcha e de Miguel Angelo. Ferreira allude vaga e odiosamente a elle, segundo o senhor Jorúmenha; Bernardes roubou-lhe grande parte dos seus versos, e nem sequer o ennumera entre os poetas contemporaneos que cita. Mas que importa este desprezo, esta conspiração do silencio, se Camões tinha de ser para os poetas quinhentistas o mesmo que Shakespeare foi para Sydney, Gascoigue, Lyli e os euphuistas da côrte de Isabel.

Como o primeiro e o mais antigo poeta da eschola italiana, Sá de Miranda exercia sobre os outros Quinhentistas uma influencia paternal; elle emendava os versos dos jovens adeptos que procuravam introduzir em Portugal o espirito novo. Caminha teve muito cedo amisade com Sá de Miranda, e a esta circumstancia deveu parte da celebridade que gosou. Na Carta a Jorge de Monte Mór chama-lhe o *nosso Andrade:*

> El nuestro Andrade vi muerto de ausencia,
> Sprito tan gentil, tan maltratado,
> A mal tan aspero, tantade paciencia.

Dom Manoel de Portugal mandava-lhe as suas Eclogas dizendo, que ás vezes as palidas espigas eram melhor acceitas do que o ouro reluzente; e com que santidade da alma acceitava Sá de Miranda as estancias, que appareciam *em tão baixo tempo, em que pureza nem obras havia.* (1) Sá de Miranda descreve-nos a emmoção que sentiu com aquella offerta, comparando-a ao prazer que Xerxes experimentou quando ardendo em sêde e não tendo taça por onde beber, bebeu pelas mãos lavadas de um rustico pastor. E como essa agua lhe soubera melhor do que em copas de ouro obrado, assim era a nova poesia para aquella alma que estava sedenta de vêr em Portugal inaugurada a verdadeira arte. Pe-

1) Soneto de D. Manoel de Portugal.

ro de Andrade Caminha tambem lhe mandou uma Ecloga, escrevendo-lhe:

> Não ousaram até agora apparecer
> Estes versos, de si desconfiados,
> Porque de mal compostos e ordenados
> Assás têm porque devam de temer.
>
> Vão-vos pedir, senhor, que os queiraes ver,
> E riscar e emendar, porque emendados
> Por vós, possam andar mais confiados,
> Do que por meus poderam merecer.

Diogo Bernardes quando o ia vêr no tempo em que ainda estava na sua patria, em Ponte de Lima, Sá de Miranda recebia-o com afabilidade e carinho; chamava seus filhos, a quem dera uma completa educação musical, mandava-os tocar alguns tonos e romances, e assim alegrava o seu commensal com o regosijo da hospitalidade antiga. O grau de intimidade que o joven poeta teve com o venerando Sá de Miranda, conhece-se pelo muito que elle soube da sua vida, cujas tradições transmittiu a Dom Gonçalo Coutinho, que as recolheu. A primeira Carta escripta por Bernardes em tercetos á maneira italiana, foi dirigida a Sá de Miranda quando já vivia solitario e viuvo na Quinta da Tapada. Bernardes apresentou-lhe a Carta no começo do anno, como estreia na eschola nova, e com que enthusiasmo foi recebida!

> De que espanto me encheu quanto ali via
> *E mais em parte cá tão desviada*
> *Sempre até agora da direita estrada*
> De Clio, de Calliope, e Thalía.

N'essa Carta, dizia-lhe Bernardes:

O doce estylo teu tomo por guia,
Escrevo, leio e risco; vejo quantas
Vezes se engana quem de si se fia.

Se guardo teus preceitos, que te espantas
De não me conhecer, mais certo espanto
Recebe o mundo todo do que cantas.

Eu já um novo templo te levanto
Dentro na minha ideia, onde offereço
A teu immortal nome este meu canto.

....

Não te deram os céos graças tamanhas,
Para só as lograres, mas *por seres*
Bom mestre de artes boas, boas manhas.

N'esta Carta refere-se Bernardes a uma morte, que roubou todos os prazeres do velho poeta! Talvez a morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá em 1553, ou já a de sua mulher em 1555? O desalento com que Sá de Miranda fala do seu estado moral faz-nos propender para esta ultima, o que se confirma melhor pelo terceto:

Oh que enveja vos hei a esse correr
Pola praia do *Lima* abaixo e arriba
Que tem tanta virtude de *esquecer*.

Pela occasião da morte de seu filho no desastre de Ceuta, escreveu-lhe de Coimbra Antonio Ferreira a sentida Elegia, que acima ficou citada. Foi um consolo

para Sá de Miranda ao vêr que a desgraça o ia desprendendo da vida, mas ao mesmo tempo se alevantava uma mocidade cheia de talento que havia de continuar a sua obra. Por um filho que lhe morria nos plainos de Africa appareciam outros, não creados de seu sangue mas formados pelo seu gosto, pelas suas ideias: Ferreira escreveu a Sá de Miranda tambem uma Carta á maneira italiana, pouco antes da morte de Dona Briolanja de de Azevedo, como se infere d'este receio, revelado na resposta á sua Elegia, e que Ferreira repete:

> O tempo escuro e triste, e tempestuoso
> Mal ameaça; *assi viste o passado*
> *E vês inda o porvir mais perigoso.*

É admiravel o retrato de Sá de Miranda, esboçado na Carta de Ferreira com um respeito mais do que filial; por elle se formará uma ideia do modo como esse homem verdadeiramente nobre e justo era considerado:

> Chamar-te-hei sempre bem aventurado.
> Que *tanto* ha (1) que em bom porto co essas santas
> Musas *te estás em santo ocio apartado.*
>
> Não esperas, não temes, não te espantas;
> Sempre em bom ocio, sempre em sãos cuidados,
> A ti só vives lá, e a ti só cantas.
>
> Os olhos soltos pelos verdes prados,
> O pensamento livre, e nos céos posto,
> Seguros passos dás e bem contados.

(1) Desde 1534 a 1557.

Trazes hua alma sempre n'um só rosto,
Nem o anno te muda, nem o dia,
Um te deixa Dezembro, um te acha Agosto.

Quam alta, quam christã philosophia,
De poucos entendida nos mostraste!
Que caminho do céo, que certa guia!

De ti fugiste, e lá de ti voaste,
Lá longe, onde teu sprito alto subindo
Achou esse alto bem que tanto amaste.

Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo
Com tua vida, e com teu doce canto,
Nova agua e novo fogo descubrindo.

Até aqui o retrato do homem moral, que pelo amor e pelo exemplo de uma vida cheia de integridade ia infundindo ideal em uma pleiada vigorosa; mas se Ferreira o adorava pelo seu caracter, não menos o admirava pela grande obra de renovação litteraria com que se formou o bello periodo quinhentista. Ninguem melhor do que Ferreira, conhecia tudo quanto se lhe devia:

N'este Mundo, por ti já claro e novo
Já uns spritos se erguem em teu lume,
Por quem eu, meu Sá, vejo e meus pés movo.

Já contra a tyrannia do costume,
Que té aqui como escravos em cadeias
Os tinha, subir tentam ao alto cume

Do teu sagrado monte, donde as veias,
D'esse licor riquissimas abriste,
De que já correm mil ribeiras cheias.

Ali teus passos, por onde subiste
A tam alta virtude, e tanta gloria,
Medindo iriam, como as tu mediste.

Inda seguindo a tua clara historia,
Que em vida de ti lemos, algum sprito
Com teu nome honraria tua memoria.

Mas ha tempos crueis! sôe meu grito
Por todo o mundo! mas ah tempos duros
Em que não sôa bem o bom escripto. (1)

Por ventura referir-se-ia Ferreira no penultimo terceto á vida manuscripta por Dom Gonçalo Coutinho, que a este tempo já era amigo de Bernardes? O que é certo, é termos na poesia quinhentista os unicos, mas veridicos documentos das luctas da introducção da eschola italiana em Portugal. Quando em 1553 Jorge de Monte Mór, já celebre em Hespanha pela publicação da sua *Diana,* veiu para Portugal em companhia da Infanta Dona Joanna, noiva do principe Dom João, tambem se dirigiu a Sá de Miranda como ao maior homem da Peninsula; na Carta que lhe escreveu, diz:

Pues entre Duero y Minno está encerrado
De Minerva el thesoro, a quien iremos?
Si no és a ti? no está bien empleado.

Sá de Miranda era amigo intimo do principe D. João, que lhe pedia os seus versos; é provavel que na côrte ouvisse Jorge de Monte Mór falar com assombro

(1) *Poemas Lusitanos,* t. II, p. 98.

em Sá de Miranda então bastante louvado por Jorge Ferreira de Vasconcellos, que estava escrevendo a *Aulegraphia.*

Todos os nossos poetas que se filiavam na eschola italiana, e se dirigiam a Sá de Miranda, começavam por contar-lhe a sua vida, como para mostrar que era immaculada e digna de amisade d'elle. Já Bernardes, na sua Carta I, dissera:

> Não te contarei n'ella de começo
> Qual minha vida foi, por não cansar-te, etc.

Jorge de Monte-Mór, tambem lhe escreve:

> Deite cuenta de mi, que es argumento
> De me hazer tan tuyo como digo,
> Aunque me falte aqui merecimiento.
>
> De mi vida el discurso yo me obrigo
> A contartelo en breve, aunque más breve
> Fortuna se mostrò para comigo, etc.

Com o desgosto da morte de um filho e de sua mulher, Sá de Miranda sentia-se morrer de dia para dia; em 1558 perdeu a eschola italiana a animação e o ideal, que elle lhe communicava. A este tempo já o Doutor Antonio Ferreira residia em Lisboa, aonde chegou a triste noticia; foi então que o auctor da *Carta* conheceu a falta de nunca o ter visto. Na Ecloga *Miranda,* escripta á sua morte, assim o dá a entender:

> Ah *meu bom mestre*, ah pastor meu amigo,
> Como minha alma e os olhos se estendiam
> Por ver-te, e o duro tempo foi-me imigo!

Mas inda que os meus olhos te não viam
Cá te tinha minha alma, e teus bons cantos
Là me levavam, e de ti todo enchiam.

Ferreira cantando a morte de Sá de Miranda, do *santo velho*, como lhe chama, promette manter a tradição purá que elle trouxe da lyra italiana:

Aquella lyra, a cujo som se veo
Do *Tybre* e d'*Arno* Apollo a *Neiva* e *Lima*,
Por quem verde era o campo, o rio cheo,
Corria á voz da nova *Tosca Rima*
Depois que o bom Miranda, em cujo seo
O sancto fogo ardeo, se foi acima,
Pendurou aqui Phebo; *aqui guardada*
Manda ser dos pastores sempre honrada. (1)

Tambem Bernardes sentiu a morte d'aquelle que lhe mostrara a fonte do Parnaso; (2) com que saudade diz elle: «E' este o Neiva do nosso Sá Miranda....»

Com a morte de Sá de Miranda os luctadores da eschola italiana estavam desmembrados: as suas poesias jaziam ineditas e não eram vistas pelo publico. No entanto a fama que os Quinhentistas alcançaram provocava a curiosidade dos estrangeiros. Pedro de Lemos, secretario da marqueza de Alcanisas, estando no Porto, desejou conhecer as obras dos principaes poetas portuguezes; havia pouco ainda que Sá de Miranda era morto. Dirigiu-se a Bernardes, que lhe citou os ver-

(1) *Poemas Lusitanos*, Ecloga IX.
(2) *Rimas Varias*, Soneto XCI.

sos de Francisco de Sá de Menezes e Antonio de Sá de Menezes, dos Doutores Antonio Ferreira e Antonio de Castilho, de Pero de Andrade Caminha, Francisco de Andrade, Sylva, Dom Simão da Silveira, e Dom Manoel de Portugal:

Se pertendes louvar os claros lumes
Da Musa portugueza, doce e branda,
Que de amor tem escripto varios volumes,

Lá tens o grande *Sá*, (não *de Miranda*
De quem o mortal só morte apagou,
De quem a fama viva entre nos anda.)

O de *Menezes*, digo, o qual honrou
Comsigo as nove irmãs, e tens seu *filho*
Que na brandura mais se levantou.

Tens o nosso *Ferreira* e tens *Castilho*,
E dous *Andrades*, todos luz do monte,
Dos quaes Phebo, eu não só me maravilho.

Tens *Silva*, tens *Silveira*, que na fonte
Apoz Miranda se banharam logo:
E porque mais em outros não te aponte;

Tens o de *Portugal*, que em claro fogo
D'um raro amor se vae todo abrazando
Sem lhe valerem lagrimas nem rogo.

D'estes, teu doce canto vá soando,
D'estes, escuta tu o doce canto,
Não de mim que já rouco em serras ando. (1)

(1) *Lima*, Carta VII.

Estes versos foram escriptos entre 1558 e 1569, por que dá aí Sá de Miranda como morto, e Ferreira ainda vivo; portanto n'este periodo já o nome de Camões era conhecido, e parece que ha aqui um acinte em occultar o seu nome. Esta ideia lembrou primeiro o senhor Visconde de Jorumenha; porém se nos lembrarmos que Bernardes não cita aí o nome de Jeronymo Corte Real, nem de seu irmão Frei Agostinho da Cruz, nem de André Falcão de Resende, nem de Luiz Pereira, nem de outros muitos poetas seus contemporaneos, abranda-se um pouco o odioso que nasce do seu silencio. Os versos de todos estes poetas quinhentistas estavam manuscriptos; era por isso impossivel conhecel-os bem; elles não influiram sobre o espirito geral da nação, por que vemos as duas escholas subsistirem ao mesmo tempo no seculo XVI e XVII, o verso da redondilha empregado na *eschola velha* ou hespanhola, e o verso endecasyllabo, usado unicamente pela *eschola italiana;* em quanto Ferreira e Bernardes escrevem no gosto de Petrarcha, incitados por Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcellos escreve romances populares sobre o cyclo greco-romano, e Frei Antonio de Porto Alegre escreve a *Paixão e morte de Christo em estylo metrificado;* ao passo que se introduzem as novas formas do terceto, das eclogas, das cartas, continua-se na corte e nos mosteiros a cantar as *trovas* antigas; Badajoz escreve a musica para os romances glosados. Este facto, em Hespanha deu-se egualmente e se explica pelo espirito de reacção que sustentaram principalmen-

te Castillejo e Gregorio Silvestre; em Portugal teve outra cousa: foi a limitada influencia da *eschola italiana* pelo facto de terem ficado ineditas as suas poesias até ao fim do seculo XVI.

Bernardes, como o representante da poesia quinhentista que mais tempo viveu, cedo comprehendeu que ficava perdido todo o trabalho, se essas poesias não fossem recolhidas e publicadas; á maneira das collecções italianas chamadas *Fiori delle Rime,* Bernardes tentou formar um Cancioneiro d'essas poesias perdidas. Este projecto vem revelado na Carta XXX do *Lima,* a Dom Gaspar de Sousa, filho de Christovam de Moura:

Se vejo, como espero, responder-me
De maneira, que possa a mais quieto
Com as Musas em ocio recolher-me;
De juntar os bons versos vos prometto,
Dos poetas insignes lusitanos
Aprovados por Phebo em seu decreto.
Entre as quaes se verão mais soberanos
Os de outro tio vosso valeroso
Que feneceu nos campos africanos.

Os longos desastres porque estava passando Portugal, como consequencia fatal da introducção dos jesuitas e da Inquisição, e os desgostos intimos de Bernardes, não lhe deixaram levar o seu projecto por diante. Mas a poesia lyrica do seculo XVI não podia morrer; Camões voltara da India, e os cantos que trouxe do desterro, antes de tornarem Portugal lembrado de todas as nações da Europa, acabaram com as distincções de escholas, fizeram acceitar todas as formas da verdade do sentimento.

CAPITULO II

O Doutor Antonio Ferreira

Parallelo entre a *Pleiada* e os *Quinhentistas*. — Ennumeração dos poetas da eschola italiana. — Nascimento de Ferreira, em Lisboa, aonde frequenta os primeiros estudos. — Frequenta humanidades no Collegio das Artes em Coimbra. — Quadro da reforma dos estudos em Coimbra por Dom João III. — Os estudantes representam na recepção do monarcha uma comedia de Plauto. — Amisade de Ferreira com Diogo de Teive, seu mestre. — Teive dirige os seus ensaios litterarios. — Motivo da composição da Comedia de *Bristo*. — Relações com Sá de Miranda em 1553. — Os primeiros amores de Ferreira com uma menina de Lisboa. — Os sonetos de Ferreira encerram a historia da sua alma. — Segundos amores, na cidade do Porto, com D. Angela de Noronha. — Ferreira volta para Lisboa depois de 1556. — As suas Cartas encerram a historia da vida intima do poeta. — Vive solteiro até perto de 1567. — Casa com D. Maria Pimentel. — Morte de sua mulher pouco depois do primeiro anno de casada. — Ferreira morre da peste de 1569.

A influencia da litteratura italiana do seculo XVI reflectiu-se com os mesmos accidentes e particularidades nas litteraturas dos povos latinos; pelo que se passou na renovação classica da litteratura hespanhola ou franceza, é que melhor se comprehende o que se deu em Portugal, depois do regresso de Sá de Miranda da Italia. Em 1549 ou 1550, levantou-se em França a chamada *Pleiada*, dirigida pelo fogoso Ronsard; por Etienne Pasquier sabemos o nome da cruzada nova, composta de Du Bellay, Pontus du Thiard, Remi Belleau, Etienne Jodelle, Jean de Baïf. Em Portugal depois de 1534, quando Sá de Miranda se retirou da côrte, até

1553 em que estreitou a sua amisade com Ferreira, é que se formou tambem a *Pleiada* portugueza conhecida vulgarmente pelo nome de *Quinhentistas*, á qual pertencem o Doutor Francisco de Sá de Miranda, o Doutor Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Pedro de Andrade Caminha, Frei Agostinho da Cruz, e mais tarde Camões; Dom Manoel de Portugal escreveu quasi inteiramente em Hespanhol, mas tambem contribuiu para a introducção da nova eschola. A *Pleiada* franceza era composta de outros poetas hoje menos conhecidos, como Jacques Tahureau, Guillaume Des Autels, Nicolas Denisot, Luis Le Carond, Olivier de Magny, Jean de La Peruse, Marc Claude de Buttet, Jean Passerat e Luis Des Masures; os *Quinhentistas* eram tambem secundados por uma immensa cohorte de poetas, hoje tambem pouco conhecidos, por ser impossivel encontrar os seus versos; são elles, o Infante D. Luiz, o Infante Dom Duarte, João Lopes Leitão, Luiz Alves Pereira, Heitor da Silveira, Dom Jorge de Menezes, Luiz de Victoria, tambem musico, Lopo Rodrigues Camello, Dom Luiz de Menezes, Dom Francisco de Moura, Duarte Dias, Dom Jorge de Faro, Philippe de Aguilar; (1) como na *Pleiada* franceza appareceram alguns poetas da velha eschola de Marot, taes como Maurice de Sceve e Thomaz Sebilet, o mesmo se dá em Portugal com Francisco de Sá de Menezes, Jorge Ferreira, e

(1) Estes são os poetas citados por Pero de Andrade Caminha; os que se acham citados por Ferreira e Bernardes, ficam nomeados a pag. 166 a 168.

mais tarde com Gregorio Silvestre, que renegaram da eschola hespanhola. Em Historia litteraria estas aproximações explicam a rasão de factos que muitas vezes parecem arbitrarios ou casuaes. Na indole das suas questões os *Quinhentistas* seguem o mesmo espirito da *Pleiada;* na *Illustração da lingua Franceza*, diz Du Bellay: «Substituí as *farças* e as *moralidades* pelas comedias e pelas tragedias.» Do mesmo modo Sá de Miranda fala contra a designação de *Auto* e quer que se restitua o antigo nome á Comedia. (1) O que Du Bellay foi para Ronsard, Antonio Ferreira foi para Sá de Miranda; por isso compete-lhe n'este trabalho o estudo da sua vida.

A biographia do Doutor Antonio Ferreira foi escripta por Pedro José da Fonseca, para a edição das Obras do poeta, feita em 1771, tirada em parte da *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado e da «leitura dos mesmos poemas, dos quaes se extraiu quasi tudo quanto alli se escreveu...» (2) Pela leitura dos versos de Ferreira comprovaremos os factos hoje incontroversos, corrigindo e determinando outros, que tem passado desapercebidos.

(1) *Historia do Theatro Portuguez*, t. II, p. 65. Como este volume trata unicamente da poesia lyrica da *eschola italiana*, reservámos o estudo do theatro classico da Renascença para o liv. III da obra citada, aonde se poderá vêr a analyse das Comedias de Sá de Miranda e Ferreira, e da Tragedia *Castro*.

(2) Advertencia do Editor.

Nasceu Antonio Ferreira no anno de 1528, como precisamente se deduz do seu primeiro Soneto, aonde diz:

> Dirás que a pezar meu foste fugindo
> Reinando Sebastião, Rei de quatro annos,
> Anno cincoenta e sete: *eu vinte e nove.*

Por este terceto é claro que Antonio Ferreira, no anno de 1557 contava 29 annos, os quaes diminuidos da era citada, dão o anno de 1528; demais, Dom Sebastião nasceu em Janeiro de 1554, de modo que no fim de 1557 contava quatro annos, edade em que foi acclamado rei. Nasceu na cidade de Lisboa, como o confessa nos seus versos a Manoel Sampaio:

> Esta cidade *em que eu nasci*, formosa,
> Esta nobre, esta cheia, esta *Lisboa*,
> Em Africa, Asia, Europa tão famosa. (1)

Outra prova se encontra na Elegia de Bernardes á sua morte:

> Como bom filho de *sua mãe Lisboa*,
> Não póde soffrer mais vêr tanta magoa, etc.

Foram seus paes Martim Ferreira, escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra D. Jorge, e D. Mexia Fróes Varella. D'este casamento foi o primogenito, Antonio Ferreira, como se deprehende pelo uso do apellido de

(1) *Poemas Lusitanos,* t. II, p. 42.

seu pae; houveram outro filho, chamado Garcia Fróes, que seguiu a carreira das armas, indo militar na India. Sabe-se d'este facto pelos versos a seu irmão em uma despedida, que trazem esta rubrica: «*A huma nau da armada, em que hia seu irmão Garcia Fróes.*» (1) Esta partida foi naturalmente antes da sua ida para a Universidade de Coimbra; a Ode em que se despede de seu irmão, imitada da que Horacio escreveu a Virgilio indo para Athenas, ressente-se dos primeiros estudos escholares, e em nada revela o conhecimento da eschola italiana, que abraçou em 1553. Nas familias distinctas do seculo XVI era de uso mandar sempre um filho para a carreira das armas na India ou nas colonias de Africa; o filho mais velho de Sá de Miranda, Gonçalo Mendes de Sá foi muito cedo militar em Ceuta; Affonso Vaz Caminha, irmão de Pedro de Andrade Caminha, tambem por este mesmo tempo chegou á India. Antonio Ferreira seguiu a carreira das letras; talvez em consequencia de seu pae ser Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra, deveu o poeta o relacionar-se com Pero d'Alcaçova Carneiro, secretario de Estado, com o Conde de Redondo Dom Francisco Coutinho, com o Marquez de Torres Novas, com Dom Constantino de Bragança, com o Cardeal Infante, Dom Duarte, e com Dom João III. Os primeiros estudos de Ferreira foram em Lisboa, por isso que logo depois da sua chegada a Coimbra escreveu a comedia de *Bristo,* que revela já

(1) Ode VI, liv. I.

um grande desenvolvimento litterario. Mudada a Universidade de Lisboa para Coimbra em 1537, é provavel que seguisse os estudos preparatorios do *trivium* no Collegio de Mangancha, que só mais tarde acompanhou a Universidade para Coimbra com o titulo de *Collegio de S. Paulo*. Podemos quasi com certeza affirmar que o talento poetico de Ferreira só desabrochou desde que começou a cursar a Universidade, por isso que entre os numerosos versos não se descobre um unico vestigio de ter seguido a *eschola hespanhola;* não usou de verso octosyllabo, nem das *voltas* e *endexas,* por onde Camões e Bernardes começaram a poetar, o que não aconteceria se escrevesse em tempo em que a *eschola italiana,* implantada por Sá de Miranda, não estivesse ainda bem admittida.

Os biographos de Ferreira dizem que seus paes o mandaram para Coimbra aperfeiçoar-se no estudo das bellas letras, antes de cursar as aulas de direito. O facto de ter frequentado ainda em Coimbra o estudo de humanidades, descobre-nos aproximativamente o tempo em que seus paes o enviaram para Coimbra. D. João III mandara chamar a Paris, por intervenção do Doutor André de Gouvêa, Principal do Collegio de Santa Barbara, professores para leccionarem em Coimbra Artes, Mathematica, Rhetorica, Humanidades e Linguas; chegaram os professores a Lisboa em Julho de 1547; accommodados temporariamente nos *Collegios de Todos os Santos* e *de S. Miguel,* fundados junto a Santa Cruz, no principio da rua da Sophia, el rei Dom João III fun-

dou logo o chamado *Collegio das Artes,* em que se ensinaram todas as sciencias menores, Humanidades e Linguas; o Collegio começou a funccionar logo em 1548. Eis o que se lê na *Noticia da fundação da Universidade,* que vem nos *Estatutos:* «Mandou El-rei passar as sciencias mayores aos seus passos reaes, e d'ahi a algum tempo se passaram as Escholas menores aos mesmos passos. E porque as Artes com as Latinidades não ficaram aí bem accommodadas, para o poderem ser melhor, mandou o mesmo Rey edificar o *Collegio Real* na rua de Santa Sophia, para escholas menores, e por seu mandado vieram de França homens mui doutos em Artes e Linguas, que começaram a ler no anno de 48, Grammatica, Latinidade, Grego, Hebraico, Logica e Philosophia.» (1) Foi com toda a probabilidade no anno de 1549 que Antonio Ferreira veiu frequentar os estudos de Coimbra, no *Collegio das Artes,* antes de seguir a faculdade juridica; temos como prova d'esta hypothese, o facto de ter escripto em 1553 a Comedia de *Bristo,* aonde diz na Dedicatoria: «Porque sendo a primeira cousa do *homem tão mancebo:* feita por seu só desenfadamento em certos dias de ferias», etc. Por esta Dedicatoria se vê que Ferreira a este tempo já frequentava as aulas da Universidade. Em uma Carta *A Manoel Sampayo, em Coimbra,* escripta de Lisboa, como se vê pela epigraphe e pela

(1) Cap. III, §. 1, n. 73. Apud Silva Leal, *Discurso Apologetico*, pag. 470.

descripção da vida da Capital, em 1556, se pode determinar o tempo em que saíu da Universidade. N'esta Carta se refere ao fim das luctas de Carlos v, que em 1555 abdicara das suas pertenções ao throno da Allemanha, motivo porque andou em lucta com a casa de Valois; aí diz Ferreira:

Ditoso aquelle que contando os mezes
De sua edade, vae alegremente
Sem ouvir de Hespanhoes nem de Francezes. (1)

Portanto cursaria Ferreira as escholas menores no Collegio das Artes, que começou com grande enthusiasmo em 1548, accudindo a este tempo a Coimbra quasi toda a mocidade da nobreza portugueza; em 1553 já Ferreira cursava os Passos Reaes para onde haviam sido transferidos os estudos maiores, por isso que n'esse anno, querendo a Universidade festejar o casamento do principe Dom João com a princeza Dona Joanna, Ferreira escreveu a comedia de *Bristo,* que «*por seu serviço foi n'esta Universidade recebida, e publicada.*» A frequencia dos estudos menores ou humanidades com os professores francezes vindos do Collegio de Santa Barbara, de Paris, tambem em parte influiriam para o conhecimento que Ferreira teve da renovação classica na litteratura franceza (2) e ao mesmo tempo para comprehender os esforços de Sá de

(1) Carta x, liv. i.
(2) Vid., supra, p. 165.

Miranda na introducção da *eschola italiana* em Portugal. Como Martim Ferreira foi Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra, facil lhe era dispôr de influencia para entregar seu filho Antonio Ferreira a bons directores. Com a vinda dos professores francezes, adoptou-se um novo uso na Universidade, em que os estudantes e os lentes viviam em communidade á maneira dos Collegios e academias de Paris; n'esta intimidade sob o mesmo tecto, Antonio Ferreira contrahiu amisade com Diogo de Teive, mestre de Humanidades; Teive dirigia-o nas palestras litterarias, e apesar de ser affeiçoado da poesia latina, que escrevia elegantemente, alegrava-se com os ensaios e imitações de Ferreira; o discipulo imitou a Ecloga III de Virgilio, e dedicou-lh'a, com o nome de *Tevio;* ha aí um certame entre dois pastores, e chamam o pastor Tevio para decidir qual canta melhor. A imitação de Virgilio era engenhosa, porque então recrudesciam as luctas entre a eschola velha e a eschola italiana; na Ecloga de Ferreira conhece-se uma allusão ao conflicto.

Aonio é um dos pastores da Ecloga, personificação de Antonio Ferreira, que descanta com Vincio, e diz:

> Eis vem o nosso *Tevio*, que a victoria
> Julgará justamente; *Tevio* ás musas
> Novo Apollo, nova honra á sua memoria.
>
> Já te vejo mudado; já as escusas
> Não te aproveitarão. Tevio a contenda
> Ouve e julga entre nós, *como bem usas.*

Responde Tevio, depois de os ouvir separadamente:

Cesse já *dos Pastores de Arno a fama*,
Doce me é vosso canto, e doce seja
Meus pastores *a quem mal vos desama.*

Quando Ferreira saíu da Universidade, escreveu a Diogo de Teive uma Carta (1) queixando-se da vida de Lisboa, aonde lhe fala nas suas antigas relações de discipulo:

Vejo esse peito aberto, essa alma clara,
Onde me tens, bom Teive, ouso comtigo
O que com outro eu sómente ousara.

Temeria com outros o perigo
De meus tam soltos versos, mas eu t'amo,
Eu te honro, *douto mestre*, doce amigo.

Quantas vezes saudoso cá te chamo,
Quantas vezes comtigo me desejo,
Lá á doce sombra d'algum verde ramo!

N'esta mesma Carta, Ferreira fala-lhe na importancia que tinham as suas poesias latinas:

Mas com quanto tam alto te puzeste
Das brandas Musas, desce: e outra vez prova
A doce lyra á que tal som já déste.

No *teu verso latino* nos renova
Ora outro Horacio, ora outro grande Maro,
Na grave prosa Padua, Arpyno em nova.

....

(1) Carta IV, liv. II.

Encheste d'esperanças nossos peitos,
Não nos detenhas encubertos tantos
Altos exemplos de obras e conceitos.

Santo respeito este do discipulo, que nos faz lembrar a divida de Dante paga á lembrança do Doutor Sigier no *Paraiso*. Foi por ventura Diogo de Teive um dos que animou Antonio Ferreira nos seus ensaios da comedia classica, como se vê na Comedia de *Bristo:* «Salvo-me na força que me foi feita nos bons juizos de homens de muitas letras que consentiram n'ella, e a que o meu foi necessario obedecer.»

Sob esta influencia de Diogo de Teive é que Ferreira se familiarisou com os poetas gregos, traduzindo Moscho e Anacreonte, e penetrando a essencia da tragedia grega. Ferreira levava uma direcção exageradamente classica, e talvez que não passasse de um bom mas extemporaneo latinista, se não tivesse tido a fortuna de contrahir em 1553 uma estreita amisade com o Doutor Francisco de Sá de Miranda, que a esse tempo vivia na sua Quinta da Tapada. Estas duas influencias contrabalançaram-se; mas Ferreira decidiu-se pelo explendor dos novos metros introduzidos na poetica nacional. Para bem comprehender o meio em que Ferreira escrevia e pensava, resta-nos apresentar o quadro da restauração da Universidade de Coimbra durante o tempo em que elle a frequentou.

A Universidade de Coimbra achava-se na maior florescencia; Dom João III mandara vir os mais celebres professores das Universidades estrangeiras; para

o ensino de Humanidades e Linguas veiu de Paris um Collegio inteiro. O Principal, nome que em França se dava ao reitor, era Mestre André de Gouvêa, sub-principal João da Costa; para a cadeira de grego veiu mestre Fabricio, e o Doutor Rosetto, mestre de hebraico.

Mariz ennumera os professores das diversas classes: teve a primeira juntamente com grego o escossez Jorge Buchanan; a segunda Diogo de Teive; a terceira mestre Guilhelmo; a quarta o irmão de Buchanan chamado Patricio; a quinta o francez Arnaldo Fabricio; a sexta outro francez, Elias; a septima o portuguez Antonio Mendes; a outava o portuguez Pedro Anriques; a nona, o portuguez mestre Gonçalo; a decima o francez Mestre Jacques; a undecima, os portuguezes Manoel Thomaz, e João Fernandes que fôra professor de Rhetorica em Salamanca e Alcalá. Vieram de Paris, para lentes de Theologia, Marcos Romero e Payo Rodrigues Villarinho, de Alcalá, Francisco de Monçon e Affonso de Prado; para lentes de Canones, vieram de Salamanca Aspilcueta Navarro, e João Peruchio de Morgovrejo. De Italia, aonde a tradição romanista fôra renovada por Bartholo e Baldo, vieram para lentes de direito cesareo Fabio Arcos de Nansia, Ascanio Escotto; e de Salamanca, Antonio Soares e Manoel da Costa, o subtil. De Hespanha vieram os professores para as cadeiras de Medecina, de Hespanha, aonde as tradições dos avherroistas e de Avicena conservavam um resto da cultura scientifica dos Arabes. Henrique de Cuellas, Diogo Reynoso, Francisco Franco, Antonio Luiz, Af-

fonso Rodrigues de Guevara e outros sabios vieram de Hespanha ensinar as disciplinas medicas em Coimbra. (1) Antes do anno de 1550 Dom João III visitou a Universidade de Coimbra, para a animar com a sua presença; para festejar-lhe a recepção, os professores e lentes ensaiaram e fizeram representar pelos seus discipulos uma Comedia de Plauto, começando desde então esse costume por occasião das ferias e dos divertimentos escholares. Este facto, desconhecido dos historiadores, é-nos revelado pelo padre Luiz da Cruz, no prefacio ao livro *Tragicæ Comicæque Actiones.* (2) A contar d'este tempo Ferreira sentiu-se levado para imitar a Comedia classica; os professores de Direito, da faculdade que elle cursava, tinham vindo das Universidades da Italia, e por certo citariam modelos, lembrando-lhe as comedias de Machiavelli, Ariosto e Cardeal Bibliena. Na Universidade de Coimbra começou Ferreira a cultivar a carreira das musas; Manoel Sampayo seu amigo e tambem poeta, era o seu censor, que lhe corrigia os primeiros ensaios:

Quando eu meus versos lia ao meu Sampayo
Muda, (dizia) e tira; hia e tornava
Inda (diz) na sentença bem não caio.

(1) *Discurso Apologetico*, p. 466.
(2) *Tragicæ Comicæque Actiones*, a Regio Artium Collegio societatis Jesu, datæ Conimbricæ in publicum theatrum. Auctore Luduvico Crucio. Lugduni, 1605. Fl. 10 não numerada. Vid. *Historia do Theatro portuguez*, liv. IV, cap. 9.

O que mais docemente me soava,
O que m'enchia o sprito, por máo tinha,
O que me desprazia me louvava.

Então conheci eu a dita minha
Em tal amigo, tão desenganado
Juizo, e certo em que eu confiado vinha. (1)

Pedro de Andrade Caminha tambem o dirigiu n'estes primeiros vagidos da sua musa. É Ferreira que o confessa:

Tu em meus cegos passos foste guia,
Que ao Museo escondido me guiaste,
Devo-te quanto sem te vêr perdia.

Cresceu sempre este amor com que me amaste,
Cresceria tua fama, se eu pudesse
Cantar-te egual ao nome que ganhaste. (2)

Pelas relações com Pedro de Andrade Caminha, veiu Ferreira a conhecer Sá de Miranda, á sombra do qual se acolhiam todos os bons espiritos que abraçavam a Renascença italiana. A educação litteraria de Ferreira levava-o a admiral-o; em Coimbra devia de ser lembrado ainda o nome de Sá de Miranda, que aí assistira em 1527, depois da sua volta da Italia. Como se devia dirigir o joven Ferreira ao já encanecido poeta que vivia retirado na Quinta da Tapada? Em 1553 foi

(1) *Poemas Lusitanos*, t. II, p. 57.
(2) Id. ib. p. 30.

o desastre das armas portuguezas em Ceuta, aonde morreu, logo que entrou pela primeira vez em combate, o filho de Sá de Miranda, Gonçalo Mendes de Sá. Logo que soube da infausta nova, Antonio Ferreira escreveu uma sentidissima Elegia a Sá de Miranda, cheia das mais saudaveis consolações. Sá de Miranda viu n'aquelles versos um novo poeta e uma grande alma. (1) E de tal forma achou elle os versos, que os guardou e conservou juntos com as suas poesias authenticas, herdadas por Dom Fernando Correa Sotomayor, e publicadas em 1595. Esta Elegia de Ferreira não vem nos *Poemas Lusitanos,* nem nas demais edições de Sá de Miranda que se fizeram sobre a de 1614. Sá de Miranda escreveu-lhe em resposta outra Elegia de um sentimento profundo, e da mais santa intimidade. Enganou-se portanto Pedro José da Fonseca, quando disse: «Esta Elegia de Sá de Miranda serve de resposta á Carta IX, do Livro II, em que Ferreira o consola pela morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá...» (2) A citada Carta foi o segundo escripto de Ferreira; n'ella se refere ao dito de Sá de Miranda na sua Elegia em resposta, quando lhe disse que a dor *inda o ameaça,* (3) referindo-se á doença de Dona Briolanja de Azevedo; na Carta XII diz que lhe escreve, pela necessidade de praticar com elle emquanto vive, e fala-lhe largamente na eschola italiana, porque Sá de Miranda foi o

(1) Vid. supra, p. 122.
(2) *Vida do Doutor Antonio Ferreira,* n.º 12.
(3) Vid. supra, p. 126.

primeiro a tocar n'essas questões. É o que se entende d'estes tercetos:

> Antes que a minha sorte impida, ou mude
> A occasião de praticar comtigo,
> Mestre das Musas, mestre da virtude;
>
> Antes que o tempo, a todo bem imigo,
> Me desvie forçado onde eu já vejo
> Minha vida sem gosto, alma em perigo,
>
> Consente-me fartar este desejo,
> Oh Francisco só livre e só ditoso
> Em quanto a Carta ao longe não tem pejo.
>
> O tempo escuro e triste e tempetuoso
> *Mal ameaça;* assi viste o passado,
> E vês inda o provir mais perigoso.

De facto assim aconteceu; com a morte de Dona Briolanja de Azevedo, Sá de Miranda perdeu o gosto da vida, e apenas lhe sobreviveu trez annos. Ferreira não tinha visto nem falado com Sá de Miranda. E como isto lhe custa; morrer um homem d'aquella tempera, e tel-o só moralmente representado á lembrança! O proprio Ferreira nos faz esta declaração na Ecloga IX, intitulada *Miranda:*

> Mas *inda que os meus olhos te não viam*
> Cá te tinha minha alma, e os bons cantos
> Lá me levaram e de ti todo enchiam.

A familiaridade e o exemplo de Sá de Miranda fizeram com que Ferreira, educado entre latinistas, es-

crevesse sempre os seus versos em portuguez; accresce a esta rasão, o serem os versos de Ferreira sentidos e formados sobre impressões reaes e vivas. Como poderia fazer versos á maneira de themas classicos, um rapaz na efflorescencia da edade e que amava! O sentimento natural levou-o a adoptar a expressão natural, a servir-se da lingua portugueza, até então regeitada de todas as composições cultas. O amor occupou uma grande parte da vida de Antonio Ferreira; este sentimento está representado em duas phases, durante a vida academica, e depois que saiu da Universidade. Repassado da leitura dos poetas italianos, e elle mesmo servindo-se como centão de versos italianos (1), empregou para a linguagem d'essa vida nova a forma petrarchista do soneto. Se se attender que os versos de todos os poetas seus contemporaneos ainda estavam manuscriptos, facilmente se deprehende, que Ferreira, se inspirou directamente dos lyricos italianos. Os Sonetos encerram a historia da mocidade de Antonio Ferreira, e por elles se descobre essas duas phases ou paixões que lhe infundiram o genio. Em um Soneto, já citado, elle proprio declara:

> Em duas partes deixei lá partida
> Minha alma saudosa. Amor o sabe...

(1) *Poemas Lusitanos*, soneto XXIV, liv. 2:

> Pois entre nós, por força e por costume
> *Il nostro esser insieme é raro e corto.*

Os Sonetos de Ferreira apresentam de vez em quando sua dureza de metrificação, suas rimas um pouco forçadas, sua tibieza na construcção, mas tem uma qualidade que supre todos os segredos da arte: são cheios de verdade. Inferiores em perfeição aos de Camões, levam-lhe parelhas nas expressões pittorescas e profundas, na traducção dos sentimentos mais vagos, obrigam a reconhecer a egualdade do genio diante do amor.

Por occasião de ferias, quando Antonio Ferreira regressava a casa de seu pae em Lisboa, aí teve occasião de apaixonar-se por uma menina, a quem elle cantou nos seus primeiros sonetos. Ferreira descreve a naturalidade da diva:

> *Tejo*, triumphador do claro Oriente...
> ....
> E antes que ao mar pagues seu direito,
> *Á destra mão da tua praia um monte*
> *Com graciosa soberba se alevanta;*
> *Ali fiquei ao meu amor sujeito*
> Ali as tuas aguas parte, e mostra tanta
> D'estes meus olhos, quanta da tua fonte. (1)

Ha aqui mais do que lyrismo vago; a realidade pullula da emoção; nos Sonetos que se seguem a este, canta as suas despedidas para Coimbra, e alenta-se com a esperança da volta:

> Aquelles olhos, que eu deixei chorando,
> Cujas formosas lagrimas bebia
> Amor, com as suas tendo companhia,
> Ante os meus se me vão representando.

(1) Soneto XLIII, part. I.

Os saudosos suspiros que arrancando
Duas almas em qu'uma troca amor fazia
Que a que ficava, era a que partia
E a que ia, a ficava acompanhando;

Aquellas brandas, mal pronunciadas
Palavras da saudosa despedida
Entre lagrimas rotas e quebradas,

E aquellas alegrias esperadas
Da boa tornada, já antes da partida,
Vivas as trago, não representadas. (1)

O motivo da ausencia forçada conhece-se pelo Soneto seguinte, que se encadeia a esta historia de seus amores:

A ti torno Mondego, clario rio
Com outra alma, outros olhos e outra vida;
Que foi de tanta lagrima perdida
Quanta em ti me levou um desvario. (2)

Pelos Sonetos que formam o primeiro livro de Ferreira se conhece, que estes foram os seus primeiros amores; o nome d'aquelle que ama é ainda o seu talisman, inspira-se do receio, as esperanças nascem entre lagrimas; todas as cousas do universo lhe representam aquella que só é surda para as suas vozes; teme que seja um erro o seu amor, que seja um erro o cantal-a, que seja um erro o deixar-se enganar pelo seu desejo, mas este temor lhe serve para retratar a immensidade

(1) Soneto XLV, part. I.
(2) Soneto XLVI, part. I.

do que sente, dizendo que ella só é a culpada. E quando a retrata assim longe, e se lhe affigura que os seus olhos tiram ao sol, á lua, ao norte a sua luz, que os cabellos são crespos laços d'ouro onde amor teme embaraçar-se, e o riso que converte o pranto em alegria, e o seu espirito o que o inspira, e que hade morrer cantando antes de cançar-se! É então que lhe diz, que não valem os seus rigores, porque a traz na alma, d'onde a não podem tirar um abaixar d'olhos, um volver rosto, desprezo ou ira. Ferreira vae descrevendo todas as phases d'este amor até chegar a perder a timidez, a abrandal-a, e a confessar d'onde é a mulher que ama, e a descrever-nos as suas despedidas ao recomeçarem os estudos da Universidade.

Apoz estes, descobrem-se nos Sonetos de Ferreira outros amores, mais reflectidos, menos exaltados, occupando-se mais da belleza moral, do que da belleza physica. O poeta confessa, como Euphorion, a terra aonde param as suas affeições. Era no Porto, e d'esta vez temos elementos para descobrir o nome da que o roubou aos seus amores de Lisboa:

Alegra-me e entristece-me a *Real Cidade*
Que o Douro banha, e menos ennobrecem
Com as armas e tropheos que resplandecem
E resplandecerão em toda a edade.

Isto me alegra. *E faz-me saudade*
Vêr a ditosa terra em que apparecem
As raizes de uma planta em que florecem
Formosura, saber e alta bondade.

Aqui o tronco nasceu, que em toda a parte
Deu gloriosos ramos de honra e gloria
Nas armas e esquadrões do fero Marte.

E por mais se illustrar sua clara historia,
D'aqui nasceo uma Dama, em que toda arte
O céo, pôs, *eu vontade, alma e memoria.* (1)

Ferreira dá a entender que este é um novo amor, e que a alma se lhe divide em duas paixões que luctam:

Quando eu os olhos ergo áquella parte
Onde *o meu novo sol* o dia aclara, (2)

Em duas partes deixei la partida
Minha alma saudosa, amor o sabe, etc. (3)

Estes segundos amores foram mais infelizes que os primeiros; a dama portuense que Ferreira adorava, morreu.

Quando elle canta a sua morte, a verdade faz-lhe escapar dos labios o seu nome, o segredo que o alentava na vida:

Choras Antonio: e levam Lima e Douro
Com as suas, as lagrimas, vãmente
Chamando aquella que resplandecente
Mostrando está dos céos o seu thesouro.

. . . .

(1) Soneto LII, part. I.
(2) Soneto LVII, part. I.
(3) Soneto XXIV, part. II.

Oh alma bem nascida, que mostrada
Ao mundo foste só por nosso espanto,
Inda esses breves dias te devemos.

Andaste cá esse tempo aos céos roubada.
Devem-se a mortos lagrimas e pranto
Nos, viva entre Anjos, *Angela* cantemos. (1)

Entre os Epitaphios em verso, escriptos por Ferreira, encontra-se mais declarada esta paixão em dois d'elles, que trazem a epigraphe *A D. Angela de Noronha:*

Aqui d'uma parte Douro, d'outra o Lima,
Angela choram, seu prazer e gloria, etc.

Aqui as graças, virtude e formosura,
Arte, saber, grandeza e cortezia
Angela choram, que de sombra escura
Morte cobriu *tanto antes de seu dia,*
Ai falsas esperanças de ventura! (2)

Diogo Bernardes, confidente d'estes segundos amores de Ferreira, tambem deplorou a morte de Dona Angela de Noronha em uma Canção, (3) que termina referindo-se ao seu amigo:

Canção, em vivas lagrimas nascida
N'ellas banhada, vae onde recolhe
O mar o Douro em si, que lá te mando:
Vae triste e mal composta, ninguem te olhe
Até seres de *Antonio* recebida.
A pedra buscarão depois de lida,
Que os ossos cobre que *Angela* regia,
Hi chora a noite triste, hi chora o dia.

(1) Soneto XII, part. II.
(2) *Poemas Luzitanos*, t. II, p. 121.
(3) *Varias rimas ao bom Jesus*, p. 128, ediç. 1770.

Podemos fixar o tempo d'estes amores pelo anno de 1554, porque no soneto XXII do livro II, Ferreira refere-se a nobre familia dos Sás, cuja casa era no Porto; em 1553 teve pela primeira vez relações com Sá de Miranda, pela occasião da Elegia que lhe escreveu na morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá, e em 1554 teve relações com Francisco de Sá de Menezes, como se vê pela Elegia que lhe escreveu *Na morte do Principe Dom João, a quem serviu de Ayo e Camareiro Mór.* (1)

Aqui acabam os amores de Antonio Ferreira; um novo desgosto veiu enlutar a sua alma; em 1553 dedicara elle a sua primeira Comedia ao Principe Dom João, e celebrara em uma Ode o seu casamento com a princeza Dona Joanna. O principe Dom João era tambem amigo da poesia, e recolhia com esmero os versos de Sá de Miranda. Como não devia amal-o Ferreira! Por esta occasião escreveu ainda de Coimbra uma Carta a Dom João III, exaltando a fortaleza com que resistiu ao golpe de vêr succumbir o unico herdeiro da sua côroa:

> Aquella fortaleza nunca vista,
> Grã Rey, que contra a morte de um filho
> *Unico sucessor de teu estado*,
> Mostraste, quem a entende? quem não espanta?
> Como se póde crêr dos que vierem?
> Ou em qual dos passados se viu nunca? (2)

Com a morte do principe os divertimentos escholares ficaram interrompidos, e Ferreira perdeu uma das

(1) *Poemas Luzitanos*, t. I, p. 122.
(2) Id. t. II, p. 5.

suas melhores esperanças. Tinha quasi completo o curso juridico da Universidade.

Agora resta-nos determinar o tempo em que regressou a Lisboa. Se os Sonetos encerram a historia dos seus amores, as Cartas contem elementos para descobrirmos a sua vida positiva. Na despedida de Coimbra, Ferreira prometteu escrever ao seu antigo mestre e amigo Diogo de Teive; depois de alguma demora, escreve-lhe de Lisboa, desculpando-se, e aí fala já da morte de Dom João III, succedida a 6 de Junho de 1557:

> Prometti-te, meu Teive, á tua partida
> Mil prosas e mil versos, e em mil mezes
> Hua carta té outra terás lida.
>
> Não sohiam mentir os portuguezes,
> Entrou novo costume, e é ley antiga
> Romano em Roma, Francez entre Francezes.
>
> ....
>
> Mas em tão cheia, em tão grã Cidade
> Onde o sprito e a vista leva a gente,
> Quem póde ser senhor da sua vontade?
>
> *Mora* um lá fóra alem do grão Vicente,
> Outro *cá na Esperança*, e eyde vêr ambos,
> Foge inda o dia ao muito diligente.

Ferreira escreve a Diogo de Teive com saudade da vida litteraria; refere-se a Dom João III por tel-o chamado da Universidade de Bordeus para Portugal, e ao

mesmo tempo lamenta a morte do monarcha, circumstancia que nos leva a fixar a volta do poeta para Lisboa, em 1556:

> Vida dos sabios, vida sempre amada,
> Vida de paz, d'amor e de brandura,
> Em meus versos serás sempre cantada.
>
> ....
>
> Quem para esse sancto ocio te chamou
> Te chamará mais alto, vive e espera,
> Olha como este mundo se mudou!
>
> Quem cuidou que tão cedo volta dera
> Esta roda inconstante? ah Reys que são?
> Tambem *aquelle Rey* pó e sombra era.
>
> Rei manso, Rei benigno, Rei christão,
> *Ah quam depressa desappareceu!*
> Quantas altezas caem abrindo a mão. (1)

Dom João III morreu muito novo, aos cincoenta e cinco annos; o desgosto immenso que lhe causou a morte irremediavel de seu filho o principe Dom João penetrou-o profundamente, apezar d'elle affectar uma resignação christã. Temos outra prova, que torna evidente a residencia de Antonio Ferreira em Lisboa em 1557; é de Lisboa que elle canta a morte de Sá de Miranda, succedida em 1558. Na Ecloga IX, diz:

> Emquanto o nossso gado *aqui* mimoso
> *Bebe do doce Tejo* a agua corrente,
> Não lhe queiramos bem mais deleitoso.

(1) Carta IV, liv. II.

Nas Cartas que escrevia para Coimbra, Ferreira fala com saudade da vida irresponsavel de estudante, e confessa que Lisboa já lhe não parece a mesma. Escrevendo a *Manoel Sampayo, em Coimbra,* diz-lhe:

Das brandas Musas d'essa doce terra
Para sempre apartado, choro e gemo,
Em vãos cuidados posto, em dura guerra.

....

Quam triste e dura é a vida da Cidade,
Cheia de povo vão! quam perigosa
A Côrte a toda a alma, a toda a edade!

Esta Cidade, em que nasci, formosa,
Esta nobre, esta cheia, esta Lisboa,
Em Africa, Asia, Europa tão famosa,

Quam differente em meus ouvidos sôa,
Quam differente a vejo, do que a vê
O sprito enganado que no ar vôa.

....

Aquella *grã Rua Nova* conhecida
Por todo o mundo, que outra cousa conta
Senão de nau ganhada ou não perdida.

Ah que triste miseria! ah granda affronta
Não ousar levantar-se um espirito
A outro cuidado, outra mais alta conta. (1)

(1) *Poemas Luzitanos*, t. II, p. 42.

Ferreira fala como enojado da vida positiva que o obrigavam a levar. Tendo-se doutorado em direito civil, sabe-se por um epitaphio que lhe puzeram no Convento do Carmo, que foi Lente na Universidade de Coimbra. Porém a ser verdadeiro este facto, não chegou a professar na Universidade mais do que um anno, porque immediatamente foi chamado para Lisboa, para Desembargador da Casa da Supplicação. É emquanto exerce este cargo na côrte, e ainda solteiro, que se entrega á poesia, como se vê pelo modo com que se defende contra os que o accusavam por juntar as leis com a poesia. Na Carta ao Cardeal Infante quando *regente,* escripta em 1562, diz:

Mas nem por isso logo o povo chame
Vans outras letras, e o honesto exercicio
Das brandas Musas tão mal julgue e infame.

Em nenhum estudo bom pode haver vicio!
As Artes entre si só communicam
Cada huma ajuda á outra em seu officio.

....

Pera o publico bem tambem estudam
E cantam os bons poetas, deleitando
Ensinam, e os maus affeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vão declarando
Mil segredos, que então só vêem e sabem,
Mil rostos falsos, linguas más mostrando.

Em poucas boccas as verdades cabem!
Terão ás vezes a culpa os ouvidos
Os versos ousam e em toda a parte cabem.

Dos bons amados, e dos maus temidos,
Assi he a justiça, assi a verdade:
Assi sejam tambem favorecidos.

Usem de sua honesta liberdade
Rindo do povo chamar só letrados
Os que conselham roubo e crueldade.

....

Não fazem dano as Musas aos Doutores,
Antes ajuda a suas letras dão:
E com ellas merecem mais fovores
Que em tudo cabem, para tudo são. (1)

Estando já em Lisboa, e para alegrar-se dos trabalhos aridos das tenções do seu desembargo, Ferreira começou em 1557 a colligir em volume os seus versos. Elle mesmo o declara no Soneto primeiro:

Livro, se luz desejas, mal t'enganas,
Quanto melhor será dentro em teu muro
Quieto e humilde estar, inda que escuro,
Onde ninguem t'empeça, a ninguem danas!

..................................,.......

Dirás que a pezar meu foste fugindo,
Reinando Sebastião, Rei de quatro annos,
Anno cincoenta e sete; en vinte e nove.

N'este mesmo anno de 1557 celebrou Ferreira o apparecimento dos *Commentarios de Affonso de Albu-*

(1) Carta III, liv. II.

querque publicados por seu filho; por tudo se vê que o gosto litterario que recebera em Coimbra não podia abandonal-o, apezar da esterilidade da jurisprudencia, que no seculo XVI era verdadeiramente medonha, pela incerteza do direito patrio, ora invadido pelo direito romano ainda com auctoridade legal, ora pelo direito canonico, ora pelas jurisdições e competencias de foros privilegiados, ora pelas formas complicadissimas da propriedade como a emphyteuse, ou das successões, como morgados e lei mental, ora pela penalidade atroz e pelas distinções entre a classe nobre e plebea! Como verdadeiro poeta, Ferreira achava na justiça uma elevação moral tão sublime como a mais alta inspiração. Como elle compára a poesia e a justiça, identicas em seus fins, quando escreve ao Cardeal Infante! Como comprehendeu que o jurisconsulto completava a sua sciencia com a litteratura. O pensamento da eschola do seu contemporaneo Cujacio, está resumido n'aquelle verso aonde declara que não fazem as Musas dano aos Doutores!

Quando Ferreira escreveu para Coimbra a Manoel Sampayo, ainda era solteiro; a Carta está cheia de projectos de uma vida futura, do ideal de uma familia! elle descreve a casa, com a emoção de um solitario que precisa de companhia. Inspirando-se da santidade do lar, confessa ao seu intimo amigo que necessita de uma campanheira:

> Pendurado ando todo n'um desejo!
> Se em algum'hora o visse, tu verias
> O claro fogo em que arder me vejo.

Oh doces, oh ditosos os meus dias,
S'a tal estado chegam, que igualmente
Os passassemos inda em alegrias.

Não alegrias, quaes as quer a gente
D'alvoraços e festas, de pandeiros,
Mas de amor, de prazer qu'alma só sente.

Ao som das aguas, sombra dos ulmeiros,
No doce colo de sua mãi formosa
Formosos visse eu inda os meus herdeiros!

Não soberba, não secca, não pomposa,
Mas branda, humilde, casta, sabia e santa,
Formosa sempre a mim, nunca queixosa

....

Visse eu do que desejo santo effeito
Com saude, com livros, com meã vida, etc. (1)

O doutor Antonio Ferreira deu realidade a este bello ideal; casou com Dona Maria Pimentel, de uma illustre casa das visinhanças de Almonda. Este facto é ignorado por todos os biographos de Ferreira; nos seus proprios versos, e principalmente em uma Elegia do seu intimo amigo Pedro de Andrade Caminha, se declara este facto positivamente. Como Dona Maria Pimentel correspondeu ao sonho encantador do poeta é facil de conhecer. D'este seu casamento houveram um filho chamado Miguel Leite Ferreira, cuja existencia nos

(1) *Poemas Luzitanos*, t. II, p. 46.

é atestada pela publicação que fez em 1598 das Obras de seu pae. Transcrevemos o quadro em que Ferreira pinta o seu ideal de felicidade apresentando immediatamente a sua perfeita realisação, mas uma sombra negra enluta este eden recondito. D. Maria Pimentel morreu logo depois de ter o primeiro e o unico filho! A vida de Ferreira estava votada á infelicidade e á desgraça.

Pouco lhe sobreviveu tambem. Na Elegia III de Pero de Andrade Caminha, se lê: «*A Antonio Ferreira, na morte de Maria Pimentel.*» (1) A linguagem da verdade dá a esta poesia de Caminha uma elevação superior ao seu genio:

Aquella, Antonio, em que te sempre vias
Morta a teus olhos, quem ousara tanto,
Que te acudira á magoa tantos dias!

Aquella, que com grande amor e espanto
De quanto vias n'ella assi serviste
C'o a vida, ingenho, e c'o amoroso canto;

Aquella que tu assi d'alma seguiste
Té que com santos nós ambos atados
O bem que desejaste conseguiste;

Já desapparecida, e desatados
Tam depressa uns amores tão unidos,
Que eram um só cuidado dois cuidados!

(1) *Poesias* de Pedro de Andrade Caminha, p. 123, edição 1791.

Aquelles dois espiritos tam vencidos
Um do querer do outro, assi tam cedo
Com tanta dor e magoa despedidos!

Caminha escreve-lhe temendo falar-lhe «Na perda que a tua vida desordena.» N'esta Elegia pinta o estado de desalento mortal e de desespero inconsolavel em que Ferreira caiu. Nos Sonetos do desgraçado poeta tambem se encontra a expressão da sua angustia. Por elles se comprehende a intimidade da sua vida:

Nimphas do claro *Almonda, em cujo seo*
Nasceo e se criou a alma divina,
Que um tempo andou dos céos cá perigrina,
Já lá tornou mais rica do que veo.

Maria, da virtude firme esteo,
Alma santa, real, de imperio dina
A baixeza deixou, de que era indina,
Ficou sem ella o mundo escuro e feo.

Nimphas, que *tam pouco ha, que os bons amores*
Nossos, cantastes, cheas de alegria,
Chorae a vossa perda e minha magoa. (1)

N'este Soneto descobre Ferreira a naturalidade de Dona Maria Pimentel; dá tambem a entender que estavam casados de pouco tempo. O Soneto segundo, é verdadeiramente admiravel; compara a sua vida a um carcere escuro. Todos os sonetos escriptos sob esta im-

(1) Soneto I, liv. II.

pressão não encontram cousa que os exceda na poesia de todas as litteraturas. Como elle maldiz a sua vida:

Despojo triste, corpo mal nascido,
Escura prisão minha e peso grave,
Quando rota a cadeia e volta a chave
Me verei de ti solto bem remido?

Quando co' sprito prompto, aos ceos erguido
(Depois que esta alma em lagrimas bem lave,)
Batendo as azas, como ligeira ave
Irei aos céos buscar meu bem servido?

Triste sombra mortal e vã figura
Do que já fui, uns dias só vestida
D'aquelle sprito, por quem cá vivia,

Quem te detem n'esta prisão tão dura?
Não viste a clara luz, a santa guia,
Que te lá chama, à verdadeira vida! (1)

Ferreira escreveu dois Epitaphios a sua mulher, aonde diz: «Dos claros *Pimanteis* planta ditosa.» Pelos seus versos se vê que só desejava a morte, que lhe era impossivel o vacuo em que caíra. Simão da Silveira tambem escreveu um mimoso Soneto a consolal-o. (2) É natural que Ferreira contribuisse para a sua morte immediata; logo no anno de 1569 rebentou a peste em Lisboa, da qual morreu Ferreira deixando um filhinho que não chegou a conhecel-o, o que prova,

(1) Soneto III, liv. II.
(2) *Poemas Luzitanos*, t. I. p. 78.

que entre a sua morte e a de Dona Maria Pimentel decorreu muito pouco tempo. É pela Elegia de Bernardes que se sabe da morte do poeta, na peste de 1569:

Como bom filho de sua mãe Lisboa
Não pode soffrer mais ver tanta magoa,
Que não sei quem não tema e se não dôa.

Eterno Rei dos reis, a viva fragoa
Em que tua ira forja as mortaes setas
Apaguem tantos olhos, fontes de agua.

Não a má influencia dos Planetas
Tão rigorosamente nos castiga,
Mas nossas culpas claras e secretas.

Cesse, por quem tu és, tamanho mal,
Converta teu furor em piedade,
A fé nunca quebrada em Portugal, (1)

No anno de 1598, Miguel Leite Ferreira publicou os versos de seu pae, colligidos havia já quarenta annos. Ai diz na dedicatoria, falando da verdade com que Ferreira mostrara que se devia escrever na lingua portugueza: «E com maior honra d'esta nação mostrara esta verdade, se não fôra impedido com o serviço d'el-rei no Desembargo e a morte tão antecipada lhe não cortara o fio a móres esperanças, *deixando-me em tal*

(1) Caminha respondeu a esta Elegia. Vid. *Poesias*, p. 127 —Para se completar este estudo da vida de Antonio Ferreira, ver a *Historia do Theatro Portuguez*, t. II, p. 114, aonde se analysam as suas composições dramaticas.

idade, que o não conheci. Esteve este livro por espaço de quarenta annos assi em vida de meu pae como depois do seu fallecimento, offerecido por vezes a se imprimir, e sem entender a causa que o impedisse não houve effeito.» Ferreira foi sepultado no cruzeiro do Convento do Carmo em Lisboa, com um epitaphio latino que termina com este bello pensamento: «Maximus est Doctor, qui docet e tumulo.»

Prospecto chronologico da Vida do Doutor ANTONIO FERREIRA

ANNO	FACTO	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1528	Nascimento de Ferreira em Lisboa.	Soneto I; Elegia de Bernardes; Carta a Manoel Sampayo.	Supra, p. 183.
1549	Epoca provavel em que começa a cursar a Universidade de Coimbra.	Dedicatoria da Comedia de *Bristo*.	» p. 186
1553	Escreve a Comedia de *Bristo*.	Dedic. ao Princ. D. João, m. em 1554.	» p. 187
1553	Relaciona-se com Sá de Miranda.	Elegia na morte de Garcia de Sá.	» p. 122
1554	Celebra a morte do Principe Dom João; e primeiras relações com Dom João III.	Elegia I a Francisco de Sá de Menezes.—Carta I a Dom João III.	» p. 202
1556	Regressa a Lisboa dos seus estudos, vindo occupar o logar de Desembargador na Relação de Lisboa.	Carta X, liv. I, a Manoel Sampayo.—Carta IV, do liv. II, a Teive. Carta II, do liv. II ao Cardeal Infante.	» p. 203
1557	Recolhe a collecção dos seus versos.	Soneto I, do liv. I.	» p. 207
1558	Reside em Lisboa, aonde celebra a morte de Sá de Miranda.	Ecloga IX.	» p. 204
1558	Escreve a Tragedia *Ignez de Castro*.	Dedicatoria da edição de 1598.	*Hist. do Th.* t. II, p. 79.
1567	Epoca provavel do seu casamento com Dona Maria Pimentel.	Dedicatoria de Miguel Leite Ferreira, na edição de 1598.	Supra, p. 209
1568	Morte de D. Maria Pimentel sua mulher.	Elegia II de Caminha; Epitaphios por Ferreira, Soneto I, do livro II.	» p. 210
1569	Morte do Doutor Antonio Ferreira, por causa da peste.	Elegia de Bernardes; e de Caminha.—Dedicatoria de Miguel Leite.	» p. 213

CAPITULO III

Pedro de Andrade Caminha

Epoca provavel do nascimento de Caminha. — Dados biographicos tirados dos seus versos. — Sua amisade com Francisco de Sá de Menezes, com Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes e Jorge de Monte-Mór. — Odio de Pedro de Andrade Caminha contra Luiz de Camões. — O serviço do Duque Dom Duarte contribuiu para a mediocridade dos seus versos. — Protecções que encontrou no paço. — Seu testimunho contra Damião de Goes, quando estava preso na Inquisição. — O exagerado catholicismo levou-o a deixar uma sombra no seu caracter. — Outras amizades litterarias. — Epoca conhecida da morte de Caminha.

De todos os Quinhentistas foi este o que primeiro teve relações com Sá de Miranda; as suas poesias estiveram ineditas até ao anno de 1791, mas era grande a fama d'ellas devida aos encomios de Ferreira, que hoje se não acham completamente confirmados. Caminha foi de todos os Quinhentistas o que teve menos talento; por alguns factos da sua vida tambem o seu caracter nos apparece menos sympathico.

Pedro de Andrade Caminha era de origem castelhana, como Camões; tanto Fernão Caminha, sexto avô do poeta, como Vasco Pires Camões, seguiram o partido de el-Rei Dom Fernando nas suas pertenções á corôa de Hespanha; vencido o monarcha portuguez, os fidalgos castelhanos e gallezianos que o apoiaram refugiaram-se em Portugal. Vasco Pires Camões foi recompensado por el-Rei Dom Fernando com a Alcaida-

ria de Porto Alegre; Fernão Caminha foi recompensado com o senhorio da Terra de Santo Estevam. Esta circumstancia faz com que o silencio de Pedro de Andrade Caminha por Luiz de Camões, seu contemporaneo, se torne mais odioso. Era neto de Affonso Vaz Caminha, e filho de João Caminha casado com Dona Filippa de Sousa. O nome de seus paes acha-se conservado em um Epitaphio que escreveu, aonde fala na casualidade de terem morrido ambos no mesmo dia: «*A meu Pay e Mãy mortos em um mesmo dia:*

Aqui *João*, aqui *Filippa* jazem,
Os quaes em santo nó juntou sua sorte,
E assi mortos inveja aos vivos fazem
Com sua santa vida e santa morte.
Suas almas no céo se satisfazem
Vendo o clarissimo e divino norte
Que na vida foi sempre sua guia,
E que ó céo os guiou juntos n'um dia.» (1)

Nos *Poemas Luzitanos* do seu amigo Doutor Antonio Ferreira, se encontram em outro Epitaphio os nomes por extenso dos seus progenitores; aí diz n'uma rubrica: «*A João Caminha e Dona Philippa de Sousa, sua mulher, ambos mortos e enterrados n'um dia.*» E termina:

Oh almas santas, bemaventuradas,
Nunca na vida, nem morte apartadas. (2)

(1) Epitaphio XXXV e XXXVI, p. 274.
(2) *Poemas Luzitanos*, t. II, p. 120.

No Epitaphio a Dona Anna de Toar, confirma Ferreira esta mesma circumstancia:

> Innocente Dona Anna, *irmã d'Andrade,*
> *Filha dos pays que juntos Deos chamou.*

Nasceu Pedro de Andrade Caminha na cidade do Porto; não tem sido possivel determinar o anno em que veiu ao mundo, mas poderemos apontar uma epoca aproximadamente. Na Epistola que escreveu por occasião da partida de seu irmão Affonso Vaz Caminha para a India, diz:

> Inda que, Irmão, te baste outro conselho,
> Ouve-me o que te quero ora dizer,
> Como amigo maior e *irmão mais velho.* (1)

O tempo em que se pode fixar esta partida de Affonso Vaz Caminha, é o anno de 1557, porque em outra Epistola escripta a seu irmão «*estando na India*» fala no Vice-Rei Dom Constantino de Bragança, que só succedeu no governo da India a 3 de Septembro de 1558:

> Será lá *Constantino* forte muro
> Que os amigos defenda, offenda imigos,
> Grão Capitão, e ós bons amigo puro. (2)

(1) *Poesias* de Caminha, p. 46.
(2) Pag. 57.

Quando Affonso Vaz Coimbra foi seguir a carreira das armas teria quando muito vinte annos, pelo que se deprehende do Epitaphio de seu irmão:

> Affonso Vaz Caminha foi chamado
> *Vinte annos, pouco mais, viveu na terra.*
> Como pode soffrer espada ao lado,
> Logo do espirito foi levado á guerra.
> Foi n'ella Capitão e foi soldado,
> Fez seu dever em tudo. Agora encerra
> Esta pedra seu corpo. Ah extranha sorte,
> Que tão longe e tão cedo o achou a morte. (1)

Á vista d'este documento seu irmão Affonso Vaz Caminha teria nascido em 1537; mas se nos lembrarmos que o poeta teve mais os seguintes irmãos: Gaspar Caminha, Dona Joanna de Toar, Dona Anna de Toar, Dona Giomar de Sousa, e Dona Catherina de Toar, todos mais moços, como se vê pelo modo sentencioso como lhes escreve nos seus versos, podemos crêr sem risco de grande hypothese, que Pero de Andrade nasceu muito antes de 1520. Caminha tambem escreveu um Epitaphio á rainha Dona Maria, segunda mulher de Dom Manoel morta em 1517, e outro a Dom Manoel, morto em 1521; d'onde se conclue que embora não os escrevesse ao mesmo tempo do successo, comtudo não lhe passaram desapercebidos. Tambem na Epistola XXI canta o Duque de Barcellos Dom Theodosio (1) que succedeu a seu pae o Duque Jaime em 1532; por-

(1) Epitaphio XLVI, p. 278.

*

tanto, é de crêr que não revelasse com precocidade o seu talento poetico, como aconteceu a Camões, que tambem escreveu ao novo Duque o Soneto XVI. Tudo isto confirma a hypothese de ter nascido muito antes de 1520, o que se fortalece com a sua amisade com Sá de Miranda, que fala d'elle com referencia á sua mocidade amorosa:

> El nuestro *Andrade* vi muerto d'ausencia,
> Sprito tan gentil, tan mal tratado,
> A mal tan aspero, tanta de paciencia.
>
> Nacido para amar y ser amado,
> Mas es amor cruel naturalmente,
> Tánto eu contrario al nombre que le han dado.

Sá de Miranda escreveu estes versos em 1553, quando Jorge de Monte-Mór regressou a Portugal, e referia-se n'elles ás muitas poesias que Pedro de Andrade Caminha escrevera á sua *Filis*, personificação da mulher que amava. Caminha, antes de ter relações com Sá de Miranda, seguiu primeiramente o eschola velha do *Cancioneiro*, adoptando o verso octosyllabo. É no verso de redondilha que elle escreve ao velho poeta da côrte de Dom João II e Dom Manoel, o afamado João Rodrigues de Sá de Menezes:

> Pae das Musas, d'esta terra
> Juntas por vós á nobreza,
> Que bem em vós não s'encerra?
> Destreza e esforço na guerra,
> Na paz prudencia e destreza.

Vós nos pudestes mostrar,
Vós nos déstes segurança
Que sem nada se danar,
Podem juntamente andar
As letras, a penna e a lança. (1)

Esta composição é evidentemente imitada da Carta de Sá de Miranda ao mesmo João Rodrigues de Sá, aonde se acha este egual pensamento:

As letras que hi não achastes
Trouxestes de fóra á terra,
Aa nobreza as ajuntastes
Com quem d'antes tinham guerra.
Dizem dos nossos passados,
Que os mais não sabiam lêr,
Eram bons, eram ousados
Eu não louvo o não saber,
Como alguns ás graças dados. (2)

A Epistola de Caminha foi escripta depois de 1534, porque aí fala em Sá de Miranda vivendo retirado da côrte na provincia do Minho:

O grande Sá de Miranda
Bem entendeu a verdade
D'este mal que entre aós anda,
Lançou-se lá d'essa banda;
Seguro que nam se enfade.

(1) Epistola XXII, p. 100.
(2) *Obras* de Sá de Miranda, p. 54, ed. 1804.

Bem se vê que nam se enfada
Nas maravilhas que escreve,
Que alta fama tem ganhada
A vêa só n'elle achada,
Quanto todo engenho deve.

Fugiu ás occasiões
Do tempo, que ha muitos cá
Que quebram mil corações
Que causam mil semrasões,
De que está seguro lá.

Sobre tudo poz os pés
Como quem sente o que sente,
Viu tudo andar ao revés;
Nem fôra cá ledo um mez,
É lá todo anno contente.

João Rodrigues de Sá de Menezes residia no Porto, como se vê pela epigraphe de uma Carta de Ferreira; (1) portanto a Carta de Caminha era-lhe escripta já de Lisboa, aonde residia depois de 1534. A vinda de Caminha para Lisboa foi de certo para frequentar os estudos da Universidade, que só em 1537 foi transferida para Coimbra; e esta hypothese justifica-se porque seus dois irmãos seguiram a carreira das armas; Affonso Vaz Caminha morreu nas guerras da India, e Gaspar Caminha foi para a ilha de Malta professar na Ordem dos Hospitalarios. Na Epistola v, diz: «*A meu irmão Gaspar de Sousa, a Malta.*» (2) É de Lisboa que Pedro de Andrade Caminha escreve para seu irmão na

(1) Carta II, liv. I.
(2) *Poesias*, p. 36.

ilha de Malta descrevendo-lhe a vida da côrte, e queixando-se da falta de gosto que geralmente se tinha pelas letras; o pensamento é o mesmo da Carta de Sá de Miranda a Dom Fernando de Menezes, d'onde se póde inferir, que foi escripta no tempo em que era mais guerreada a eschola italiana, antes da manifestação do genio de Ferreira. Aí lhe diz:

Nom ha amisades, nem conversações
Para exercicios bons, para costumes
Que inclinem á virtude os corações.

....

De maravilha se ouve, apenas sôa
D'armas e letras o louvor devido,
Que da nobreza são honra e corôa.

De todo este exercicio anda esquecido
Como vão, como incerto, como indino,
Que n'elle um alto esprito ande embebido.

Culpa de cada um e desatino
Maior de tempo, que o que mais
Honra merece tem por menos dino.

Se um tem altos espritos, desiguaes
Dos espritos communs, ganham e rim,
Valem, como já disse, vãos metaes.

Como nobre, Pedro de Andrade Caminha entrou muito cedo para o serviço de Camareiro do principe Dom Duarte; este principe era filho do Infante Dom Duarte filho mais moço de el-rei Dom Manoel e da

sua segunda mulher Dona Maria, o qual morreu aos vinte cinco annos de edade em consequencia da sua organisação epileptica produzida por um exagerado fanatismo. O Infante morreu em 1540, deixando duas filhas, Dona Maria e Dona Catherina; o principe Dom Duarte nasceu posthumo em Março de 1541. (1) É por tanto a contar d'este tempo, que Pero de Andrade Caminha entrou para o Cargo de Camareiro do principe Dom Duarte, que occupou em quanto o duque viveu; e n'esta ociosidade da côrte se entregou ao estudo, empregando os seus talentos quasi exclusivamente em cantar o principe a quem servia. Depois de 1541, tomou relações de amisade com Antonio Ferreira dirigindo-o nos primeiros ensaios poeticos, como o proprio Ferreira o confessa. Na Ode I, do livro II, dedicada por Ferreira ao principe Dom Duarte, diz:

Serás escripto e em alto som cantado
Da grave e doce lyra
D'Andrade, para ti dos céos só dado. (2)

Depois da manifestação brilhante do talento de Ferreira durante a sua frequencia na Universidade de Coimbra, aonde compoz principalmente os Sonetos e as Eclogas, Caminha admirava-se de tão repentinos progressos, e escrevia-lhe: (3)

(1) André de Resende, *Vida*, c. 36.
(2) *Poemas Luzitanos*, t. I. p. 112.
(3) Epistola IX, p. 51.

Antonio, quando vejo o engenho raro,
O puro espirito que *nos vás* mostrando,
O estilo facil, alto, limpo e claro;

Vejo que vás em tudo renovando
Aquella antiguidade, que inda agora
Com grande nome e fama está espantando.

Vejo em ti sempre maravilhas, ora
Cantes da viva, da amorosa chamma
Que uma alma faz cativa, outra senhora.

....

Ora sejam teus versos entoados
Ao som da doce frauta, a cujo som
Foram os do grande Titiro cantados.

O principe Dom Duarte foi mandado considerar por Dom João III, como pertencendo á casa do Infante Dom Luiz; Caminha, como poeta official, cantou este successo na Epistola IV, e aí se refere ás façanhas do Infante, alludindo á tomada da Goleta e de Tunis em companhia de Carlos V:

Fale a gram Fortaleza que temeu
Tanto aquelle gram Turco, e Carlo o diga,
Que co'elle o fez fugir, co'elle o venceu. (1)

Nada tendo que fazer n'este cargo quasi honorifico de Camareiro, Caminha occupava-se inteiramente a cantar Dom Duarte; a maior parte dos seus versos são

(1) *Ibid.*, p. 36.

laudatorios e sem variedade, por serem batidos sobre a mesma corda; é verdade que a lisonja vem sempre mais ou menos envolvida em lições de moralidade catholica, o que contribue para tornar os versos de Caminha mais palidos e sem sonoridade. O proprio poeta confessa que occupou os seus primeiros versos em cantal-o; estes primeiros versos devem entender-se como pertencentes á eschola italiana:

> Senhor, de mim *cantado nos primeiros*
> *Meus versos*, de ti indinos, grão Duarte
> Que cantado serás nos derradeiros. (1)

Durante esta ociosidade de Camareiro, Pedro de Andrade Caminha contrae um grande odio pelo generoso e desgraçado Luiz de Camões, que regressara de Coimbra em 1542, tendo completado os estudos; as provas d'esta aversão não são positivas, mas inferem-se por deducções inquestionaveis.

Caminha poetava mal, com certa dureza e falta de sentimento; é provavel, que frequentando Camões a côrte, tivesse conhecimento dos versos que andavam nas mãos das damas, e deixasse escapar alguma palavra de menoscabo. Em Caminha encontra-se sempre um receio e increpação contra os que dizem mal dos seus versos. Antes da partida para a India, Camões teve conhecimento da primeira *Decada* de João de Barros, que lhe inspirou a ideia da epopêa dos *Lu-*

(1) Epistola III, p. 28.

ziadas; acredita-se que ainda em Lisboa escrevera os primeiros cantos da epopêa nacional, aonde se encontra na estrophe quinta da invocação: «Dae-me uma *furia* grande e sonorosa.» Caminha teria conhecimento d'este canto, e querendo morder tambem Camões, escreveu em desforço das feridas pretenções o Epigramma:

> Dizes que o bom Poeta hade ter *furia*,
> Se não hade ter mais, é bom Poeta;
> Mas se o Poeta hade ter mais que *furia*
> Tu não tens mais que *furia* de Poeta. (1)

Alem d'este, em que a allusão é directa e flagrante, Caminha compoz mais oito Epigrammas, todos repassados de azedume contra um talento inimitavel; n'este outro fala em qualidades que todas quadram em Camões, e de que elle tinha direito de ensoberbecer-se:

> Por *Poeta douto* e *mancebo* és julgado,
> E esta opinião de ti não é secreta;
> Mas vejo-te de ti ser tão louvado
> De *mancebo* e de *douto* e de *poeta*
> Que de ti, se perdoas, não concebo
> Que és *Poeta*, nem *douto*, nem *mancebo*. (2)

Por estas e muitas outras malevolencias, viu-se o pobre Camões forçado a abandonar a patria e a ir militar na India; eram conhecidos na côrte os seus amores com Dona Catherina de Athahide. Caminha, que frequentava

(1) Epigramma CXLV, p. 352. Opinião do snr. Innocencio.
(2) Epigramma CXLIII, p. 351.

a côrte, não o ignorava, e entre os Epitaphios que escreveu, encontra-se um á saudosa *Nathercia*, aonde se compraz a cantar o fim de tantos esperanças. Traz a seguinte rubrica: «*Á senhora Dona Catherina de Athaide, filha de Dom Antonio de Lima, Dama da Rainha:*

Aqui jaz escondida aquella Dama
  Fermosissima e rara Catherina:
Que *no mundo terá gloriosa fama*,
  De cuja vista a terra foi indina.
Aqui chorou o amor, e d'aqui chama
  Que n'esta pedra, de toda honra dina,
Cantem immortaes versos e louvores.
  A Formosura, as Graças e os Amores. (1)

Este Epitaphio foi escripto em 1556; seria um desgosto immenso para Camões se tivesse sabido que a morte da mulher que tanto amava fôra cantada pela mediocridade que mais o encommodou.

Por occasião do casamento do principe Dom João com a princeza Dona Joanna, Caminha teve ensejo de relacionar-se com Jorge de Monte-Mór, em 1553; com certeza Monte-Mór dirigiu-se primeiramente a elle, porque a Epistola VII de Caminha é «*em resposta á outra sua.*» No principio do anno de 1554 foi a morte do Principe Dom João, que todos os Quinhentistas cantaram. Caminha tambem escreveu:

(1) Epitaphio XXII, p. 269. Já citado pelo snr. Juromenha.

Tinhas por acabar *dezessete annos*,
Oh gram Principe nosso, assi tão cedo
Te levaram divinos d'antre humanos.

Devem-se a ti engenhos excellentes,
Porque com teu favor os levantaste,
Largo Mecenas eras aos prudentes. (1)

Por este terceto, referia-se Caminha a Sá de Miranda, cujos versos manuscriptos eram pedidos pelo Principe Dom João; referia-se a Jorge Ferreira de Vasconcellos, que lhe dedicara a sua Comedia *Eufrosina*, e para elle estava escrevendo a *Aulegraphia*; referia-se a Francisco de Sá de Menezes, que era seu Ayo e Camareiro, a Antonio Ferreira, que lhe dedicara a Comedia de *Bristo*, e a Jorge de Monte-Mór, favorecido da princeza Dona Joanna.

Caminha sobreviveu á morte de todos os seus irmãos; no Epitaphio XXIV, se lê esta epigraphe: «*Á Senhora Dona Joanna de Toar, minha irmã.*» No Epitaphio XXV: «*Á senhora Dona Guiomar de Sousa, minha irmã.*» E no Epitaphio XXVI: «*Á senhora D. Anna de Toar, minha irmã.*» Ferreira tambem escreveu um Epitaphio a esta Dama, o que faz certa a sua morte como antes de 1569. O Epitaphio XLIV de Caminha traz a rubrica «*A Affonso Vaz Caminha, meu irmão;*» o Epitaphio LIII, é «*A Gaspar de Sousa Caminha, meu irmão.*» Caminha tambem consolou o Doutor Antonio Ferreira, na morte de sua mulher Dona Maria Pimen-

(1) Caminha, *Poesias*, p. 113 e 116.

tel, e pelo menos em 1569 teve relações intimas com o poeta Diogo Bernardes, porque é a elle que se dirige lamentando em uma Elegia a morte do seu antigo amigo o Dr. Antonio Ferreira. Tambem em 1556, escreveu um Epitaphio á morte de seu pae João Caminha e de sua mãe Dona Philippa de Sousa succedida no mesmo dia; pode fixar-se em 1556, por isso que n'este anno el-rei Dom João III fez doação com data de 15 de Julho a Pedro de Andrade Caminha dos direitos reaes dos vinhos que saem pela barra do Porto, que por Carta de 21 d'Outubro de 1553 fizera a sua mãe D. Philippa de Sousa, em recompensa dos serviços de Gaspar de Andrade seu irmão, morto nas guerras da India. (1) Caminha louva immensamente o Cardeal Dom Henrique, como um sustentaculo de fé, por ser o primeiro Inquisidor de Portugal, e por crear o *Index Expurgatorio* de 1564. Ferreira lamentava este successo infausto para as letras.

No meio de todo este trabalho da Renascença e da Inquisição que procurava abafal-a, Caminha só via na sua mente o senhor Dom Duarte a quem adorava, bem como a tudo o que lhe pertencia. Em 1565, foi o casamento de Dona Maria, filha primogenita do Infante Dom Duarte com o Principe de Parma, neto de Carlos V; Caminha escreveu logo um Epithalamio felicitando os noivos, mas esta estreiteza de assumptos tiroulhe a espontaneidade da inspiração, obrigou-o a calcar

(1) José Corrêa da Sèrra, *Biographia*, na edição de Caminha.

sómente ideias convencionaes, e a repetir-se continuamente por falta de invenção, que apenas se retempera em uma ou outra consideração moral e catholica, e quasi por assim dizer escrupulosa. Andava por este tempo em 1565 o sapientissimo Damião de Goes escrevendo a *Chronica de Dom Manoel;* querendo incidentemente falar do Infante Dom Duarte, pae d'aquelle de quem Caminha era Camareiro, dirigiu-se a este poeta, que estava nos paços da Ribeira, para que obtivesse da viuva Infanta Dona Isabel, as informações precisas. Dona Isabel havia já mandado a Damião de Goes as informações milagreiras e as anedoctas cheias de puerilidades com que depois mestre André de Resende teceu a *Vida do Infante Dom Duarte;* (1) Caminha disse ao sabio chronista que a Infanta Dona Isabel lhe havia mandado já os apontamentos pedidos; e Damião de Goes sorriu-se, dizendo-lhe: «*que não havia homem que na morte não dissesse algumas parvoices.*»

Ficou isto remordendo na consciencia catholica e jesuitica de Pedro de Andrade Caminha, e logo que a Inquisição se apoderou de Damião de Goes, Caminha appresentou-se officiosamente a delatal-o! Facto inqualificavel, que a historia justa manda que se registre, ainda que menos sympathico nos pareça o caracter do poeta. Eis o terrivel depoimento, que não pouco contribuiu para a morte mysteriosa de Damião de Goes:

(1) Esta obra foi publicada pela Academia das Sciencias em 1789, por um ms. do Collegio de S. Bento de Coimbra. Na *Revista Litteraria*, do Porto, t. IX, p. 433, publicou-se outra edição por um ms. da Torre do Tombo.

«Aos vinte e dois dias do mez de Abril de mil quinhentos e setenta e um annos, em Lisboa nos estáos na casa do despacho da santa Inquisição estando hi os senhores inquisidores, perante elles appareceu Pero d'Andrade Caminha, fidalgo da casa del-Rei Nosso Senhor, e lhe deram juramento dos santos Evangelhos em que poz sua mão e prometteu dizer verdade: e disse que haverá seis ou sete annos pouco mais ou menos, que foi no tempo em que Damião de Goes escrevia a chronica del Rei Dom Manoel, o dito Damião de Goes pedira a elle denunciante que lembrasse á Yffanta Dona Isabel que lhe mandasse algumas lembranças do Yffante Dom Duarte seu marido, por quanto havia de fazer d'elle menção na dita chronica. E lembrando elle denunciante isto á Yffanta ella lhe disse que já o tinha mandado ao dito Damião de Goes algumas lembranças de como morrera: e depois d'isto achando-se elle denunciante nos Paços da Ribeira com o dito Damião de Goes lhe disse como a Yffanta lhe tinha mandado as ditas lembranças e o dito Damião de Goes respondeo e disse a elle denunciante que não havia homem que na morte não dissesse algumas parvoices, sem mais dizer nada a elle denunciante nem praticaram como o dito Yffante morrera sem primeiro tomar o Santissimo Sacramene os mais sacramentos da egreja. E por elle denunciante ter sabido que o dito Yffante Dom Duarte morrera christianissimo, lhe fez isto que Damião de Goes lhe disse escrupulo. E não o veio dizer então por ter o di-

to Damião de Goes em boa reputação, e por tal estar tido e não lhe parecer isto tão mal como agora que ouvio dizer que estava preso n'este carcere. E o vem dizer por descargo de sua consciencia, e que estavam sós, sem outra pessoa ouvir esta pratica.» (1)

Delatação estupida, miseravel e infame, que foi aggravar a sorte de um homem de bem que caíra nas garras da Inquisição. Para se vêr a rasão que tinha Damião de Goes para se rir dos apontamentos dados pela Infante D. Isabel, basta transcrever aqui uma das innumeras passagens ridiculas que vem na *Vida do Infante Dom Duarte* por André de Resende: «Obra de hua hora antes que falecesse, fez chamar hu seu criado e perguntou-lhe se se lembrava de hua carta de excommunhão que per seu mandado tirara per hua egoa que lhe furtarão, que logo mandasse pergoar que elle a perdoava per amor de Deos. Muito pouco antes do seu fallecimento se poz a olhar pera a dianteira da sua cama cõ muita attenção e gesto alegre, e per duas vezes dize: O Minha Senhora nos seiaes muito bem vinda. Perguntou-lhe o padre Frei Miguel com quem fallaua. Respondeo-lhe que cõ a madre de Deos, que aly estaua. Perguntou-lhe mais o Padre se folgava de a vêr. Respondeu-lhe que nunqua en toda sua vida recebera igual alegria, nen tão grande descanço.» (2) A *Vida* do In-

(1) Publicado pela primeira vez por Lopes de Mendonça, no livro *Damião de Goes e a Inquisição*; *Annaes das Sc. e das letr.* t. II, p. 335.

(2) Op. cit. cap. 17.

fante está toda cheia d'estas frivolidades e anedoctas, cada qual mais piegas, que até deshonram o escriptor que lhes deu forma litteraria. O sensato Damião de Goes, no reinado da intollerancia e do queimadeiro é que não tinha rasão. Delatando aquelle vulto respeitavel á Inquisição, Caminha queria servir a Dom Duarte filho do Infante, obrigando a que se respeitasse a memoria do epileptico que morrera em cheiro de santidade. Este facto vem comprovar a aversão que tinha a Camões, porque revela uma alma pouco digna. Mas este caracter bajulador e servil, o castigou, tornando-o mediocre.

Caminha teve amisade com o poeta Francisco de Andrade, e com outro inimigo e plagiario de Camões, o poeta Diogo Bernardes. Escrevendo a Francisco de Andrade, queixa-se dos zoilos, e anima-o á composição do poema epico do *Primeiro Cerco de Diu,* como para annullar o poema dos *Lusiadas,* cuja existencia lhe era notoria. Aí diz:

> Tu segue confiado aquella empreza
> Que tão felicemente começaste,
> Segue com prompto sprito e alma accesa.
>
> A victoria rarissima que achaste
> Dina do raro engenho que em tudo usas,
> E usaste sempre em tudo o que contaste. (1)

(1) *Poesias,* p. 82.

Pelos versos de Caminha, tambem se sabem mais algumas particularidades desconhecidas da vida de Bernardes; saiu egualmente com uns Sonetos laudatorios á *Elegiada* de Luiz Pereira, e á *Austriada* de Jeronymo Corte Real.

Pelos seus versos conhece-se que deveu mais á cultura dos estudos da antiguidade do que ao talento; traduziu em competencia com o Doutor Antonio Ferreira a Ode de Anacreonte o *Amor fugido;* traduziu muitas poesias de Ausonio; conheceu Sanazarro e Boscão; os seus versos andavam nas mãos das damas do paço, e a princeza Dona Francisca de Aragão pedira-lhe o manuscripto de seus versos; foi laureado e respeitado, tido por mestre das musas, mas faltava-lhe uma cousa que a opinião geral não confere, faltava-lhe aquillo que mais aborrecia em Camões—o genio.

Nos versos de Caminha sente-se este desgosto, que elle revela insensivelmente.

Caminha entrou muito cedo para o serviço de Camareiro de Dom Duarte, Duque de Guimarães; este principe tambem era poeta, e foi elle que animou Caminha:

> Sénhor, de mim cantado *nos primeiros*
> *Meus versos*, de ti indinos, grão Duarte,
> Que cantado serás nos derradeiros.
>
> Se um esprito occupado só em amar-te
> Merece ser ouvido, ouve-me agora,
> Que nunca sem amor soube falar-te.

Vae-se o anno, o mez, o dia, e hora
Sempre em servir-te, devo-te amor puro,
Como se negará o que n'alma mora! (p. 28.)

....

Manoel, teu avò, que muitos mande
Deus á terra como elle, João teu tio
Cuja memoria sempre no mundo ande.

Cuja perda deixou d'um fraco fio (1556.)
Muitos reinos pendendo e em Deus seguros,
Que nunca á boa esperança deu desvio, (p. 29.)

Com sua virtude que seguir devemos
Ponha Sebastião em edade inteira
Tal rei como já agora o promettemos,

Falando á Dom Duarte do pouco gosto que havia pela poesias:

Quebranta o mau costume, que inda cresce
Na terra, que é ser isto mal ouvido,
Esta cega opinião vae desprezando
E írás as que inda a seguem alumiando. (p. 11.)

Que é do favor, Duarte, que os espritos
De louvor dinos, justamente achavam?
A seus bons cantos, a seus bons escriptos?

Que é dos louvores com que se animavam
A erguer a voz mais confiadamente
E com mais seguro animo cantavam?

Como esquecido está tão baixamente
O que já tanto poude, que podia
Um espirito fazer raro e eminente?

Quem ás Musas tirou tanta valia?
Quem a Phebo tornou tão desprezado?
Que já entre nós seu nome não se ouvia? (p. 25.)

. . . .

Mas ah, que toda está de todo cega
Traz interesses, traz cobiças e ouro,
E a estes desejos vãos toda se entrega.

Pejam-se as Musas, correm-se no paço;
Se se acham n'elle estão como forçadas,
Vem-se em toda outra parte mais de espaço.

Será de serem mal agasalhadas
Como são, dos espiritos ociosos
De que nunca ser podem bem julgadas (p. 26.)

Falando ao seu livro, que tinha colligido para a impressão antes de 1577, diz, com referencia ao principe Dom Duarte:

O que principalmente alma deseja
E' que Duarte te acceite, mas receia
Minha Musa, que a tanto indigna seja. (p. 27.)

O principe Dom Duarte, que Pedro de Andrade Caminha quasi unicamente cantou nos seus versos, antes de 1577, deu-lhe a Alcaideria mór de Celorico de Basto, e uma tença de duzentos mil reis. Estas dadivas foram confirmadas por el-rei Dom Sebastião. O duque, de quem era Camareiro, morreu em 1577; no seu testamento deixou que se lhe não pedisse conta de todas as joias e pratas que lhe estavam confiadas á sua

guarda; deixou-lhe mais sessenta mil reis da tença que lhe dera o rei, com a faculdade de renunciar. Da biographia escripta por José Correia da Serra transcrevemos o ultimo artigo do testamento de Dom Duarte, em que diz: «Pero de Andrade Caminha me tem servido como todos sabem com muita continuação, e sem nunca me dar desgosto em nada, peço muito por mercê ao Senhor Cardial, que em tudo que o poder favorecer em suas cousas com el-rei meu senhor, o faça, como eu de sua alteza confio, e me Pero de Andrade Caminha merece, porque será grande consolação para a minha alma.» Caminha entreteve-se durante os doze annos que lhe sobreviveu a escrever Epitaphios, cantando a liberalidade e as virtudes do chorado principe. No Epitaphio LXXVIII, diz:

Duarte, raro exemplo da verdade,
D'acertado conselho e alta prudencia,
D'alto valor, de *liberalidade*,
D'imitação da real antecedencia,
De brandura e *cortez autoridade*,
De mansidão, de santa paciencia,
D'amor divino e grande piedade
De jejum, de cilicio e penitencia,
De grandeza christã e de humildade,
De pureza e esforçada continencia,
De viva e afervorada charidade
De pura e de aprovada consciencia.
De real e santa magnanimidade,
De divina e louvada obediencia,
De exemplar, e de insigne christandade
Fundado tudo na divina essencia. etc.

O Duque Dom Duarte herdara o fanatismo de seu pae, e a convivencia do escrupuloso Caminha contribuiu tambem para lhe desenvolver as causas moraes da sua morte prematura. Para offerecer ao Duque, recolheu Caminha os seus versos antes de 1577; facil lhe era escapar aos rigores da censura do Santo Officio, por causa da sua intimidade com o Padre Bartholomeu Ferreira, que já em 1572 dera a licença para a impressão dos *Lusiadas.* Eis o Epigramma que escreveu ao citado censor, mandando-lhe o livro « *Com os versos para os examinar:*

> Para poderem ser de ti *aprovados*
> Meus versos, e de todos bem ouvidos,
> Devem primeiro ser de ti emendados
> Com mão de amigo, e com cuidado lidos
> Serão em tua lima confiados,
> Com tua aprovação bem recebidos;
> D'aquella ficarão cultos e puros
> Com esta poderão correr seguros.» (1)

Em vida de Caminha appareceu á luz o sublime poema dos *Lusiadas;* cantando nos seus versos o apparecimento do *Naufragio de Sepulveda,* o *Segundo Cerco de Diu* e a *Astriada* de Jeronymo Corte Real, a *Elegiada* de Luiz Pereira, e o *Primeiro Cerco de Diu* de Francisco de Moraes, torna-se mais reparavel o esquecimento com que pretende offuscar a divina epopêa da nossa nacionalidade. Ao passo que Luiz de Ca-

(1) Epigramma CLXXIV, p. 370.

mões vivia em Lisboa na obscuridade e na indigencia, desde 1570 até 1580, em que morreu, requerendo sempre uma regateada tença, Caminha vivia respeitado, gosando parte dos direitos reaes da exportação dos vinhos pela barra da cidade do Porto, a Alcaidaria mór de Celoríco de Basto, uma tença de duzentos mil reis que lhe deixara o Duque Dom Duarte, com as suas pratas e joias, com mais sessenta mil reis de tença pelo primeiro codicilo do citado testamento do principe. Os serviços de Camões eram compensados *como habilidade*, com uma tença de quinze mil reis!

O principe Dom Duarte, filho do infante Duarte, e neto de Dom Manoel, aprendeu de seu pae esta protecção para os escriptores; seu pae, tambem deixou a seu mestre André de Resende uma tença de vinte mil reis de metal acompanhada de dois moios de trigo. Em 1577, em que faleceu seu filho, a moeda e os generos não soffreram grande alteração.

Por isso podemos comparativamente formar uma ideia do valor dos rendimentos de Caminha. Joaquim José Rodrigues de Brito, na v das suas *Memorias politicas*, (1) tratando da reducção do valor antigo das moedas ao moderno, diz com relação á tença de André de Resende: «Os vinte mil reis em metal de cada uma das duas Pensões ou tenças... valeriam hoje duzentos e quarenta mil reis.» E em nota accrescenta: «Uma das tenças referidas era acompanhada de dois mois de tri–

(1) *Memoria* v, p. 93. §. 100. not. a.

go, que, a trezentos e vinte cinco reis o alqueire, valeriam hoje mais de 360$000 reis, que juntos aos quatro centos e outenta mil reis em metal das duas tenças, valeriam mais de 840$000 reis.» Em presença d'estes dados, Caminha vivia na opulencia; accresce a circumstancia de terem suas irmãs seguido a vida claustral, e d'elle ter sobrevivido a toda a familia, para que isto explique a sua mediocridade; tinha razão o arcade Garção quando disse:

> Não escreve *Lusiadas* quem janta
> Em toalhas de Flandres; quem estuda
> Em camarins forrados de damasco (1)

O odio de Caminha por Camões, em quanto este frequentou a côrte, era devido á animadversão que lhe causava um talento brilhante; depois que o epico voltou da India pobre de esperança, fundava-o na superioridade da fortuna. O illustre José Correia da Serra na biographia de Caminha foi o primeiro que lhe descobriu esta má vontade contra aquelle infeliz homem de genio; «cultivou Pedro de Andrade as letras, unido em correspondencia e amisade com os maiores engenhos que então poetavam em Portugal, *menos ao que parece, com Luiz de Camões,* do qual nem elle, nem os outros fazem menção; o que nos mostra que os seculos litterarios das varias nações são mui parecidos uns com os outros,

(1) *Obras* de Garção, p. 143. Ed. 1778

e que em todo o tempo a superioridade é odiosa aos contemporaneos.» (1)

Por um documento da Chancellaria de Philippe II, se descobrem tres factos importantes da vida d'este poeta; que foi casado com Dona Pascualla de Gusmão, talvez a *Filis* dos seus versos; que teve uma filha d'este consorcio, chamada Dona Marianna; e que morreu a 9 de Setembro de 1589, nove annos depois de Camões. Por este documento se transferem a sua mulher e filha a tença dos duzentos mil reis de que el-rei lhe fizera mercê com a faculdade de a poder renunciar em quem quizesse por sua morte.

Caminha havia entregado o manuscripto dos seus versos a Frei Bartholomeu Ferreira, que chegou a revel-os e a approval-os. Os grandes desastres que pezaram sobre Portugal depois de 1580 fizeram que não chegasse à saír a lume; este manuscripto do proprio punho de Caminha, veiu a parar na livraria do Convento da Graça, de Lisboa, e só em 1784 alí o acharam os academicos José Corrêa da Serra e Frei Joaquim Forjaz. Existia outro manuscripto, na Livraria do Duque de Cadaval, aonde em 1771 o consultara Pedro José da Fonseca; suppômos ter este pertencido a Dona Francisca de Aragão, porque em um Epigramma de Caminha se diz que esta princeza possuia o manuscripto dos seus versos. Os dois citados Academicos completaram

(1) *Poesias* de Caminha, p. VII.

um pelo outro os dois manuscriptos e assim fizeram a excellente edição da Academia das Sciencias, de 1791.

O livro jazeu esquecido durante mais de dois seculos, mas as letras nada perderam. Os louvores de Ferreira e Sá de Miranda é que incitavam a curiosidade que hoje está friamente apaziguada. Em tôdo o caso, dos versos de Caminha tiram-se curiosas noticias para a vida dos outros Quinhentistas, que sustentaram gloriosamente eschola italiana.

CAPITULO IV

Diogo Bernardes

Antes de saír de sua patria Ponte do Lima, Bernardes cultiva a *Eschola velha.* — Visita Sá de Miranda a Quinta da Tapada, e abraça a eschola italiana. — Vae a Lisboa depois de 1554. — Seus amores nos campos do Tejo. — A *Sylvia* dos seus versos despreza-o por um casamento rico. — Volta para Ponte do Lima no principio de 1558. — Celebra a morte do seu amigo e mestre Dr. Antonio Ferreira. — Vae em uma Embaixada a Hespanha. — Acompanha D. Sebastião a Africa para cantar-lhe as victorias. — E' resgatado e acceita uma mercê de Philippe II. — Seu casamento com D. Maria Coutinha. — Morre em 1605.

Amigo intimo de Caminha, mas com mais talento e lyrismo, Diogo Bernardes tambem está manchado pela injusta malquerença que votou a Luiz de Camões; attenuem as suas muitas desgraças esta imperfeição do seu caracter sobre a qual a historia tem de ser sempre implacavel. Nasceu Diogo Bernardes em Ponte do Lima, como elle o declara no titulo das *Varias Rimas ao Bom Jesus,* impressas em sua vida, em Lisboa. Na *Vida* de Sá de Miranda, escripta por Dom Gonçalo Coutinho, amigo de Bernardes, tambem se encontra outra prova: «e contava Diogo Bernardes... que quando o hia a ver, vivendo em Ponte do Lima *patria sua,* etc.» Dom Gonçalo recolheu grande parte dos factos da vida de Sá de Miranda da tradição oral de Diogo Bernardes; portanto devia estar bem informado da

naturalidade do poeta. (1) Não tem sido possivel determinar o anno do seu nascimento; porém sabendo-se que seu irmão Frei Agostinho da Cruz era mais novo e que nasceu em 1540, é certo que nasceria não muitos annos antes d'esta data. Teve tambem um terceiro irmão ou irmã, como se deprehende pela existencia do *seu sobrinho,* Licenciado João Pimenta.

Seu pae se chamava Diogo Bernardes Pimenta, circumstancia que leva a induzir que Bernardes seria o primogenito, pela identidade do nome.

Os primeiros annos de Diogo Bernardes foram passados em Ponte do Lima, aonde em uma natureza vigorosa e luxuriante e em uma ociosidade infantil, ía desenvolvendo o sentimento poetico que lhe deu a celebridade. Não teve cultura classica, e conhece-se que só muito tarde conheceu a eschola italiana, depois que visitou Sá de Miranda, que residia perto na sua Quinta da Tapada; entre os versos de Bernardes, principalmente nas *Flores do Lima,* e nas *Varias Rimas ao Bom Jesus,* encontra-se um grande numero de composições da chamada *eschola velha,* representada no *Cancioneiro* de Resende; cultivou a forma do *vilancete,* das *voltas,* das *cançonetas,* das *glosas,* das *endexas, respostas* e *romances,* com o exagerado subjectivismo do seculo XV, e com aquella frieza de quem se

(1) Insistimos sobre este ponto por que Barbosa o dá como natural de Ponte da Barca, seguindo outros escriptores: Jorge Cardoso, *Agiologio Luzitano,* t. II, p. 151; Carvalho, *Chorographia,* liv, I, trat. 2, cap. 6.

serve de moldes conhecidos, de formas convencionaes, de rimas feitas. Depois da segunda metade do seculo XVI, os romances populares começaram a receber uma forma culta; os poetas aproveitavam-se dos versos mais conhecidos ou proverbiaes dos romances do povo, e diluiam-nos em vagas allegorias, por meio de uma glosa. Em Sá de Miranda achamos uma glosa da *Bella mal maridada.* Bernardes glosou o romance de *Gaifeiros,* n'aquella parte mais celebre e popular, justamente essa que Mestre Pedro repetia, quando explicava os *titeres,* (1) e a que se vulgarisou na tradição. Os versos que Bernardes recolheu do romance de *Gaifeiros* são de tal modo contrahidos, e differentes das versões do *Cancioneiro de Romances* e da *Floresta* de Tortejada, que aqui os reproduzimos, por essa particularidade:

«Cavallero, si a França ides,
Por Gaiferos perguntad,
Y dezidle que su esposa
Se le embia encomendar.
Dezidle, que no m'olvide
Por los amores d'allá,
Que sus justas y torneos
Bien los supimos acá.
Dezidle que ya es tiempo
De me venir a sacar
D'esta prison tan esquiva
Do muero con soledad.
Dezidle que venga presto
Si biva me quiere hallar;
Que si presto no viniere
Mora me haran tornar.

(1) *D. Quijote,* Part. II, cap. 26.

— Essas nuevas, mi señora,
Vós mesma las podeis dar,
Que alla en Francia la bella
Gaiferos suelen llamar. (1)

Bernardes desenvolveu os versos antigos em dez demas todas lyricas. Na *Poetica* de Rengifo, cap. XXXVI, fala-se n'este uso dos poetas da Peninsula glosarem os romances velhos: «No ha muchos años, que començaron nuestros Poetas a glosar Romances viejos, metiendo cada dós versos en la segunda de las redondillas.» Pelo grande uso que Bernardes fez da lingua hespanhola, e pela frequencia com que glosava cantigas populares de Castella, se vê que na sua primeira phase litteraria pertenceu inteiramente á *eschola velha*.

O modo como Bernardes abandonou a poetica do *Cancioneiro*, e se dedicou inteiramente aos versos italianos, é facil de comprehender. Por Dom Gonçalo Coutinho sabemos, que quando Bernardes *ainda estava* em Ponte do Lima, ía visitar Sá de Miranda; o venerando poeta chamava seus filhos Gonçalo Mendes de Sá e Hieronymo de Sá, e mandava-lhes tanger violas de arco e laúde, para distrahir o hospede. Foi isto antes de 1553, porque n'este anno morreu em Ceuta o primogenito de Sá de Miranda. É natural que da bocca de tal mestre ouvisse Bernardes a descripção dos costumes da Italia, o quadro do explendor das artes e da poesia em Roma, em Florença, em Milão, e que assim

(1) *Flores do Lima*, p. 175. ed. 1770.

se sentisse levado a imitar os novos metros. É certo que no principio do anno de 1554 ainda residia em Ponte do Lima, e já d'aí escreve uma Elegia á morte do principe Dom João, succedida n'esse tempo. Sá de Miranda lamentou a morte prematura de tão illustrado principe, e Bernandes escreveu tambem uma Elegia em *tercetos* á maneira italiana.

O facto de Bernardes escrever em hespanhol, seria para se ensaiar com mais facilidade, amoldando á nova metrificação a lingua em que estava mais acostumado a poetar. Na sua Elegia, Bernardes dirige-se ao rio Lima, signal de que ainda estàva na sua patria:

> Si la causa del lloro te lastima
> Debaixo d'essas aguas cristalinas
> Llevanta tu cabeça, patrio Lima. (1)

Antes de 1556 mandou Dom João III, que Dom Duarte, filho do Principe Dom Duarte seu irmão, fosse ajuntado á casa do Infante Dom Luiz. Por este tempo Caminha foi nomeado Camareiro mór do joven Duque, e o pae de Bernardes conseguiu accommodar seu filho Agostinho Pimenta na casa d'esse neto de Dom Manoel. Seria por este tempo que se deu a saída de Diogo Bernardes de Ponte do Lima, e pelo modo como canta a morte de Dom João III, succedida em 1557, conhece-se que elle já estava em Lisboa:

(1) *Rimas ao Bom Jesus*, p. 154, ed. 1770.

Mas se tu, triste Musa, me levantas
Com novas azas o meu baixo estylo
O triste caso que chorando cantas,

Ainda espero que farei ouvil-o
Com grande espanto, com inveja grande
D'um polo ao outro, do *nosso Tejo* ao Nilo.

Durante esta primeira residencia em Lisboa, Bernardes relacionou-se com Caminha, tambem, como seu irmão, empregado na casa de Dom Duarte. Já não encontrou Camões em Lisboa, que em 1553 abandonara a patria indo militar na India; os resentimentos de Pedro de Andrade Caminha influiriam de certo no animo de Bernardes para conservar ácerca de Camões um silencio criminoso, que tanto deprime o seu caracter. Bernardes não tinha cultura litteraria, e isto era uma rasão para admirar o estudo de Caminha e preferil-o mesmo a Camões. Tambem em 1556 já residia em Lisboa o Doutor Antonio Ferreira, que exercia o logar de Desembargador na Relação; por intervenção de Caminha, Bernardes adquiriu a sua amisade, e entrou na intimidade litteraria d'aquelles cultores da nova eschola italiana. Bernardes era novo, tinha talento e amava; isto bastava para ser admittido á nova eschola. Ferreira doutrinava-o, e louvando a brandura dos seus versos, recommendava-lhe mais lima e esmero, para se não expôr aos apodos dos sectarios da *eschola velha*.

Bernardes tornou Caminha confidente dos amores que tomara perto de Lisboa:

Andrade, honra das Musas, lume nosso
Dos que as seguimos digo, mas não sei
Se d'elles com razão chamar-me posso.

Eu vejo-me cativo! que farei
Triste posto em poder de um moço e cego
A quem tudo o que tinha tudo dei. (1)

Depois d'esta Carta é que Bernardes se dirige a Ferreira, falando com modestia, cantando-lhe a sua pouca arte, alludindo já á tragedia de *Inez de Castro,* e ao facto de ter merecido o ser nomeado por Caminha:

Postoque logo então tanta se ergueu
A vã presumpção minha sobre si,
Que mal seu desengano recebeu;

Digo, quando meu nome escripto vi
D'aquella penna, que com raro ensino
A nós prudencia dá, dá fama a ti. (2)

Conhece-se que a Carta de Ferreira foi provocada por uns versos de Bernardes; começa dizendo:

Fez força ao meu intento a doce e branda
Musa tua, Bernardes, que a meu peito
Dá novo sprito, novo fogo manda.

Confirma-se a data da permanencia de Bernardes em Lisboa em 1557, porque n'esta Carta refere-se Ferreira á incerteza da politica que se debatia nas intri-

(1) *Lima,* Cart. III.
(2) Id. Cart. II.

gas da regencia da menoridade de Dom Sebastião, ao valimento dos jesuitas, ás pretenções de Castella, e á intollerancia religiosa. Tudo isto se desmascarou com a morte de Dom João III. É o que se entende d'estes tercetos:

> Encontro a cada passo c'um imigo
> De todo bom sprito; este me faz
> Temer-me de mim mesmo e do amigo.
>
> Taes novidades este tempo traz
> Que é necessario fingir pouco siso,
> Se queres vida ter, se queres paz. (1)

Talvez pelos motivos que Ferreira descobre n'estes e outros tercetos analogos, se explica a volta de Diogo Bernardes a Ponte de Lima no principio de 1558, como abaixo provaremos.

Ferreira tinha a final o gosto de vêr um novo adepto na eschola italiana; conhecia-lhe talento e enthusiasmo, temia-se dos partidarios da redondilha e das esparsas, e com a simplicidade de uma boa alma, doutrinou Bernardes, á maneira de Horacio, dizendo-lhe que nos seus primeiros ensaios tambem os mostrava ao seu amigo Manoel Sampayo:

> Mas tratarei contigo amigamente
> Do conselho que pedes; juizo e lima
> Tem em si todo humilde e diligente.
>
> ....

(1) *Poemas Luzitanos*, t. II, p. 52.

Muito, oh poeta, o engenho póde dar-te,
Mas muito mais que o engenho, o tempo e *estudo*,
Não queiras de ti logo contentar-te.

É necessario ser um tempo mudo,
Ouvir e *lêr* sómente: que aproveita
Sem armas, com fervor, commetter tudo?

Caminha por aqui. Esta é a direita
Estrada dos que sobem ao alto monte
Ao brando Apollo, ás nove Irmãs acceita.

Do bom escrever saber primeiro é fonte,
Enriquece a memoria da doutrina
Do que um cante, outro ensine, outro te conte.

....

A palavra que sae uma vez fóra
Mal se sabe tornar: é mais seguro
Não tel-a, que escusar a culpa agora.

Vejo teu verso brando, estylo puro,
Ingenho, arte, doutrina: *só queria*
Tempo e lima, de inveja forte muro.

Ensina muito e muda um anno e um dia,
Como em pintura os erros vae mostrando
Despois o tempo, que o olho antes não via.

Córta o sobejo, vae accrescentando
O que falta, o baixo ergue, o alto modera,
Tudo a uma egual regra conformando.

Ao escuro dá luz; e ao que pudera
Fazer duvida, aclara; do ornamento
Ou tira ou põe; co'decoro o tempéra.

Sirva propria palavra o bom intento,
Haja juizo e regra e differença
Da pratica commum ao pensamento.

Dana ao estilo ás vezes a sentença,
Tam egual venha tudo e tam conforme
Que em duvida este ver aquelle vença.

Mas diligente assi a lima reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez de ornal-o, então disforme.

A Carta de Ferreira é extensa e cada terceto encerra um solutar conselho, dictado por uma santa alma e um bello caracter; havia pouco ainda que Bernardes adoptara o verso endecasyllabo, bastante difficil para quem o ensaia pela primeira vez. Depois d'esta boa doutrina de Ferreira, não se esquece de lhe certificar os grandes progressos que tem feito na poetica nova:

Eu vejo cada dia accrescentar-se
Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu
Cada dia mais vivo alevantar-se.

Pela Carta II de Bernardes e pelo Soneto CX, conhece-se que elle tinha conhecimento da *Castro* do Doutor Antonio Ferreira, e foi com certeza por este tempo, em 1557, que ella ficou escripta. (1)

No principio do anno de 1558 voltou Bernardes a Ponte do Lima; conhece-se este facto por seguras inducções. Offerecendo uma Carta a Sá de Miranda, ou

(1) *Historia do Theatro portuguez*, t. II, p. 79.

talvez lendo-lh'a em alguma visita á Quinta da Tapada, o venerando chefe da eschola italiana, lhe diz:

> N'*este começo d'anno*, e tão bom dia,
> Tão claro, porque não falleça nada,
> Me foi *da vossa parte* apresentada
> Aquella composição boa á profia.

Sabe-se que Bernardes estava então em Ponte do Lima, e que Dona Briolanja de Azevedo já era fallecida, porque Sá de Miranda assim o dá a entender no segundo terceto:

> Oh que inveja vos hei *a esse correr*
> *Pela praia do Lima*, abaixo e arriba
> Que tem tanta virtude de *esquecer*.

Na composição mandada por Bernardes a Sá de Miranda conta-lhe parte da sua vida, e a relação da sua estada em Lisboa, e o sitio aonde teve os seus amores:

> Não te contarei n'elle de começo
> Qual minha vida foi por não cansar-te,
> Contrario effeito de quanto ás musas peço.
>
> Isto só te direi: a melhor parte
> D'ella levou amor, *lá onde o Tejo*
> *Perde o sabor das aguas com que parte.*
>
> Ali me convertia o vão desejo
> Em agua, em fogo, em ferro, em pedra, em planta,
> Agora vejo tudo por que vejo.

Amor não usa d'ervas quando encanta,
Nom cura das palavras, nem dos signos
De Circe, de quem tanto Homero canta.

Já livre de tamanhos desatinos,
O fogo morto, rotas as cadeias,
Canto alegre ao céo odas e hymnos.

Cobrei, *des que bebi n'estas letheas*
Agoas do patrio Lima, o ser perdido;
Esta verdade quero que me creias.

Do tempo mal gastado arrependido,
Queria, se podesse, o que me fica
Que fosse em melhor uso despendido.

....

Agora rio baixo abaixo, rio acima
Que vae suavemente murmurando,
Só me vou pela beira do meu Lima.

Por esta Carta de Bernardes se vê que esteve muito tempo em Lisboa, e que tomou uns amores em uma terra situada no ponto em que o Tejo começa a ser salgado. Esses amores acabaram, e certamente por esse desgosto voltou Bernardes para Ponte do Lima. Escrevendo a Sá de Miranda, fala-lhe em Homero, e se nos lembrarmos da tradição conservada por Dom Gonçalo Coutinho, que Sá de Miranda lia Homero no original e o commentava á margem, bem se comprehende que foi na Quinta da Tapada aonde Bernardes começou a apreciar a *Odyssea*, a que allude. Bernardes, desde que travara relações de amisade com Caminha, sentiu

logo um desejo instante para escrever uma Epopêa. Já sabemos que Pedro de Andrade Caminha soube da existencia dos primeiros cantos dos *Luziadas* antes de Camões partir para a India; e assim como infundiu em Bernardes certa animadversão contra o sublime desterrado, tambem lhe incutiria a ideia de compor um poema epico. Ferreira, conhecendo o movimento das litteraturas da Renascença, tambem aconselhava a Caminha a empreza de uma Epopêa. Na Litteratura Hespanhola tambem os principaes espiritos sentiram esta necessidade. Na Carta a Sá de Miranda, diz Bernardes:

No mundo aquelles tem fama immortal
De quem nos canta um peregrino engenho,
O mais bem sabes tu, que pouco val.

D'alguns cantarei eu, se por ti venho
A levantar-me tanto, que na fonte
Castalia mate o grande ardor que tenho.

Cingida de louro verde a branca fronte,
Então ouvirás tu mais alta rima,
Ledo que por ti cante e por ti conte.

Em outra occasião, Bernardes escrevendo ao Doutor Antonio de Castilho, queixa-se da falta de Mecenas, por não poder levar ávante o intento de uma Epopêa historica:

Pesa-me não poder em nova historia
Dos Luzitanos Reis a origem clara
Levar ao templo da immortal memoria.

Não por falta de ingenho e invenção rara,
Estilo e arte, que Phebo em tal sogeito
Desusados conceitos me inspirara.

Mas sabes de que nasce este defeito?
De não se vêr n'este tempo um novo Augusto,
A quem tão bom trabalho seja acceito.

Logo necessario é, não digo justo,
Negar-me a meu desejo, por buscar
Cousa que á pobre vida faça o custo.

Bem se vê que estes versos ao Doutor Castilho foram escriptos depois da morte do Principe Dom João, de el-rei Dom João III, e do Infante Dom Luiz. Em Ferreira, em Caminha e em Sá de Miranda encontram-se queixas contra a indifferença geral que havia pela litteratura. N'este mesma Carta, Bernardes o declara:

Pode ser mayor graça, que *as mudanças*
Do governo e d'officios d'essa terra
Tambem me vão a mim pôr em balanças.

Na Carta a Castilho, guarda-mór da Torre do Tombo, conta Bernardes a rasão porque fugira para Ponte do Lima, e aí explica melhor a historia dos seus amores, o que completa a confidencia a Sá de Miranda. A *Sylvia* que elle cantava era uma senhora que o des-

prezou por causa de um casamento rico. Eis os curiosissimos versos:

Mil vezes a mim cá me tenho dito
Que cuidará de mim o bom Castilho,
Que tanto ha que lhe não tenho escrito?

Se cuidas, por ventura, que inda o filho
Da branda Cytharea me sogiga,
Que me desculpes, não me maravilho.

Mas n'esta parte já a sua antiga
Virtude, em mim renova o claro Lima,
Que de cousas passadas desobriga.

A Ninfa que cantei em doce rima
Já (dando ao Hymineu consentimento)
Não de amor, de interesses fez estima.

Declaro em sós dois versos meu intento:
Digo que de tardar a culpa teve
O nosso começado fundamento.

Qnando eu parti de lá, lembrar-te deve
Que ficou o senhor do nosso Gouro
De me mandar chamar em tempo breve.

Logo como quem corre a um grão thesouro
Em vendo seu recado, atrás deixava
A terra a que dá nome o Minho e o Douro.

N'aquelles verdes campos não parava
Do rio, onde a formosa Madalena
Cabellos louros e alvo rosto lava.

Aqui podera mais soltar a pena
Mas sempre espreita amor, por mim o vejo,
E novo mal n'um bem passado ordena.

Emfim que té chegar *lá onde o Tejo*
Com aguas do Neptuno se mistura
Nem descançara o pé, nem o desejo.

Mas já que tal não foi minha ventura
Que visse o que esperava, perdôa o erro
E o descuido lá, se podes, cura.

Senão no *voluntario meu desterro*
A vida acabarei, já que naci
Em idade cruel, triste e de ferro.

Assi que se d'um *não* depois de um *si*
Gouro me não quer dar o desengano,
Porque m'o dês to pode dar a ti.

Que já me corro e canso de anno em anno
Andar de umas em outras esperanças
As quaes todas acabam em meu dano. (1)

Estes versos encerram a historia dos amores de Bernardes; este poeta foi casado, e em vista d'estes versos entendemos que não foi com a decantada *Sylvia.* Em um escripto do senhor Visconde de Jurumenha encontramos esta revelação : «As mais pequenas cousas não devem desprazer; a um acrostico devemos nós saber quem era a *Sylvia* de Diogo Bernardes, ou para melhor dizer, sua mulher, como diremos largamente na vida que temos encetado d'este poeta.» (2) Bernardes foi casado com Dona Maria Coutinha, como abaixo provaremos; e a *Sylvia* desprezou o poeta por

(1) *Lima*, Cart. XIV.
(2) *Obras de Camões*, t. I, p. XVIII.

causa de um casamento rico. O desgosto d'esta repulsa trouxe Bernardes para Ponte do Lima, que d'aqui em diante escreve sempre com um grande desalento, maldizendo a corrupção da côrte. Nos Sonetos descreve a triste historia para alivio de *desamados* amadores. (1) Diz-nos em que dia a começou a amar, a 24 de Junho:

> Era o dia em que fui de amor vencido
> Alegre em todo o mundo e festejado
> Por ser áquelle santo dedicado,
> Que santo foi primeiro que nascido. (2)

No Soneto XXVI das *Flores do Lima,* precisa o logar aonde vivia aquelle que amava:

> Eu me parto de vós, *campos do Tejo*
> Quando menos temi esta partida, etc.

Na Ecloga *Alcido,* descreve o poeta buccolicamente a traição de *Sylvia.* A maior parte dos seus versos são escriptos com o resentimento de quem foi logrado; em outra parte se refere a uns novos amores, que são personificados em outro nome poetico de *Marilia,* que por ventura se referirão a D. Maria Coutinha, que veiu a ser sua mulher. Em um Soneto de um amigo de Bernardes nota-se a este caracter duplo dos seus versos:

(1) *Flores de Lima,* Soneto II.
(2) Id. Soneto III.

Diogo amigo meu, meu bom Diogo,
Pois d'amor tens cantado variamente,
Ora em *estado triste*, *ora contente*, etc. (1)

Os amores desditosos de Bernardes foram quasi ao mesmo tempo dos do seu amigo Caminha, que então decantava a *Filis*. Na Ecloga II, intitulada *Flora*, Bernardes refere-se a dois pastores, um que deixou o Lima, e outro o Douro, e se fizeram admirar em Lisboa pelos seus cantos:

N'esta nossa ribeira ambos nascidos
Mas como pouco n'ella conservaram,
Eram mais na do Tejo conhecidos.

Em moços foram lá, lá se criaram
Com outros de mór nome, mór estima,
De tanger, de cantar fama cobraram.

Não das nossas cantigas cá de cima,
D'outras de tão bom som, qu'inda pastor
Té agora as não cantou junto do Lima.

Ditosos foram elles, se na flôr
De sua mocidade os ternos peitos
Puderam defender do cego amor.

Este pastor companheiro poder-se-hia entender seu irmão Agostinho Pimenta; mas Melibeu, que é a personificação de Caminha natural do Porto, diz:

Quem minha paz mudou em crua guerra
Como pude passar *Douro* e Mondego, etc.

. . . .

(1) Idem, p. 102, ediç. 1770.

Tanto n'esta Ecloga, como na primeira, Bernardes personifica na morte de Adonis o successo desástroso da morte do Principe Dom João, e diz que os dois pastores o cantaram. De facto existem essas duas Elegias á morte do Principe, cantadas por Caminha e por Bernardes. Assim interpretada fixa-se a vinda para Lisboa em 1554, quando Caminha entrou para Camareiro do duque Dom Duarte, e Agostinho Pimenta ficou tambem empregado na mesma Casa. D'este modo se comprehende o motivo da primeira confidencia de Bernardes ácerca dos seus amores a Pedro de Andrade Caminha. No principio do anno de 1558 viera Bernardes despeitado para o desterro voluntario de Ponte do Lima; aí se occupava a passear pelas margens do rio, escrevendo Eclogas, chorando os seus infortunios amorosos, e enviando Epistolas aos amigos. N'este mesmo anno aconteceu a morte de Sá de Miranda; Bernardes ainda estava em sua patria, como se vê pela Ecloga *Sá*:

O nosso Sá Miranda que entendeo
A sem rasão do mundo, a tyrannia
Aqui antre os montes se escondeu.
Onde senhor de si livre vivia:
Vivia esses bons annos que viveu
Pois que não esperava nem temia.

Refere-se ao rio Neiva n'estes versos:

Vês aquella agua saudosa e branda
Que parece que vae grão dôr sentindo
. . . .

Aqui onde já ledo estive ouvindo
A' sombra d'este freixo, o canto brando
De Sá, que está no céo da terra rindo. (1)

Ainda em seu desterro em Ponte do Lima, escreve Bernardes ao Doutor Antonío Ferreira, confessando-se seu discipulo; d'aí fala já na morte de Sá de Miranda:

Cantarei teu amor, e amor do céo
Por estes bosques cá, n'estas montanhas
Onde o bom Sá Miranda s'escondeu.

Confesso dever tudo áquella rara
Doutrina tua, que me quiz ser guia
Do celebrado Monte á Fonte clara.

E por te dever mais, se á luz do dia
Te parecer que saiam meu escritos,
Na tua penna está sua valia. (2)

Pela leitura d'estes versos podemos induzir, que Bernardes sabendo que Ferreira recolhera em volume os seus versos em 1557, tambem pensava já em colleccionar os que escrevera.

Bernardes continuou a residir em Ponte do Lima pelo menos até ao anno de 1560; é ainda da patria que escreve a seu irmão mais novo, Agostinho Pimenta, que n'este anno tomara o habito dos monges da Arrabida. A Carta de Bernardes traz a epigraphe: «Ao P. Frei Agostinho da Cruz, meu irmão, *quando*

(1) Ecloga VI, p. 32.
(2) *O Lima*, Carta XII.

tomou o habito.» Agostinho Pimenta empregado na Casa de Dom Duarte, não participou a seu irmão o intento de entrar para a vida monastica; Bernardes presentia-o. A Carta que lhe escreve é verdadeiramente sentida e natural:

Em que te mereci, oh Agostinho
Que n'esta escura selva me deixasses,
Tomando para ti melhor caminho?

Em que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom, tem bom desejo
Primeiro que do mundo te apartasses?

....

Triste do coração quando advinha,
Que mal antes de vir, fui verdadeiro
N'uns versos que para ti escrito tinha.

Inda limando estava o derradeiro
Quando tua triste Carta me chegou,
Chorada antes de lida foi primeiro.

....

Fui *suspirando só por esses montes,*
As lastimas que digo não escrevo
Porque de tal fraqueza não te afrontes.

A resposta do padre Frei Agostinho da Cruz não é menos bella; pinta-nos aquella pura irmandade de dois poetas que se entendiam pelo sangue e pelo sentimento; fala-lhe como discipulo, autorisa-se com os seus

versos, defende-se por tel-o abandonado nas tempestades da vida:

Meu mestre, meu irmão, ah quem te desse
C'o essa tua voz cá nesta serra,
Que tão altos conceitos não perdesse.

....

Lembram-me aquelles versos que escreveste
Na tua Ecloga antiga, saudosa,
Onde tanto a pobreza enriqueceste.

Um desgosto profundo fizera com que Bernardes fugisse da côrte, e se refugiasse na patria; seu irmão Frei Agostinho da Cruz ainda se refere a elle, no terceto:

Assim tinhas em ti o que buscava
D'outros, *que se moveram d'interesse,*
Cuja nodoa, a meu vêr, tarde se lava.

A este mesmo desgosto tambem se refere Bernardes na Carta x, escripta «ao P. Frei Thomaz de Sousa *achando-se Entre Douro e Minho:*»

Que foi dos alvoroços que trazia
De *lá d'onde se espraiava o rio Tejo?*
Ah quanto me enganava a phantasia!

Bernardes voltou para Lisboa, aonde continuou a cultivar a amisade de Caminha, do Doutor Antonio Ferreira, de Antonio de Castilho, e de Pero de Alcaçova Carneiro, de quem recebia bastante protecção. Dei-

xou o patrimonio que herdara a quem o administrasse, e é certo que os negocios não lhe corriam á feição, por que escreve a seu sobrinho o Licenciado e poeta João Pimenta, oppositor em uma abbadia do Minho:

Dizei-me quem do meu se logra agora
Sem que tenha de mim nenhum consenso,
E se restituil-o melhor fóra.

. . . .

Colher o fructo alheio em rasão cabe,
Sem d'isso o proprio dono ser contente,
Passemos adiante, isto se acabe.

Dizei-me, se achaes lá da nossa gente
Que se lembre se vivo senão quando
Interesse ou trabalho vê presente.

. . . .

Dai-me novas do Lima saudoso
E mais *d'aquella*, que lhe foi visinha
De cuja vista vivo desejoso.

Por esta Carta, se vê que Bernardes saíra novamente da sua patria, e que aquella de quem falava já não era a decantava *Sylvia,* mas outra, talvez a que mais tarde veiu a ser sua mulher. Em 1569 rebentou a peste em Lisboa; por esta occasião perdeu Bernardes o seu mestre e amigo Doutor Antonio Ferreira; elle aproxima esta perda da saudade de Sá de Miranda. A Elegia de Bernardes á morte de Ferreira é escripta a Pedro de Andrade Caminha:

Com quem posso chorar, se não comtigo
A morte, quanto a nós, do bom Ferreira,
Andrade, amigo teu e meu amigo?

Fiquei da triste nova da maneira
Que se póde uma vida dividir-se,
Não me deixou a dôr a minha inteira.

N'esta mesma Elegia fala do encontro de Ferreira com Sá de Miranda em outra vida, escutando as canções do Petrarcha:

Ouvindo *aquelles dois resplandecentes*
Franciscos, como em nome assi eguaes
No verso, só na patria differentes.

Um, de quem vós a morte inda cantaes
Nymphas do brando Neiva e brando Lima,
Outro que fez os louros valer mais.

O Bembo, o Sanasarro em prosa e em rima
Dignos d'alto louvor: Boscão e o Lasso,
Que levantou o seu verso mais acima.

O Dolce, o Ariosto e o culto Tasso,
Que d'Amor e de Marte versos dignos
Foram juntando tanto passo a passo.

Por estes versos se vê que Bernardes estava filiado na eschola italiana, glorificando o genio de Sá de Miranda e Ferreira, confundindo-os na pleiada dos grandes poetas da Renascença.

No principio do anno de 1570 desembarcava em Lisboa o desgraçado e heroico soldado Luiz de Camões, no fim de dezesete annos de trabalhos e de ausencias,

mais pobre do que saíra de Lisboa, e inteiramente morto para todas as esperanças; alguns amigos pagaram-lhe a passagem, libertando-o das garras de um credor implacavel. Quando entrou em Lisboa estavam recentes os estragos da peste. Bernardes, influenciado pela aversão de Caminha não procurou Camões; sabia-se que o desterrado trazia um poema epico das façanhas dos portuguezes na India, e isto indisporia mais o vate do *Lima*, que tambem esperava um Mecenas para vir a fazer uma epopêa. Foi provavelmente durante a viagem da India, ou pouco depois de chegar a Lisboa, que se deu o roubo de uma collecção de versos de Camões, intitulada *Parnaso*, roubo de que fala Diogo do Couto na *Decada XIII*. Camões nunca pode descobrir aonde e em que mãos parava este livro, e d'esse roubo parcial tem sido accusados Fernão d'Alvares do Oriente, hoje justificado, Diogo Bernardes e Francisco Rodrigues Lobo. Bernardes é o que menos se defende; ainda em sua vida Camões soube de alguns plagiatos de Bernardes, e é para notar que este só publicou os seus versos depois da morte de Camões. Bernardes apresentava como sua a *Historia de Santa Ursula*, poemeto em oitava rima; o poemeto é offerecido á Infanta Dona Maria, cantada por Camões nos seus Sonetos. Camões dedicara á Infanta, amiga da poesia e da cultura litteraria, protectora de Luisa Sigêa e de Paula Vicente, o seu poemeto, não porque o tivesse então escripto, mas porque obteve á mão uma das copias que andava já em nome de Bernardes, fragmento disperso

do seu *Parnaso*. O facto de o offerecer á Infanta Dona Maria, era para assim reclamar publicamente a sua obra. A *Historia de Santa Ursula*, traz um Soneto por dedicatoria, que só se encontra nas obras de Bernardes, mas que é de Camões, como provaremos:

Eu fiz, como já disse o Mantuano
Os versos d'essa Virgem esposada,
Que foi com Onze mil martyrisada
A honra me roubou um vil engano.

Estando a vosso nome soberano,
Soberana Maria, dedicada,
Caíu (para se vêr peor tratada)
Nas mãos, livre já de um, d'outro tyranno.

Se foi, *indo roubada tam acceita,*
Em partes inda feia e duvidosa,
Não desmereça agora, alta Princeza,

Que mais segura vae, vae mais formosa,
Não soffrendo rasão cousa imperfeita
Diante a perfeição de Vossa Alteza.

Por este Soneto se declara que a versão offerecida á Infanta Dona Maria era mais pura e completa do que a versão roubada. Todos os criticos são conformes em reconhecer que a lição do poemeto de *Santa Ursula*, que vem nas obras de Camões, é mais perfeita em todos os sentidos, do que a recolhida por Bernardes, que parece um primeiro rascunho. Por tanto, Bernardes não podia escrever este Soneto, mas sim aquelle que corri-

giu o seu primeiro escripto achado como o colleccionara no *Parnaso.*

As relações de Bernardes com a Infanta Dona Maria não são conhecidas, nem ao cabo de dezesete annos depois da morte da princeza podia elle dedicar-lhe o poemeto com essa linguagem de intimidade. Pelo contrario, Camões teve relações e respeitava o talento litterario da Infanta Dona Maria, como se vê por este Soneto á sua morte:

> Que levas, cruel morte? Um claro dia.
> A que horas o tomaste? Amanhecendo.
> . . . .
>
> Luzitania que diz? Fica dizendo. . . .
> Que diz? Não mereci a grã *Maria.*
> . . . .
>
> *Na corte que ficou?* Saudade brava.
> Que fica lá que vêr? Nenhuma cousa.
> Que gloria lhe faltou? Esta beldade. (1)

A Infanta Dona Maria morreu a 10 de Outubro de 1577; Camões não teria fundamento para escrever-lhe este sentido Soneto, senão tivesse anteriormente encontrado n'ella certa protecção litteraria. No Soneto dedicatorio ha um verso, imitado de um mote antigo glosado por Camões: «Que mais segura vae, vae mais formosa;» reminiscencia de:

(1) Soneto LXXXIII.

> Descalça vae pela neve
> Leonor pela verdura,
> *Vae formosa e não segura.*

Como resultado de ter Camões dado pelo roubo de Bernardes, demorou este a impressão dos seus versos para muito depois da morte do perseguido epico, que voltara fraco e doente da India. É certo que Bernardes começou a colligil-os em 1558, e que em 1577 o Padre Pedro Ribeiro em um Cancioneiro que recolheu dos poetas contemporaneos, aí inseriu 116 Sonetos de Bernardes, 26 Eclogas, 5 Cartas, 4 Canções, e 1 Ode. (1) Como se póde explicar a demora que teve Bernardes a imprimir as suas poesias, sendo elle tão ambicioso de gloria?

Porque se reservou para saír a lume só em 1594 e 1596, quando a Lyrica de Camões parecia que tinha caído no esquecimento? O facto da descoberta do roubo foi com certeza antes de 1577; cumpre notar que em 1576, pela valiosissima protecção de Pero de Alcaçova Carneiro, conseguiu Bernardes entrar na vida politica, acompanhando-o n'este anno na embaixada que Dom Sebastião mandou a seu tio Philippe II.

Todos os homens da côrte eram inimigos encarniçados de Camões, e a nomeação de Bernardes para acompanhar a embaixada parecerá talvez um desaggravo ao poeta, reconhecido como plagiario. Depois d'este

(1) Barbosa Machado, *Bibl. Luzit.* Este Cancioneiro existiu na livraria de Cardeal Sousa.

vergonhoso conflicto, Bernardes, á maneira de Caminha, procurava vingar-se de Camões por todos os meios. Juromenha acha nas Obras de Bernardes acres allusões ao primeiro epico dos tempos modernos. Camões, á maneira dos poetas da eschola italiana professada em França, usava muito de neologismos, principalmente nas formas ou suffixos dos adjectivos. Na Carta IV, Bernardes morde-o traiçoeiramente por isto:

Trate quem mais quizer feitos alheios,
Diga mal, diga bem, fale á vontade,
Use palavras novas, novos meios.

Não cure de rasão nem de vontade,
Em tudo contentando a vulgar gente,
Enchendo peitos vãos de vaidade,

Eil-o poeta logo, ey-lo excellente,
Idolo do pequeno e mais do grande
Soffrei se chamo grande a quem mal sente.

Na Carta VII de Bernardes, escripta antes de 1569, porque aí dá o Doutor Antonio Ferreira como vivo, enumera Sá de Miranda, Ferreira, o Doutor Antonio de Castilho, Caminha, Francisco de Andrade, Miguel da Silveira, Miguel da Silva, Francisco de Sá de Menezes, Antonio de Sá, e Dom Manoel de Portugal, mas não cita o nome de Camões, maior do que estes juntos. O facto explica-se aqui por influencia da aversão de Caminha. Mas na Carta XXVIII, enumerando os principaes poetas antigos e os italianos, escrevendo já em 1581, quando os *Luziadas* eram conhecidos em to-

da a Europa e traduzidos em algumas linguas, não fala nos portuguezes para não ter de citar Camões, porque atraiçoava-se, revelava o seu odio diante da força da opinião que obrigava a reconhecel-o como o principe dos poetas das Hespanhas. N'esta citada Carta ao Conde de Monsanto, que estava na sua Quinta do Paul junto do Tejo, escreve:

Quem vos visita aí não vos desvia
Da suave lição dos bons authores
Lêdes de noite ao fogo, ao sol de dia.

Em *Homero* achareis grandes louvores
Do fero Achylles, e do pio Eneas
Em *Virgilio* outros taes, ou inda móres.

E aquelle a quem mandou abrir as veias
O cruel Nero, cantará chorando
As batalhas civis de sangue cheias.

Ovidio com seu verso triste e brando
De seu desterro tratará queixoso,
Por Corina e por Roma suspirando.

E o vosso sobre todos mais mimoso
As conversações mais de contino
Digo o suave autor do *Furioso.*

Torcato, que sugeito achou divino,
Para mostrar os seus altos conceitos,
Cantando de Gofredo e d'Alladino.

Petrarcha e *Sanazarro* cujos peitos
O douto Apollo encheu d'alta doutrina,
O *Bembo*, o *Lasso* ao mesmo Appollo acceitos.

Veronica com *Laura Terracina*,
E aquella famosissima *Victoria*
Que sobre o nosso sol o seu empina.

Dos nossos deixo alguns dignos de gloria
Porque vou sendo largo, e por que sei
Que de todos os bons tendes memoria.

O sr. Visconde de Juromenha assignala a esta Carta a data de 1581, um anno depois da morte de Camões. Bernardes não queria perturbar-lhe o olvido, não queria contribuir para a sua fama. O roubo de Bernardes não consta sómente da *Historia de Santa Ursula,* de Camões; os Sonetos e as Eclogas soffreram maior devastação. Para não interromper o fio chronologico da vida de Bernardes, trataremos adiante essa questão em que os criticos mais escrupulosos decidem, ainda que por meias palavras, contra o vate do *Lima*.

Pela amisade de Sá de Miranda, alcançou Bernardes com certeza a amisade de João Rodrigues de Sá de Menezes, um dos que ficaram por governadores de Portugal; pela amisade de Caminha e do Doutor Antonio Ferreira, adquiriu a amisade do ministro e secretario de estado Pedro de Alcaçova Carneiro. Com o systema de queixar-se sempre da sua miseria e das injustiças do mundo, não podia deixar de fazer móssa em qualquer d'estes homens poderosos. Em 1576, escrevia de Pedro de Alcaçova Carneiro:

Este meu Macenas portuguez,
A cuja sombra canto descançado.

O ministro Pero de Alcaçova Carneiro foi mandada em 1576 por Embaixador a Philippe II de Hespanha; levou Bernardes comsigo, o qual ao cabo de nove dias depois que saíu de Lisboa, escreveu a João Rodrigues de Sá de Menezes contando a jornada do seu protector, porque assim lh'o pedira. A narração é em oitava rima, propria dos assumptos heroicos.

Bernardes pretendia vir a fazer um poema epico, e pelas oitavas com que descreve a embaixada, dá a medida da sua incapacidade para assumptos que não sejam buccolicos ou sentimentaes. N'esta Carta XXXII conta as varias opiniões que corriam ácerca do motivo da embaixada:

> Qual foi d'esta embaixada o fundamento
> Menos, quem souber mais, o afirmaria:
> Uns dizem que d'El-rei é casamento,
> O que se fosse assi grão bem seria.
> Outros, porque se tome novo assento
> Nas cousas de Maluco, e sem porfia,
> Se determine, sendo a causa vista
> A qual dos reis pertence esta conquista.
>
> Outro crê levemente o que imagina,
> Alheio parecer tem por insania
> E diz que totalmente determina
> El-Rei passar de nova á Mauritania;
> Onde da torpe Lei seja ruina
> A gente da temida Luzitania.
> E para sempre melhor expediente
> Manda pedir em dote ao tio gente.

Bernardes descreve tudo com uma minuciosidade chata; diz que a partida de Lisboa foi a 10 de Junho

«mez em que o sol mais empina»; declara que Pero de Alcaçova Carneiro foi acompanhado por dois genros seus, pelo filho mais velho, e por outro filho que já estivera nas guerras de Africa, por dois sobrinhos da familia dos Tavoras, sendo vinte sete as pessoas que foram a cavallo; Pero de Alcaçova Carneiro despediu-se dos filhos e chegou já de noite á Landeira; passou depois Arrayolos, Estremoz, Elvas, Badajoz, até que chegou a Merida; avista o Tursilho, e passa Tallaveira da Rainha, até que ao fim de dezeseis dias de jornada chegou a Madrid; ali foi recebido o embaixador por Dom Christovam de Moura. Philippe II residia no Escurial, para onde Sayas, ministro do *Demonio do Meio Dia,* veiu chamar Pero de Alcaçova Carneiro. Bernardes descreve o edificio e os jardins do Escurial, as vestimentas da côrte, os animaes que estavam no parque, as cortezias da pragmatica; teve olhos para vêr tudo, mas não soube descobrir a ruinâ de Portugal, que estava imminente com a nova cruzada de Africa. Esta Carta em que Bernardes historía a embaixada foi escripta na volta para Portugal, quando Carneiro descançou do caminho em Segovia; Bernardes promette continuar a narração, e por isso termina d'este modo:

> A Segovia chegou; descansou n'ella,
> Onde tambem descance a minha lyra;
> Porque depois melhor encordoada
> Possa cantar o fim d'esta jornada. (1)

(1) *Lima*, p. 271, ed. 1761.

Dom Sebastião era criança e visionario; queria seguir a tradição dos seus antepassados continuando as conquistas de Africa. O fanatismo desenvolvido pela educação dos jesuitas, e a ignorancia da realidade tornaram-no uma especie de Quixote, á busca de aventuras; estas qualidades não o deixavam comprehender o grande plano politico de concentrar as conquistas na Africa, substituindo pelas colonias remotissimas da India uma continuação do reino de Portugal no immenso continente para além do Algarve.

O joven rei sonhava triumphos, queria ser um personagem do cyclo de Sam Greal, seguir a cavalleria celeste, e vir a ser o soberano de uma nova Jerusalem da terra. A intensidade do seu ideal, e o impulso da fé a que obedecia, faziam com que acreditasse tudo. Fiava-se na santidade da intenção e cria que lhe era inevitavel a victoria. Antes de partir para a Africa, mandou fundir a corôa de ouro com que se havia de acclamar imperador de Marrocos; á maneira dos reis scandinavos, fazia-se acompanhar na sua expedição por poetas e musicos. Os chronistas contam, que ao saír do Tejo mandara cantar ao seu musico Madeira um romance, e que o scaldo insensivelmente entoara o romance de El-Rei Rodrigo, que começa: «Hontem eras rei de Hespanha, hoje não tens um castello.» O rei perturbou-se um pouco e mandou suspender o romance. O poeta Diogo Bernardes tambem acompanhou o phantastico e impetuoso monarcha para a expedição de Africa. Amigo e protegido por Pero de Alcaçova Carneiro,

e tomando parte no séquito da sua Embaixada a Madrid em 1576, por estes factos se vê que ao illustre Secretario de Estado deveu acompanhar a D. Sebastião na qualidade de seu poeta. Por muitas vezes manifestara Bernardes o desejo de compôr um poema epico; dizia elle que tinha tudo, mas só lhe faltavam os Mecenas. A partida do rei para Africa, a ideia que o levava, e a flor da nobreza que o seguia, tudo promettia um formoso argumento para um largo poema. Dom Sebastião queria que o acompanhasse um poeta para immortalisar-lhe o triumpho. Havia seis annos que estava publicada a sublime epopêa dos *Luziadas,* dedicada a Dom Sebastião, que pelo menos a conhecia de nome; já andava traduzida em linguas extranhas e a fama que lograva entre os eruditos era immensa; tudo indicava que o poeta Luiz de Camões, tambem soldado e guerreiro, seria o chamado para esta ambição pueril do monarcha. Segundo a tradição conservada por Manoel de Faria e Sousa, Camões começou um poema epico em que narrava os primeiros preparativos da expedição; Faria abona-se com o testemunho dos amigos de Camões que recolheram as primeiras estrophes, cujos nomes são Bernardo Rodrigues, Manoel Ribeiro e Alvaro de Mesquita. Estes tres amigos do grande epico, diziam tambem que este novo poema encetado era mais excellente do que os mesmos *Luziadas.* Camões propunha-se a ser o epico da expedição, mas pelas intrigas da côrte e pela protecção de Pero de Alcaçova Carneiro foi excluido, sendo convidado para isso o seu

inimigo Diogo Bernardes. Camões, segundo o testemunho dos supracitados amigos, rasgou o poema quando soube do desastre de Alcacer Kibir. Bernardes começou a sua missão escrevendo um Soneto *Ao Estandarte que levou el-rei na jornada de Africa, no qual hia Christo Crucificado:*

Pois armar-se por Christo não duvida
Sebastião, grão Rey de Portugal;
E o leva por guia, no sinal
De nossa Redempção, de eterna vida.

Deixar não podes de te vêr vencida,
Africa, a tal esforço, a insignia tal, etc.
....

Que pois o valor nobre luzitano
Foi sempre vencedor, que fará agora
Diante de tal Deos e de tal Rey? (1)

A sorte desmentiu completamente esta aspiração; Bernardes não teve tempo de lançar os lineamentos da sua epopêa religiosa, porque a 4 de Agosto de 1578 deu-se a inteira derrota do exercito portuguez, ficando captivo com os poucos que sobreviveram. Bernardes no meio de um grande desalento refugiou-se todo no sentimento mystico, e emquanto esteve no cativeiro entretinha-se a escrever varias Canções e Sonetos ás cinco chagas e á Virgem Maria. Quando lemos a narração de como Frei Thomé de Jesus escreveu os *Trabalhos*

(1) *Rimas ao Bom Jesus*, p. 133.

de Jesus, parece-nos que Bernardes tambem soffreria nos carceres duros, e que a todo o custo escreveria a medo e a furto esses versos como um desafogo. O seu cativeiro foi bastante suave, e a generosidade cavalheiresca do inimigo é confessada na *Chronica do Cardeal Rei:* «Além d'esta grandeza fez Xarife outra, que era em dar liberdade ao fidalgo que dava outro por fiador, de andar por a cidade quando quizesse, sem limitação e se aposentar na Judiaria ou onde quizesse: etc... viviam com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhores da terra, e alem de cada um ter a sua pouzada em casas muito formosas de Judeos, com ricas camas e tapeçarias, gastavam muito esplendidamente em vestir muitas ricas sedas, em comer e jogar, fazendo maiores despezas que em Portugal; assim uns se mandaram prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam dos Judeos com assignados de lhes pagarem, o que os Judeos faziam com maior confiança de que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido para Africa com esta liberdade e magnificencia, os fidalgos e outros e alguns Alcaydes se tratavam com jogos e banquetes, uns christãos aos outros, e Alcaydes a fidalgos; mas para que os fidalgos tivessem christãos que os servissem a modo de Portugal, se sabiam de alguns criados seus ou pessoas de obrigação, mandavam-os pedir aos senhores d'elles tomando-os sobre sua palavra, o que os Mouros não sómente faziam com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de

lhe escusarem as despezas d'elles com certeza de resgate. Em Fez, onde os fidalgos quasi todos se ajuntaram, resplandeceu um primor e ufania n'elles naturalmente no tratamento acima dito, que parece que foi o mais novo genero de captiveiro que houve no mundo, não digo entre barbaros, mas ainda entre christãos muito polidos, etc.» (1) Em vista d'este quadro de sybaritismo dos fidalgos portuguezes no cativeiro, comprehende-se a fatalidade da derrota; aonde não ha dignidade não ha valor. No meio d'estes jogos e banquetes, Bernardes escreveu os seus versos religiosos. Os cinco Sonetos ás chagas de Jesus trazem a rubrica: «que o author fez *estando cativo.*» O primeiro terceto termina:

> Tornando á liberdade em que me via,
> Enxuto o pranto já d'este *desterro*
> Ledo vos cantarei a noite e o dia.

Na Canção a Nossa Senhora, Bernardes descobre o logar do seu cativeiro na Africa:

> Como vos cantarei alegre canto
> Cativo sem repouso em terra alheia,
> Entre barbara gente imiga vossa?
> Desatae vós esta cadeia grossa,
> Que meus erros sem fim
> Forjaram para mim,
> Porque solto por vós, cantar vos possa
> Na ribeira do Lima sem receo,
> Oh Madre de Jesus,
> Não do turvo *Lucuz*, de sangue cheio.

(1) Op. cit. xxxi, p. 53.

Em outro Soneto á mesma Senhòra, descreve os trabalhos do cativeiro em contraposição do que se lê na *Chronica do Cardeal rei:*

Bem vedes qual estou n'este deserto,
Onde cativo choro a noute e o dia,
Onde me dão por cama a terra fria,
Onde me tolhem vêr o ar aberto.

Este meu desamparo, estas *cans* tristes
Que mais alvas se fazem com meu pranto,
Vos inclinem, Senhora, a soccorrer-me.

Bernardes allude já ás suas *cans,* mas não teria por certo mais do que quarenta e cinco annos. Na Elegia I descreve a batalha de Alcacer Kibir, e o cativeiro em que cahiu:

Agora ao som do ferro que lastima,
O descoberto pé, choro cativo
Onde choro não val, nem amor se estima.

....

Não te valeu oh rei a tenra edade,
Não te valeu esforço, nem destreza,
Não te valeu suprema magestade.

Das armas a provada fortaleza
Poderosa não foi para guardar-te
Da mão de fogo armada e de crueza.

....

Acabou juntamente com teus dias
Do luzitano Reino a segurança
Que tu estender tanto pretendias,

Dos teus (na tua incerta confiança)
Qual te desenganou, senão do imigo
O pelouro mortal, o alfange, a lança?

Cobriam com teu gosto o teu perigo,
Estando teu perigo já tão claro,
A fim de não valer menos comtigo.

O poeta continúa descrevendo as imprudencias e falsidades que se commetteram na expedição. De novo se refere ao sitio do cativeiro:

No gram campo, qu'o turvo *Lucuz* banha,
O ar vos deixam só por cubertura
Que não vos quiz cobrir a terra extranha.

....

Oh amigos, com quem me aventurei
Com que *fui* sem ventura *aventureiro*,
Sempre, pois vos perdi, triste serei.

Sendo no fero assalto companheiro,
A vós, poz-vos no céo o fim da guerra,
A mim em miseravel cativeiro.

O cativo poeta no fim da Elegia allude á epopêa do desastre de Africa:

Da batalha cruel, da morte feia
Darei em triste carne larga copia,
Chorando com tal dôr a dôr alheia,
Como cativo choro a minha propria. (1)

A Elegia II, as Sextinas e mais dois Sonetos, escriptos por Bernardes em Berberia, mostram que o cativeiro se lhe tornou mais suave, podendo divagar sósinho, e errar pelas margens do Lucuz, e pelos outeiros que lhe lembravam a sua patria. Por um Soneto a Nossa Senhora *«em uma grande tormenta»* conhece-se a volta do poeta cativo para Portugal. Em 1581 já Bernardes regressára á patria, tendo sido resgatado pelos Trinitarios e Jesuitas; conhece-se pela Carta XXVII, escripta ao *«Conde de Monsanto, tornando de Castella, estando no seu Paul junto do Tejo.»* A data d'esta Carta é assignalada pelo Visconde de Juromenha. Havia um anno que Luiz de Camões expirára na indigencia; Bernardes já não encontrou vivo aquelle que lhe disputara o plagiato do poema de *Santa Ursula*. Diogo Bernardes logo que chegou a Portugal foi residir para Ponte da Barca, como se conhece pela Carta de Jorge Boccarrao, na rubrica da qual se lê: «De Jorge Bocarrão, aragonez, estando por Alferez em Ponte de Lyma, de uma companhia de soldados, *estando eu na Ponte da Barca.»* Bernardes responde-lhe alludindo ao cativeiro da Berberia:

(1) *Rimas ao Bom Jesus*, p. 138.

De no te responder con mano presta
Es culpa del dolor que l'alma mia
Afflige de contino y la molesta.

Despues d'aquel horribile y fiero dia
Que con mis ojos vy de *sangre humana*
Hartarse la sedenta Berberia. (1)

Depois da volta do cativeiro, Bernardes vivia na mais absoluta miseria; em todos os seus versos pinta uma negra indigencia; pela Carta a seu sobrinho João Pimenta, conhece-se que outros se haviam apossado da sua legitima paterna. A Carta XVI, escripta ao governador de Portugal Francisco de Sá de Menezes, «*depois que vim de cativo,*» é uma exposição da sua pobreza, e um pedido:

A mão me dae, Senhor, para que saia
Do pégo da miseria onde me vejo,
Antes que sem remedio ó fundo caia.

....

Crueza ou peor mal hei que seria
Faltar-me em Luzitania pão e pano,
Como se inda estivesse em Berberia,

Darei ao patrio Lyma, ao vale, ao monte
O fim da breve vida que me resta,
Que bem se lá me vir levo que conte.

(1) *O Lima*, p. 189.

Fazei conta, Senhor, que el-rei me empresta
A mercê e a *honra* que pertendo
Ch'il tempo vola i un hora non s'arresta.

E depois que podeis, favorecendo
Como fizeste sempre.....

A mercê e a honra que Bernardes requeria foi-lhe conferida em 1583, sendo nomeado Moço da Toalha. Fixa-se a data d'esta nomeação, porque Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana,* diz que fôra no tempo em que o Cardeal Alberto veiu governar Portugal. O Cardeal Alberto, archiduque de Austria, governador dos Paizes Baixos, e cardeal arcebispo da Egreja de Toledo, foi mandado por Philippe II a Portugal em 1583 para o governar e conservar sob a usurpação castelhana. Em quanto governou Portugal, o Cardeal Alberto agradou perfeitamente ao Demonio do Meio Dia. Bernardes, com o seu espirito bajulador, tambem escreveu dois Sonetos ao Cardeal Alberto, sobrinho de Philippe II, *na vinda dos Inglezes a Lisboa:*

Foste dado do céo, principe justo,
Qual Scipião a Roma, á Lusa terra
Que só com tua vista defendeste.

Camões morria quando entrava a dominação hespanhola; Bernardes lisonjeava o invasor. O licenciado Soropita, commentador e collector dos versos de Camões, accusa esses traidores. Philippe II ao entrar em Portugal, queria captar com mercês os espiritos mais

distinctos, para não difficultarem a sua posse; querendo vêr Camões e sabendo que era já morto, mandou continuar a tença a sua mãe Dona Anna de Sá; Pedro de Andrade Caminha é tambem recompensado por Philippe II; depois de 1583, foi nomeado Bernardes Pagem ou Servidor da Toalha. O poeta vivia em Ponte da Barca, e tinha em seu logar um serventuario chamado Solis, que lhe succedeu no emprego depois da sua morte.

Nos versos de Bernardes encontram-se uns novos amores, personificados no nome allegorico de *Marilia;* bem se vê que já não é a decantada *Sylvia,* a que elle se refere sempre com pesar. Sabe-se que Bernardes casou com Dona Maria Coutinha, por isso que se descobre este nome em uns versos do seu amigo Caminha. A permanencia de Bernardes em Ponte da Barca faz suppôr que o poeta ali casára; por esta sua residencia se explica o equivoco de Jorge Cardoso, Padre Antonio Carvalho e Barbosa Machado, que o julgavam natural de Ponte da Barca. O tempo em que Bernardes effectuou o seu casamento, seria com certeza depois de ter sido nomeado Pagem da Toalha. Caminha morreu em 1589 e pelos Epitaphios que escreveu á mulher de Bernardes, se vê aproximadamente o tempo em que ella morreria.

Antes de 1589, já Bernardes estava viuvo da *Marilia,* que tanto cantou nos versos. Pedro de Andrade Caminha, havia escripto tres Epitaphios pela occasião do falecimento da esposa de Bernardes, e pela rubrica

dos Epitaphios se descobre o nome da poetica *Marilia.* O Epitaphio LIX é: «*Á Senhora D. Maria Coutinha:*

Aqui está a formosura de Maria.
Aqui o esprito triste de *Diogo.*
Quanto ella mais se torna em terra fria,
Tanto elle mais se torna em agua e fogo.
Ella vive na luz do eterno dia,
Vive elle em dor porque a nom segue logo.
Ella morrendo, melhorou a sorte,
Elle vivendo está em tristeza e morte.

O Epitaphio LX termina referindo-se á ella ter sido cantada:

Se á triste vista nos está escondida,
Nunca se esconderá á geral memoria.
Que como faltará immortalidade
A tanta formosura e a tal bondade? (1)

Bernardes tambem revelou o nome de sua mulher em um acrostico, descoberto pelo senhor Visconde de Juromenha. Na Carta XXIV a Dom Manoel Coutinho, *estando na sua quinta da Torre do Bispo,* fala-lhe do seu casamento:

Passou aquelle tempo em que sohia
Cantar versos alegres e suaves,
Junto do patrio Lima á sombra fria.

(1) *Poesias* de Caminha, p. 284.

Carregaram em mim cuidados graves
Depois que me entreguei ao hymeneo
Que fecha a liberdade com mil chaves.

Ando das brandas musas tão alheio
Tão longe de Hippocrene e do Parnasso
Tão somido nas aguas do Letheo,

Que tenho pouco gosto e menos azo
Pera poder formar um culto verso
Se não sae da penna algum acaso.

Do que já fui me sinto tão diverso
Que me queixo do tempo e do que vejo
A'quelles que não vejo e que converso.

Em 1588 foi o recebimento das reliquias que trouxe ao mosteiro de Sam Roque dos Padres da Companhia de Jesus, Dom João de Borja. Bernardes, junto com Caminha, e outros poetas celebraram esta solemnidade; o cantor Alcido estava a este tempo em Lisboa; em um dos Sonetos que escreveu, diz:

Aqui vos criará o Tejo flôres, etc.

Seria talvez n'este anno que succedeu a morte de sua mulher; em 1589 morreu o seu amigo Pedro de Andrade Caminha, e em 1590 rebentou a grande peste, a que se ficou chamando o *tempo do mal.* Em uma Elegia religiosa, diz Bernardes:

Não permitaes que córte de repente
A dura parca o fio de meus dias
Gastados até agora inutilmente. (1)

Ao que parece, Bernardes esteve tambem atacado da peste, como se deprehende do Soneto:

A vida, oh bom Jesus, que defendeste,
Que não se defendeu humanamente, etc.

Foi tão grande a mercê que me fizeste
Que vi (não vendo luz) mui claramente
Como da féra Parca ali presente,
O golpe que decia detiveste. (2)

Em 1595 fez-se a primeira edição das poesias de Sá de Miranda, sobre o autographo que possuia Dom Fernando Correia Sotomayor, que em 1593 vivia em Salvaterra de Galiza. Se nos lembrarmos de que o principe Dom João, filho de Dom João III, pedia a Sá de Miranda os seus versos, e que os guardava, facilmente se explica a edição de 1614, que tanto differe da primeira. N'esta segunda edição vem uma Vida de Sá de Miranda escripta por Dom Gonçalo Coutinho, aonde diz que grande parte dos factos que apresenta os recolhera da tradição oral de Diogo Bernardes, do tempo em que vivia em Ponte de Lima e visitava Sá de Miranda. Portanto é de crêr que o apparecimento das Obras de Sá de Miranda em 1595 despertasse em Dom

(1) *Varias Rimas ao Bom Jesus*, p. 18.
(2) *Ibid.*, p. 19.

Gonçalo Coutinho vontade de querer conhecer a vida do poeta, e que só depois consultasse Diogo Bernardes. Nasceu um respeito immenso pelos poetas da primeira metade do seculo XVI; Fernão Rodrigues Lobo Soropita andava recolhendo as poesias lyricas de Camões; Miguel Leite Ferreira preparava para a impressão os versos de seu pae o Dr. Antonio Ferreira. Bernardes publicou em Lisboa as *Varias Rimas ao Bom Jesus,* em 1594, aonde traz o poema de *Santa Ursula* roubado a Camões; em 1596 publicou o *Lima,* aonde traz cinco Eclogas tambem roubadas a Camões; e n'este anno publicou as *Flores de Lima,* com sete Sonetos egualmente roubados a Camões. Inimigo do auctor dos *Lusiadas,* Bernardes não pensava que depois da sua morte se tornassem a achar os versos perdidos do seu *Parnaso* que lhe fôra subtrahido na viagem da India para o reino. Dom Gonçalo Coutinho, poeta e admirador de Sá de Miranda, tambem quiz prestar uma homenagem á memoria de Camões, trasladando os seus ossos do lado esquerdo para o centro da Egreja de Santa Anna, em 1595, aonde renovou o seu epitaphio. Este fidalgo benemerito pediu a Bernardes alguns versos em louvor de Camões, sem saber que lhe violava a consciencia. Bernardes não podendo eximir-se ao louvor, escreveu um Soneto de admiração ambigua, que começa:

Quem *louvará* Camões que elle não seja?
Quem não vê que em vão cansa engenho e arte;
Elle em si só se louva em toda a parte,
Toda a parte elle só enche de inveja.

*

Se nos lembrarmos do Epigramma de Caminha, *A um poeta,* que se crê com verdade ser Camões, aí se encontra o verso:

> Mas vejo-te de ti ser tão *louvado*, etc.

Isto explica o pensamento do Soneto de Bernardes, a quem a immortalidade de Camões encommodava, por isso que no fim do Soneto, diz, que se em vida soffreu muito, ao menos tem a gloria:

> Mas se lhe foi fortuna escassa em vida,
> Não lhe póde tirar depois da morte
> Um rico emparo de sua fama e gloria.

N'este Soneto Bernardes tinha mais em vista lisongear a generosidade de Dom Gonçalo Coutinho, por causa da trasladação feita em 1595.

A fidalguia portugueza declarara-se protectora das letras; Bernardes no anno de 1596 dedicou o seu *Lima* ao principe Dom Alvaro de Alencastro, Duque de Aveiro. Seu irmão o Padre Frei Agostinho da Cruz é que o incitou a esta offerta; Bernardes o confessa na dedicatoria: «E o que mais me accendeu este desejo, e me segurou do receio em que me punha, parece-me que nisto me atrevia muito, foi achar o Padre meu irmão Frei Agostinho da Cruz, Capucho da Arrabida, subdito de V. Excellencia, d'esta minha mesma opinião. O que claro se vê n'esse Soneto que aqui fiz imprimir para desculpa minha, e honra do mesmo *Lima.*» O So-

neto a que Bernardes allude, traz o seguinte terceto, que o louva por ter offerecido o livro ao Duque:

O povo cujo applauso recebeste
Vendo teu brando *Lima* dedicado
A principe real, claro, excellente.

Os biographos fixam o anno do falecimento de Bernardes em 1596; porém cabe a gloria de ter restabelecido a verdade ao snr. Visconde de Juromenha, que na Torre do Tombo descobriu um documento, que transfere por sua morte o cargo de Moço da Toalha ao seu serventuario Solis. Com um documento analogo fixou tambem este erudito a epoca indiscutivel da morte de Camões. A Carta de nomeação do Serventuario Solis para o cargo vago pela morte de Bernardes é datada de 4 de Septembro de 1605. Portanto foi com certeza n'este anno que morreu Bernardes. A 19 de Março ainda Bernardes era vivo, porque n'este dia conseguiu seu irmão Frei Agostinho da Cruz, demittir-se da Guardiania de Sam José de Ribamar, vindo fazer vida eremitica para a Serra da Arrabida; Bernardes celebra a realisação d'este desejo de Frei Agostinho no Soneto:

Agostinho, irmão meu, se n'essa dura
Serra de bravas ondas solapada,
Onde guiando vás pobre manada,
Por via assás estreita, mas segura,

Te lembras algum dia, por ventura
Que vou quasi no cabo da jornada,
Lá como a Cananea, por mim brada
A Jesus, de amor puro fonte pura.

Este Soneto só por si não fazia prova, porque Frei Agostinho da Cruz teve varios periodos de vida solitaria, mas a Carta de nomeação de Solis, fartalece-o, e deixa a verdade inconcussa. Portanto entre 19 de Março e 4 de Septembro de 1605, é que morreu Diogo Bernardes, em Lisboa, como se deprehende da Elegia de seu irmão Frei Agostinho da Cruz:

Claras aguas do nosso doce Lima,
Seccou no Tejo já vossa corrente,
Onde me secca a dôr que me lastima

Frei Agostinho da Cruz refere-se n'esta Elegia ao ultimo Soneto, que recebeu de Bernardes:

Sabias que da morte andavas perto,
Perto tambem de Deos a desejavas
Como d'antes me tinhas descoberto.

Depois da morte de Bernardes correu uma tradição que ainda hoje o rehabilita do seu odio contra Camões; Bernardes pedira para ser enterrado junto do Cantor dos *Luziadas.* (1) De facto Bernardes foi enterrado no convento de Santa Anna, e talvez esta circumstancia désse origem á lenda conciliadora dos dois poetas.

(1) *Obras* de Camões, pelo V. de Juromenha, t. I, n.º 94.

O roubo dos versos de Camões feito por Diogo Bernardes consta, além do *Poema de Santa Ursula,* de sete Sonetos, e de quatro Eclogas; nos Sonetos é mais difficil a analyse, porque ha menos referencias pessoaes, e porque os primeiros amores de Bernardes no sitio aonde o Tejo começa a ser salgado, condizem com as queixas de Camões. Ainda assim o esmero das versões dos Sonetos recolhidos nas Rythmas de Camões é um forte argumento contra Bernardes. O Soneto: *Brandas aguas do Tejo, que passando,* etc., (1) acha-se em Camões mais puro do que em Bernardes. O auctor diz:

> Ordenou *o destino*, desejoso
> De converter meus gostos em pezares
> *Partida* que me vae custando tanto.

O plagiario, escreve:

> Ordenou *o meu fado*, desejoso
> De converter meus gostos em pezares
> *Partido*, que me vae custando tanto.

Este Soneto conta a partida de Lisboa, quando em 1546 se tornaram publicos no paço os amores de Camões com Dona Catherina de Athaide, e depois de andar desterrado fóra da côrte foi militar em Ceuta; a partida do Tejo não se pode entender com a separação

(1) É o CVIII de Camões, e o XXVII, das *Flores do Lima*, de Bernardes.

de Bernardes quando veiu viver em Ponte do Lima, porque o terceto final indica uma saída de Portugal:

> Encherei de suspiros *outros ares*,
> Turbarei *outras aguas* com meu pranto.

Em 1553 foi a partida de Camões para a India; e qualquer d'estes trez factos da sua vida bastava para lhe inspirar essa queixa natural.

O Soneto: *Despois de tantos dias mal passados*, etc. (1) pinta o estado moral de Camões, desenganado e sem esperança por estar ha tanto tempo longe dos seus amores, de quem um atro destino o separa. Em Bernardes não havia motivo para o escrever; Bernardes tinha sido desprezado por *Sylvia,* e a sua ausencia em Ponte do Lima durou de 1558 a 1569, quando muito. Pelo contrario Camões esteve dezessete annos na India, e por isso diz:

> Mas pois por vosso mal seus males vistes
> Que o tempo não curou, nem *larga ausencia*,
> Qual bem d'elle esperaes, desejos tristes?

Como a *larga ausencia* para o caso de Bernardes era uma mentira, na versão que publicou eliminou o epitheto:

> Mas pois por vosso mal seus males vistes
> Os quaes não curou tempo nem ausencia,
> Que bem d'elle esperaes, desejos tristes?

(1) É o LV de Camões; de Bernardes LXXVIII, ibid.

As duas versões d'este Soneto differem bastante; a de Camões é mais correcta, o que prova ou que Bernardes a accommodou á expressão dos seus sentimentos ou que existiam realmente duas copias, cuidando Bernardes que a sua era unica.

O Soneto: *Horas breves do meu contentamento,* etc. (1) é exageradamente camoniano, pelo estylo e pelas referencias pessoaes. Só Camões é que podia falar nos longos annos de tormento soffridos por causa de umas breves horas de felicidade; Bernardes, como logo que foi desprezado por *Sylvia* começou amar *Marilia,* não podia com verdade medir as suas desventuras por compridos annos. Camões diz:

> Horas breves do meu contentamento,
> Nunca me pareceu, quando vos tinha,
> Que vos visse *mudadas* tão asinha
> Em *tão compridos annos de tormento.*

Bernardes muda os ultimos versos:

> Que vos visse *tornadas* tão asinha
> Que tão compridos *dias* de tormento.

O Soneto como o traz Bernardes vem muito alterado, o que prova ser uma segunda versão modificada em leves circumstancias que o adequassem ao cantor do *Lima.*

(1) É o CLXXX de Camões; de Bernardes LXXV.

O Soneto: *Um firme coração posto em ventura,* etc. (1) alem de ser de um pronunciado camonianismo, acha-se disparatado na cópia de Bernardes. Diz Camões:

> Um ver-vos de *piedade e de brandura*
> *Sempre inimiga,* faz-me que suspeite
> Se alguma hyrcana fera vos deu leite,
> Ou se nascestes de uma pedra dura.

Bernardes não comprehendeu o pensamento, e escreve:

> Um ver-vos de *piedade e de brandura*
> *Sempre imagem,* faz-me que suspeite
> Que alguma brava fera vos deu leite, etc.

O Soneto: *Já do Mondego as aguas apparecem,* etc. (2) só podia ser escripto por Camões quando de 1539 a 1542 cursou a Universidade de Coimbra; por este Soneto se conhece que o poeta não passava pelo Mondego, mas residia perto d'elle e o contemplava com saudade:

> Já do Mondego as aguas apparecem
> A meus olhos, não meus, antes alheios,
> Que de outras differentes vindo cheios
> *Na sua branda vista inda* mais crescem.

Bernardes não teve que alterar; o Soneto pintava o seu estado moral, quando veiu dos campos aonde o

(1) É o CXIII de Camões; de Bernardes o XX.
(2) É o CXI e Camões; de Bernardes XXIX.

Tejo se espraia, fiado nas promessas de *Sylvia;* por esta occasião passaria pelo Mondego, no regresso a Ponte de Lima, mas nunca residiu em Coimbra. Portanto o Soneto não lhe pertence.

O Soneto: *Las peñas retumbavan el gemido,* etc. (1) mais correcto na versão camoniana, não podia deixar de ser roubado por Bernardes; na forma como anda em nome de Camões é uma queixa vaga e allegorica; Bernardes modificou-o ao caso do despreso de *Sylvia,* e tornou-o mais imperfeito. Camões diz:

> El dolor que a su alma lastimava
> De un obstinado desamor nascido.

Bernardes modifica os versos:

> El dolor que su alma lastimava
> D'un *no pensado desamor* nascido.

O Soneto: *Que doudo pensamento é o que sigo,* etc. (2) é de uma perfeição que só Camões attingiu em Portugal no seculo XVI; este argumento por si suppre o que se poder dizer contra Bernardes. A lição de Camões acaba com um pensamento triste, como quem já não espera felicidade. Foi assim a sua vida. Bernardes, que apezar de alguns revezes, ainda se fiava no favor de

(1) É o CLXIV de Camões; de Bernardes LXVIII.
(2) É o CXII, de Camões; de Bernardes LXXIX.

Francisco de Sá de Menezes e de Pero de Alcaçova Carneiro, alterou, segundo o seu caracter:

> E s'inda espero mais, porque não vivo,
> Esperando algum bem em tantos danos?

Mais possuido da sua desgraça, dizia Camões:

> E se inda espero mais, porque não vivo?
> E se vivo, que accuso mortaes danos?

Em vista d'estes factos, conclue-se que a culpa está do lado de Bernardes, que publicou estes versos quatorze annos depois da morte de Camões, sem suspeitar que no anno seguinte, em 1595, o Licenciado Soropita publicaria as *Rythmas* de Camões. Torna-se maior o crime do plagiario, se é verdade o que diz Faria e Sousa, ter Bernardes tratado com o pobre Camões, por que então deve suppôr-se haver-lhe subtrahido esses e outros versos.

Nas cinco Eclogas de Camões, que Bernardes publicou em seu nome, a analyse é mais facil, porque offerecem mais elementos; ha n'ellas referencias pessoaes, que só podiam ser escriptas por Camões. Faria e Sousa, que pelo tempo em que viveu estava em condições de recolher tanto os manuscriptos como as tradições da vida do Poeta, foi o primeiro que accusou este roubo de Bernardes.

Commentando as outo Eclogas de Camões, diz: «Fue su contiemporaneo Diego Bernardes, que publicou muchas Eclogas, razonables en lo rustico, las que pueden ser suyas; porque *las mas dellas usurpó el a Luiz de Camões,* como lo mostraré largamente en un Discurso, que precederá a la nona.» (1)

Este Discurso não chegou a ser publicado por Faria e Sousa, porque a impressão dos seus Commentarios parou na Ecloga VIII; porém o seu manuscripto existia na Livraria do Convento da Graça de Lisboa, e d'elle, em 1779 extrahiu o Padre Thomaz de Aquino o citado Discurso, em que prova o plagiato de Bernardes. As Eclogas em questão são as seguintes:

Ecloga XI, no *Lima* de Bernardes; é a IX de Camões.

Ecloga XIII, no *Lima;* é a X de Camões.

Ecloga XV, no *Lima;* é a XI de Camões.

Ecloga III, no *Lima;* é a XII de Camões.

Ecloga IV, no *Lima;* é a XIII de Camões.

Resumiremos os argumentos de Faria e Sousa, que parecem mais concludentes, e que fundamentam a authenticidade dos versos de Camões:

1.º A differença entre o estylo de Camões e o de Bernardes: um é cheio de subjectivismo, generalisando sempre os sentimentos pessoaes, com um colorido platonico como quem absorveu o languor mystico da alma de Petrarcha; o outro rasteiro além da simplicidade,

(1) Pag. 160, col. 2, n.º 6.

bello quando natural, mas incorrecto, sem transparencia, com um sentimento que não passa além da personalidade. — Contra este argumento póde objectar-se o ser muito facil contrafazer o estylo camoniano, como vêmos nos versos de Soròpita; porém Bernardes, louvado por Sá de Miranda, por Ferreira e Caminha, conheceu tarde Camões para o poder imitar.

2.° Que vendo Bernardes andarem as Obras soltas de Camões quasi inteiramente perdidas, e que o desgraçado epico havia muito que expirára, tendo já impunemente publicado as *Rimas ao Bom Jesus*, e as *Flôres da Lima*, não duvidou apropriar-se d'essas Eclogas.

3.° Que os versos manuscriptos d'essas cinco Eclogas de Camões, apparecem menos correctos e com mais defeitos na edição de Bernardes; e que se fossem de Bernardes não seria assim, o que prova, ter Camões continuado a emendar as suas composições, e que Bernardes se apropriára de versões anteriores menos perfeitas.

4.° Que além das outo Eclogas que andavam publicadas por Luiz de Camões, escreveu muitas outras, como se prova pela Carta I, escripta da India em 1555: «Uma Ecloga fiz sobre a materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor *que quantas fiz.*» Faria e Sousa reduz a tres as Eclogas que Luiz de Camões teria escripto antes de partir para a India, o que combinado com a phrase da sua Carta, accusa muitas composições perdidas.

5.º Este argumento é todo fundado sobre a hermeneutica do livro manuscripto em que Faria e Sousa encontrara as cinco Eclogas roubadas por Bernardes. O Ms. tinha mais de cem folhas, das quaes noventa pertencem a Luiz de Camões, ora assignadas, ora anonymas, tal como a Ecloga III de Camões que vem sem nome de author, e estava impressa. D'onde conclue Faria e Sousa, que as seis Eclogas que estão em volta d'esta tambem pertencem a Camões.

Até aqui os argumentos externos; do exame das cinco Eclogas, extráe Faria e Sousa novos argumentos:

6.º A Ecloga IX de Camões (XI do *Lima*) canta Galatêa e o Tejo; pertence ao genero piscatorio; tem a particularidade de se referir aos mesmos nomes e ser do mesmo genero da Ecloga VIII. Bernardes só cantava o rio Lima. N'esta Ecloga refere-se Camões á sua viagem ao Oriente:

> Para ti n'outras praias mais desertas
> Irei pescar, por entre pedras duras
> Que sempre verde musgo tem cobertas;
>
> As pardas ostras, onde gôtas puras
> De fresco orvalho dentro endurecidas,
> Não pódem da cobiça estar seguras.

No *Lima* de Bernardes, esta Ecloga vem acompanhada de sete oitavas servindo de Dedicatoria; porém no Manuscripto achado por Faria e Sousa, a Ecloga vem a folhas 3, e a Dedicatoria, com o titulo de Oitavas a folhas 48; isto prova que Bernardes as ajun-

tou no seu plagiato, como se vê pela incongruencia do estylo das duas composições, e que se fossem do mesmo auctor não estariam no Ms. tão separadas. Prova Faria e Sousa, que Luiz de Camões, nas dedicatorias das Eclogas IV, V e VI, declara sempre o argumento que trata, e que as Oitavas antepostas por Bernardes não declaram o que dedica. Esta Ecloga IX é imitada da I e II de Sanazarro, que Luiz de Camões seguia no genero piscatorio, e Bernardes nunca imitou Sanazarro.

7.º A Ecloga X (XIII do *Lima*) é tambem piscatoria, e a favor d'ella militam as rasões supra allegadas, por ser imitada da III de Sanazarro. N'esta Ecloga ha referencias que só podiam ser lembradas por Camões; aí fala nas suas viagens, na sua gentil presença e nobreza, que Bernardes não tinha:

> Vives dos meus cuidados descuidada,
> Coitado de quem traz a duvidosa
> Vida no mar e terra aventurada.
>
> . . . .
>
> Se por ventura estás affeiçoada
> A gentil parecer, a bom engenho
> A ninguem n'estas partes devo nada.
>
> Se fazes caso da honra, olha que venho
> De geração de honrados Pescadores;
> Se de riqueza, barco e rêdes tenho.

8.º A Ecloga XI (XV do *Lima*) foi roubada a Camões, porque Bernardes aí acharia allusões á sua pes-

soa. Esta Ecloga é o unico documento por onde se descobre haverem existido relações entre os dois poetas. Aí figuram dois pastores Limiano, natural do Tejo, e que regressa á patria, e Anzino, natural da Serra da Estrella. Camões voltára a Portugal em 1570, e foi entre 1570 e 1573, que teve relações com Bernardes, porque no fim da Ecloga fala do projecto da expedição de el-rei Dom Sebastião a Africa em 1574. Bernardes, personificado em Anzino, começa:

Parece-me, Pastor, se mal não vejo,
Que já te vi mais lêdo andar outr'ora
Nos largos campos do formoso *Tejo!*

LIMIANO:

Podia ser; que *muito tempo fôra* (1)
Andei d'esta ribeira, *patria minha*
Onde triste me vês andar agora.

Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá, e mais segura
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.

Foi d'outro parecer minha ventura
Discordias só achei, e achei dureza
Em logar do socego e de brandura.

Estes versos quadram perfeitamente com os factos da vida de Camões; pintam o estado da sua alma e a dissolução da sociedade portugueza, quando regressou

(1) De 1553 a 1570.

á patria em 1570. Esta Ecloga foi escripta antes de 1574, porque conta os projectos da primeira expedição de Dom Sebastião a Africa:

E mais saber desejo,
Se a fama nos engana
Que diz, que o grão Pastor dos Lusitanos
Com todos os do Tejo,
E com facto e cabana
Reside já nos campos Africanos,
Onde mil soberanos
Triumphos, d'elle dinos
Lhe ordena a fatal sorte
Dos brutos, mal nascidos Sarracenos, etc.

Conhecendo a vida de Bernardes, torna-se evidente que elle não saiu de Portugal antes de 1578, por tanto não podia escrever essas queixas de quem regressa. N'esta Ecloga, fala tambem o Pastor Anzino, que parece ser uma personificação de Bernardes, por que aí allude a Ponte de Lima:

Oh ribeira de *Lima,* celebrada
De mil brandos espritos sempre sejas,
Sempre de brandas nymphas povoada.

Anzino dá-se a conhecer a Limiano, e conta-lhe a historia dos seus amores; é *desprezado* por Ullina, o que coincíde com o desprezo da *Sylvia* de Bernardes; mas como esse desprezo foi por causa do interesse de um casamento rico, Camões em vez d'isso, que é pouco poetico, introduz uma imitação dos amores de Abindarraes y Xarifa, que vem na *Diana* de Jorge de Monte

Mór. Faria e Sousa, procura provar que o nome de Anzino não é uma personificação de Bernardes, mas o mais natural e logico, é ser esta Ecloga uma lembrança das relações de Bernardes com Luiz de Camões, logo que voltou da India, tendo-se apresentado ao grande epico e contando-lhe a historia dos seus amores. Se o facto se deu, não durou a amisade dos dois poetas senão até á segunda expedição de Africa, interrompendo-se por causa das intrigas da epopêa triumphal que Dom Sebastião ambicionava. Tudo isto explica o como a Ecloga veiu parar ás mãos de Bernardes; publicando-a no *Lima*, Bernardes alterou o nome de Anzino em Peregrino, deixando ficar o nome Limiano, por ter analogia com o rio Lima, que elle cantava. Apesar de alterar o nome de Anzino, como este nome era preciso para a historia do pastor, diz:

> Meu nome é Peregrino, mas prímeiro
> Na grão Serra da Estrella que não tive,
> Fui Anzino chamado e fui vaqueiro.

No original de Camões lê-se d'esta fórma:

> O meu nome é Anzino: fui vaqueiro
> Na grão Serra da Estrella, que não tive;
> Não sei se natural ou se estrangeiro.

A Ecloga como a imprimiu Bernardes é mais extensa e menos perfeita; a versão de Camões é mais acabada e não tão diffusa, o que revela uma ultima emen-

da, e uma copia melhor, que Bernardes não póde alcançar.

9.º Faria e Sousa prova que a Ecloga XII de Camões (a III de Bernardes) tambem foi roubada pelo vate do Lima; o processo que segue é indirecto mas concludente; prova a grande analogia entre a Ecloga XII, e a Ecloga XIV de Camões aonde aí se refere ao Soneto 41; na Ecloga XII as estancias que os pastores cantam ao desafio conformam-se muito com as cantadas na Ecloga XIV; as estancias 24 e 25 da Ecloga XII, são exactamente as 21 e 22 da Ecloga XIV. Faria explica o apparecimento do nome de Alcido, personificação poetica de Bernardes, e a citação do rio Lima no verso:

> Quando vires, Learda o nosso *Lima*,
> Que lá vae do meu choro acompanhado, etc.

como um signal da amisade de Camões, que depois de quebrada em 1578, já se não revela na Ecloga XIV, aonde não apparece nem o nome de Alcido, nem o rio Lima. Ambas estas Eclogas XII e XIV versam sobre o elogio da pobreza; a favor da Ecloga III de Bernardes, ha este terceto de uma Carta de seu irmão Frei Agostinho da Cruz, escripta em 1560:

> Lembram-me aquelles versos que escreveste
> Na tua Ecloga antiga saudosa
> Onde tanto a pobreza enriqueceste.

O que ainda assim não se oppõe a que a tivesse escripto Camões antes de 1560, e portanto é uma d'essas

muitas que fez, como elle o declara na Carta I, escripta da India em 1555. Por isso já em 1560 podia ser considerada antiga, e o plagiato de Bernardes tambem ser antigo.

10.° A Ecloga XIII de Camões, (a IV de *Lima*) traz na edição de Bernardes um Soneto dedicatorio, que se não encontra no manuscripto achado por Faria e Sousa; d'onde conclue o critico, se o Soneto fosse de Camões, seria copiado na collecção, e se a Ecloga fosse de Bernardes tambem lá devia apparecer. A inferioridade do estylo do Soneto dedicatorio é palpavel, e de tal fórma destôa do gosto da Ecloga, que quem o escreveu não podia ter composto a segunda. No Soneto dedicatorio diz Bernardes, que falam duas tristes Nymphas conformes em aviso e formosura, e nas magoas e queixas muito mais; na Ecloga não ha isto: sómente a pastora Phylis se queixa de Corydon, porque a pastora Galatêa é mais amada. Nas queixas de Phylis, vê Faria uma allusão aos amores da *Barbora escrava:*

E não tem Galatêa mais thesouros
Nem tem mais formosura, inda que seja
Ou de *alvo rosto* ou de cabellos louros.

A' *negra violeta* tem inveja
O branco lyrio, porque tal não tem
O cheiro, que vencido não se veja.

N'esta Ecloga tambem se encontra citado o rio Lima:

Primeiro hade tornar o brando Lima
As aguas de crystal á fonte clara,
Que no meu peito novo amor se imprima.

Contra este argumento diz Faria e Sousa, que Luiz de Camões ou escreveu a Ecloga quando era ainda amigo de Bernardes, ou que Bernardes para a tornar sua lhe imprimiu essa allusão da sua personalidade. Fortalece-se com a perda de *Parnaso* de Camões, e sustenta, que das vinte Eclogas de Bernardes só lhe pertencem genuinamente a II, a XII, a XVI e XVII.

Conhecido o caracter pouco integro de Bernardes, a dilação na publicidade dos seus versos, e a intimidade com Pedro de Andrade Caminha, facilmente se comprehende esta falta de probidade litteraria.

CAPITULO V

Frei Agostinho da Cruz

Caracter mystico de Frei Agostinho da Cruz. — Sua primeira educação devida a Diogo Bernardes. — Vem para Lisboa, para a casa do Duque Dom Duarte. — Meio fanatico em que viveu até aos vinte annos. — Queima os seus versos antes de vestir o habito de capucho. — Successos politicos do seculo XVI citados nos seus versos. — Conhece Fernão Rodrigues Lobo Soropita. — Conta a morte de Diogo Bernardes. — Caracter dos seus versos.

Na poesia lyrica do seculo XVI, Frei Agostinho da Cruz representa a aliança do mysticismo christão com o platonismo de Petrarcha imitado pelos Quinhentistas. A eschola italiana da Peninsula soffreu esta transformação; a Frei Luiz de Leão em Hespanha, corresponde Frei Agostinho da Cruz em Portugal. (1)

Frei Agostinho da Cruz era irmão mais moço de Diogo Bernardes; sabem-se as datas da sua vida por terem sido conservadas no obituario do convento da Arrabida, d'onde em 1771 as recolheu o professor José Caetano de Mesquita.

Nasceu em Ponte do Lima em 1540 (2); era seu pae Diogo Bernardes Pimenta; antes da profissão era conhecido pelo nome de Agostinho Pimenta.

(1) *Estudos da Edade Media,* no ensaio sobre a Poesia Mystica amorosa.

(2) Mesquita dá-o por natural da Ponte da Barca, o que é inadmissivel, como se vê pela biographia de Bernardes.

Nos primeiros annos que viveu em Ponte de Lima entregou-se com seu irmão mais velho á cultura da poesia. Na Elegia á morte de Diogo Bernardes descreve a sua infancia descuidada:

Lembra-me d'aquella edade que passava
Logrando-me d'aquella companhia
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes succedia
Das plantas e das fontes convidados
Acceitar sombras frescas, agoa fria.

Outros mil pensamentos renovados
A magoa me offerece, imaginando
Que nunca hãode tornar tempos passados.

Em uma Carta a seu irmão tambem escreve:

Meu mestre, meu irmão, etc.

Qual a primeira direcção poetica que seguiu, conhece-se pelos seus versos de redondilha, pelos Vilancetes, Voltas, Endechas e Glosas, que ainda se conservam nas suas obras, apezar de ter queimado todos os versos quando entrou para a ordem da Arrabida:

Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia,
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorando por haver tão mal cantado.

Agostinho Pimenta viveu em Ponte de Lima até ao tempo em que Dom João III deu Casa a Dom Duarte,

filho do Infante Dom Duarte seu irmão. O pae de Agostinho o accommodou na Casa d'aquelle principe, aonde Pedro de Andrade Caminha era Camareiro-mór. Agostinho contava menos de dezeseis annos quando veiu para Lisboa; Dom Duarte nascera em 1541, e a mesma edade, o seu caracter melancholico e fanatico não pouco influiram para conservar no joven poeta o fervor mystico que trouxera da santidade do lar para a côrte. Protector de Caminha por causa dos seus escriptos poeticos, Agostinho Pimenta encontrou tambem o mesmo favor e distincção em seu amo. Entre os fidalgos que frequentavam a Casa de Dom Duarte, o Duque de Aveiro Dom Alvaro de Alecastro, e seu filho o Duque de Torres Novas amigo de Ferreira, estimavam Agostinho, e por sua intervenção e valimento para com tão poderosos amigos é que conseguiu o alcançar publicidade para o *Lima* de Diogo Bernardes.

Poeta e dotado de uma bondade de criança, Agostinho Pimenta tinha de obedecer fatalmente ás causas que o precipitavam no languor mystico; a Infanta Dona Isabel mãe de Dom Duarte, não era menos fanatica do que seu marido; conhece-se isto pela Vida do Infante que mandou escrever ao Mestre André de Resende. Esse livro milagreiro e quasi insensato devia ser lido pelo imaginoso provinciano.

A casa da Infanta Dona Isabel era invadida pelos frades da Arrabida, que aí iam moralisar para alcançarem dotações para o seu Mosteiro de Sam José de Ribamar. Por este tempo falava-se na conversão mara-

vilhosa de Frei Jacome Peregrino o Tio, que abandonara o seculo por influencia de uma visita ao sitio da Arrabida. O sincero e impressionavel Agostinho Pimenta maravilhava-se com as pregações de Frei Jacome, e allucinado por ellas, apresentou-se á Duqueza, padroeira do convento de Santa Catharina de Ribamar pedindo o habito de Capucho; Frei Jacome tambem pediu licença á Duqueza, e Agostinho tomou o habito a 3 de Maio de 1560, indo passar o noviciado no convento de Santa Cruz da Serra de Cintra.

Era triste vêr uma criança de vinte annos anullar uma vida ridente, e precipitar-se no vacuo. Comprehendendo-se esta barbaridade, é que se conhece quão verdadeiros são estes versos de seu irmão Diogo Bernardes, escriptos depois de tomar o habito, e em que se queixa de não lhe haver communicado a sua resolução:

Em que te mereci, oh Agostinho,
Que n'esta escura selva me deixasses,
Tomando para ti melhor caminho?

Eu que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom, teu bom desejo,
Primeiro que do mundo te apartasses!

Agora sinto, irmão, agora vejo
Que tinhas pouco amor para commigo,
Sendo para comtigo o meu sobejo.

Agostinho Pimenta trocara o seu nome pelo de Frei Agostinho da Cruz; escreveu a seu irmão uma Carta

em resposta, repassada de um sentimento mystico proprio de uma alma de vinte annos que em vez da profundidade da creança tem a ingenuidade de simples. Antes de entrar para a Ordem, queimou todos os seus versos profanos. Frei Agostinho apezar da austeridade da sua ordem, continuou a cultivar a poesia, como expressão da ascése; todos os mysticos da Italia e de Hespanha, todos os exaltados do Oriente, como Hafiz ou Santo Ephrem serviram-se da linguagem hymnica para traduzir os seus arrobos.

Frei Agostinho escreveu a Ecloga II no anno de noviciado; aí se personifica com o nome de Limabeu:

O bom de Limabeu é capuchinho.

Ah Limabeu, Limabeu! quem cuidara
Que do meio de tantas vaidades,
O Senhor para si só te chamara!

Frei Agostinho da Cruz professou em dia de Vera-Cruz em 1561. Ainda no claustro continuou a cultivar a amisade das pessoas cultas com quem tratara no seculo. Á sombra da cella assistiu ao desastre das armas portuguezas em Africa em 1578, e embora não fale do cativeiro de seu irmão em Barberia, escreve a Francisco Barreto de Lima:

A barbara, infiel, ingrata e dura
Terra de Berberia, que negou
A tantos esforçados sepultura.

*

Inda que d'esta nossa te apartou
Apartar nunca póde o sentimento
De quem sempre de cá te acompanhou.

Não era sómente Frei Agostinho da Cruz que cultivava a poesia no mosteiro da Arrabida; o seu Guardião Frei Rodrigo de Deos escreveu o *Tratado dos Passos,* aonde, no capitulo II ajuntou dezoito hymnos em romance para serem cantados pelo povo ao correr as estações da via-sacra; appareceram impressos em 1618. Frei Agostinho da Cruz, um anno antes da sua morte, escreveu o Soneto que anda no principio d'este livro, e que por faltar nas suas Obras aqui transcrevemos:

Soneto de Frei Agostinho da Cruz

Os passos que de dôres ajoelhado
Christo Jesu passou ajoelhando,
Vamos por seu amor todos passando
Pois tanto o nosso e seu lhe tem custado.

Pelo rasto do sangue derramado
O seu caminho iremos acertando
Por o monte Calvario caminhando
Onde d'elle foi tudo consummado.

O descanço do peso que levou
Mudando nos seus membros o madeiro
Dos hombros para as costas se passou.

E ficando do seu, seu companheiro,
Assim no seu pregado se ficou,
Morto por nós no seu nosso cordeiro.

Epigramma do mesmo

A quem do Céo desceu para nos dar vida
Pagamos com lhe dar a morte crua,
Dada por nós, por elle padecida,
Por nós na Cruz despida a carne nua,
Que por salvação nossa foi vestida
Por tudo padecer á custa sua,
Em fim que nosso Deos o fez de sorte
Que nos deu sua vida e sua morte.

Estes versos, que faltam nas Obras de Frei Agostinho da Cruz, foram escriptos nos ultimos dias da sua vida; o *Tratado dos Passos* traz na ultima licença a data de 10 de Março de 1618, em que começou a correr, e Frei Agostinho morreu a 14 de Março de 1619.

Á similhança de S. Francisco de Assis, que escrevia os seus versos para doutrinar nas elevações mysticas a virgem Clara, do mesmo modo que Sam João da Cruz improvisava as estrophes ardentes da *Noite escura da Alma* quando conversava com a doutora da contemplação Santa Thereza, tambem Frei Agostinho da Cruz explicava as abstracções do amor divino, em versos da eschola italiana, a uma certa senhora Dona Branca, hoje desconhecida. Dona Branca tambem seguia a vida religiosa, como se vê pela Carta II:

Como queres que negue a teu esprito,
Branca, serva da branca Virgem pura,
Mostrar o que me pedes por escripto.

Não sei eu por qual outra criatura
Os tristes versos meus desenterrara
Debaixo de tão alta sepultura.

Assistindo ás grandes alterações que se deram no reino depois da morte de Dom Sebastião e com a usurpação castelhana em 1580, Frei Agostinho da Cruz tomava como uma inspiração do céo o ter-se recolhido á sombra do claustro. Apesar dos seus versos serem inteiramente espirituaes, apparecem ás vezes n'elles referencias aos factos politicos do tempo. Da entrada dos Inglezes em Lisboa, quando em 1589 vieram ajudar as pretenções de Dom Antonio Prior do Crato, fala o poeta na Elegia VIII:

> Deixem-me caminhar a breve terra,
> Que não podem tolher o pensamento,
> Verão quam pouco temo a *ingleza guerra.*

Esta Elegia intitula-se *Da ausencia conjugal;* e se nos lembrarmos da fuga precipitada dos moradores de Lisboa logo á chegada das naus inglezas, como sabemos pelas *Prosas* de Soropita, comprehende-se o pensamento da Elegia, escripta com certeza para consolar alguma nobre dama, que tinha o marido em risco de ser trucidado pelo governo de Castella ou que fugira para se não comprommetter.

Frei Agostinho da Cruz tinha um ideal, cuja realisação lhe fôra sempre impossivel; desejava passar o resto de seus dias na solidão da Serra da Arrabida. Por vezes ali residira temporariamente; só em 1605 conseguiu do seu Provincial o ir habitar na Serra em uma cabana feita de ramos, até que ao cabo de seis mezes teve uma capella solitaria, mandada fazer expressa-

mente pelo Duque de Aveiro. No Soneto v, fala o poeta d'esta sua nova vida:

> Conselham-me tão claros desenganôs
> Que comece de novo nova vida,
> N'esta Serra deserta, alta e fragosa.

Tambem se julga ter Frei Agostinho da Cruz conhecido o poeta Fernão Rodrigues Lobo Soropita, que desgostado do mundo, se quiz esconder na clausura. A Ecloga v traz a rubrica *Do tempo em que trouxe um religioso a Religião;* pelo modo que falam os dois pastores Gualbano e Laurino se conhece que ambos eram poetas:

> Ó pé d'este rochedo renovemos
> A' vista d'estas aguas do Oceano
> Quanto *cantámos* já, quanto *tangemos.*

É certo que Soropita abraçou a vida religiosa, como se vê pelos seus versos intitulados *Elegia da minha penitencia,* que no Manuscripto de Tibães trazia o titulo *Penitencia de Soropita,* escripto á margem. A descripção que Soropita faz do logar da sua penitencia condiz com o caracter da Arrabida:

> Aqui, n'este deserto secco e pobre
> Só de medonhos *monstros habitado*,
> Que a morte triste em sua sombra cobre, etc.

Na sua Elegia diz Soropita:

> Sou o *mudo*, o *cego*... O céo se representa
> Rico de preço para libertar-me, etc.

Na Ecloga de Frei Agostinho da Cruz, diz um dos pastores:

> Se surdo me fizer, se *cego* e *mudo*
> A quanto succeder, e no meu braço
> Trouxer a paciencia por escudo, etc.

Não se póde asseverar com fundamento ser Soropita o religioso convertido por Frei Agostinho da Cruz; mas é certo que este apaixonadissimo collector de Camões abraçou o habito monastico no tempo em que o mystico poeta de Ponte de Lima era procurado por todas as almas doridas. (1)

Na Ecloga VIII, intitulada *Da mudança da Arrabida,* allude á partida do seu companheiro do ermo Frei Diogo dos Innocentes, mandado recolher ao mosteiro, por emulação dos frades, que exigiam o cumprimento da regra: Limabeu, personificação de Frei Agostinho, fala com Mincio:

> Eu tenho para mim (segundo as queixas
> Que na mata do lobo me contaste)
> Que não sem causa agora a Serra deixas.

As queixas contra o lobo, referem-se á anedocta de ter sido devorada pelas feras a cavalgadura que levava Frei Agostinho do seu convento para a Capellinha da Serra. Aos setenta e cinco annos de edade, acceitou em

(1) Vid. *Estudos da Edade Media,* p. 217 a 236, aonde vem a biographia de Soropita, e aonde se caracterisa o estado dos espiritos no ultimo quartel do seculo XVI.

1615 a guardiania de Sam José de Ribamar. A vida austera da solidão da Arrabida apressou-lhe a morte; adoeçendo por meado de Março em 1619 foi conduzido para a enfermaria do convento de Setubal, aonde morreu a 14 d'este mesmo mez e anno. A sua vida está cheia de lendas agiologicas, conservadas por Jorge Cardoso, Frei Pedro Calvo, pelos chronistas da sua ordem, e pelo professor José Caetano de Mesquita.

Os versos de Frei Agostinho da Cruz são mais correctos e mais sentidos do que os de seu irmão Diogo Bernardes; as fórmas poeticas da renascença profana da Italia não se aliam bem com os gemidos plangentes dos psalmos. O amor divino em Frei Agostinho da Cruz é penitente e não apaixonado; o transporte mystico falta-lhe, supre-o com as reflexões moraes, frias, mas convictas. A impressão definitiva que se tira da leitura das suas composições é fraca; conhece-se que entrou muito cedo para a Cartucha, sem conhecer a vida, alheio aos grandes desastres do seu tempo, não comprehendendo a realidade das cousas; os versos são sonoros, pittorescos, descriptivos como quem está acostumado á solidão contemplativa, mas falta-lhes o elemento fundamental de toda a concepção artistica — a intuição da vida.

CAPITULO VI

Luiz de Camões

Os poetas quinhentistas excluem Camões da sua pleiada. — Camões abraça o lyrismo dà Renascença italiana e conserva o sentimento nacional. — Camões citado da Carta de Manoel Machado de Azevedo. — Nova prova do odio de Caminha contra Camões. — Sobre todos os Quinhentistas Camões distingue-se pela liberdade da arte. — Aliança das lendas da edade media com as tradições eruditas. — Caracter lyrico de Camões.

O talento poetico de Camões revelou-se em 1535, e prorompeu em torrentes apaixonadas e profundas até ao anno de 1580; n'este decurso de tempo deram-se as luctas da introducção da eschola italiana, estreitaram-se as amisades de Sá de Miranda, Ferreira, Caminha e Bernardes, todos os poetas que abraçaram as fórmas da Renascença se correspondiam, e só o nome de Camões não apparece uma só vez lembrado. Pressente-se uma animadversão tacita, que o procura excluir da pleiada dos Quinhentistas. Os poetas da eschola italiana confessaram involuntariamente que lhe competia um logar á parte e acima de todos. (1) No meio da admiração geral pelas litteraturas classicas, Camões nun-

(1) Estudamos Camões n'este livro, porque elle é o primeiro lyrico do seculo XVI; mas consideramol-o com relação ás causas que actuaram sobre o seu genio e á influencia que exerceu sobre a poesia da eschola italiana. Todos os dados biographicos ficam reservados para o livro intitulado *Vida de Camões e sua Eschola.*

ca perdeu o sentimento do genio nacional; foi por isso que preferiu a fórma da redondilha para as seus Autos filiados no theatro de Gil Vicente; (1) não desprezou os velhos romances populares a que allude com frequencia; aperfeiçoôu as decimas, as voltas e as glosas que íam caíndo em desuso; e finalmente entendeu que a poesia distinguia-se por outros caracteres, que não eram a preferencia do verso endecasyllabo ou do octosyllabo. Ao passo que levantava a velha eschola hespanhola do *Cancioneiro,* estudava os mais bellos exemplares da poesia italiana do seculo XV e XVI, imitando-os com a liberdade de uma intelligencia superior. O Soneto, que começa: *Vós que escutaes em Rythmas derramadas*, etc., é imitação de Petrarcha; a Canção VII e VIII, são imitadas de Pietro Bembo, da que começa: *Perche'l piacer aragionar m'invoglia;* a Canção XIV, é imitada de uma das Lyras de Luiz Groto; a Elegia XI, imita alguns pensamentos de um poema latino de Sanazarro, cujas Eclogas piscatorias, principalmente a segunda e terceira serviram para inspirar as Eclogas IX e X de Camões. Conhecia perfeitamente os poetas que introduziram em Hespanha a eschola italiana: «e gabam mais Garcilasso que Boscão, e ambos lhe sáem virgens das mãos.» (2) No *Filodemo* ridicularisa esses que não trocam uma hora de triste pelo thesouro de Veneza, e como termo de comparação diz: «mais brando que um

(1) *Historia do Theatro portuguez,* liv. II, cap. 5.
(2) *Filodemo,* act. II, sc. 2.

soneto de Garcilasso.» (1) Na Carta II escripta da India, ainda se lembra dos dois primeiros versos do Soneto III de Garcilasso:

> La mar en medio y tierras he dexado
> de quanto bien, cuytado, yo tenia. (2)

Na Carta I, escripta da India em 1555, ainda se lembra da monomania amorosa dos petrarchistas: «Pois as que a terra dá, além de serem de rala, fazei-me mercê, que lhe faleis alguns amores de Petrarcha ou Boscão; respondem-vos com uma linguagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agua na fervura da mór quentura do mundo.» Camões tambem glosou o mote tirado das coplas antigas de Boscão:

> Justa fue mi perdicion;
> De mis males soy contento, etc. (3)

Por estas citações se vê que Luiz de Camões abraçára a eschola nova, com uma admiração em nada inferior á que se encontra nos versos de Sá de Miranda, nos de Ferreira e Bernardes. Qual o motivo porque

(1) *Id.*, act. V, sc. 3.
(2) *Obras del excellente poeta Garcilasso de La Vega*, con annotaciones y enmiendas del Maestro Francisco Sanchez, Salamanca, 1577. Fl. 1, v. Na Edição mixta de Boscan tambem é o III soneto.
(3) *Boscan*, liv. I, fl. 53 v.

repelliram do seu gremio este poderoso obreiro? Sá de Miranda justifica-se, porque desde 1534 vivia retirado á sombra dos arvoredos do Minho; saíu da côrte em tempo em que Luiz de Camões estava ainda na infancia; costumado a vêr dirigirem-se a elle todos os novos poetas que abraçavam a eschola italiana, é provavel que o caracter altivo e independente de Camões não se lhe dirigísse para reconhecer a supremacia litteraria. Os versos da Carta de Manoel Machado de Azevedo, escripta a Sá de Miranda, que dizem:

Hade enfreiar sua penna
Como um potro desatado,
Quem quizer ser mais medrado
Que *Camões* e João Mena,

não se podem entender com Luiz de Camões, como quer o snr. Visconde de Juromenha. Estes versos foram escriptos quando Sá de Miranda já era cunhado de Manoel Machado de Azevedo, isto é, depois de 1536; a celebridade de Luiz de Camões só começou em 1546. Aqui toma-se Camões e João de Mena como typos dos poetas recompensados, o que condiz com o que se sabe de Vasco Pires Camões, enriquecido por Dom Fernando I com a Alcaidaria de Portalegre e outras muitas terras, e com João de Mena, que no dizer de Ticknor «parece ter sido dotado de genio e caracter proprio para medrar na côrte.» Sá de Miranda era versado nas obras de João de Mena, das quaes cita a *Coroação*, e é provavel que tivesse noticia dos versos de Vasco Pires

Camões, ao menos pela Carta do Marquez de Santilhana; mas o certo e indubitauel é não ter conhecido Luiz de Camões, nem tão pouco tratou pessoalmente com Ferreira. O odio mais provado é o de Caminha; além dos argumentos acima apresentados, accresce mais um: A princeza D. Francisca de Aragão recolhia os versos de Caminha; nos versos de Camões achamos uma glosa «*A D. Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar esta regra:* Mas amor a que cuidados.» Tratando Caminha e Camões com esta senhora, que a ambos os poetas pedia versos, é evidente que se conheceram, porque ambos frequentavam o paço n'este tempo. Caminha odiava Camões por inveja; o silencio de Ferreira explica-se pela sua exagerada cultura classica, sempre perturbada com a liberdade e independencia intellectual de Camões.

Para os Quinhentistas, occupa Camões o mesmo logar que Shakespeare com relação aos poetas da Pleiada ingleza. Camões reage contra um affectado purismo dos latinistas e Bernardes accusa-o por elle usar termos e palavras novas; nem só a Grecia e Roma lhe apresentam as formas do bello, tambem as chronicas e as lendas da edade media lhe inspiravam os episodios de Inez de Castro e os Doze de Inglaterra; *Orlando* não lhe merecia menos respeito que a *Eneida*. Destinado a completar o genio da Renascença em Portugal, fala como Dante, que no *Purgatorio* chama a Christo o Soberano Jupiter crucificado por nós sobre a terra; nos *Lusiadas* dá-se a aliança da antiguidade, synthe-

tisada na mythologia, com o mundo moderno representado pelo sentimento christão. Camões chama á Virgem Maria a unica Phenix, e mostra Baccho vestido de sacerdote christão. Á odyssea do Gama errante pelos mares, ajunta a lenda celtica da Ilha dos Amores, como a Ilha de Avalon dos poemas da Tavola-Redonda, como as ilhas Fortunatas, como a Antilia, das lendas portuguezas. Camões teve o que faltou a todos os Quinhentistas, a liberdade da arte; a falta de louvores não o deixou perder a naturalidade, e deu-lhe o condão para resolver o problema encetado pelos poetas da Italia, de França e Hespanha, a creação da epopêa do mundo moderno.

Entre os Quinhentistas foi Camões tambem o maior lyrico; a forma elegiaca do Soneto era aonde os novos poetas da eschola italiana mostravam as suas forças. Os Sonetos de Sá de Miranda são poucos; os de Ferreira, incorrectos e abundantes, trasbordam na expansão da lucta de dois amores; os Sonetos de Bernardes superiores aos de Ferreira na metrificação, são a linguagem de uma personalidade que não se eleva, que só se vê a si. Camões transformou o Soneto, deu-lhe o vago e a profundidade do platonismo, tornou-o um poema completo e irreprehensivel. Como Petrarcha, como Surrey em Inglaterra, como os poetas das *Côrtes do Amor* em França e na Hespanha, Camões não pôde saciar a seducção infinda, realisar o ideal da vida, ter nos braços o corpo da sua amada. Como o Adamastor, encontrou-se a abarcar o rochedo varrido pela tempesta-

de. Sá de Miranda casou com Dona Briolanja de Azevedo, Ferreira com Dona Maria Pimentel, Caminha com Dona Pascuala de Gusmão, Bernardes com Dona Maria Coutinha; o desgraçado Camões cantou a morte de Dona Catherina de Athaide, quando estava no desterro, na gruta de Macau. Os Sonetos de Camões são està realidade e este vacuo, são este sorriso rapido e esta tristeza indefinida. São eguaes aos Sonetos de Petrarcha, aos Sonetos de Miguel Angelo, porque borbotaram da inspiração immediata.

O apparecimento de Camões no seculo XVI foi a correção da excessiva superstição erudita dos Quinhentistas; cada um d'esses escriptores representa hoje um esforço parcial para engrandecer uma litteratura, mas sómente o nome de Camões conserva em si viva e inteira a tradição de uma nacionalidade.

FIM.